

MESTRADO
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

**A Legação da Alemanha e a propaganda nazi
em Portugal — *Boletim Político e Boletim
Semanal* (1943)**

Mara Natal Fonseca

M

2020



Mara Natal Fonseca

**A Legação da Alemanha e a propaganda
nazi em Portugal — *Boletim Político e
Boletim Semanal* (1943)**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História Contemporânea, orientada
pela Professora Doutora Maria da Conceição Coelho de Meireles Pereira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2020

Mara Natal Fonseca

**A Legação da Alemanha e a propaganda
nazi em Portugal — *Boletim Político e
Boletim Semanal* (1943)**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História Contemporânea, orientada
pela Professora Doutora Maria da Conceição Coelho de Meireles Pereira

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

A todos aqueles que tiveram de perecer para que a liberdade pudesse vencer.

Sumário

Declaração de honra	4
Agradecimentos.....	5
Resumo.....	5
Abstract	7
Introdução	8
1. A propaganda nazi em Portugal	15
1.1. Imprensa portuguesa e alemã que em Portugal fizeram propaganda nazi.....	31
1.2. O fenómeno da germanofilia em Portugal e o papel da Universidade na propaganda alemã	36
1.3. SILA — um organismo de propaganda da Legação da Alemanha	42
1.3.1 O <i>Boletim Político</i>	46
1.3.2. O <i>Boletim Semanal</i>	46
2. A guerra no ano de 1943: a “alteração do equilíbrio de forças”	47
2.1. Progressões dos Aliados: novos sinais no quarto ano de guerra	49
2.2. As leituras da propaganda alemã: <i>Boletim Político</i> e <i>Boletim Semanal</i>	55
3. Propaganda positiva no <i>Boletim Político</i> e no <i>Boletim Semanal</i>.....	66
3.1. O enaltecimento da Alemanha	67
3.1.1. Nacionalismo, culto do chefe e espaço vital	72
3.1.2. Supremacia cultural, militar e diplomática	81
3.1.3. Liberdade religiosa.....	92
3.2. Os parceiros do Eixo — Itália e Japão	94
4. Propaganda negativa no <i>Boletim Político</i> e no <i>Boletim Semanal</i>	105
4.1. Grã-Bretanha.....	107
4.2. EUA	122
4.3. URSS	137
4.4. Outros países aliados.....	148
5. Entre a propaganda positiva e a propaganda negativa — a Alemanha como “vítima da guerra”	150
6. Propaganda geoestratégica no contexto português.....	157
6.1. Vaticano	158
6.2. América do Sul	161
6.3. Norte de África	163
Conclusão.....	166
Fontes	171
Bibliografia	171
Anexos	174

Anexo 1 — «“A vitória do Ocidente”: a missão alemã no Leste». <i>Boletim Político</i> , SILVA, nº 280, 20-1-1943, p. 1.....	175
Anexo 2 — «A missão histórica de Adolfo Hitler: a propósito do dia 20 de abril». <i>Boletim Político</i> , SILVA, nº 356, 20-4-1943, p. 1.....	176
Anexo 3 — «Nicolau Copérnico, grande astrónomo alemão: a propósito do 4º centenário do seu falecimento». <i>Boletim Político</i> , SILVA, nº 383, 25-5-1943, p. 1.....	177
Anexo 4 — «O bombardeamento do Vaticano: o escritor inglês H.G. Welles, num livro contra o Papa Pio XII e a Igreja Católica, reclama o bombardeamento do Vaticano». <i>Boletim Político</i> , SILVA, nº 523, 8-11-1943, p. 1.....	178
Anexo 5 — «Os planos de Roosevelt de domínio do mundo: pontos de apoio yankees garantem o policiamento do Mundo pelos Estados Unidos». <i>Boletim Político</i> , SILVA, nº 371, 11-5-1943, p. 2.....	179
Anexo 6 — «Um jornalista yankee descreve o paraíso soviético: 400 gramas de carne — 400 escudos; 1 chávena de leite — 100 escudos». <i>Boletim Político</i> , SILVA, nº 277, 16-1-1943, p. 1.....	180
Anexo 7 — «O terrorismo aéreo britânico: provas documentais da culpa exclusiva da Inglaterra». <i>Boletim Político</i> , SILVA, nº 544, 3-12-1943, p. 1.....	181
Anexo 8 — «Na hora decisiva a Alemanha entrará em ação». <i>Boletim Semanal</i> , SILVA, 30-10-1943, p. 4.....	182
Anexo 9 — «Êxitos militares entre 5 e 10 de janeiro». <i>Boletim Semanal</i> , SILVA, 16-1-1943, p. 4...183	183
Anexo 10 — «Os ingleses aplicam produtos químicos nos ataques terroristas: guerra metódica de destruição contra a população civil». <i>Boletim Semanal</i> , SILVA, 21-8-1943, p. 1.	184
Anexo 11 — «Porque é que os Estados Unidos fazem guerra à Alemanha?». <i>Boletim Semanal</i> , SILVA, 27-2-1943, p. 3.....	185
Anexo 12 — «12.000 (doze mil) oficiais polacos assassinados pela G.P.U.». <i>Boletim Semanal</i> , SILVA, 20-4-1943, p. 2.....	186
Anexo 13 — «“O dilema da Cristandade”». <i>Boletim Semanal</i> , SILVA, 27-3-1943, p. 3.	187
Anexo 14 — «Boletim Ilustrado do S.I.A. — 1 de Maio de 1943». <i>Boletim Semanal</i> , SILVA, 1-5-1943, frente.....	188
Anexo 15 — «Ataque terrorista a Antuérpia». <i>Boletim Semanal</i> , SILVA, 20-4-1943, folha avulsa, frente.....	189
Anexo 16 — «As primeiras fotografias do ataque terrorista da aviação anglo-americana a Paris». <i>Boletim Semanal</i> , SILVA, 20-4-1943, folha avulsa, verso.....	190
Anexo 17 — «O pânico no Campo de Longchamps. As bombas anglo-americanas explodem no meio do público». <i>Boletim Semanal</i> , SILVA, 20-4-1943, folha avulsa, frente.	191

Declaração de honra

Declaro que a presente tese é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 28 de setembro de 2020

Mara Natal Fonseca

Agradecimentos

A presente dissertação é o resultado final de três anos de trabalho, desenvolvido no âmbito do Mestrado em História Contemporânea da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sendo que fico a dever muito ao apoio e ajuda de algumas pessoas, às quais passo a prestar os devidos agradecimentos.

Um agradecimento especial à Professora Doutora Conceição Meireles Pereira pelo interesse demonstrado em relação ao tema, a pronta disponibilidade para me orientar e, além disso, a absoluta colaboração, as sugestões, críticas e comentários que se revelaram essenciais para a concretização deste estudo num nível de qualidade científica satisfatório. À Professora Doutora Conceição Meireles Pereira devo ainda o interesse pela História Contemporânea, fruto das estimulantes aulas por si lecionadas sobre História Política na Época Contemporânea, na licenciatura em História.

Ao Professor Doutor Jorge Fernandes Alves pelo facto de ter inspirado numa jovem estudante de História a coragem e o incentivo para seguir os objetivos académicos.

À minha família pelo apoio absoluto que sempre demonstrou na prossecução da minha vida académica. Aos meus pais, Agostinho Fonseca e Belmira Natal Fonseca, pelo apoio incondicional e, também, pelo esforço que fizeram para poder concluir os meus estudos, pela paciência e confiança com que me acompanharam. À minha irmã, Sara Fonseca, que nunca deixou de me encorajar nos momentos mais difíceis desta jornada. Creio que estas palavras são insuficientes para agradecer tudo o que têm feito por mim. Às minhas tias, Maria Irene, Maria Clara e Maria do Carmo, a sua incomensurável bondade e generosidade.

Ao Tiago Bonifácio, que esteve sempre do meu lado durante esta fase, com paciência e disponível para ajudar em todos os momentos, encorajando-me constantemente a prosseguir neste desafio a que me propus.

Agradeço, por fim, às minhas amigas Adriana, Inês e Filipa pelo apoio e incomensurável compreensão ao longo desta trajetória.

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo estudar a propaganda do regime nacional-socialista alemão em Portugal através da análise de duas publicações periódicas ao longo do ano de 1943 — *Boletim Político* e *Boletim Semanal* — editadas pelo Serviço de Informação da Legação da Alemanha (SILA).

Além de perceber as características fundamentais das duas publicações do SILA, a relação existente entre ambas e a sua importância na promoção do regime nazi no território português, pretende-se analisar o tipo de discurso utilizado, as representações da conflito e as tipologias e temáticas de propaganda de guerra aí contidas, destacando-se a propaganda positiva (autopromoção da Alemanha nazi e da aliança do Eixo), a propaganda negativa (críticas aos Aliados), a autorrepresentação propagandística da Alemanha como vítima e a propaganda geoestratégica dirigida a Portugal no contexto internacional.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial, Propaganda nazi em Portugal, Serviço de Informação da Legação da Alemanha, *Boletim Político*, *Boletim Semanal*

Abstract

The main purpose of this dissertation is to study the propaganda of the German National Socialist regime in Portugal through the analysis of two periodicals throughout 1943 – *Boletim Político* and *Boletim Semanal* — edited by the Serviço de Informação da Legação da Alemanha (German Legation Information Service).

In addition to understanding the fundamental characteristics of the two publications of SILA, the relationship between them and their importance in promoting the Nazi regime in the Portuguese territory, it is intended to analyze the type of speech used, the representations of the conflict and the typologies and themes of war propaganda contained therein, highlighting the positive propaganda (self-promotion of Nazi Germany and the Axis alliance), the negative propaganda (criticism of the Allies), the propaganda self-representation of Germany as a victim and geostrategic propaganda directed at Portugal in the international context.

Keywords: Second World War, Nazi propaganda in Portugal, Serviço de Informação da Legação da Alemanha, *Boletim Político*, *Boletim Semanal*

Introdução

Esta dissertação centra-se no estudo da propaganda do regime nacional-socialista em Portugal, através da análise dos dois boletins publicados pelo Serviço de Informação da Legação da Alemanha (SILA), em 1943: o *Boletim Político* e o *Boletim Semanal*.

A Legação Alemã teve uma enorme importância no que toca à representação diplomática da Alemanha em Portugal, mas o presente estudo foca-se na vertente editorial desse organismo.

Cláudia Ninhos afirma que a «extraordinária máquina de propaganda montada por Goebbels, teve na Legação da Alemanha e no Barão Von Hoyningen Huene, fiéis executores»¹. Para este trabalho, importa examinar o papel de divulgação realizado pelo SILA em Portugal, isto é, estudar esta realidade de forma a caracterizar a especificidade da propaganda alemã no território português.

O ano de 1943 foi o período temporal selecionado para a investigação, tendo por objetivo uma análise comparativa dos dois boletins, pois foi o ano em que, de longe, a pesquisa documental preliminar permitiu encontrar maior número de edições tanto do *Boletim Político* como do *Boletim Semanal*. Outro aspeto que justifica a escolha deste período prende-se com o facto de o ano de 1943 representar o ponto de viragem na relação de forças no contexto da guerra. Nas palavras do historiador Martin Gilbert: «Quanto aos acontecimentos de Itália, Roosevelt observou: “Deu-se a primeira brecha das forças do Eixo. O criminoso e corrupto regime fascista de Itália está a ser feito em pedaços”»².

Evidentemente que a opção pela análise do ano de 1943 não dispensa o conhecimento dos anos anteriores do conflito, e até os antecedentes, para que seja possível fazer uma interpretação adequada do conteúdo das duas fontes hemerográficas citadas. A seleção destes marcos cronológicos e de contextualização são cruciais para entender o objeto de estudo da investigação, visto que o ano de 1943 denota uma inversão do sentido

¹ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2010, p. 55. (Dissertação de Mestrado em História Contemporânea).

² GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Dom Quixote, 2009, p. 580.

da guerra que se pretende dissecar no discurso propagandístico do *Boletim Político* e do *Boletim Semanal*.

O Serviço de Informação da Legação da Alemanha tornou-se o principal veículo e executor em Portugal da máquina de propaganda alemã liderada por Joseph Goebbels. Tratando-se de um órgão de diplomacia, encarregado de organizar a rede da propaganda, é relevante abordar a produção e os conteúdos das duas publicações periódicas referidas, na sua função catequizadora da ideologia nazi e de transmissão do discurso característico da propaganda germânica em pleno coração do segundo conflito mundial. É necessário, portanto, perceber o papel do SILA em Portugal, sobretudo na sua vertente editorial: proceder à contextualização e análise comparativa do *Boletim Político* e do *Boletim Semanal* para estabelecer alguns dos traços fundamentais da estratégia seguida pela propaganda nazi em Portugal.

O tema de investigação surgiu no seguimento de uma motivação claramente pessoal que iniciou há anos e se desenvolveu no 3º ano da Licenciatura em História e já no Mestrado em História Contemporânea, ambos os cursos realizados na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Por sugestão da Professora Doutora Conceição Meireles Pereira aceitei de bom grado trabalhar sobre a propaganda alemã em Portugal, bem como a sua ligação ao Serviço de Informação da Legação da Alemanha. Outro fator que conferiu pertinência à escolha do tema foi o reduzido interesse que a historiografia portuguesa tem demonstrado pela temática da propaganda nazi em Portugal, como revela o relativamente escasso Estado da Arte selecionado para esta investigação.

Trazendo o foco para os objetivos de investigação, este trabalho visa compreender a mensagem veiculada pela propaganda alemã no território português, analisando o discurso propagandístico dos dois boletins, tendo em conta o investimento alemão na propaganda e divulgação do regime nacional-socialista em Portugal. Para tal, selecionou-se o *Boletim Político* e o *Boletim Semanal*; a partir da sua análise e cruzamento será possível perceber os contornos da mensagem transmitida nestes vetores de propaganda. Destarte, o trabalho estrutura-se em seis pontos que pretendem i) esclarecer questões sobre a propagação da mensagem nazi em Portugal e o papel do SILA, bem como a natureza e características dos dois boletins que editou; ii) evidenciar a especificidade do ano de 1943 no contexto da II Guerra Mundial e suas representações nos referidos boletins; iii) e iv) analisar a propaganda positiva e a propaganda negativa aí presente; v)

perceber a autorrepresentação da Alemanha como vítima; vi) rastrear situações de propaganda geoestratégica.

Relativamente ao Estado da Arte, como referido, o estudo da propaganda nacional-socialista alemã em Portugal não tem suscitado grande interesse por parte da historiografia na sua generalidade. Citando Cláudia Ninhos, «a história diplomática tem também hegemonizado o campo das relações internacionais, subalternizando o relacionamento cultural»³.

Assim, no que respeita a estudos no campo das relações internacionais, e nomeadamente das relações económicas luso-alemãs, existem diversos títulos relevantes desenvolvidos por vários autores: António Louçã⁴ sobre a questão do ouro; João Paulo Avelãs Nunes⁵ acerca da questão do volfrâmio ou ainda António José Telo⁶ que põe em causa a neutralidade portuguesa e insere Portugal na guerra do ouro e na trama das relações financeiras durante a Segunda Guerra Mundial. No que concerne ao antissemitismo nazi no contexto das relações luso-alemãs, destaca-se a obra de Irene Pimentel⁷ que se debruça sobre os refugiados judeus em Portugal, em fuga do Holocausto. Os estudos citados, ao explorar a história das relações luso-alemãs, contribuíram para a introdução e contextualização do assunto em análise.

No que respeita ao estudo da propaganda nazi em Portugal, tema central desta investigação, existem contributos que, apesar de escassos, são importantes pela discussão e problematização que encerram.

A nível da historiografia nacional, a temática da propaganda nazi em Portugal concentra-se em meia dúzia de investigações de grande relevância para a atualização científica da temática. Por ordem de publicação, veja-se o trabalho de António José Telo⁸ publicado em 1990, no qual o autor recorre a fontes de informação do *Foreign Office* e

³ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, p. 15.

⁴ LOUÇÃ, António — *Negócios com os Nazis. Ouro e outras pilhagens 1933-1945*. Lisboa: Fim de Século, 1997.

⁵ NUNES, João Paulo Avelãs — *O Estado Novo e o volfrâmio (1933-1947). Projetos de sociedade e opções geoestratégicas em contextos de recessão e de guerra económica*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2005. (Dissertação de Doutoramento)

⁶ TELO, António José — *A neutralidade portuguesa e o ouro nazi*. Lisboa: Quetzal, 2000.

⁷ PIMENTEL, Irene Flunser — *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial. Em fuga de Hitler e do Holocausto*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2006.

⁸ TELO, António José — *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal (1939-1945)*. Lisboa: Perspetivas & Realidades, 1990.

norte-americanas, com o fito de abordar a propaganda alemã e inglesa em Portugal. Como o autor confessa na introdução, não pretendeu fazer um estudo sobre a propaganda política, mas sim evidenciar a «estrutura das organizações»; é de facto uma obra de relevância para apurar os responsáveis pela divulgação da ideologia nacional-socialista em Portugal. O seguinte estudo foi lançado em 2005 por António Louçã⁹ e é uma seleção de documentos nazis sobre Portugal que foram também utilizados em investigações anteriores do autor. É possível encontrar nesta obra os principais documentos da correspondência entre a Legação Alemã em Lisboa e o *Auswärtiges Amt* (Ministério dos Negócios Estrangeiros) mas também existem mensagens telegrafadas trocadas com o Ministério da Economia e vários departamentos do Ministério dos Negócios Estrangeiros do *Reich*. Em 2010, Cláudia Ninhos¹⁰ apresentou a sua dissertação de Mestrado em História Contemporânea, abordando o tema das relações luso-alemãs num âmbito mais alargado do que a tradicional história das relações internacionais, analisando, sobretudo, a instrumentalização da cultura e a sua utilização pela propaganda como meio de aproximação entre as nações alemã e portuguesa. A mesma autora redigiu, em 2012, um artigo¹¹ na revista *Relações Internacionais*, elucidativo do balanço do debate sobre a temática da propaganda nazi e conclui que são escassas as discussões em torno da divulgação da propaganda alemã em Portugal. Ainda da autoria de Cláudia Ninhos¹², um livro publicado em 2017 fala-nos dos diplomatas, jornalistas, académicos e políticos ligados aos meios nazis, assim como de instituições públicas e de organizações do Estado Novo que se deixaram seduzir pela imagem poderosa do III *Reich*, divulgando por diversas formas a propaganda nazi. A partir de documentação alemã inédita, Cláudia Ninhos descreve o papel de instituições nazis portuguesas no relacionamento entre os dois regimes e as tensões que se verificaram entre elas, em especial entre a Legação Alemã e o grupo local do Partido Nazi em Lisboa. Embora com menos incidência no assunto, um dos capítulos de *Estados Novos. Estado Novo*, de Luís Reis Torgal, aborda a germanofilia

⁹ LOUÇÃ, António — *Portugal visto pelos nazis: documentos 1933-1945*. Lisboa: Fim de Século, 2005.

¹⁰ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, 2010.

¹¹ NINHOS, Cláudia — “Com luvas de veludo: a estratégia cultural alemã em Portugal (1933-1945)”. *Relações Internacionais*. Lisboa, 2012, nº 35, pp. 103-118.

¹² NINHOS, Cláudia — *Portugal e os Nazis. Histórias e segredo de uma aliança*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2017.

e a predisposição pró-nazi de um grupo de académicos de Coimbra¹³. Acrescenta-se também o estudo de Júlia Leitão de Barros que se debruça sobre o fenómeno da anglofilia e germanofilia em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial. Na opinião de Júlia Barros, as duas situações estão ligadas à neutralidade portuguesa e à luta pela conquista da opinião pública pelos dois lados em contenda. Segundo a autora, a estratégia da propaganda alemã no território português consistiu na incidência sobre um grupo restrito: a elite política e cultural portuguesa¹⁴.

A nível da historiografia internacional, seleccionaram-se cinco estudos relevantes para a atualização científica no domínio da propaganda. Se a obra, já clássica, de Alejandro Pizarroso Quintero¹⁵ aborda na generalidade a propaganda política e de guerra, as seguintes fornecem interessantes abordagens teórico-concetuais da propaganda alemã. Veja-se o contributo do mexicano Norberto Corella¹⁶ sobre a propaganda alemã, mas sobretudo o estudo do historiador inglês Aristotle A. Kallis¹⁷ que focaliza a sua atenção na máquina de propaganda alemã durante a Segunda Guerra Mundial, identificando as suas principais metamorfoses no decurso do conflito. Por sua vez, o espanhol Pineda Cachero¹⁸ publicou um artigo sobre a teoria da propaganda nazi e o historiador americano David Welch¹⁹ lançou um estudo que resultou em livro; ambos os autores convergem a sua discussão na reflexão sobre os traços gerais que a propaganda nazi assumiu entre 1933 e 1945.

No entanto, é de mencionar outros nomes da historiografia internacional que contribuíram com estudos mais concretos da propaganda nazi, designadamente em zonas ocupadas pelo III *Reich* e nas zonas inimigas da ocupação nazi. São relevantes na medida em que fornecem traços da caracterização da propaganda alemã noutras nações e os seus

¹³ TORGAL, Luís Reis — *Estado Novo, Europa e Atlântico*. In *Estados Novos. Estado Novo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, vol. 1, pp. 499-564.

¹⁴ BARROS, Júlia Leitão de — *Anglofilia e germanofilia em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*. In CARRILHO, Maria; ROSAS Fernando et al. — *Portugal na Segunda Guerra Mundial: contributos para uma reavaliação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989, pp. 91-136.

¹⁵ PIZARROSO QUINTERO, Alejandro — *História da Propaganda: notas para um estudo da propaganda política e de guerra*. Lisboa: Planeta Editora, s.d.

¹⁶ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*. México: Universidad Autónoma de Baja California, 2005.

¹⁷ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2005.

¹⁸ PINEDA CACHERO, Antonio — “Orígenes histórico-conceptuales de la teoría de la propaganda nazi”. *Historia y Comunicación Social*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2007, nº 12, pp. 151-176.

¹⁹ WELCH, David — *The Third Reich: Politics and Propaganda*. Taylor & Francis e-Library, 2007.

diferentes tipos de propaganda. Ingrid Schulze Schneider²⁰ publicou em 1999 um artigo sobre a propaganda alemã em Espanha, analisando os seus êxitos e fracassos; Brett Bowles²¹ elaborou um estudo para o caso francês e a sua relação com a propaganda nazi.

Uma nota se impõe à medida que se folheiam as obras sobre este assunto: o que impede o aprofundamento do tema deve-se ao desconhecimento da língua alemã, indispensável para uma análise mais rica, já que tal requisito é fundamental na consulta de fontes de informação alemãs.

Relativamente à seleção das fontes, a perceção que se manteve longamente no decurso da pesquisa preliminar foi a de raridade destes boletins, existentes em pouquíssimas bibliotecas do país e, ainda assim, em coleções muito truncadas, com poucas edições. Aliás, o *corpus* documental começou por ser constituído por um único boletim publicado pelo SILA em Portugal. Quando o pedido de digitalização do *Boletim Semanal* foi remetido à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, descobriu-se outro acervo documental, que não constava dos catálogos: tratava-se do *Boletim Político*, publicado igualmente pelo SILA. Nesta conformidade, o universo documental ficou definido; incluiria os dois boletins, com similaridades mas também algumas diferenças, acima de tudo caracterizados pela sua complementaridade, não tivessem eles o mesmo contexto e datas de produção.

O *Boletim Político* foi localizado numa coleção do catálogo da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra cujas datas se situam entre os anos de 1942 a 1945, porém com abundantes edições em falta. Para o presente estudo foram selecionados os números referentes ao ano de 1943, aquele em que a coleção se apresenta mais completa, tendo sido compulsadas 300 edições numeradas e uma não numerada. Segundo Luís Reis Torgal o periódico pode também ser localizado no Arquivo Regional de Ponta Delgada, no espólio privado pertencente a Norton de Matos²².

O *Boletim Semanal* pode ser localizado nos catálogos da Biblioteca do Exército (Lisboa) e da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Relativamente ao acervo do

²⁰ SCHNEIDER, Ingrid Schulze — “La propaganda alemana en la Segunda República Española”. *Historia y Comunicación Social*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1999, nº 4, pp. 183-197.

²¹ BOWLES, Brett — “German Newsreel Propaganda in France, 1940–1944”. *Historical Journal of Film, Radio and Television*. 2004, vol. 24, nº 1, pp. 45-67.

²² O *Boletim Político* terá sido localizado por Luís Reis Torgal no acervo privado de Norton de Matos e, por isso, a sua referência não aparece nas pesquisas no catálogo do Arquivo Regional de Ponta Delgada. Ver notas de TORGAL, Luís Reis — *Estado Novo, Europa e Atlântico*, vol. 1, p. 515.

Boletim Semanal existente na Biblioteca do Exército foi possível encontrar 61 edições que se distribuem da seguinte forma: 20 edições para o ano de 1943; 39 edições para o ano de 1944 e duas edições para o ano de 1945. Já a coleção da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra tem existências desde 16 de janeiro de 1943 até 31 de março de 1945, embora apresente falhas de algumas edições. Também é no ano de 1943 que a coleção se apresenta mais completa: foram compulsadas 43 edições não numeradas.

Sob o ponto de vista metodológico, a recolha e tratamento das duas fontes de informação passa pela leitura e análise interpretativa, colocando-se as mesmas questões de análise aos dois periódicos. Após uma fase preliminar de familiarização com os boletins foi criada no programa Microsoft Word uma base de dados organizada em duas tabelas: uma organizou os dados recolhidos relativos à propaganda positiva do *BP* e do *BS* e a outra tabela foi preenchida com os dados referentes à propaganda alemã contra os seus adversários, igualmente levantados nos dois boletins. Para complementar as duas tabelas construiu-se uma lista de sinopses de cada artigo, organizadas por data, temas e palavras-chave para mais fácil acesso e agilização da análise ulterior, inclusive a nível da análise comparativa dos dois periódicos. A comparação entre o *Boletim Político* e *Boletim Semanal* será enriquecedora para perceber a relação que se desencadeia entre as duas fontes de informação e serve para avaliar as características predominantes do tipo de publicações periódicas que o SILA editou para potenciar a divulgação do regime nazi.

1. A propaganda nazi em Portugal

O presente tópico desta dissertação de Mestrado procura tecer algumas considerações sobre a propaganda nacional-socialista em Portugal.

Sobre a manifestação desta realidade no caso português é necessário reservarmos duas reflexões com o objetivo de estabelecermos uma concetualização da propaganda como um fenómeno, que foi efervescente na contemporaneidade, quer a nível da propaganda política quer da propaganda de guerra. Através do estudo da história da propaganda nazi é possível partir para uma aproximação metodológica da máquina de propaganda, que é de relevância para a compreensão do seu processo de divulgação em Portugal.

Alejandro Pizarroso Quintero evidenciou a efervescência dos meios de propaganda que foram expandidos no século XX, o qual pode ser apelidado como o «século da propaganda»²³ por excelência, tendo em conta que «a utilização intensa da propaganda enquanto instrumento de inculcação ideológica, dirigido às massas, começou no século XX, sobretudo pelos regimes autoritários implantados no pós-I Guerra Mundial»²⁴. Os meios de propaganda encontraram na centúria de Novecentos o seu momento de grande difusão, visto que é um período que representa o culminar duma revolução no campo do fluxo da informação, de que o século XIX já tinha dado sinais de avanço, porém, o século posterior veio a consolidar definitivamente a revolução da torrente da comunicação quer pelo aparecimento de novos meios de comunicação, quer pela divulgação da informação a um ritmo cada vez mais contínuo²⁵.

A concetualização da propaganda, segundo Pizarroso Quintero, consiste num conjunto de ideias e objetivos que são expressão de uma opinião ou de uma ação assumida por indivíduos ou grupos e que é deliberadamente orientada a influir opiniões e ações de outros indivíduos para fins pré-determinados através de manipulações psicológicas²⁶. A

²³ PIZARROSO QUINTERO, Alejandro — *História da Propaganda: notas para um estudo da propaganda política e de guerra*, p. 207.

²⁴ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, p. 17.

²⁵ PIZARROSO QUINTERO, Alejandro — *História da Propaganda: notas para um estudo da propaganda política e de guerra*, pp. 207-208.

²⁶ PIZARROSO QUINTERO, Alejandro — “La historia de la propaganda: una aproximación metodológica”. *Historia y Comunicación Social*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1999, nº 4, p. 146.

propaganda reflete-se em fenómenos que «abarcen múltiples aspectos de la vida social desde la educación a la política, desde la religión a la guerra y, por supuesto, a la comunicación social en general»²⁷. Para além de Pizarroso Quintero, outro autor avançou com bases para a concetualização do fenómeno propagandístico. Norberto Corella Torres sublinhou precisamente a forma como a propaganda assenta na transmissão e no espelho de uma ideologia política, como é o caso que se verifica quando estudamos a propaganda nacional-socialista²⁸.

Antes de avançar para a exposição do caso da propaganda erigida pelo governo nazi, é importante refletir sobre a utilidade que a propaganda pode trazer para a política e para todas as ideologias que não a negligenciam e, pelo contrário, valorizam o seu contributo para a divulgação e consolidação das suas ideias. Passando à reflexão podemos elencar os principais objetivos que interferem no momento de “fazer propaganda” e acompanham a linha de ação desta. Corella Torres avançou com uma contextualização universal da propaganda, especialmente da propaganda a nível político e um estudo sucinto da propaganda nazi²⁹. Para este autor, no início, a propaganda transforma-se num aparelho extremamente útil para um regime político, visto que o primeiro objetivo do serviço de propaganda que pode ser assinalado é o de espelhar e transmitir às massas as características do movimento político e colocar em prática essas ideias através de uma estrutura, uma organização, devidamente determinada para tal. Corella Torres aponta — «la propaganda es una herramienta de la política porque esta última se hace con base en el convencimiento y no a la coerción y que es el uso de la palabra un instrumento fundamental de la política»³⁰. Estas palavras de Corella Torres apresentam o objetivo seguinte que considera que a maior finalidade do discurso propagandístico consiste na adesão das massas. Na verdade, este é o primeiro propósito para qualquer ideologia política que deseje que a sua mensagem seja aceite e cativa a opinião pública a consentir o conjunto de ideias propostas por determinado grupo político. Posteriormente a esta condição, a propaganda pretende alcançar a submissão.

²⁷ PIZARROSO QUINTERO, Alejandro — “La historia de la propaganda: una aproximación metodológica”, p. 149.

²⁸ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, 2005.

²⁹ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 9-51.

³⁰ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 11.

Após a adesão do povo às ideias apresentadas pela ideologia, torna-se importante conduzir o consentimento popular para que esta aceitação culmine na sujeição e na obediência à mesma. No caso da máquina de propaganda nazi é possível verificar que se trata de um exemplo demonstrativo de que a política e a sua ideologia, evidentemente, consumiram a energia mental e emocional da vida das populações, tornando as pessoas mais vulneráveis à submissão e devotas à ideologia. A subversão consiste num elemento típico dos regimes que pretendem uma mudança no xadrez político e, concomitantemente, uma transformação social profunda, na qual pretendem demonstrar às populações que estão dispostos e empenhados em formular e aplicar uma versão diferente de “fazer política”. O elemento subversivo muitas vezes manifesta-se num ataque por parte da ideologia opositora, isto é, daquela que pretende subverter a situação política vigente. O ataque é dirigido à ideologia dominante e é possível denotar, por vezes, uma demonização do regime que está no poder.

A propaganda necessita do elemento da cooperação para dar força, divulgação e conhecimento da sua mensagem. A colaboração com entidades, organizações e com os próprios meios de comunicação é um fator paralelo para o sucesso de um ideal excelentemente divulgado³¹.

No caso particular da propaganda nazi, é possível realçar no espaço externo a cooperação e dependência com as embaixadas e legações diplomáticas nos outros países para que a sua mensagem pudesse circular em espaços cada vez mais ampliados e, voluntariamente, instigar a adesão e simpatia pela ideologia num contexto internacional. Para além da cooperação a nível externo, também é evidente que a cooperação interna deve ser contabilizada para o sucesso dos serviços de propaganda. A nível interno, refira-se as organizações políticas, gabinetes, serviços e até ministérios que são especificamente criados com a missão de dirigir a propaganda e procurar a eficácia desta, recorrendo a políticas nitidamente controladoras — controlo e manipulação dos meios de comunicação, aplicação do serviço de censura nas variadas vertentes de comunicação com as massas, etc. Podemos lembrar alguns desses ministérios historicamente conhecidos e totalmente consolidados nos anos 30 do século XX, visto que é nesta década que os regimes autoritários em ascensão encaram como necessário para a consolidação,

³¹ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 53.

legitimidade e absorção da sua ideologia pelas massas, o estabelecimento de um aparelho ministerial de controlo total sobre a opinião pública. A linha de ação destes órgãos de Estado concentrou a direção de toda a propaganda às massas e aglutinou em seu domínio organismos mais pequenos para controlo total da vida cultural e social do regime. Relembrando alguns — *Ministero per la Stampa e la Propaganda* na Itália fascista entre 1935 e 1936 (que a seguir se denominou *Ministero della Cultura Popolare* (MinCulPop); *Reichministerium für Volksaufklärung und Propaganda*, tutelado por Joseph Goebbels na Alemanha nazi entre 1933 e 1945; Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) em Portugal que, estando sob a tutela da Presidência do Conselho de Ministros, foi dirigido por António Ferro e posteriormente chamar-se-ia Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI) após a II Guerra Mundial.

Como já foi afirmado anteriormente, a propaganda é um serviço instrumentalizado pelo próprio Estado ou por uma ideologia política para difusão das suas ideias e das características do seu movimento. A propaganda nacional-socialista não é excluída desta regra e Alejandro Pizarroso Quintero apelida-a, inclusive, de «perfeição totalitária»³², no sentido como a propaganda dominou e totalizou todos os setores da vida civil alemã. A montagem da máquina de propaganda deveu-se ao ideal lançado pelos governantes do III *Reich* e, em especial, a duas figuras importantes do governo nacional-socialista alemão — o *Führer* Adolf Hitler, que teorizou a doutrina e a difundiu num dos novos movimentos políticos do pós-guerra, e o Ministro Joseph Goebbels, que arquitetou o sistema de persuasão e sedução das massas a aderirem à ideologia a partir da criação do Ministério de Propaganda em 1933 e que ele liderava. Corella Torres e outros autores sublinham a importância destes dois homens do nacional-socialismo e o sucesso com que utilizaram as armas da propaganda política.

Hitler y Goebbels manejaron para los fines del nacionalsocialismo la vida y forma de pensar de los alemanes. Ambos demostraron conocer a la perfección la mentalidad del pueblo alemán y entender el momento histórico por el que atravesaba el país. Es una realidad con que engañaron a todos, mas para ello fue necesario que hablaran el lenguaje de la gente común, el que causara impacto

³² PIZARROSO QUINTERO, Alejandro — *História da Propaganda: notas para um estudo da propaganda política e de guerra*, p. 308.

[...]. Definitivamente el nacionalsocialismo no hubiera sobrevivido sin el inmenso aparato de manipulación que se montó. La propaganda fue coherente con la ideología que la creó³³.

Antes de avançar para a compreensão da máquina de propaganda alemã nos seus principais eixos de ação, métodos e políticas, torna-se essencial refletir rapidamente acerca da doutrina política que inspirou e moldou a propaganda alemã.

O movimento nazi apresenta-se como exacerbadamente nacionalista e imperialista pela exigência da expansão do território alemão à procura do *Lebensraum*³⁴. Distingue-se ainda pela idolatria de um Estado onnipotente, com um cunho conservador e autoritário e de supremacia da raça e da nação alemã. Na exaltação destas características, os nacionais-socialistas seguem um comportamento de obediência ao chefe militar, no qual reina a ideia da superioridade e da sobrevivência dos indivíduos mais aptos e fortes. A ideologia de Hitler consiste ainda numa forma peculiar nacionalista do socialismo que procurava unir o romantismo social e o socialismo do Estado. Ademais, consiste num movimento político com uma ideologia comunitária baseada em critérios étnicos e racistas que culminaram numa xenofobia crescente e num antissemitismo biológico radical que despoletou numa perseguição a povos considerados inferiores. Para os nacionais-socialistas, o motor da História estava na supremacia de uma só raça — raça ariana —, que se destacava pela sua força e superioridade sobre as demais³⁵.

Por fim, a política nacional-socialista repudia as democracias parlamentares ocidentais porque considera-as enfraquecedoras da raça e do Estado, já que nos regimes democráticos o poder é distribuído por todos e existe a valorização do indivíduo bem como as suas liberdades, enquanto num regime totalitário o poder é concentrado em torno de uma figura em exclusivo e a valorização do indivíduo dá lugar à exaltação em prol da nação, da raça, da comunidade, das massas. Citando Cláudia Ninhos, os temas que marcaram a ideologia nazi «variaram entre a conquista do espaço vital, a evocação da

³³ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 99.

³⁴ Segundo Adolf Hitler na sua obra *Mein Kampf*, no capítulo acerca da política de leste, exprime a ideia de espaço vital. Pelo que podemos depreender das suas palavras, *Lebensraum* seria um espaço para onde o povo alemão deveria expandir-se por forma a adquirir os recursos que lhe permitiriam garantir a sua existência como potência mundial.

³⁵ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, pp. 21-22.

grandeza alemã, a ameaça do perigo comunista, os ataques ao capitalismo e aos judeus, entre muitos outros»³⁶.

Após esta breve e genérica apresentação da ideologia nazi, é possível avançar para a compreensão das suas políticas de propaganda e os seus principais eixos de ação, bem como os seus métodos ao serviço da propaganda.

A máquina de propaganda alemã estava sujeita diretamente às diretivas do NSDAP e às ordens emanadas do Ministério de Propaganda, chefiado por Joseph Goebbels. No perfil da propaganda nazi destaca-se a tendência da exaltação da figura de Hitler e do culto da personalidade do *Führer*. Igualmente, é lançada a propaganda antisemita e de inferiorização dos outros povos. O discurso propagandístico nazi frisa a exaltação do imperialismo e do militarismo que é motor da expansão territorial. Estas características assumidas pelo rosto do nazismo, são transmitidas para a cultura da propaganda e o conjunto destes elementos e a carência de uma ideologia sustentada em princípios racionais desembocou numa propaganda de tipo irracional e instigador de falsa informação. A política da propaganda dirigida pelos nacionais-socialistas procurava convencer o indivíduo da bondade da doutrina de modo a induzi-lo a reagir e a atuar de forma emocional e irracional, através da instrumentalização da psicologia social, conforme os objetivos do regime³⁷.

El Partido y el Estado se conciben como una organización propagandística, de modo que la propaganda lo es todo, y desea una fuerza total para “cambiar las actitudes y el comportamiento humano, partiendo de lo irracional, para abarcar todos los aspectos del ser”³⁸.

É por este motivo que se pode afirmar que a coerência da propaganda depende da consistência da doutrina a que serve.

Os métodos da propaganda realizada sob a alçada do Ministério da Propaganda e Cultura de Goebbels foram vários. Citando o autor Corella Torres — «en lo referente a

³⁶ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, p. 17.

³⁷ PINEDA CACHERO, Antonio — “Orígenes histórico-conceptuales de la teoría de la propaganda nazi”, pp. 151-176.

³⁸ PINEDA CACHERO, Antonio — “Orígenes histórico-conceptuales de la teoría de la propaganda nazi”, p. 154.

los métodos, Goebbels los varió hasta el infinito de acuerdo con la necesidad inmediata. Lo primero que le preocupó fue apoderarse de los medios de comunicación»³⁹. Os meios de comunicação merecem a atenção de qualquer máquina de propaganda. No caso do esquema propagandístico alemão, os nacionais-socialistas apoderaram-se dos meios de comunicação precisamente para os controlar e colocá-los ao serviço do aparato propagandístico.

O terror veio a tornar-se outra das ferramentas da propaganda, visto que a repressão trataria de controlar a mensagem circulada no seio da opinião pública — «"no hay otra forma más efectiva de atraer la atención que creando una escena violenta"»⁴⁰.

A simplificação da linguagem é outro dos mecanismos avançados pela propaganda alemã. Isto é, a criação da linguagem específica do grupo, neste caso da ideologia, e divulgá-la através dos quadros, discursos, artigos em periódicos ou até pela manipulação das atividades como do desporto. O principal objetivo da linguagem do discurso propagandístico não era despertar a reflexão mas conduzir o indivíduo à ação. A oratória foi dos recursos mais utilizados pela propaganda nacional-socialista. Os discursos proferidos por Hitler inflamaram o entusiasmo das massas, sendo toda a imagem e decoração de discurso presente na oratória, uma espécie de espetáculo para o público. «Independientemente de todo lo que formaba parte de una reunión multitudinaria como las antorchas, la música, los gritos, etcétera, la actuación del orador principal era un espectáculo digno de ser visto»⁴¹.

O serviço de censura também foi adotado pela propaganda paralelamente ao controlo absoluto dos meios de comunicação. Isto viria a permitir aos nazis planear a sua campanha propagandística, mediante coordenação de vários instrumentos (o cinema, a rádio, os cerimoniais, a imprensa, as marchas, a simbologia — cruz suástica por exemplo).

No entanto, é de relembrar que as bases da propaganda nacional-socialista tomaram como regra a «subordinación de toda consideración moral a los resultados prácticos y

³⁹ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 74.

⁴⁰ A propósito de uma afirmação feita pelo Ministro alemão Joseph Goebbels, ver CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 76.

⁴¹ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 80.

punto de partida irracionalista en la psicología del receptor»⁴². Relativamente a esta ideia fundamental da máquina de propaganda, Antonio Pineda Cachero sublinha que os nacionais-socialistas criaram para a eficácia da mesma «el esquema estímulo-respuesta»⁴³.

Este esquema, segundo Pineda Cachero, representa as principais características da propaganda que consistem em seis pilares que foram descritos e elaborados por Adolf Hitler no seu livro *Mein Kampf*. Seguindo a ordem dada por este autor, o primeiro é o «*Pragmatismo*»⁴⁴, que se traduz na tese de que deve existir um meio para conseguir um fim e por conseguinte, ele deve ser explorado ao máximo em prol de um objetivo; o segundo pilar consiste no «*Psicologismo*»⁴⁵, que consiste no princípio propagandístico hitleriano condutor que realça o poder e a importância da dimensão psicológica, isto é, um princípio das relações entre o emissor e o recetor que visa exercer um controlo psicológico sobre as massas e penetrar na mentalidade do recetor; o terceiro princípio é o «*Alcance masivo de la propaganda*»⁴⁶, em que está subjacente «el rebajamiento del nivel intelectual del contenido propagandístico según la capacidad del menos inteligente de los receptores»⁴⁷ — Cachero defende que o primeiro detalhe é determinante para o segundo detalhe, já que concretiza o alcance massivo da propaganda — «la simplicidad extrema que debe presidir el mensaje»⁴⁸. O «*Irracionalismo*»⁴⁹ é o quarto ponto da caracterização da propaganda alemã e define-se pelo discurso propagandístico que deve ter como ponto de partida a irracionalidade das massas que é explorada pelos propagandistas de modo a realizar uma propaganda emocional que causa impacto sobre os sentidos, isto é, um impacto sensorial através de símbolos e ações que desencadeiam

⁴² PINEDA CACHERO, Antonio — “Orígenes histórico-conceptuales de la teoría de la propaganda nazi”, p. 160.

⁴³ PINEDA CACHERO, Antonio — “Orígenes histórico-conceptuales de la teoría de la propaganda nazi”, p. 161.

⁴⁴ PINEDA CACHERO, Antonio — “Orígenes histórico-conceptuales de la teoría de la propaganda nazi”, p. 163.

⁴⁵ PINEDA CACHERO, Antonio — “Orígenes histórico-conceptuales de la teoría de la propaganda nazi”, p. 164.

⁴⁶ PINEDA CACHERO, Antonio — “Orígenes histórico-conceptuales de la teoría de la propaganda nazi”, pp. 164-165.

⁴⁷ PINEDA CACHERO, Antonio — “Orígenes histórico-conceptuales de la teoría de la propaganda nazi”, p. 165.

⁴⁸ PINEDA CACHERO, Antonio — “Orígenes histórico-conceptuales de la teoría de la propaganda nazi”, p. 165.

⁴⁹ PINEDA CACHERO, Antonio — “Orígenes histórico-conceptuales de la teoría de la propaganda nazi”, p. 166.

emoções no seio das massas e que os nazis souberam instrumentalizar até ao seu domínio total, provocando estímulos para conseguirem respostas. «*Unidad*»⁵⁰ é a quinta ideia chave que reflete a ideia de unidade nos objetivos de propaganda e, por outro lado, significa na dimensão institucional da propaganda, o seu fortalecimento e centralismo. «*Repetición*»⁵¹ é o último pilar apresentado pelo autor em apreço acerca da propaganda nazi e define-se pela reiteração, repetição, persistência da mensagem de modo a solidificar a mensagem no recetor.

Para terminar estas considerações sobre a contextualização da propaganda nazi, resta caracterizar a sua externalização noutros espaços. Durante os anos que vão de 1933 a 1939, a máquina de propaganda alemã está em crescimento e a sua internacionalização constitui uma prioridade quando nos situamos mais perto da Segunda Guerra Mundial.

Os serviços da propaganda precisavam de ser canalizados em prol da ideologia nazi. Esta necessitava de todo o esforço de propaganda para angariar o grande apoio das massas de modo a fortalecer e legitimar o novo regime.

A externalização iniciaria os seus primeiros passos paralelamente à “nazificação” e ao respetivo controle pela Alemanha, por volta de 1936. No que respeita a esta questão o historiador Pizarroso Quintero afirma que «a propaganda externa, desde 1933, era orientada na preparação do terreno para o seu objetivo expansionista»⁵². No entanto, o aparelho de propaganda virado para o exterior cumpriu efetivamente o grande objetivo de formular um discurso em torno da aceitação do novo regime alemão pela comunidade internacional.

A segunda fase da propaganda externa nazi consistiu na argumentação e no cumprimento da sua política expansionista, que veio a consolidar-se com o início da Segunda Guerra Mundial. A direção da propaganda externa passou por dois momentos distintos.

Inicialmente, esta ficou atribuída exclusivamente ao Ministério de Propaganda alemão, chefiado por Joseph Goebbels no qual se manteve desde 1933 até 1938. O

⁵⁰ PINEDA CACHERO, Antonio — “Orígenes histórico-conceptuales de la teoría de la propaganda nazi”, p. 166.

⁵¹ PINEDA CACHERO, Antonio — “Orígenes histórico-conceptuales de la teoría de la propaganda nazi”, p. 166.

⁵² PIZARROSO QUINTERO, Alejandro — *História da Propaganda: notas para um estudo da propaganda política e de guerra*, p. 331.

principal objetivo do Ministério de Propaganda consistia em dar uma imagem de uma nova Alemanha, que servia a sua política externa, sendo de acrescentar que é nesta altura que as transmissões de rádio conheceriam o seu *boom*, chegando em 1939 a serem traduzidas em 53 línguas⁵³.

Em 1938, Joachim von Ribbentrop sucedeu a Konstantin von Neurath na direção do Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão, representando uma postura diferente no que toca à propaganda externa. Desde logo, demonstrou uma atitude de interesse relativamente ao controlo da vida exterior do *Reich*, incluindo a propaganda externa, o que veio a colidir com os desejos do chefe do Ministério de Propaganda, que até então fora o único mentor dessa área, oficialmente sancionado através de um decreto promulgado em 30 de junho de 1933 no qual se definia que «todas as competências sobre o controlo de notícias e informação exteriores [...] passaram do Ministério dos Assuntos Exteriores para o de Propaganda»⁵⁴. No entanto, a ocupação alemã da Checoslováquia em 1938 consistiu num processo diplomático delicado que permitiu a Ribbentrop estreitar-se no governo nacional-socialista e, com isto, começou uma rivalidade com o Ministro da Propaganda para a direção da propaganda externa⁵⁵. O conflito de interesses entre Ribbentrop e Goebbels agudizou-se a ponto de Hitler ter de intervir através da promulgação do decreto de 2 de setembro de 1939 que confiou ao chefe da diplomacia alemã «el desarrollo de toda la propaganda en el extranjero, reservando a Goebbels la preparación ideológica previa de las consignas publicísticas»⁵⁶. Isto é, a propaganda externa é ideologicamente traçada pelas diretivas do Ministério de Propaganda, liderado por Josef Goebbels todavia, os círculos e os veículos onde essa mensagem sobre o ideário nazi era divulgada, seriam organizados pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O momento em que a externalização da propaganda nacional-socialista se torna uma realidade bem evidente verifica-se com o início da II Guerra Mundial e a alteração dos preceitos propagandísticos para o clima de propaganda da guerra. Esta vai-se fortalecendo à medida que o conflito se inicia e a Alemanha nazi necessita de justificar a

⁵³ TELO, António José — *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal (1939-1945)*, p. 29.

⁵⁴ PIZARROSO QUINTERO, Alejandro — *História da Propaganda: notas para um estudo da propaganda política e de guerra*, p. 329.

⁵⁵ Sobre o percurso de Joachim von Ribbentrop no Partido Nazi ver BLOCH, Michael — *Ribbentrop*. Londres: Hachette Digital, 2003.

⁵⁶ SCHNEIDER, Ingrid Schulze — “Éxitos y fracasos de la propaganda alemana en España: 1939 – 1944”. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. 1995, vol. 31, nº 3, p. 138.

explosão da guerra. Para o autor britânico Aristotle Kallis, é possível dividir a propaganda de guerra nazi em quatro fases distintas, consoante os métodos de propaganda utilizados e a corrente do discurso empregue em cada uma delas.

A primeira fase formulada por Aristotle Kallis intitula-se — «From “Short Campaign” to “Gigantic Confrontation”: NS Propaganda and the Justification of War, 1939–41»⁵⁷. O autor avança para este momento a ideia da justificação da guerra pela Alemanha, cujos argumentos são fortemente sustentados no grande sucesso da *Blitzkrieg* (1939-1940) e na luta contra a conspiração dos judeus a nível internacional, formulada pelos nazis. O autor afirma que a tomada de decisão por parte do governo nazi para o começo do conflito, em setembro de 1939, «constituted a watershed for the regime’s propaganda operation and output. The shift of German foreign policy towards a more ambitious expansionist programme and a more aggressive posture»⁵⁸.

A segunda fase segundo Aristotle Kallis, é caracterizada no título — «From Triumph to Disaster: NS Propaganda from the Launch of “Barbarossa” until Stalingrad»⁵⁹. Para o autor, o início da campanha militar alemã na URSS desponta uma nova política de propaganda externa para os alemães. Esta assenta, sobretudo, em torno das adversidades que os anos de 1941 e 1942 começaram a antecipar no decurso da guerra aos alemães, coincidindo com a entrada dos EUA na guerra e o fracasso da ‘Operação Barbarossa’ pelos alemães na URSS. Em 1942, a derrota de Estalinegrado culminou num silêncio repressivo relativamente ao fracasso alemão nos serviços de propaganda alemães e o Ministro Joseph Goebbels não deixou de agir na tentativa de esconder da opinião pública a notícia da derrota alemã de modo a camuflar o perigo (esmorecimento da população alemã no que respeita à continuidade do conflito) que seria se a notícia fosse espalhada.

But the tragic fate of the VIth Army, encircled since 22 November and desperately running out of both supplies and time, could not be undone by any wishful thinking or propaganda distortion. Hitler’s first reaction to the news of the Soviet counter-offensive was to ban any reference to it, (...) On his part,

⁵⁷ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 93.

⁵⁸ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 93.

⁵⁹ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 111.

Goebbels prohibited press and radio reports from using the adjective ‘defensive’ with regard to the VIth Army’s battle⁶⁰.

Assim, o Ministério de Propaganda estabeleceu uma nova política de transição do discurso em todos os meios de comunicação. Aristotle Kallis conclui que os dois anos de guerra foram decisivos. O ano de 1941 continuou a favorecer o Eixo na concretização de sucessos militares (Pearl Harbour, lançamento da campanha de inverno no leste europeu, etc). Em 1942, após o inverno, os alemães conhecem as primeiras vicissitudes que irão dificultar o seu expansionismo, quer pela participação dos norte-americanos no conflito, quer pela melhoria das condições climáticas na URSS que permitirão uma enorme superação militar por parte do Exército Vermelho. O ano da decisão da guerra é 1942, segundo Aristotle Kallis, visto que determinará qual é a força militar que conseguirá mais amplitude de território e capacidade de ataque. É de afirmar que os primeiros sinais de viragem no jogo de relação de forças da guerra, a favor dos Aliados em 1943, se efetuaram em virtude da perda da surpresa de ataque por parte dos alemães em 1942. No campo da propaganda, Goebbels empenhou uma postura severa relativamente à retirada alemã na URSS e reservou a sua política propagandística ao silenciamento de tal acontecimento em qualquer meio de comunicação. A principal corrente da mensagem alemã concentrar-se-ia na ideia da guerra de defesa, já que os alemães tinham perdido a pujança do ataque imediato e de uma guerra ofensiva. A população alemã é alvo, deste modo, de um discurso de apelo a uma preparação para qualquer ataque aliado. Kallis acrescenta que a propaganda alemã nesta altura visa uma guerra defensiva e perde a vitória iminente e rápida que era comum na *Blitzkrieg*.

O terceiro corte temporal, «NS Propaganda and the Loss of the Monopoly of Truth (1943–44)»⁶¹ prende-se com a propaganda pós-Estalinegrado e como o Ministério de Propaganda introduziu um discurso de guerra total no sentido de aglutinar a população alemã em torno do esforço de guerra que é paralelo à instalação do medo da derrota. Nesta altura, Kallis afirma que a máquina de propaganda de Goebbels deixa de deter o monopólio da verdade e existe a subversão de posições — o início da crença de uma vitória final, um último esforço para ganhar a guerra. Esta mudança reflete-se,

⁶⁰ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 127.

⁶¹ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 130.

concomitantemente na crescente perda de credibilidade da figura de Hitler como o único salvador da pátria alemã, por parte dos alemães. Na tentativa de recuperar a confiança da opinião pública e no seio do próprio partido, o historiador argumenta que culminou numa viragem profunda do perfil de Goebbels e do sistema de propaganda.

Furthermore, his [Joseph Goebbels] credibility as propaganda manager had suffered a series of blows in previous years that had seriously weakened his appeal to the public, giving rise to a series of jokes about his tendency to over-promise and miserably underdeliver. To make things worse, he was largely mistrusted or even loathed by powerful party factions⁶².

O último momento avançado pelo historiador britânico situa a propaganda alemã próximo ao fim do conflito e no momento em que é inevitável a capitulação alemã. Sob o título — «The Winding Road to Defeat: The Propaganda of Diversion and Negative Integration»⁶³ —, o autor afirma que o discurso alemão denuncia o terror dos ataques aliados e tenta desviar do conhecimento do público a inevitabilidade da derrota nas duas frentes, oriental e ocidental, através da narrativa dos esforços alemães em Itália. Aliás, a máquina alemã aposta, no último trimestre do conflito, num discurso que o historiador caracteriza como «negative integration» para a população alemã, isto é, à medida que Goebbels e os propagandistas tentam fazer uma propaganda instigadora da ansiedade entre a população alemã, a argumentação de Goebbels é desacreditada pelo sucessivo fracasso militar alemão.

Concluindo, o segundo conflito mundial implicou a canalização de um maior esforço propagandístico pelos nacionais-socialistas. A propaganda negativa teve como alvos os inimigos do III *Reich*, sendo característico um discurso de crítica ao comunismo (URSS) e às democracias parlamentares, nomeadamente a propaganda contra a Inglaterra apresentada como principal instigadora do conflito. A propaganda positiva, isto é, de valorização do lado alemão era divulgada nas áreas ocupadas do III *Reich* como a França, Polónia, e países neutrais, por exemplo. Consistia num discurso que heroizava o avanço do exército alemão na libertação dos alemães nos territórios ocupados e sublinhava a

⁶² KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 151.

⁶³ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 153.

colaboração dos alemães com os habitantes locais das regiões ocupadas, entre outras ideias características da propaganda alemã e que serão analisadas posteriormente.

Como já foi referido, no século XX produziu-se o desenvolvimento do fluxo da informação a uma dimensão contínua, bem como contribuiu para o aperfeiçoamento dos meios de comunicação, fator que permitiu à propaganda alemã atingir a grande massa da população, sobretudo através da rádio e do cinema. Os nazis foram capazes de adaptar e totalizar os meios de comunicação em prol da transmissão da sua propaganda, sabendo da eficácia que estes tinham como grande arma de propaganda. Sobre a utilidade dos meios de comunicação na propaganda alemã, Corella Torres expressa que «el control sobre los medios de comunicación era absoluto, esto permitía planear perfectamente las campañas propagandísticas, mediante la coordinación de los diferentes instrumentos»⁶⁴.

A propaganda nazi em Portugal assumiu uma estratégia que esteve ligeiramente ligada ao conceito de *Kulturpropaganda* definido por Wilhelm Giese em 1940 e que Cláudia Ninhos esclarece ser a «promoção de um Estado no estrangeiro através do reconhecimento e imitação das criações nacionais»⁶⁵. No entanto, Adolf Hitler rejeitou esta corrente de Wilhelm Giese no que toca à propaganda destinada ao estrangeiro e expressa no *Mein Kampf* um outro conceito que se sobrepõe ao de Giese — política cultural (*Kulturpolitik*). O regime nacional-socialista assentou a sua propaganda externa no desenvolvimento da política cultural tendo por «objetivo alcançar a liderança, a nível cultural, devendo promover a cooperação intelectual com as elites de outros países»⁶⁶.

Acerca da propaganda alemã no estrangeiro, Cláudia Ninhos afirma:

assentou na atividade de várias instituições (algumas herdadas da República de Weimar, às quais se juntaram outras que foram sendo criadas) e nos diplomatas que enviava para o estrangeiro. A estratégia passou pelo desenvolvimento de um turismo cultural, pela assinatura de acordos culturais, pelo envio de cientistas e académicos, pela promoção da língua alemã e dos estudos germanísticos ou pela organização de exposições. Outro dos instrumentos deste «imperialismo cultural»

⁶⁴ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 82.

⁶⁵ NINHOS, Cláudia — “Com luvas de veludo: A estratégia cultural alemã em Portugal (1933-1945)”, p. 105.

⁶⁶ NINHOS, Cláudia — “Com luvas de veludo: A estratégia cultural alemã em Portugal (1933-1945)”, p. 105-106.

foi a concessão de bolsas, até porque Hitler considerava ser «uma boa política» que os estudantes estrangeiros obtivessem diplomas nas universidades alemãs, pois seria uma forma de tornar estes indivíduos, «que passaram parte da sua juventude» na Alemanha, «amigos para a vida»⁶⁷.

É possível constatar que a propaganda alemã no estrangeiro foi direcionada às elites nacionais e Portugal não fugiu a esta regra. Através da leitura da mesma autora, a propaganda nacional-socialista poderá ter tido como objetivo uma aproximação ideológica entre os dois países, através da comunhão dos mesmos ideais autoritários, da mesma crença numa “Nova Ordem” e da concretização de uma “Revolução Nacional”⁶⁸. À propaganda alemã dirigida às elites estrangeiras interessava estimular uma aproximação que chega, durante a II Guerra Mundial, a verificar-se mesmo como «uma “colaboração neutral” entre os dois países, definição utilizada por Walter Lipgens, quando se refere aos grupos que, nos países neutros, colaboraram com os nazis, por “lealdade política”» à qual acrescenta Ninhos, «ideológica, cultural e científica»⁶⁹. Efetivamente, segundo esta autora, a propaganda alemã foi direcionada para a cultura e serviu-se igualmente dos interesses económicos que orbitavam em Portugal durante a II Guerra Mundial para estreitar ligações entre a Alemanha e Portugal. «A não-promoção da cultura era encarada como prejudicial em relação aos interesses económicos e comerciais»⁷⁰.

António Louçã⁷¹ é um dos historiadores que reflete a questão financeira das relações entre a Alemanha nazi e Portugal durante a II Guerra Mundial, bem como os interesses

⁶⁷ NINHOS, Cláudia — “Com luvas de veludo: A estratégia cultural alemã em Portugal (1933-1945)”, p. 106.

⁶⁸ A “Nova Ordem” consistia num amplo projeto, promovido principalmente pelo fascismo e pelo nacional-socialismo, de cariz político cultural, racial e económico no qual seria estabelecida uma nova ordem que terminasse com o “Velho Mundo”, que consistia na ordem liberal, capitalista e comunista à qual sobrepor-se-ia uma ordem nova de cariz antidemocrático, antiliberal, antimarxista. A conjuntura de desordens políticas, económicas e sociais do pós I Grande Mundial ditou a inércia e incapacidade de resposta das democracias ocidentais em solucionar problemas de tal dimensão. Nos anos 1930 verificou-se um período fértil de instalação dos nacionalismos totalitários antidemocráticos e anticomunistas que persuadiram as multidões a participarem na “Revolução Nacional” e na construção de uma “Nova Ordem” liderada por um chefe, uma figura de Estado capaz de pôr fim à desordem e ao “Velho Mundo”.

⁶⁹ NINHOS, Cláudia — “Com luvas de veludo: A estratégia cultural alemã em Portugal (1933-1945)”, p. 106.

⁷⁰ NINHOS, Cláudia — *Portugal e os Nazis. Histórias e segredos de uma aliança*, p. 19.

⁷¹ Ver as seguintes obras de LOUÇÃ, António: *Negócios com os Nazis. Ouro e outras pilhagens 1933-1945*. Lisboa: Fim de Século, 1997; *Hitler e Salazar. Comércio em tempos de guerra, 1940-1944*. Lisboa: Terramar, 2000; *Portugal visto pelos nazis: documentos 1933-1945*. Lisboa: Fim de Século, 2005.

comerciais que atuaram em solo português durante o conflito. O autor estudou a colaboração de Portugal com a economia de guerra alemã entre 1940 e 1944, o período durante o qual as relações económicas entre os dois países foram mais intensas. A obra lançada em 2005 pelo autor em apreço consiste numa seleção de documentos nazis sobre Portugal que foram também utilizados em investigações anteriores do historiador. É possível encontrar nessa obra os principais documentos da correspondência entre a Legação Alemã em Lisboa e o *Auswärtiges Amt* (Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão) mas também existem mensagens telegrafadas trocadas com o Ministério da Economia do *Reich* e correspondentes do Estado português.

Na verdade, a propaganda alemã seguiu dois caminhos em Portugal, através do meio diplomático com a tentativa de alcançar uma hegemonia política e ideológica, mas também por intermédio das instituições alemãs, algumas já existentes, outras criadas posteriormente, mas todas elas procurando tornar compreensível a mensagem do nacional-socialismo, os discursos, as ideias e os seus projetos no território português.

Algumas das instituições sediadas em Portugal que foram protagonistas em servir a propaganda alemã, segundo Cláudia Ninhos, são as seguintes: Instituto Alemão da Universidade de Coimbra (instalação de bibliotecas); Grémio Luso-Alemão (Centro Luso-Alemão); o Instituto para a Alta Cultura (concessionário das bolsas de estudo a cientistas e gente de cultura que colaborou com o nazismo); Instituto da Cultura Alemã de Lisboa e a Legação Alemã sediada na mesma cidade⁷². Alguns núcleos de nacionalis-sindicalistas existentes em Portugal defenderam uma maior colaboração com os “camisas azuis”, dirigidos por Rolão Preto, de modo a consolidar ainda mais o discurso alemão na sociedade portuguesa. É de referir igualmente que o NSDAP (Partido Nazi) era representado em Portugal, constituindo-se como um dos vários centros organizadores e promotores da propaganda alemã. Acerca de tal representação, Ninhos expressa que o Ministério dos Negócios Estrangeiros português tinha conhecimento do principal objetivo que regulava a representação do NSDAP em Portugal — «“proteger e orientar os alemães residentes no estrangeiro”, cabendo-lhe “a propaganda e o desenvolvimento do germanismo estrangeiro”»⁷³.

⁷² NINHOS, Cláudia — *Portugal e os Nazis. Histórias e segredos de uma aliança*, pp. 77-232.

⁷³ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemã (1933-1945)*, p. 56.

1.1 Imprensa portuguesa e alemã que em Portugal fizeram propaganda nazi

A imprensa e a propaganda publicadas em Portugal também estiveram ao serviço da promoção do ideário nazi, constituindo um dos seus principais meios de difusão. Na verdade, o governo e as instituições portuguesas estavam ao corrente das atividades da propaganda alemã, derivando desse facto os protestos feitos pela Embaixada inglesa ao governo português, no sentido de criticar a «atitude pouco neutral de Portugal em relação à Alemanha»⁷⁴.

António José Telo, em *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal*⁷⁵, recorre às fontes de informação do *Foreign Office* e às fontes de informação norte-americanas. O autor evidencia a «estrutura das organizações»⁷⁶ que atuavam em Portugal e a evolução do percurso da guerra secreta e da propaganda dos beligerantes, durante a II Guerra Mundial, refletindo como a propaganda alemã teve impacto no seio da sociedade portuguesa. Na opinião de Telo, no início do conflito, era sobretudo a propaganda alemã que atuava em Portugal, não passando pelos serviços da censura, «que não lhe prestam muita atenção»⁷⁷, sendo quantitativa e qualitativamente superior, a máquina alemã instalou centros de propaganda regionais à frente dos quais se encontravam funcionários permanentes, muitos deles representantes de firmas comerciais ou engenheiros de minas alemães. O autor considera, apesar de tudo, que desde o início da guerra os Aliados granjearam as simpatias dos mais importantes jornais portugueses mas, a censura obrigava, por intermédio do governo, a fomentar a publicação de notícias e fotografias facultadas pelas agências dos países do Eixo. Depois da queda da França, os países do Eixo protestam junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros contra a posição de certos jornais. À medida que a guerra vira a favor dos Aliados, diminui o número de jornais germanófilos e a própria censura reflete esta tendência. Este historiador demonstra como a propaganda alemã fez-se bem presente em Portugal através da imprensa. Berlim chegava a subsidiar publicações e edições nacionais, sendo constatável nos relatórios da

⁷⁴ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, p. 57.

⁷⁵ TELO, António José — *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal (1939-1945)*, 1990.

⁷⁶ TELO, António José — *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal (1939-1945)*, p. 9.

⁷⁷ TELO, António José — *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal (1939-1945)*, p.16.

PVDE que algumas tipografias e editoras trabalhavam exclusivamente para os alemães (Tipografia Astória, Editora ALMA, etc.).

Existiam periódicos que eram órgãos de propaganda alemã — a *Sinal/Signal*, revista alemã traduzida para português, distribuía cerca de 15 000 exemplares por volta de 1943⁷⁸, e a revista *Junges Europa/Jovem Europa* que consistia num folheto de publicação alemão, de periodicidade irregular dirigido à juventude, era também traduzido para português. Estas publicações alemãs evidenciavam nos diversos países em que eram publicadas as conquistas dos germânicos e os últimos acontecimentos no exterior.

Já a propaganda alemã que relatava os feitos acontecidos em Portugal, era também financiada quase na totalidade pela Alemanha. A principal publicação nacional financiada por alemães era *A Esfera*. Esta era uma revista diária portuguesa composta na Sociedade Astória e que tinha como diretor Félix Correia. Por volta de 1943 chega a atingir uma tiragem de 7000 exemplares⁷⁹.

Por fim, encontram-se os órgãos de propaganda nacional que recebiam apoio parcial da Alemanha, com destaque para o jornal do regime *Diário da Manhã*. Telo evidencia que a propaganda alemã em Portugal estava bem presente, visto que o número de folhetos e periódicos em circulação no território chamavam a atenção nos relatórios confidenciais da PVDE. É de referir que a restante propaganda alemã (livros, panfletos e filmes) vinha clandestinamente de Espanha através de redes de divulgação, cujo objetivo consistia em «fugir à censura central»⁸⁰. António José Telo acrescenta que a propaganda alemã alcançava um grande impacto nos meios portugueses mais ligados ao regime salazarista, de tal forma que no fim da Segunda Guerra Mundial esse apoio tornou-se um fator negativo para o Estado português⁸¹.

Relativamente à tendência germanófila dos serviços de censura portugueses e da própria PVDE já no segundo ano do conflito, António Telo formula o conceito de «batalha de bastidores»⁸² para descrever a guerra de interesses que envolveu a propaganda

⁷⁸ Ver TELO, António José — *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal (1939-1945)*, p. 35.

⁷⁹ TELO, António José — *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal (1939-1945)*, p. 35.

⁸⁰ BARROS, Júlia Leitão de — *Anglofilia e germanofilia em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*, p. 103.

⁸¹ TELO, António José — *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal (1939-1945)*, p. 49.

⁸² TELO, António José — *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal (1939-1945)*, p. 37.

inglesa (e dos Aliados) e a propaganda alemã (e do Eixo) na disputa pela hegemonia da sua mensagem no seio da opinião pública portuguesa.

Júlia Leitão de Barros é partidária da mesma opinião, desenvolvendo, inclusive, um estudo que aborda o fenómeno da germanofilia e anglofilia no território português durante o conflito. Para esta autora, os germanófilos concentravam-se em organismos do regime, como António Telo já tinha mencionado no seu livro *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal (1939-1945)*, e também se encontravam fora do regime, contabilizando apoios na figura de Rolão Preto e dos seus correligionários e, concomitantemente, «nos integralistas mais próximos do fascismo italiano»⁸³. Júlia Leitão de Barros identifica, por fim, algumas figuras ligadas ao setor da aristocracia portuguesa e da União Nacional, «que discretamente admiram e respeitam o Estado alemão, vendo a Inglaterra tingida ainda por tendências comunizantes»⁸⁴. Acerca destes dois grupos de germanófilos, dentro ou fora da esfera do regime estadonovista, a autora supõe que compõem o sustentáculo do patrocínio da ideologia nacional-socialista no território português, alimentando a máquina de propaganda alemã em Portugal. Segundo a autora, o sucesso da *Blitzkrieg* e a rendição da França à Alemanha, em 1940, marcaram o ponto de viragem de uma propaganda e influência com tendência anglófila para uma tendência germanófila. Inclusive, fez-se sentir tal evolução no seio dos organismos que tinham poder sobre a difusão ou a paralisação da propaganda dos beligerantes, para além dos organismos já mencionados. Entre 1940 e até fins de 1942, o Estado Novo era obrigado, em virtude dos avanços expansionistas nazis e da força militar do Eixo, ao «retraimento do regime face à propaganda inglesa»⁸⁵, tornando-se a propaganda alemã mais intervencionista, aumentando o número de agentes alemães em Portugal, mas existindo discretamente uma anglofilia que pode ser confirmada pelo número de publicações inglesas em jornais portugueses. Também é a partir de 1940 que a propaganda alemã se apetrecha com vários meios de difusão em Portugal: distribuição de jornais pró-alemães e panfletos nas

⁸³ BARROS, Júlia Leitão de — *Anglofilia e germanofilia em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*, p. 103.

⁸⁴ BARROS, Júlia Leitão de — *Anglofilia e germanofilia em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*, p. 99.

⁸⁵ BARROS, Júlia Leitão de — *Anglofilia e germanofilia em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*, p. 103.

universidades portuguesas, as transmissões das ondas de rádio⁸⁶ com canais de difusão da propaganda alemã e a chegada à Portugal de «quatrocentos aparelhos T.S.F vindos da Alemanha»⁸⁷.

Nelson Ribeiro investigou a importância da transmissão da rádio como um novo meio de propaganda durante a guerra, evidenciando a grande discussão em torno das diferentes estratégias aplicadas pela RRG (*Reichs Rundfunk Gesellschaft*) e a BBC (*British Broadcasting Corporation*) no que concerne à transmissão de notícias de guerra em Portugal e na forma como atuaram as emissões alemã e inglesa. Sobre a propaganda radiofônica em Portugal pelos beligerantes, Nelson Ribeiro esclarece que os alemães tinham conhecimento dos níveis elevados de analfabetismo em Portugal e essa elevada iliteracia «prevented the emergence of mass circulation press in Portugal. In fact, [...] the press never achieved mass circulation in Portugal which meant that during World War II radio was the main source for news»⁸⁸. Na verdade, este reforço da propaganda germânica em Portugal por via da rádio não deixou de ser notado pelos representantes ingleses e pelos enviados da diplomacia portuguesa existentes na Inglaterra. De facto, isto veio a culminar, como já António José Telo tinha verificado, numa verdadeira batalha pela opinião pública portuguesa.

Depois do verão de 1941, a hegemonia alemã na propaganda dos beligerantes, difundida em Portugal, está relacionada com a ‘Operação Barbarossa’. Com o início da campanha alemã na Rússia surge a «cruzada antibolchevista»⁸⁹, que mantém a política de neutralidade portuguesa com tendência germanófila, visto que Portugal e a Alemanha apresentavam dois regimes autoritários com doutrinas anticomunistas e nacionalistas. A semelhança entre os dois Estados veio a promover intensamente, no período da guerra germano-soviética, a germanofilia em Portugal, traçando uma ponte de ligação entre o

⁸⁶ As primeiras transmissões de rádio alemãs em Portugal efetuaram-se em 1936, no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim. Em 1937, os alemães encarregam-se da transmissão de um boletim de notícias atualizado em língua portuguesa. Ver RIBEIRO, Nelson — “A new medium at war: The importance of foreign radio reports in Portugal during World War II”. *Journal of War & Culture Studies*. 2012, vol. 5, nº 2, p. 222.

⁸⁷ BARROS, Júlia Leitão de — *Anglofilia e germanofilia em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*, p. 103.

⁸⁸ RIBEIRO, Nelson — *A new medium at war: The importance of foreign radio reports in Portugal during World War II*, p. 220.

⁸⁹ BARROS, Júlia Leitão de — *Anglofilia e germanofilia em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*, p. 113.

aumento dos interesses alemães e os princípios da doutrina do Estado Novo⁹⁰. Ambos os regimes assumiam-se contra o comunismo e, por isso, não pouparam a temática do aniquilamento deste e da construção da Nova Ordem e de uma Nova Europa sem o comunismo, na sua propaganda⁹¹.

No entanto, o Estado Novo não desistiu de cooperar com um «*anglofilismo discreto*»⁹², fruto da continuação das relações luso-britânicas, nomeadamente referentes ao «duro contencioso económico em curso»⁹³, que o governo português manteve cordialmente. Júlia Leitão de Barros expressa que o período que altera a tendência germanófila na política de neutralidade de Salazar ocorreu por finais de 1942 e início de 1943, ou seja, o momento em que a guerra dá os primeiros sinais de viragem a favor dos Aliados e são colocadas as primeiras dúvidas quanto à vitória alemã.

No campo da propaganda, de 1943 até 1945, os alemães vão perdendo paulatinamente o terreno e inclusive começam a cessar os fundos de jornais portugueses subsidiados pelos nazis. Além de que, com o avizinhar da vitória aliada na guerra, seria importante para Salazar demarcar-se dos regimes totalitários fascista e nazi, de modo a preparar a sua política interna e externa no tocante à sobrevivência do regime no pós-guerra⁹⁴. Constata-se assim, que o Estado Novo fomenta intensamente uma remodelação do seu governo, nomeando figuras políticas com capacidade de instaurar a «paz social»⁹⁵ em Portugal depois da guerra.

⁹⁰ BARROS, Júlia Leitão de — *Anglofilia e germanofilia em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*, p. 114.

⁹¹ BARROS, Júlia Leitão de — *Anglofilia e germanofilia em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*, p. 120.

⁹² BARROS, Júlia Leitão de — *Anglofilia e germanofilia em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*, p. 110.

⁹³ BARROS, Júlia Leitão de — *Anglofilia e germanofilia em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*, p. 110.

⁹⁴ BARROS, Júlia Leitão de — *Anglofilia e germanofilia em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*, p. 132.

⁹⁵ BARROS, Júlia Leitão de — *Anglofilia e germanofilia em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*, p. 134.

1.2. O fenómeno da germanofilia em Portugal e o papel da Universidade na propaganda alemã

Cláudia Ninhos aborda na sua dissertação de Mestrado⁹⁶ o tema das relações luso-alemãs, observando, sobretudo a instrumentalização da cultura e a sua utilização pela propaganda como meio de aproximação entre Portugal e a Alemanha. Aliás, a abordagem realizada pela autora utiliza como fonte a revista *Junges Europa* para descortinar a mensagem transmitida pela propaganda alemã em Portugal. Ninhos relembra também a importância que a cultura teve na divulgação da palavra dos alemães e, para isso, recorre à análise da imprensa periódica (*Diário da Manhã*, *O Século*, *A Esfera*, etc.) mas pesquisa também fontes arquivísticas. Um dos primeiros objetivos do seu estudo é traçar em linhas gerais o intercâmbio estabelecido entre os dois países a nível institucional e académico. Questiona quem são os germanófilos, o que eles escrevem e em que meios circulam os seus escritos e, por fim, como se processam as relações luso-alemãs a nível cultural e político. Para tal, procede a um levantamento e análise das instituições alemãs existentes em Portugal e tenta comprovar como o seu papel foi promotor de uma aproximação entre os dois regimes.

Em todo este processo de aproximação e de penetração da propaganda alemã, a atividade desempenhada pelas instituições culturais e pelos seus representantes revelar-se-ia determinante, mostrando-se extremamente ativas na divulgação da cultura alemã e da ideologia nazi, sobretudo depois de o Barão Von Hoyningen-Huene assumir a chefia da Legação Alemã⁹⁷.

A revista *Jovem Europa* é pois o objeto do estudo de Cláudia Ninhos. A autora esclarece que Siegfried Graf zu Dohna foi o redator principal da edição portuguesa, sendo ele representante do Intercâmbio Cultural Académico em Portugal e que esteve também em Portugal como bolseiro no Instituto para a Alta Cultura⁹⁸. Alguns dos nomes que redigiram os artigos destacam-se os seguintes: Alfredo Pimenta, Cordeiro Ramos, e até

⁹⁶ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, p. 57.

⁹⁷ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, p. 9.

⁹⁸ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, p. 66.

excertos de textos de Oliveira Salazar ou de Oliveira Martins, que estão incluídos não apenas na edição portuguesa mas também nas edições internacionais⁹⁹. Na sua dissertação a autora partiu para a observação da própria estrutura da propaganda alemã, procurando descodificar a posição do governo português, apesar da sua posição de neutralidade, e como foi feita a sua receção pela elite-cultural do país. Por fim, a autora adianta que a «propaganda alemã seguiu, essencialmente, duas estratégias: 1- uma intensa propaganda com intuitos culturais; 2- um intenso intercâmbio entre as organizações de ambos os países»¹⁰⁰.

Partindo deste pressuposto que a promoção da ciência e da cultura alemãs foi um elemento essencial para alcançar uma hegemonia política e ideológica no estrangeiro, o artigo¹⁰¹ publicado posteriormente pela autora acaba por analisar as principais iniciativas organizadas pelas instituições nazis em Portugal, com destaque para o relacionamento destas com a Junta de Educação Nacional/Instituto de Alta Cultura. Nesse texto a autora questiona se tal estratégia contribuiu para o surgimento de uma rede intelectual e científica entre Portugal e a Alemanha, abordando também a política alemã no estrangeiro e os seus principais vetores, pronunciando-se acerca da penetração da propaganda alemã em Portugal o seguinte — «Com o objetivo de intensificar as relações entre os dois países, a Alemanha fez chegar ao Governo português, tal como fez com outros países europeus, uma proposta de acordo cultural»¹⁰² e «que a ciência e a cultura foram o meio por excelência para exportar a influência alemã e a ideologia nazi»¹⁰³.

Segundo Ninhos, a proposta de acordo intelectual e cultural que a Alemanha nacional-socialista pretendia assinar com Portugal prometia um conjunto de medidas que tinham em vista a defesa da cultura e da ciência, que consideravam ameaçadas pelo bolchevismo. Ao assinar o acordo, Portugal passava a integrar o rol de países que, a este

⁹⁹ Acerca dos autores dos artigos da revista *Jovem Europa*, ver NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, pp. 176-180.

¹⁰⁰ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, pp. 120-121.

¹⁰¹ NINHOS, Cláudia — “Com luvas de veludo: A estratégia cultural alemã em Portugal (1933-1945)”, pp. 103-118.

¹⁰² NINHOS, Cláudia — “Com luvas de veludo: A estratégia cultural alemã em Portugal (1933-1945)”, p. 108.

¹⁰³ NINHOS, Cláudia — “Com luvas de veludo: A estratégia cultural alemã em Portugal (1933-1945)”, p. 110.

nível, gravitavam oficialmente em torno da Alemanha o que, obviamente, não iria agradar à Inglaterra. Na estratégia de manter, a todo o custo, a neutralidade face às pressões constantes, o acordo implicava oscilar, demasiado, para um dos campos. As iniciativas apresentadas são sempre colocadas num âmbito espiritual e cultural, construídas de forma a que as medidas que o *Reich* propunha tomar estivessem equilibradas com as que se exigiam a Portugal. No artigo, a autora comprova ainda que é dado grande destaque ao intercâmbio académico e ao aprofundamento das relações mantidas entre o meio universitário e os institutos, dando a conhecer a cultura nacional de cada um dos Estados. No entanto, não se restringia a este universo, procurando alargar ainda mais a cooperação no domínio da música, do teatro, do cinema e da rádio.

Nesta estratégia nazi de propaganda em Portugal que temos vindo a constatar até agora, devemos esclarecer como se instalou o fenómeno da germanofilia em Portugal que veio a contar com diversos apoiantes, nomeadamente na esfera do ensino superior. Verificou-se um intenso intercâmbio entre os dois regimes, sobretudo entre as organizações paramilitares portuguesas (Mocidade Portuguesa e Legião Portuguesa) e alemãs, mas sobretudo existe um núcleo na Universidade que é promotor de uma relação intensa com afinidades culturais e se dispõe ao intercâmbio entre os dois países¹⁰⁴. É de salientar que a cultura e a Universidade funcionaram como veículos da propaganda nacional-socialista.

Alguns homens do regime do Estado Novo e alguns intelectuais não se coibiram de apoiar e de se entusiasmar fervorosamente face à ascensão do nacional-socialismo. Como refere Luís Reis Torgal:

Esse nacionalismo de características e origens diversas era sentido sobretudo por militares, por jornalistas, mas também por professores e outros intelectuais. Em alguns é evidente a simpatia pelo regime nazi ou, pelo menos, por alguns dos seus valores culturais e políticos¹⁰⁵.

¹⁰⁴ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, p. 29.

¹⁰⁵ TORGAL, Luís Reis — *Estado Novo, Europa e Atlântico*, vol. 1, pp. 507-508.

Ao longo desta discussão em torno dos eixos da propaganda alemã em Portugal, verifica-se que diversos canais e meios de divulgação (as transmissões de rádio, a imprensa, o relacionamento cultural e os meios culturais e académicos) foram utilizados em prol da difusão da mensagem alemã. Alguma desta, nomeadamente a que dependia das relações culturais, estava relacionada com o trabalho de divulgação que algumas instituições reservadas à cultura e ao ensino em Portugal lhe dedicaram, no entanto, não foi a única origem da propaganda alemã em Portugal.

Este tipo de relação intelectualizada entre os dois países constituiu um importante centro de espírito germanófilo que foi difundido no meio universitário¹⁰⁶. No Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, bem como na Faculdade de Direito e Faculdade de Ciências desta universidade, existiram personalidades com simpatias pró-alemãs que confessaram a sua germanofilia, à semelhança do que sucedeu noutras escolas do ensino superior em Lisboa e no Instituto para a Alta Cultura. Estas escolas imprimiram uma forte dinâmica para o planeamento de intercâmbios culturais entre os dois países, tendo em vista uma aproximação político-ideológica, visto que os alemães apostaram na proximidade à elite portuguesa porque acreditavam que este tipo de relação cultural, se fosse bem explorada, contribuiria para a adesão à doutrina nacional-socialista. Esta tentativa de persuasão ideológica através da cultura seria essencial para os alemães no sentido de alcançarem simpatias que colocassem em risco a decisão política de neutralidade do Estado Novo e granjeasse para o governo nazi mais um aliado.

Em Coimbra, os alemães encontraram um espaço para a difusão da sua propaganda e para o estabelecimento de relações com a elite portuguesa, sendo apontada por António José Telo como a cidade onde a propaganda alemã era «especialmente forte, em particular nos meios universitários. Os seus apoios eram os estudantes, alguns professores, núcleos de nacional-sindicalistas, oficiais, técnicos e profissões liberais»¹⁰⁷.

Alguns desses indivíduos representaram o contacto académico entre a Alemanha e Portugal. Alguns nomes como Cordeiro Ramos, Eusébio Tamagnini, Luís Cabral de

¹⁰⁶ Sobre a construção da relação cultural entre a Alemanha e Portugal, ver NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, pp. 33-37.

¹⁰⁷ TELLO, António José — *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal (1939-1945)*, p. 31.

Moncada, Beleza dos Santos, Carlos Moreira e outros foram responsáveis pela promoção e aproximação cultural entre os dois países.

Para além de ter sido Ministro no Estado Novo, Gustavo Cordeiro Ramos foi filólogo e professor especialista em literatura alemã, disciplina de que foi professor catedrático na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi Ministro da Instrução Pública em três governos da Ditadura Militar e nos três primeiros meses do Estado Novo, e presidente do Instituto para a Alta Cultura entre 1942 e 1964. Frequentara a Universidade de Leipzig, sendo também senador honorário da Universidade de Colónia e sócio correspondente da Academia das Ciências de Schiller. Depois de deixar a pasta da Instrução, Gustavo Cordeiro Ramos continuou a colaborar com o regime e prefaciou uma antologia de Salazar em alemão, na qual Joseph Goebbels foi responsável por uma nota introdutória.

Eusébio Tamagni fez parte do movimento nacional-sindicalista. Tanto ele como Luís Cabral de Moncada foram membros do Grande Conselho Nacional-Sindicalista, cujo grupo mais importante era constituído por professores da Universidade de Coimbra. Tamagnini foi professor catedrático e diretor do Instituto de Antropologia da mesma universidade. Sob a sua iniciativa realizou-se, em 1932, em Coimbra, uma reunião com vista à criação da Sociedade Portuguesa de Estudos Eugénicos. Esta acabaria por ser criada em 1937, tendo estado presente o diretor do Instituto de Antropologia Kaiser Wilhelm de Berlim. Eusébio Tamagnini acabaria também por integrar a elite ministerial, sucedendo a Gustavo Cordeiro Ramos na pasta da Instrução (23.10.1934-18.1.1936), à frente da qual teve contactos com o chefe da Legação Alemã.

Luís Cabral de Moncada foi vice-presidente do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, professor e investigador na área da Filosofia e da História do Direito, juiz no Tribunal Internacional do Sarre (no âmbito da Sociedade das Nações), sendo a favor da ocupação alemã daquela região e igualmente com contactos com o chefe da Legação Alemã em Portugal — o barão Von Hoyningen-Huene. Participou ainda num congresso em Berlim, com mais três colegas (Beleza dos Santos, Carlos Moreira e Cavaleiro Ferreira), também eles com «fama de germanófilos». No seguimento de um convite endereçado pelo chefe da Legação Alemã, participou num jantar com Hans Frank (um dos homens do círculo mais próximo de Hitler, depois julgado em Nuremberga e

executado). Foi doutor *honoris causa* pela Universidade de Heidelberg na mesma altura em que ele e Cordeiro Ramos jantaram com Joseph Goebbels¹⁰⁸.

Devemos desde já salientar que a propaganda que circulou no meio universitário conimbricense consistiu na «propaganda canalizada mais discretamente pelos organismos culturais, como os Institutos Alemães e Italianos existentes nas Faculdades de Letras, [onde] pelo menos no caso de Coimbra, se instalaram bibliotecas»¹⁰⁹.

Segundo Luís Reis Torgal, é possível constatar que o caso de Coimbra é importante na medida em que a germanofilia foi um fenómeno conexo à divulgação do discurso do nacional-socialismo e contribuiu para que de um «germanismo»¹¹⁰ se evoluísse para uma «germanofilia», que foi cúmplice nos planos de relação cultural e intelectual que a Alemanha nazi tinha em vista alcançar no seio dos intelectuais portugueses, no sentido de uma promoção política.

Por meio do Instituto para a Alta Cultura foram vários os portugueses que tiveram a oportunidade de estudar na Alemanha, onde puderam assistir ao percurso do nacional-socialismo alemão. A Universidade foi um dos principais veículos utilizados pela Alemanha nazi, um meio ao qual a propaganda deu uma atenção acrescida. Chegaram até a ser escolhidos professores da Universidade de Coimbra para visitarem a Alemanha ou individualidades alemãs para visitarem Coimbra. Eugen Fischer, responsável pelas teorias científicas sobre eugenia, membro do NSDAP e nomeado por Hitler reitor da Universidade de Berlim logo em 1933, foi doutor *honoris causa* por Coimbra.

Para além das visitas promovidas pelo IAC (Instituto para a Alta Cultura), a instalação de bibliotecas nos institutos de línguas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, nomeadamente a do Instituto Alemão, demonstra a amplitude do campo de ação da propaganda nazi em Portugal que se estende em especial na Universidade, expressando-se com a publicação de periódicos como o célebre caso do *Boletim do Instituto Alemão* da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O ensino da língua e da cultura alemãs nessa faculdade era assegurado por Carolina Michaëlis e, depois, por Ferrand Pimentel de Almeida e João da Providência Sousa e Costa, mas também por

¹⁰⁸ Ver mais sobre estes indivíduos em TORGAL, Luís Reis — *Estado Novo, Europa e Atlântico*, vol. 1, pp. 512-522.

¹⁰⁹ TORGAL, Luís Reis — *Estado Novo, Europa e Atlântico*, vol. 1, p. 515.

¹¹⁰ TORGAL, Luís Reis — *Estado Novo, Europa e Atlântico*, vol. 1, p. 523.

alemães, como Albin Eduard Beau, que era membro do Partido Nazi. João da Providência Sousa e Costa havia estudado em Berlim, o que explica, em grande parte, o seu interesse pela cultura e vida alemãs, chegando mesmo a estar à frente do Instituto Alemão.

Segundo Reis Torgal, o *Boletim do Instituto Alemão* não teve periodicidade, contudo publicou textos que abordavam temas alemães e portugueses influenciados pela doutrina do nacional-socialismo (ciência e Universidade, a objetividade na ciência, entre outros) e, sobretudo, os artigos redigidos para o *Boletim do Instituto Alemão* afirmavam com toda a «clareza as tendências político-culturais nazis»¹¹¹. Na Universidade de Coimbra era comum entregar-se muitos panfletos de propaganda. A experiência científica e cultural vivida na Alemanha conduzia, muitas vezes, a uma simpatia política por parte desta elite universitária germanista e germanófila.

Reis Torgal explica esta simpatia pelo nazismo, por parte de alguns intelectuais portugueses, como sendo uma consequência da influência da cultura germânica em Portugal, intensificada no século XIX português e que se fez sentir em vários domínios — Literatura, História, Filosofia, Sociologia, Antropologia e Direito —, moldando o perfil de intelectuais diferenciados, como por exemplo Alexandre Herculano, Antero de Quental, Oliveira Martins, Teófilo Braga e José de Vasconcelos¹¹².

Após esta breve síntese sobre a germanofilia no meio universitário, é possível avançar para a ideia de que o grupo de germanófilos existentes em Portugal poderá ter constituído o público de eleição a que a propaganda alemã, com textos de nível intelectual elevado, se dirigia em especial.

1.3. SILA — um organismo de propaganda da Legação da Alemanha

A Legação Alemã sediada em Lisboa vocacionou os seus serviços para a promoção político-ideológica do nacional-socialismo em Portugal.

O Serviço de Informação da Legação da Alemanha — SILA — foi um organismo com serviços de propaganda alemães tutelado pela Embaixada alemã em Lisboa. Esta foi um centro localizado que atuou intensamente em Portugal como a entidade que organizou e difundiu a maior parte da propaganda germânica no solo português.

¹¹¹ TORGAL, Luís Reis — *Estado Novo, Europa e Atlântico*, vol. 1, p. 526.

¹¹² TORGAL, Luís Reis — *Estado Novo, Europa e Atlântico*, vol. 1, p. 523.

Podemos refletir nos propósitos desta propaganda vinda da embaixada. Quando relembramos que Portugal definiu a sua posição de neutralidade no início do conflito, podemos perceber que era importante para os alemães convencer os países neutrais, a um nível quase semelhante ao que fizeram com os seus próprios aliados e depois com os países ocupados. Este objetivo da propaganda e diplomacia alemãs definiram, muito provavelmente, as linhas de ação do SILA, que viram no chefe da Legação Alemã o seu fiel executor. Assim, a legação pretendia alcançar grande amizade e simpatia entre Portugal e Alemanha, conhecendo as sensibilidades da opinião pública portuguesa e sabendo utilizá-las em seu proveito. Como diz António José Telo, «a propaganda alemã não perdia oportunidade de realçar as semelhanças das instituições do Estado Novo e do regime nazi»¹¹³ e a Legação da Alemanha continuou a manter, mesmo após o início do conflito, estreitas relações com diversas personalidades e inclusive planeou projetos de trabalho cultural com as instituições germanófilas em Portugal. Como se viu, o Instituto Alemão da Universidade de Coimbra foi um importante foco da atuação da diplomacia alemã.

A principal função do SILA em Portugal era seguir uma vertente editorial que publicasse e divulgasse a informação consoante os preceitos propagandísticos que a Legação Alemã recebia do Ministério dos Negócios Estrangeiros do *Reich*, através da correspondência de relatórios que eram essenciais «para que aquele ministério pudesse planificar a sua política cultural e delinear, em parceria com as representações diplomáticas alemãs, a estratégia [de propaganda] a seguir»¹¹⁴.

O público destinatário dos textos de propaganda cultural e política, publicados pelo SILA, está ligado ao facto de o controlo da propaganda alemã em Portugal estar nas mãos da Legação Alemã, no que diz respeito à decisão de estratégia propagandística. Isto é, a propaganda alemã em Portugal obedecia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão. Se o público-alvo do Ministério de Propaganda alemão eram as massas, em Portugal este não podia ser o público-alvo, visado já, que cerca de metade da população portuguesa era analfabeta, e grande parte com baixos níveis culturais e, por isso, pouco conhecedora dos assuntos políticos e, sobretudo, insuscetível de ser doutrinação por meios

¹¹³ TELO, António José — *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal (1939-1945)*, pp. 138-144.

¹¹⁴ NINHOS, Cláudia — *Portugal e os Nazis. Histórias e segredos de uma aliança*, p. 208.

escritos. Sendo assim, os veículos de divulgação de propaganda em Portugal foram delineados pela diplomacia e pelas ordens do Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão de modo a produzir uma política de colaboração entre os espaços de cultura e intelectualidade. Estes locais, nomeadamente universidades e centros de cultura e investigação, constituíam pólos em que dominavam assuntos eruditos e que, talvez, pudessem influenciar e tomar posições de poder, no sentido de inverter a situação de neutralidade portuguesa, posicionando Portugal como um dos aliados da Alemanha. O principal objetivo da diplomacia alemã em Portugal era situar ambos os regimes num mesmo bloco político (anticomunista, antidemocrático), tal seria complementado com as instituições culturais e de ensino que estariam prontas para promover a cultura alemã¹¹⁵.

Em Portugal, o SILA realizou publicações de carácter político e propagandístico. Cláudia Ninhos identificou numa lista de «Livros/brochuras de propaganda e outros textos alemães»¹¹⁶, quatro publicações não periódicas, das quais apenas uma é assinada¹¹⁷ e uma publicação com periodicidade semanal¹¹⁸.

No decurso desta investigação acedeu-se na Biblioteca Pública Municipal do Porto a outras publicações não periódicas. Estas consistem em dezassete discursos de Adolf Hitler, todos traduzidos em português, entre os quais dez¹¹⁹ são publicados pelo SILA em

¹¹⁵ Sobre as diretivas do Ministério de Negócios Estrangeiros alemão em Portugal e a respetiva Legação Alemã, ver NINHOS, Cláudia — *Portugal e os Nazis. Histórias e segredos de uma aliança*, pp. 207-215.

¹¹⁶ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, pp. 136-139.

¹¹⁷ As publicações não periódicas editadas pelo SILA, segundo a Cláudia Ninhos: ALBUQUERQUE, Afonso de — *Acuso a Inglaterra*. Lisboa: Serviço de Informação da Legação da Alemanha, 1941; *Comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich acerca da traição de Vítor Manuel e do Marechal Badoglio*. Lisboa: Serviço de Informação da Legação da Alemanha, 1943; *Documentos polacos para a história dos antecedentes da guerra: primeira série*. Lisboa: Serviço de Informação da Legação da Alemanha, 1940; *O golpe da Inglaterra contra a Noruega: extrato do IV Livro Branco Oficial Alemão*. Lisboa: Serviço de Informação da Legação da Alemanha, 1940.

¹¹⁸ *Boletim Semanal*. Lisboa: Serviço de Informação da Legação da Alemanha, 1942-1943.

¹¹⁹ Acedeu-se na Biblioteca Pública Municipal do Porto aos seguintes discursos de Hitler, editados pelo SILA: *O mundo será libertado!/: discurso do Führer, pronunciado em 4 de Setembro de 1940, no ato da inauguração da Obra de Socorro de Inverno 1940-41*. Lisboa: SILA, 1940; *O último apelo ao Bom Senso: discurso pronunciado pelo Führer-Chanceler Adolf Hitler, no Reichstag Alemão, em 19 de Julho de 1940*. Lisboa: SILA, 1940; *A maior luta da História! — discurso de A. Hitler pronunciado na abertura da campanha de Auxílio no Inverno durante a guerra, em 3 de Outubro de 1941*. Lisboa: SILA, 1941; *Discurso de A. Hitler pronunciado em Berlim no 8º aniversário da Revolução nacional-socialista: em 30 de Janeiro de 1941*. Lisboa: SILA, 1941; *Discurso do Führer: proferido em Munique em 24 de Fevereiro de 1941*. Lisboa: SILA, 1941; *Os Balcãs em chamas: discurso de A. Hitler pronunciado perante o Reichstag Alemão em 4 de Maio de 1941*. Lisboa: SILA, 1941; *A culpabilidade de guerra de Franklin D. Roosevelt: discurso pronunciado pelo Führer A. Hitler, perante o Reichstag alemão em 11 de Dezembro de 1941*. Lisboa: SILA, 1941; *Discurso do Führer perante o Reichstag Alemão em 26 de Abril de 1942*. Lisboa: SILA, 1942;

Portugal, cinco¹²⁰ não apresentam local de edição e dois foram editados na Alemanha (Casa Editora M. Muller & Sohn, em Berlim)¹²¹. A sua cronologia de publicação estende-se desde 1935 até 1943. Por outro lado, na Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto foram localizadas cinco publicações não periódicas, editadas pelo SILA, entre as quais três são assinadas¹²².

Relativamente a publicações periódicas foram localizadas duas — *Boletim Político* (BP) e o *Boletim Semanal* (BS). Ambos publicados pelo SILA, em Lisboa, e sobre os quais há escassa alusão na bibliografia consultada.

Acerca dos boletins periódicos que constituem as fontes de informação deste trabalho, Luís Reis Torgal cita um deles — «o Serviço de Informação da Legação Alemã em Lisboa emitia um Boletim Político que enviava regularmente a várias personalidades»¹²³. Curioso é conhecer que este *Boletim Político* era enviado e lido por homens do regime do Estado Novo como Norton de Matos que, certamente, procurava estar a par da situação internacional. O outro boletim que constitui a segunda fonte de informação é o *Boletim Semanal*. O conteúdo de cada publicação é extremamente interessante, dado o seu teor propagandístico. As duas fontes de informação traduzem evidentemente o discurso característico e próprio da diretiva da máquina de propaganda

Discurso de Adolf Hitler proferido por ocasião da abertura da obra de socorro de Inverno na guerra 1942-1943. Lisboa: SILA, 1942; *Discurso de Adolf Hitler dirigido ao povo alemão em 10 de Setembro de 1943.* Lisboa: SILA, 1943.

¹²⁰ Acedeu-se na Biblioteca Pública Municipal do Porto aos seguintes discursos de Hitler sem local de edição: *Discurso do Führer e Chanceler do Reich Adolf Hitler em Dantzig em 13 de Setembro de 1939.* s/l, 1939; *Discurso proferido pelo Führer no Reichstag em 6 de Outubro de 1939.* s/l, 1939; *Discurso de A. Hitler em Munique em 24 de Fevereiro de 1940, por ocasião do 20º aniversário da fundação do Partido Nacional-Socialista.* s/l, 1940; *Discurso do Führer-Chanceler do Reich proferido no Palácio dos Desportos, de Berlim, em 30 de Janeiro de 1940.* s/l, 1940; *O discurso do Führer no Palácio dos Desportos em Berlim no dia 30 de Janeiro de 1940.* s/l, 1940.

¹²¹ Acedeu-se na Biblioteca Pública Municipal do Porto aos seguintes discursos de Hitler, editados na Alemanha: *Discurso pronunciado pelo Führer e Chanceler A. Hitler no dia 21 de Maio de 1935 perante o Reichstag Alemão.* Berlim: Casa Editora M. Muller & Sohn, 1935; *Discurso proferido pelo Führer e Chanceler Adolf Hitler perante o Reichstag em 7 de Março de 1936.* Berlim: Casa Editora M. Müller & Sohn, 1936.

¹²² Acedeu-se na Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto às seguintes publicações não periódicas: GRAL, Ferdinand — *As guerras da Inglaterra: a história das guerras inglesas nos cinco continentes.* Lisboa: Serviço de Informação da Legação da Alemanha, 1941; *A Inglaterra anexa: conquistas britânicas nas cinco partes do mundo.* Lisboa: Serviço de Informação da Legação da Alemanha, 1941; BEBBER, Van — *A verdade sobre as relações entre Portugal e a Alemanha: resposta à “Tragédia Nacional” de José d’ Arruela.* Lisboa: Serviço de Informação da Legação da Alemanha, 1942. As publicações que não têm autor: *Documentos acerca do Conflito com a Jugoslávia e a Grécia.* Berlim: Serviço de Informação da Legação da Alemanha, 1941; *Documentário sobre o alastramento da guerra nos Balcãs.* Lisboa: Serviço de Informação da Legação da Alemanha, 1941.

¹²³ TORGAL, Luís Reis — *Estado Novo, Europa e Atlântico*, vol. 1, p. 515.

encetada pelos nazis no território português. A publicação e a autoria destes textos encontram-se subordinadas à responsabilidade do Serviço de Informação da Legação da Alemanha em Portugal. Tratando-se de documentação com a autenticação diplomática, ou seja, uma documentação ao encargo de uma representação diplomática, podemos aquilatar a sua importância porque traduz as traves mestras da política de propaganda nazi a nível externo e espelha a forma como a ação desenvolvida por legações diplomáticas na divulgação da mensagem se foi realizando.

1.3.1. O *Boletim Político*

O *Boletim Político*, publicado pelo SILA, consiste num diário com seis edições semanais, pois não sai ao domingo. Cada número é composto por duas folhas de tamanho aproximadamente A4, num total de duas/três páginas. A edição é constituída por cabeçalho impresso e o corpo de texto datilografados, sendo de seguida reproduzidos para distribuição. O acervo estudado começa em 4 de janeiro de 1943, com o número 266, enquanto a última edição é de 30 de dezembro, com o número 566. Inclui ainda um boletim que não está numerado, que se intitula *Boletim Especial* e data 6 de maio.

1.3.2. O *Boletim Semanal*

O *Boletim Semanal*, igualmente da responsabilidade do SILA, é como o próprio nome indica, uma publicação hebdomadária, saindo quase invariavelmente ao sábado. Cada edição apresenta o cabeçalho impresso e o corpo de texto datilografado, em duas folhas de tamanho aproximadamente A4, num total de quatro páginas. A data de publicação do acervo estudado é de 1943, tendo sido compulsados para esse ano 43 boletins semanais. É uma publicação sem numeração, apenas identificada pela data que ostenta na primeira página, datas essas balizadas entre 16 de janeiro e 25 de dezembro de 1943.

2. A guerra no ano de 1943: a “alteração do equilíbrio de forças”

Neste capítulo pretende-se fazer uma contextualização dos acontecimentos ao longo de 1943, ano sobre o qual incide este trabalho, e aquele em que se regista uma alteração do equilíbrio de forças a nível estratégico-militar. Após uma fase inicial de evidente supremacia do Eixo, é interessante cotejar esses eventos mais relevantes com as fontes em apreço, isto é, verificar de que forma a propaganda germânica do *Boletim Político* e do *Boletim Semanal* divulgava ou comentava tais sucedimentos da guerra em curso, na sua esmagadora maioria redundando em fracassos do Eixo.

Duas obras extensas e de carácter geral sobre a II Guerra Mundial servem de suporte a este capítulo: *A Segunda Guerra Mundial*¹²⁴ por Martin Gilbert e *II Guerra Mundial*¹²⁵ da autoria de três historiadores. Esta segunda obra faz uma apresentação dos diversos contextos em que o conflito se desenvolveu, explicando as suas causas e consequências, através de uma leitura sempre aliada a gráficos, mapas, linhas do tempo e imagens.

Ambas as obras concordam que ao longo de 1943 se verificaram os primeiros sinais da viragem do xadrez de guerra a favor dos Aliados, em virtude da perda da surpresa de ataque por parte do Eixo. O ímpeto de vitórias patenteado pelo Eixo até meados de 1942 «começava a decrescer à medida que a iniciativa passava para as mãos dos Aliados em três frentes — União Soviética, o Norte de África e o Atlântico. No Pacífico, a ofensiva japonesa foi controlada, e depois definitivamente derrotada em Guadalcanal, nas ilhas Salomão»¹²⁶.

A alteração que ocorreu no equilíbrio de forças do conflito está interligada com os principais acontecimentos político-militares desencadeados em 1943. É num contexto de vitórias sucessivas alcançadas pelos Aliados no final de 1942, que os Quatro Grandes (Grã-Bretanha, EUA, URSS e China) determinam que é necessário definir uma estratégia comum entre si. Para dar resposta a esta resolução, os líderes das potências aliadas

¹²⁴ GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, 2015, vol. 4 e 5.

¹²⁵ MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H. P. — *II Guerra Mundial*. Porto: Livraria Civilização Editores, 2009.

¹²⁶ MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H. P. — *II Guerra Mundial*, p. 143.

reuniram-se com maior frequência, realizando em 1943 quatro conferências que se estenderiam até ao final do ano e tiveram lugar em territórios distintos do globo.

A primeira conferência foi marcada para Casablanca, entre os dias 13 e 24 de janeiro, reunindo o Primeiro-Ministro Winston Churchill e o Presidente Franklin Roosevelt para tomarem várias decisões, entre as quais, a invasão aliada da Sicília, para aliviar a pressão alemã exercida sobre os soviéticos na frente leste. Outra das decisões tomadas foi o início da campanha de bombardeamento às cidades alemãs e o reforço das tropas norte-americanas na guerra¹²⁷.

A Conferência de Quebeque reuniu novamente os líderes dos EUA e da Grã-Bretanha, entre os dias 17 e 24 de agosto. O seu objetivo consistiu na resolução dos planos do desembarque aliado no norte de França (Dia D) e, doravante, permitir o estabelecimento de um ponto de arranque para outras operações militares aliadas. Também, decidiu os termos da rendição incondicional italiana e certificou que a Alemanha tinha de ser derrotada antes do Japão¹²⁸.

A terceira conferência a destacar aconteceu em Moscovo. Durou quase um mês e reuniu os três Ministros dos Negócios Estrangeiros dos principais países aliados: Cordell Hull (EUA), Anthony Eden (Grã-Bretanha) e Viatcheslav Molotov (soviético). Ficaria decidido nesta reunião que nenhum dos países entabularia conversações de paz separadas com a Alemanha, e chegou-se a um acordo acerca do montante do auxílio a prestar pelos EUA à União Soviética nos meses seguintes¹²⁹.

A Conferência de Teerão¹³⁰ foi a última a decorrer em 1943 e na qual participaram os três chefes de estado, dos EUA, União Soviética e Grã-Bretanha. Nesta reunião, discutiu-se sobretudo a ‘Operação Overlord’. Ficou, então, combinado que as forças militares anglo-americanas interviriam na França e os soviéticos interviriam pelo leste através da Polónia, fechando a Alemanha num cerco¹³¹.

As conferências tiveram como resultado a discussão das ações comuns entre os Aliados no combate ao Eixo, bem como a organização das principais operações militares,

¹²⁷ Acerca da Conferência de Casablanca, ver MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H. P. — *II Guerra Mundial*, pp. 146- 147.

¹²⁸ Sobre a Conferência de Quebeque, ver GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, vol. 5, p. 104.

¹²⁹ Sobre a Conferência de Moscovo, ver GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, vol. 5, p. 131.

¹³⁰ Sobre a Conferência de Teerão, ver GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, vol. 5, pp. 155-156.

¹³¹ Nome de código para a Batalha da Normandia e para o lançamento da invasão aliada na França ocupada.

que contribuíram para acontecimentos fundamentais ao nível da alteração de forças, em 1943.

Os acontecimentos determinantes para a alteração do equilíbrio de forças do conflito, durante 1943, foram os seguintes: a derrota alemã em Estalinegrado, a retirada do Eixo no Norte de África, o aparecimento das primeiras dificuldades na campanha submarina alemã, a invasão da Sicília pelos Aliados, a queda do governo fascista italiano e, por fim, o fracasso da ‘Operação Cidadela’, que decidiu a derrota dos alemães em Kursk. Aliás, é de salientar que as conferências dos Aliados referidas foram importantes para arquitetar alguns desses acontecimentos.

2.1. Progressões dos Aliados: novos sinais no quarto ano de guerra

Seguindo a ordem cronológica do ano de 1943, o primeiro acontecimento a destacar é a derrota alemã em Estalinegrado. Martin Gilbert afirma sugestivamente: «Para os alemães, o ano de 1943 começou mal»¹³². Estas palavras referem-se à grande retirada a que as tropas alemãs foram sujeitas na frente leste, na sucessão do fracasso da ‘Operação Azul’ lançada pelos alemães com o objetivo de conquistar Estalinegrado. Pese embora os esforços realizados pelas tropas alemãs, nomeadamente as tentativas do Quarto Exército Panzer para resgatar o Sexto Exército em Estalinegrado, no início de 1943, as forças militares lideradas pelo general Von Paulus continuaram completamente cercadas pelas forças soviéticas, pelo que, no dia 2 de fevereiro, foram forçadas à rendição. A tentativa dos alemães de manter a posse da cidade soviética foi aniquilada e marcou o limite de expansão da *Wehrmacht* no território soviético. A vitória conseguida pelo Exército Vermelho deu um novo ímpeto às ofensivas russas, que irão decorrer em 1943 e que permitirão empurrar de aí em diante as forças alemãs até Berlim. Estalinegrado torna-se o primeiro sinal decisivo da «mudança da maré»¹³³, que concedeu a supremacia do ataque aos Aliados.

A notícia da rendição de uma tão grande força alemã e da libertação de Estalinegrado motivaram novas esperanças entre as tropas que combatiam contra a Alemanha e entre os povos cativos que sofriam a cruel ocupação da Europa.

¹³² GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, vol. 5, p. 9.

¹³³ MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H. P. — *II Guerra Mundial*, p. 144.

Depois de três anos e meio de vitórias, conquistas, avanços e da segurança resultante do medo e da incerteza que inspiravam, os alemães surgiam como vulneráveis. A aparência de inevitabilidade da sua vitória desaparecera¹³⁴.

O acontecimento a destacar a seguir à batalha de Estalinegrado é a retirada do Eixo do Norte de África. A campanha militar na parte setentrional do continente africano ficou também conhecida como «guerra do deserto»¹³⁵. Decorreu entre setembro de 1940 e maio de 1943. Tratou-se de uma campanha de importância estratégica elevada, tanto para os Aliados como para o Eixo. Este último tinha como principal objetivo dominar a zona do Mediterrâneo, de modo a garantir o seu acesso aos campos de petróleo do Médio Oriente. Por sua vez, os Aliados além de impedir o acesso do Eixo aos recursos petrolíferos do Médio Oriente, pretendiam abrir uma segunda frente na Europa, de forma a aliviar a pressão do Eixo na frente leste. A luta ocorreu principalmente no deserto líbio e egípcio, em Marrocos, Argélia e Tunísia. O confronto teve início quando em junho de 1940 a Itália declarou guerra ao protetorado britânico do Egito. Os ingleses responderam posteriormente com a ocupação da fronteira da Líbia (região dominada pela Itália). As tropas italianas que atacaram o Egito foram derrotadas no final de 1940 por uma contraofensiva inglesa.

Com a destruição do exército italiano, o *Afrikakorps* (força expedicionária alemã) comandada pelo marechal Erwin Rommel, foi enviado para o Norte de África em apoio aos italianos. A entrada dos EUA no conflito em 1942-1943 e a assistência prestada pelos norte-americanos aos Aliados no Norte de África permitiu o desfecho com uma vitória aliada. Esta vitória deve-se em grande parte ao desembarque de forças dos EUA em Marrocos e na Argélia, em novembro de 1942, o que infligiu uma desvantagem numérica em relação às forças do Eixo; apesar dos reforços mobilizados pela *Wehrmacht*, as ofensivas aliadas acabaram por empurrar o *Afrikakorps* em direção ao Mediterrâneo. «Na primavera de 1943, a vitória também era já uma miragem para os alemães no Norte de África»¹³⁶.

¹³⁴ GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, vol. 5, p. 23.

¹³⁵ MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H. P. — *II Guerra Mundial*, p. 165.

¹³⁶ MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H. P. — *II Guerra Mundial*, p. 146.

Com efeito, em maio de 1943, as forças do Eixo encontravam-se em retirada na campanha do Norte de África. Ao mesmo tempo, surgem as primeiras grandes adversidades na campanha submarina alemã, que tinha obtido, até aqui, grandes e ininterruptos sucessos durante a Batalha do Atlântico, infligindo pesadas perdas às marinhas mercante e de guerra aliadas. Até então, os alemães tinham controlado o Atlântico através da eficácia dos seus U-Boats, que desfrutaram até meados desse ano dos seus «tempos felizes»¹³⁷. A partir de maio de 1943, a nova chave «Enigma» da Marinha de Guerra alemã foi decifrada pelo trabalho dos serviços de informação ingleses de Bletchley. Deste modo, era possível ler e ter acesso a quantidades substanciais de comunicações secretas de rádio, codificadas pelo Eixo. A isto, somava-se a introdução por parte dos Aliados de um conjunto de inovações tecnológicas, entre as quais o radar centimétrico, que facilitava a localização de submarinos alemães à superfície, reduzindo paulatinamente a sua capacidade de ação até ao fim do conflito. Acerca do enfraquecimento da supremacia alemã no Atlântico, o Almirantado britânico pronunciou num relatório, em maio de 1943: «Temos motivos para acreditar que o apogeu do esforço inimigo pertence ao passado. O moral e a eficiência definham rapidamente se não forem sustentados por sucessos abundantes»¹³⁸.

A primavera e o verão de 1943 evidenciavam os sinais do recuo dos alemães tanto na frente leste como na frente do Mediterrâneo. O líder militar Bernard Montgomery e os seus congéneres aliados almejavam a derrota dos alemães em África, «atirar o inimigo para o mar»¹³⁹. Deste modo, a *Wehrmacht* seria empurrada para o Mar Mediterrâneo e suas ilhas. A invasão aliada da Sicília representa, portanto, o culminar de sucessivas rendições das ilhas do Mediterrâneo depois da retirada do Eixo do Norte de África. A ‘Operação Corckscrew’¹⁴⁰ permitiu a rendição de guarnições defensivas italianas em várias ilhas do mar Mediterrâneo (Pantellaria, Lampedusa, Linosa, Lampione). A 13 de junho, era ocupada pela Marinha britânica a última ilha e, por conseguinte, «deixara de

¹³⁷ MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H. P. — *II Guerra Mundial*, p. 168.

¹³⁸ MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H. P. — *II Guerra Mundial*, p. 171.

¹³⁹ GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, vol. 5, p. 49.

¹⁴⁰ Operação militar inglesa que teve como objetivo o desembarque inglês nas ilhas mediterrânicas. Desta maneira, formaram-se bases de apoio aos bombardeamentos aéreos e marítimos que destruíram os pontos de abastecimento e de fortaleza do Eixo na Sicília e no Sul de Itália. Ver GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, vol. 5, p. 80.

existir qualquer obstáculo militar entre os Aliados na Tunísia e na Sicília, cuja invasão estava programada para a segunda semana de julho»¹⁴¹.

Após vários pontos de resistência por parte do Eixo na costa italiana, no início do verão, as tropas anglo-americanas conseguiram desembarcar na ilha, que foi totalmente ocupada no dia 17 de agosto. Tal êxito das forças aliadas preocupou os alemães, que temeram a deserção dos italianos. Para os Aliados, este receio mostrou um «impacte mais imediato sobre a estratégia alemã»¹⁴². Em consequência disto, o alto comando da *Wehrmacht* decidiu mobilizar tropas alemãs para a Itália e Sicília, nomeadamente uma parte considerável das forças operacionais que estavam instaladas na frente oriental. O Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha, Winston Churchill, reconheceu a fragilidade estratégica da Itália, apelidando esse país de «ventre mole»¹⁴³ do *Reich* alemão. Na verdade, com a ocupação aliada da Sicília, a iminência do armistício italiano tornou-se real. Em resultado, a reação dos italianos foi de afastar Benito Mussolini, que acabou por ser deposto a 24 de julho pelo Grande Conselho Fascista e feito prisioneiro nos Montes Apeninos. O *Duce* foi sucedido pelo marechal Pietro Badoglio que iniciou, imediatamente, negociações secretas com os Aliados, e no início de setembro os anglo-americanos lançavam a ‘Operação Baytown’¹⁴⁴, ao mesmo tempo que o novo governo concordava os termos da rendição. A notícia do armistício italiano acabou por ser anunciada publicamente. Dias depois, Mussolini seria libertado por um raide aéreo alemão e enviado para o Norte de Itália, onde formaria a República Social Italiana. Esta veio a ser um governo fantoche da Alemanha nazi, dependendo das diretivas desta e dos seus interesses¹⁴⁵.

Em setembro de 1943, «o Exército alemão tinha agora de defender-se numa segunda frente em pleno continente europeu»¹⁴⁶. Contudo, a Itália apresentava um terreno bem talhado para a fixação de várias linhas de defesa alemãs bem posicionadas, para impedir o avanço aliado para o norte. Seria, pois, necessário aguardar até setembro de 1944 para que os Aliados empurrassem os alemães para a fronteira com a Áustria.

¹⁴¹ GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, vol. 5, p. 80.

¹⁴² GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, vol. 5, p. 86.

¹⁴³ MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H. P. — *II Guerra Mundial*, p. 184.

¹⁴⁴ Operação militar que teve como principal objetivo o desembarque de tropas aliadas na Itália continental. Ver GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, vol. 5, p. 112.

¹⁴⁵ Ver MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H. P. — *II Guerra Mundial*, p. 184.

¹⁴⁶ GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, vol. 5, p. 112.

Segundo Gilbert, a invasão e a ocupação progressiva da Itália infligiu a degradação da situação militar alemã, no que diz respeito ao teatro do leste europeu, devido à mobilização das tropas para a frente na Itália¹⁴⁷.

Entretanto, na frente leste,

os alemães tomaram Belgorod no dia 19 de Março; mas a norte de Belgorod, os russos tinham conseguido abrir uma brecha nas linhas alemãs, situada a ocidente de Kursk e ameaçando todos os pontos ocupados no Sul [da União Soviética] pelos alemães. Hitler deu ordens para que a brecha de Kursk fosse colmatada. Ia começar a ‘Operação Cidadela’¹⁴⁸.

Com base na afirmação dos autores do livro *II Guerra Mundial*¹⁴⁹, o lançamento da ‘Operação Cidadela’ integra a última grande ofensiva alemã na frente oriental. Após a grande derrota da *Wehrmacht* em Estalinegrado, tornou-se imperativo mostrar ao mundo a rápida recuperação dos alemães, quer por razões de ordem tática como também de fundamentação da própria propaganda.

Os soviéticos tentaram esconder dos alemães os seus preparativos de defesa, criando um conjunto de pistas traiçoeiras, de modo a desviar a atenção dos germânicos para a verdadeira linha de defesa soviética. Fizeram falsas concentrações de tropas e blindados e construíram imitações de aeródromos, completos com aviões, pistas de aterragem e torres de controlo falsas.

Todas estas instalações encenadas seriam descobertas pela *Luftwaffe* e repetidamente bombardeadas, no período anterior à Batalha de Kursk. Os serviços secretos alemães (*Abwehr*) tinham conhecimento que o general do Exército Vermelho, Zhukov, que estava responsável pelo comando do saliente em Kursk¹⁵⁰, ia empenhar as suas forças para travar uma batalha bastante defensiva. No entanto, os serviços da *Abwehr* ignoraram que ele planeava absorver o ataque da *Ostheer* (forças alemãs da frente oriental

¹⁴⁷ GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, vol. 5, p. 114.

¹⁴⁸ GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, vol. 5, p. 44.

¹⁴⁹ Ver MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H. P. — *II Guerra Mundial*, p. 182.

¹⁵⁰ Segundo a estratégia militar, formou-se na zona de Kursk, durante a primavera de 1943, um território quase quadrado que entrava como uma cunha pelas linhas alemãs. Foi um espaço extremamente fortificado e preparado para minar a ofensiva alemã, em resultado dos preparativos de defesa soviéticos comandados pelo general Zhukov. Ver MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H.P. — *II Guerra Mundial*, pp. 186-187.

constituídas por tropas alemãs, húngaras e romenas) e só depois lançar a sua própria contraofensiva. A ‘Operação Kutuzov’ foi a primeira de um conjunto de ataques planeados pelos marechais do Exército Vermelho, para que se desenrolassem por toda a frente oriental, de modo a fazer fracassar a ofensiva alemã, isto é, da luta por Kursk. Em agosto, os soviéticos prosseguiram com ataques em Belgorod e Kharkov, libertadas no dia 22.

Os historiadores citados fazem um balanço da situação militar após Kursk e evidenciam o número de baixas alemãs, tanto humanas como materiais, concluindo que a *Ostheer*, desde Estalinegrado até às ofensivas soviéticas do outono de 1943, acabou por fazer recuar o exército alemão, na frente leste. O reduzido número de efetivos alemães disponíveis após o verão de 1943 impediu que a *Ostheer* pudesse competir com o Exército Vermelho. «O Exército Vermelho tinha agora a liberdade de atacar onde pretendia e sempre com superioridade numérica»¹⁵¹. Além disso, passava a deter uma mobilidade muito superior à da *Ostheer*, em resultado do programa *Lend-Lease*¹⁵². Em contraste, as divisões motorizadas alemãs continuavam dependentes do primitivo sistema de estradas soviético. A falta de transportes era bastante significativa nas divisões blindadas alemãs que as levava a estar cada vez mais dependentes das típicas carroças soviéticas com tração animal¹⁵³.

Não devemos descurar que a data do lançamento da ‘Operação Cidadela’ (julho de 1943) coincide com o desembarque anglo-americano na Sicília, pelo que a Alemanha passou a enfrentar a luta em dois cenários no continente europeu. «A partir de meados do verão de 1943, o “rolo compressor” soviético seria imparável»¹⁵⁴. No outono de 1943, as tropas alemãs desvendavam a realidade do pesaroso destino que a frente oriental lhes reservava.

Em 3 de setembro, os Exércitos do Sul encararam uma situação de inferioridade numérica, tanto a nível material como humano, ao ponto de os respetivos marechais (Von

¹⁵¹ MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H.P. — *II Guerra Mundial*, p. 191.

¹⁵² Programa de ajuda dos EUA ao esforço de guerra da União Soviética, da Grã-Bretanha, França livre, China e outras nações aliadas. No tocante à União Soviética, para além do fornecimento de todo o tipo de material de guerra, tratou-se do envio de um grande número de camiões todo-o-terreno americanos com tração às quatro ou seis rodas, operacionais em quase todo o tipo de climas. Ver MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H. P. — *II Guerra Mundial*, p. 191.

¹⁵³ Ver MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H. P. — *II Guerra Mundial*, pp. 186-192.

¹⁵⁴ MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H. P. — *II Guerra Mundial*, p. 193.

Manstein e Von Kluge) contestarem junto do *Führer* sobre o «esquecimento em que era deixada a Frente Oriental, enquanto as forças alemãs continuavam a lutar e a recuar de dia para dia no sul de Itália»¹⁵⁵.

2.2. As leituras da propaganda alemã: *Boletim Político* e *Boletim Semanal*

Interessa agora confrontar as fontes em análise neste trabalho, a sua posição, interpretação dos eventos e tipos de discurso assumidos no tocante aos acontecimentos principais de 1943, que foram elencados anteriormente.

A derrota alemã em Estalinegrado tornou-se um facto nos primeiros dias de 1943, embora a rendição alemã aos russos tenha sido oficializada apenas no início de fevereiro. Sobre este acontecimento, os boletins publicados pelo SILA não se referem a ele como derrota.

Joseph Goebbels determinou, desde outubro de 1942, que a política de propaganda devia assentar na sucessão contínua de informação e posicionar-se sempre à frente dos acontecimentos, por forma a prevenir um silêncio embaraçoso em torno dos acontecimentos que envolviam a *Wehrmacht* e o regime do Partido Nazi. Esta posição assumida pelo Ministério da Propaganda germânico espelha uma das faces do controlo totalitário da máquina de propaganda, que tinha em vista afastar os efeitos resultantes de falta de informação no seio da opinião pública alemã. As consequências que podiam advir da ausência de informação, como por exemplo o aparecimento do sentimento de humilhação, vergonha e a perda da confiança da população civil para com o próprio Estado, transformava-se, portanto, numa grande preocupação para os propagandistas do III Reich¹⁵⁶.

Deste modo, Estalinegrado desencadeou na propaganda nazi uma cadeia de profunda descredibilização do regime soviético e também a manifestação de confiança máxima da campanha alemã no Leste, que lutava pela nobre causa da cultura e civilização europeias contra o bolchevismo. É desta forma que se nota nos textos de propaganda nazi o apelo à «vitória final» e «guerra total», no sentido de mobilizar a frente doméstica e a

¹⁵⁵ GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, vol. 5, p. 114.

¹⁵⁶ Ver KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 131.

luta contra o avanço do comunismo. O discurso do *BP* e do *BS* relativamente à derrota em Estalinegrado mostra-se totalmente omissivo, preferindo destacar o heroísmo dos soldados alemães. O símbolo de Estalinegrado parece traumático mas, na verdade, será aproveitado pela propaganda nazi, na medida em que sustentará a ideia de alto esforço patriótico e dedicação na cruzada antibolchevista.

Como se afirmava no *BP*, a Alemanha tornara-se «um porta-estandarte da luta do Ocidente contra as massas organizadas do Leste, que visam destruir as bases espirituais e materiais da vida e a ordem histórica da Europa»¹⁵⁷. Esse desaire não quebraria as hostes alemãs, antes as estimularia a prosseguir com mais determinação: «o hino do heroísmo de Estalinegrado levará o povo alemão a realizar feitos nunca vistos. Seja qual for o resultado da luta imortal de Estalinegrado, decerto será o pendão da vitória final»¹⁵⁸.

Encontra-se no *BS*, a partir do mês de fevereiro, a capitalização de algumas vitórias germânicas insignificantes para o decurso do conflito, o que denota a manutenção do ideal de supremacia alemã bélica, mas também moral, ao dar uma luta sem tréguas aos Aliados e ao perigo comunista bem como à sua disseminação. As referências a essas vitórias de somenos importância ocupam curtas intervenções nos boletins, como é visível no seguinte excerto: «No decorrer de duros combates, submarinos alemães afundaram, além de 4 veleiros de transporte, 16 navios de transporte e navios cisterna completamente carregados e que deslocavam 102.500 toneladas»¹⁵⁹.

Também no *BP* é possível constatar o reforço do discurso anticomunista, logo a partir do início do ano, tornando-se um dos tópicos de eleição da propaganda. A URSS é o principal alvo da crítica, evidentemente logo seguida dos Aliados que são alvo de descrédibilização. Esta estratégia de propaganda é promovida contra as esferas político-militares dos Aliados, tendo como objetivo denunciar e explorar propagandisticamente as supostas divergências que enfraqueciam as relações entre cada uma das Nações Unidas: «A par das conversações anglo-yankees em Washington haverá, pois, conversações, entre os soviéticos e os norte-americanos em Moscovo. A lisonja com o fim de conquistar o favor dos soviéticos começou de novo, com a diferença que, desta vez são os yankees os que

¹⁵⁷ «“A vitória do Ocidente”: a missão alemã no Leste». *Boletim Político*, SILVA, nº 280, 20-1-1943, p. 1. Ver Anexo 1.

¹⁵⁸ «Estalinegrado: os soldados alemães lutam como os cadetes espanhóis no Alcazar». *Boletim Político*, SILVA, nº 285, 26-1-1943, p. 2.

¹⁵⁹ «16 navios de transporte, com 102.500 toneladas, afundados». *Boletim Semanal*, SILVA, 13-2-1943, p. 3.

tomaram a dianteira na corrida»¹⁶⁰. A propaganda de desacreditização que sustém-se em comunicados e discursos de personalidades políticas é continuamente implementada pelos autores do *BP*. Citando um caso análogo, os relatórios supostamente encontrados no Ministério dos Negócios Estrangeiros da França, reforçam assim a ideia da sua utilização em proveito da propaganda alemã: «são uma nova e preciosa contribuição para se apreciar a política de Estaline. Por todos estes factos, os povos europeus não se deixarão ludibriar pelo canto de sereia de ingleses e norte-americanos»¹⁶¹. Surgem, similarmente, os textos que veiculam a propaganda anticomunista, designadamente os que são transcritos de jornais germânicos e, também, das zonas anexadas pelo Eixo, como as seguintes referências: «“Este sistema [comunismo] tem de ser aniquilado, pois encontra-se fora das fronteiras duma humanidade decente. É pavoroso pensar-se o que estaria reservado à humanidade, caso o bárbaro sistema do bolchevismo chegasse ao poder”»¹⁶². Mas a maioria são originais dos boletins em análise: «podemos imaginar o que sucederia em Berne, em Bruxelas ou Amesterdão caso o exército vermelho conseguisse penetrar no coração da Europa. Tradição, moral e costumes, civilização, conceção do mundo, religião — tudo seria destruído»¹⁶³;

No mês de maio, o Eixo está em retirada da campanha militar do Norte de África. O avanço aliado na conquista da Tunísia desembocara na retirada do Eixo, situação que Martin Gilbert associa a Estalinegrado pelas suas semelhanças em matéria de perda de fulgor dos germânicos: «Como a ratoeira de Estalinegrado, também a de Tunes era sem esperança, socorro ou futuro»¹⁶⁴.

Tanto no *BS* como no *BP*, a derrota é claramente um assunto manipulado para desafiar a contrapropaganda dos Aliados. Ou seja, os relatos apresentados pelos Aliados nos seus meios de comunicação eram usados em proveito da propaganda nazi como ponto de introdução para muitas intervenções nos boletins mas necessariamente manietados.

¹⁶⁰ «As dificuldades dos aliados anglo-saxões: Churchill e Roosevelt perante problemas complicados». *Boletim Político*, SILVA, nº 378, 19-5-1943, p. 2.

¹⁶¹ «Como os soviets encaram os tratados: duas interessantes descobertas de documentos no “Quai d’Orsay”». *Boletim Político*, SILVA, nº 389, 1-6-1943, p. 3.

¹⁶² «O crime bolchevista de Katyn: novas e horrorosas confissões — repulsa profunda ante os horríveis crimes». *Boletim Político*, SILVA, nº 354, 17-4-1943, p. 2. Transcrição do diário húngaro *Nemzeti Ujság* citado pelo *BP*.

¹⁶³ «A Europa contra o perigo bolchevista: dois anos de guerra defensiva». *Boletim Político*, SILVA, nº 404, 21-6-1943, p. 1.

¹⁶⁴ GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, vol. 5, p. 53.

Os propagandistas alemães tinham conhecimento do perigo que o silêncio sobre a campanha alemã no Norte de África poderia trazer, tal como perceberam no momento posterior a Estalinegrado. Por isso, desviaram a atenção, evitando qualquer referência direta à derrota em África. Em resposta ao fracasso na frente do Mediterrâneo, os boletins buscavam minorizar o seu impacto, afirmando que os Aliados só quando invadissem a Europa é que iriam enfrentar a verdadeira força alemã, pois, segundo eles, era aí que se concentravam os seus esforços de defesa. Assim, ambos os boletins referiam que os alemães já tinham preparada toda a estrutura defensiva que lhes permitiria impedir um desembarque aliado na Europa, prometendo a introdução de novas armas que lhe garantiriam a «vitória final». Além disso, optaram por elogiar o sacrifício e heroísmo das tropas do Eixo, que lutavam corajosamente numa guerra contra forças inimigas numericamente superiores.

No entanto, nesta exaltação do esforço do Eixo em África, os ideólogos da propaganda nazi adotaram uma postura menos dramática do que pós-Estalinegrado¹⁶⁵. Nos textos dos boletins, o recuo dos alemães no Mediterrâneo foi apresentado como uma vantagem, pois o *Reich* ganharia, assim, tempo crucial para a conclusão das estruturas de defesa continental e do Atlântico. Desta forma, essas derrotas eram vistas como momentos de fraqueza temporária mas não inultrapassável, já que o desfecho seria favorável aos alemães.

Este artifício propagandístico é recorrente no *BS*, mantendo-se até ao outono de 1943: «Para fazer face a possíveis apetites de invasão das Nações Unidas ao bolchevismo contra a Europa, a defesa das costas do Atlântico, que foi construída pela “Organização Todt” encontra-se pronta»¹⁶⁶. Perdida a campanha de África, o *BS* lembrava que os Aliados teriam “que iniciar uma luta com a maior fortaleza, a fortaleza da Europa»¹⁶⁷. Reproduzindo um texto de Georg Malcolm Thomson, publicado no *Daily Express*, este boletim reforçava a sua teoria, explorando habilmente a atitude cautelosa aí exarada: “o

¹⁶⁵ Ver KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 157.

¹⁶⁶ «Boletim Ilustrado do S.I.A. — 1 de Maio de 1943». *Boletim Semanal*, SILA, 1-5-1943. Ver Anexo 14. A organização “Todt” segundo as diretivas do Ministério de Armamento e de Produção de Guerra, dirigido por Fritz Todt, visava acelerar o esforço de guerra alemão. Foi reunida, portanto, uma comissão que envolveu vários ministérios do governo alemão, tendo em vista a organização da conceção, fabrico e distribuição do armamento, bem como das próprias estruturas de produção de guerra e defesa alemãs. No início de 1942, Fritz Todt morre num acidente e a pasta do Armamento ficaria entregue a Albert Speer. Ver GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*, vol. 4, pp. 30, 36, 113, 140.

¹⁶⁷ «Rápido despertar». *Boletim Semanal*, SILA, 5-6-1943, p. 3.

último alemão saiu de África. Mas ainda não entrou na Europa o primeiro soldado britânico. Contra nós [Aliados] está ainda uma resistência poderosa, [...] forças de potencial muito maior do que nós podemos empregar de momento»¹⁶⁸.

No *Boletim Político* verifica-se a mesma confiança no impedimento do desembarque aliado no continente e na infalibilidade das estruturas defensivas alemãs. Nesta conformidade, através de afirmações desta natureza: «Se os anglo-saxões empreenderem alguma tentativa de invasão em qualquer ponto da Europa, encontrarão uma defesa preparada. No norte e ocidente da Europa a “Muralha de Atlântico” protege as costas europeias»¹⁶⁹; «Às tropas germano-italianas no Norte de África deve-se um serviço insuperável: [...] prenderam as atenções do inimigo durante anos [...] e impediram assim que ele pudesse atacar a frente sul europeia no momento»¹⁷⁰.

Ao mesmo tempo que o Eixo recuava para o Mar Mediterrâneo, a Marinha de Guerra alemã também atravessava dificuldades, situação que, como atrás se viu, a bibliografia amplamente explicita. Segundo os textos publicados no *BP* e no *BS*, a campanha submarina alemã continuou a ser motivo de contentamento por parte da propaganda. Alguns títulos desses textos referem-se aos submarinos como o grande motivo de preocupação da estratégia de guerra dos Aliados, sendo certo que a Marinha de Guerra alemã, através da utilização dos seus *U-Boats*, causou muitas dificuldades à navegação de comboios navais norte-americanos, que garantiam o abastecimento material aos seus Aliados na Europa.

«O pesadelo das Nações Unidas»¹⁷¹, tal como são apelidados os submarinos no *BS* e também no *BP*, começou a ser paulatinamente afastado a partir de maio de 1943 e desde então até ao fim da guerra. A diminuição da influência dos *U-Boats* preocupou seriamente o próprio Ministro Joseph Goebbels, que se sentia exasperado com a redução dos sucessos da campanha naval¹⁷². Isto porque, até maio de 1943, a Batalha do Atlântico era o único palco de guerra capaz de conceder alguns sucessos militares, o que permitia à propaganda alemã utilizá-los como escape para as derrotas de Estalinegrado e do Norte de África. Por

¹⁶⁸ «Rápido despertar». *Boletim Semanal*, SILA, 5-6-1943, p. 3.

¹⁶⁹ «O “Eixo” e os seus inimigos: as fortes posições da Alemanha e dos seus aliados». *Boletim Político*, SILA, nº 376, 17-5-1943, p. 1.

¹⁷⁰ «O “Eixo” e os seus inimigos: as fortes posições da Alemanha e dos seus aliados». *Boletim Político*, SILA, nº 376, 17-5-1943, p. 2.

¹⁷¹ «Boletim Ilustrado do S.I.A. — 15 de Maio de 1943». *Boletim Semanal*, SILA, 15-5-1943.

¹⁷² Ver KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 137.

esta razão, a campanha submarina é tão recorrentemente tratada e exaltada; a importância dada aos submarinos nos textos dos boletins também está associada à ideia de alto grau de modernidade e, conseqüentemente, de superioridade tecnológica alemã. A promoção de Karl Dönitz a Almirante constituiu outro pretexto para que os boletins em análise destacassem a campanha do Atlântico e salientassem a importância dos *U-Boats* como arma de retaliação contra o inimigo. No segundo semestre de 1943, os boletins referem promessas de construção de submarinos mais sofisticados e o lançamento de operações navais que conduziriam à «vitória final». Porém, a ofensiva naval tão esperada nunca chegou a ser concretizada, pois os Aliados foram introduzindo inovações que permitiram diminuir o perigo submarino.

Existem várias referências à campanha submarina no *BS*, particularmente abundantes no mês de maio, incluindo, nalguns casos, ilustrações que aludem à construção dos submarinos e ao seu poder de destruição¹⁷³, armas que, segundo o discurso do *Boletim Ilustrado*, travavam a «luta pela liberdade dos mares»¹⁷⁴. Assim, pretende-se passar a ideia que enquanto o Almirante da Marinha de Guerra inglesa, Sir Percy Noble, matutava «sobre a forma de evitar o perigo submarino, o *Führer* nomeou Dönitz chefe da armada, em sinal de reconhecimento pelos serviços prestados»¹⁷⁵. E, numa estratégia recorrente, eram usadas as declarações de personalidades de topo dos Aliados para reforçar o objeto de propaganda, neste caso, o elevado potencial bélico dos submarinos alemães que desequilibravam as forças em contenda: «Mesmo o otimista máximo, Knox, declarou há pouco: “As Nações Unidas não podem ganhar a guerra antes dos submarinos inimigos serem definitivamente destruídos ou afastados”»¹⁷⁶.

Já no *Boletim Político* as referências do perigo submarino são menos frequentes, no entanto são mais extensas:

Enquanto a propaganda de Roosevelt se esforça [...] por demonstrar ao povo norte-americano que o perigo submarino se encontra já muito diminuído, devido às cifras de produção da América do Norte e devido às medidas especiais de

¹⁷³ «Boletim Ilustrado do S.I.A. — 15 de Maio». *Boletim Semanal*, SILVA, 15-5-1943.

¹⁷⁴ «Boletim Ilustrado do S.I.A. — 8 de Maio de 1943». *Boletim Semanal*, SILVA, 8-5-1943.

¹⁷⁵ «Os êxitos submarinos obrigam a uma campanha de antimentiras». *Boletim Semanal*, SILVA, 6-3-1943, p. 4.

¹⁷⁶ «Donald Nelson destrói os devaneios de Roosevelt». *Boletim Semanal*, SILVA, 15-5-1943, p. 4.

defesa, o artigo de fundo do “Daily Mail” [...], declara, acusando amargamente o governo, que na Inglaterra se ignoravam as verdadeiras perdas de navegação anglo-saxónica¹⁷⁷.

A confiança depositada na conceção de equipamentos e armas com tecnologia mais sofisticada é representada no *BP* através da infalibilidade dos «submersíveis alemães». Por meio da transcrição das palavras proferidas pelo Primeiro-Ministro britânico, o boletim reforça a ideia de revanchismo, afirmando que os *U-Boats* serão os principais responsáveis «“por que a situação alimentar da Inglaterra se agravará neste ano”» salientando que os de produção «“mais recente possuem maior velocidade e poder ofensivo do que os antigos”»¹⁷⁸.

A sucessão de eventos relativamente à questão italiana é visivelmente alvo de destaque na propaganda alemã que aqui se analisa, primeiro no *BP*, depois o *BS*.

Embora o acontecimento seja um verdadeiro golpe no nacional-socialismo e para a sua máquina de propaganda, as intervenções do SILA denotam sempre um tom desafiador e provocador.

Sem dúvida que a falha das defesas italianas perante o inimigo causou grande embaraço às autoridades do Partido Nazi. No entanto, o discurso propagandista esforçou-se por manter o prestígio da Itália fascista aos olhos dos destinatários, logo após a evacuação das tropas do Eixo em África¹⁷⁹. Nesta conformidade, os números do *BP* relativos ao mês de junho perseveraram que «um povo com as qualidades do italiano nunca pode ser vencido [...] e sabe apelar rapidamente para todas as suas forças»¹⁸⁰. Segundo o boletim, o povo italiano «não está apossado de pânico ou amedrontado pelo duplo jogo da agitação que o inimigo pretende espalhar»; assim, ainda motivado, «o povo italiano encontra-se decidido a tudo. Encontra-se apetrechado de material e moralmente, a fim de

¹⁷⁷ «Interessantes “suplementos” ao “Livro Branco” de Roosevelt: confissões britânicas e norte-americanas — a atitude dos EUA para com os estados ibéricos». *Boletim Político*, SILA, nº 269, 7-1-1943, p. 1.

¹⁷⁸ «Interessantes “suplementos” ao “Livro Branco” de Roosevelt: confissões britânicas e norte-americanas — a atitude dos EUA para com os estados ibéricos». *Boletim Político*, SILA, nº 269, 7-1-1943, p. 2.

¹⁷⁹ Ver KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 157.

¹⁸⁰ «O manifesto do Partido Fascista: as reservas do temperamento italiano». *Boletim Político*, SILA, nº 400, 16-6-1943, p. 1.

resistir também ao último ataque inimigo»¹⁸¹ porque «conduz uma guerra de libertação nacional»¹⁸².

Contudo, ao contrário do *BP*, estas ideias não se manifestam tão cedo no *BS*, em virtude do emprego contínuo do discurso contra os Aliados. A posição assumida pelos propagandistas no *Boletim Semanal*, a fim de tentar desviar as atenções do contexto do Norte de África, implicou um investimento recorrente no discurso anticomunista, anti capitalista, antisemita e de repúdio da suposta conspiração judaico plutocrata-bolchevista, que seria responsável pela bolchevização da Europa e apoiada pelos Aliados. Além disso, a descoberta do massacre de Katyn, cuja referência aparece pela primeira vez no primeiro número de maio de 1943 do *BS*, acompanhada de um *Boletim Ilustrado* com fotografias dos cadáveres encontrados, funcionou como um verdadeiro balão de oxigénio para a propaganda alemã, pois permitiu-lhe perseverar no seu discurso anticomunista até à altura dos acontecimentos no sul da Itália. Reparando nas datas dos textos e sua temática, é possível chegar à conclusão do prolongamento da propaganda contra a conspiração judaico plutocrata-bolchevista até fins de julho. O boletim insiste nos objetivos de guerra anglo-americanos e bolchevistas, salientando que «ambos pretendem a entrega total da Europa ao bolchevismo»¹⁸³, como aliás é possível perceber pelas palavras do enviado especial de Roosevelt, arditamente transcritas: «“Os fins e política da União Soviética, tanto na guerra como na paz, estão em plena concordância com o que nós e as nações corretas do mundo desejam”». Em resultado, os autores do *BS* prosseguem dizendo que está traçado o «caminho livre à Katynização!»¹⁸⁴. Nos finais de julho, o *BS* apresenta um texto que reforça os argumentos arquitetados pelo *BP*, transmitindo a ideia de estabilização da frente, isto é, os alemães têm a frente do Mediterrâneo controlada e «o avanço inimigo parou em quase toda a parte»¹⁸⁵. Este tipo de mensagens estão associadas a um esforço de propaganda que visa tranquilizar a opinião pública (adepta do Eixo e também a que interessa captar) no que toca às notícias sobre a invasão aliada no continente.

¹⁸¹ «A situação da Itália: o povo está decidido a tudo». *Boletim Político*, SILVA, nº 407, 24-6-1943, p. 2.

¹⁸² «A situação da Itália: o povo está decidido a tudo». *Boletim Político*, SILVA, nº 407, 24-6-1943, p. 2.

¹⁸³ «O terror anglo-saxónico serve os planos bolchevistas». *Boletim Semanal*, SILVA, 3-7-1943, p. 1.

¹⁸⁴ «Bolchevismo e outras nações corretas». *Boletim Semanal*, SILVA, 3-7-1943, p. 2.

¹⁸⁵ «Má Psicologia». *Boletim Semanal*, SILVA, 24-7-1943, p. 4.

Só entre fins de julho e início de agosto é que a situação italiana começa a fazer parte dos conteúdos do *BS* com a representação da «guerra de nervos»¹⁸⁶, dirigida pelos Aliados contra a Itália e o Eixo. Relativamente à divisão da Itália e da consequente formação da república fascista de Mussolini, no norte, e do governo do marechal Badoglio, a sul, em inícios de agosto o *BS* apresenta um texto que enaltece a união do Eixo e o apoio ao *Duce*. Por outro lado, Badoglio é retratado como o responsável pela grande traição à aliança e cúmplice na «guerra de nervos»¹⁸⁷.

A ‘Operação Cidadela’ consistiu na última grande tentativa de ataque alemão na frente oriental. Considerada como a maior batalha de blindados de guerra, a ofensiva foi iniciada ao mesmo tempo que o desembarque dos anglo-americanos abria a «segunda frente», na Itália. Imediatamente detidos pelos soviéticos, os alemães saíram derrotados e no outono do mesmo ano foram obrigados a recuar continuamente para ocidente. Kursk foi extremamente importante mas a propaganda registada nos boletins omitiu o decurso da ofensiva alemã. No momento em que a Alemanha jogava uma cartada decisiva na frente leste, os boletins silenciaram-se perante tal acontecimento. Neste caso, quais são as principais matérias abordadas pelos boletins? É interessante constatar que face à Batalha de Kursk, o *Boletim Político* e o *Boletim Semanal* são coerentes ao discutir as mesmas matérias. No *BP* e no *BS* insiste-se na matéria sobre a «traição infrutífera»¹⁸⁸ de Badoglio, a guerra psicológica contra o Eixo e noutros temas que visavam descredibilizar os Aliados, nomeadamente apontando divergências entre os países constituintes.

Até ao fim do ano, os dois boletins focam-se no discurso anticomunista, destacando as desvantagens e os perigos de viver sob o domínio soviético. A descredibilização dos Aliados passava pela veemente acusação de quererem entregar a Europa ao bolchevismo, além de criticarem a sua campanha de terror aéreo contra a Alemanha.

Para além disto, é de notar ao longo de ambos os boletins, entre setembro e dezembro, o reforço da ideia de «vitória final» alemã e do último grande esforço para a ganhar a guerra. Existe, deste modo, o emprego da propaganda com discursos de suporte

¹⁸⁶ Segundo a propaganda alemã, a «guerra de nervos» praticada pelos Aliados, consistia numa política de imiscuição e de pressão psicológica nas populações civis, utilizando para tal os bombardeamentos aéreos aliados às cidades alemãs. Ver KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 165.

¹⁸⁷ «Fracasso na guerra dos nervos». *Boletim Semanal*, SILVA, 7-8-1943, pp. 1-2.

¹⁸⁸ «Traição infrutífera». *Boletim Semanal*, SILVA, 18-9-1943, pp. 1-2.

psicológico, que varia entre a promessa de produção de mais material aéreo e naval e, especialmente, as recorrentes reflexões de teor revanchista sobre a retaliação alemã a ter lugar num futuro próximo ou, como alguns excertos dos boletins elucidam, as promessas de punição do terrorismo aéreo anglo-americano e das atrocidades perpetradas pelos bolchevistas. Assim, a posição da Alemanha nazi é explanada «através dos seus chefes» que mantêm «a certeza de ganhar a guerra. Esta atitude deve salientar-se, porque numa guerra como esta o fator moral é maior do que qualquer outro: é decisivo»¹⁸⁹. O revanchismo presente nos textos é reforçado pelas transcrições de discursos de Joseph Goebbels, nos quais o Ministro faz alusões ao «desenvolvimento da técnica alemã, bem como às represálias, que valem mais do que mero “slogan” de propaganda»¹⁹⁰. As matérias deste género serão recorrentes até dezembro no *BS*.

Já nos textos do *BP* são mais características as mensagens propagandísticas que potenciam a dimensão psicológica: por um lado, o medo de destruição da civilização ocidental pela ameaça comunista e, por outro, a esperança num futuro auspicioso em que o nacional-socialismo sai vitorioso. O temor pelo avanço bolchevista, aliado aos anglo-americanos, alegando até a submissão dos ocidentais às vontades e caprichos de Moscovo, com vista à tomada da Europa é, com efeito, reiterado na seguinte afirmação do boletim: «A União Soviética só estará disposta a uma colaboração com a Grã-Bretanha e os Estados-Unidos, uma vez que lhe sejam feitas concessões territoriais na Europa oriental e lhe seja dado o acesso ao Mediterrâneo e ao Golfo Pérsico»¹⁹¹.

Igualmente, são repetidas as promessas de resistência inquebrantável dos alemães:

os aviadores terroristas britânicos destruindo casas de habitação e os mais preciosos tesouros, não conseguiram, porém, o objetivo em vista, ou seja, abalar a resistência e a fé da população na vitória justa da Alemanha. Antes pelo contrário, tal ação veio tornar ainda mais firme a decisão do povo alemão de resistir até ter sido alcançada a vitória final¹⁹².

¹⁸⁹ «“Na hora decisiva a Alemanha entrará em ação”». *Boletim Semanal*, SILVA, 30-10-1943, p. 4. Ver Anexo 8.

¹⁹⁰ «“A charrua e a espada, os garantes da vitória”». *Boletim Semanal*, SILVA, 9-10-1943, p. 1-2.

¹⁹¹ «Os anglo-americanos apoiam as exigências soviéticas». *Boletim Político*, SILVA, nº 506, 19-10-1943, pp. 1-2.

¹⁹² «O ataque a Berlim: a população alemã está mais decidida do que nunca a resistir até à vitória final». *Boletim Político*, SILVA, nº 537, 24-11-1943, p. 1.

É possível inferir que, ao longo desta análise das fontes de informação, existe uma tentativa por parte dos propagandistas de persuadir o leitor que eles detêm o monopólio da verdade, apesar da alegada contrainformação veiculada por múltiplos órgãos de comunicação sociais e oficiais do Aliados. Todavia, desde Estalinegrado denota-se uma estratégia cada vez mais definida de desviar as atenções da realidade da guerra, tanto omitindo as derrotas como menorizando o seu impacto e, em seu lugar, disseminar alegados *complots* internacionais que evidenciavam a crescente hegemonia soviética e consequente domínio do mundo pelos ditames de Moscovo.

3. Propaganda positiva no *Boletim Político* e no *Boletim Semanal*

Antes de analisar os textos de propaganda positiva que fazem parte do conteúdo do *Boletim Político* e do *Boletim Semanal*, será importante explicar os motivos que levaram à seleção desta categoria para a análise dos dois boletins.

Com base nas palavras do autor do livro *Nazi Propaganda and the Second World War*¹⁹³, existe na propaganda nazi um denominador comum que é a integração psicológica, ou seja, o controlo sobre a mente do destinatário do discurso¹⁹⁴. Assim sendo, Aristotle Kallis prossegue dizendo que essa integração psicológica dirigida ao recetor da mensagem pode ser positiva ou negativa.

O sucesso da propaganda nazi resultava, assim, da coerência ideológica da mensagem divulgada. Esta agia em conformidade com o objetivo de integrar e coagir o destinatário. Além disso, o Ministério da Propaganda alemão exerceu uma verdadeira ditadura intelectual, na qual controlou as mentes, as vontades e a vida cultural na Alemanha. Dependia, para tal, da combinação dos temas da propaganda positiva e negativa, consoante as circunstâncias e o efeito psicológico que se desejava alcançar nas massas.

Visto que a propaganda positiva é o tópico de abordagem deste ponto, bem como as suas *nuances* dentro do *BP* e do *BS*, será reservada a abordagem da mensagem da propaganda negativa para o ponto 4.

A propaganda positiva centra-se na linha do discurso que exalta a ideologia do nazismo. Acerca de tal exaltação ideológica, é conveniente referir uma vez mais o livro de Aristotle Kallis, pois constitui um estudo profundo sobre os diferentes métodos e as correntes do discurso empregues pelos propagandistas nazis; o autor apresenta dois conceitos centrais que definem esse tom de discurso: «positive integration»¹⁹⁵ e «positive themes»¹⁹⁶.

¹⁹³ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*.

¹⁹⁴ Acerca da dimensão psicológica da propaganda, ver o ponto 1 da presente dissertação.

¹⁹⁵ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 65.

¹⁹⁶ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 71.

O conceito de integração positiva introduzido por Kallis é o ponto de partida para a criação da propaganda positiva e consiste num claro apoio ativo à política e aos objetivos do regime nazi¹⁹⁷. Além disso, este tipo de mensagem assenta na integração psicológica da audiência a que se destina, tendo por base a utilização e a divulgação de «positive themes» que servem em conjunto para manipular psicologicamente o recetor de tal mensagem, pois este público a que a propaganda se dirige «é aos olhos do propagandista nazi, um público não educado politicamente, suscetível apenas de receber uma mensagem emocional e não uma mensagem racional»¹⁹⁸. As principais temáticas positivas que ocupavam os textos da propaganda condiziam com os valores, princípios e objetivos que o regime de Hitler procurou patrocinar.

Após esta explicação da origem do conceito de propaganda positiva, é de relembrar que este serviu como categoria para organizar a análise do conteúdo dos dois boletins. Dentro da categoria de propaganda positiva, foram criadas subcategorias que se distribuem nas seguintes temáticas: nacionalismo; culto do chefe; espaço vital; supremacia cultural alemã; supremacia militar da Alemanha; supremacia diplomática alemã; liberdade religiosa; elogio dos parceiros da Alemanha (Itália e Japão). Assim sendo, a propaganda positiva do *BP* e do *BS* pode organizar-se em dois grupos: o enaltecimento da Alemanha, cujas temáticas serão de seguida exploradas, sendo posteriormente apresentado o discurso de enaltecimento das outras nações fundadoras do Pacto Tripartido (Itália e Japão).

3.1. O enaltecimento da Alemanha

A ascensão do Partido Nazi contribuiu para a implementação de um movimento político-ideológico que subordinou o indivíduo a um Estado onipotente e totalitário. A partir de 1933, na Alemanha, este regime adquiriu uma feição conservadora que estabeleceu uma nova ordem totalitária, exacerbadamente nacionalista, antiliberal e antidemocrata. O nacional-socialismo impôs, portanto, um regime cuja base ideológica ficou consagrada no *Mein Kampf*¹⁹⁹ de Adolf Hitler.

¹⁹⁷ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 65.

¹⁹⁸ PIZARROSO QUINTERO, Alejandro — *História da Propaganda: notas para um estudo da propaganda política e de guerra*, p. 310.

¹⁹⁹ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*. Lisboa: Fernando Ribeiro de Mello/Edições Afrodite, 1976.

Para os nacionais-socialistas, o enquadramento das massas constituiu-se como primeiro passo fundamental na direção à consolidação do Estado nazi. Imponentes manifestações, nas quais se destacavam as paradas, os uniformes e os estandartes, foram alvo de uma cuidada encenação teatral que provocava um efeito hipnótico sobre as multidões, contribuindo para a promoção da ideologia do partido. Esta obediência hipnótica das massas deslumbrou a elite nazi, que era totalmente avessa tanto a qualquer vontade individual como à existência de espírito crítico, originando assim a educação das massas. Esta era concretizada primeiro através do papel da escola, inculcando os principais valores e princípios nazis nos mais jovens e, posteriormente, na idade adulta seria complementada pela propaganda do Estado (Ministério da Propaganda alemão).

Segundo Norberto Corella Torres, não bastou ao nazismo a eficácia das várias organizações de adesão das massas, criadas pelo regime nazi, nem da própria máquina de propaganda, pelo que o enquadramento das massas contou também com o exercício da força e da violência. Através do controlo apertado que a repressão policial exerceu em toda a Alemanha, a adesão dos alemães ao nazismo implicou uma onda de violência levada a cabo por diversas milícias (SA e SS) ou até pela polícia política (Gestapo)²⁰⁰. Estas milícias estavam encarregadas de controlar a população e a opinião pública, afirmando-se como «brazos ejecutores»²⁰¹ da máquina de propaganda e de inculcação ideológica junto da população alemã.

Tendo como objetivo a adesão e o respeito das massas, os nacionais-socialistas hierarquizaram profundamente a sociedade, destacando as suas elites. Estas são o topo da hierarquia social a quem as massas tinham de prestar a «idolatria del Estado omnipotente»²⁰², exaltando «la supremacía de la raza y el individuo sobre la masa y la nación» e também «la exaltación del caudillismo, y la superioridad y sobrevivencia de los más aptos»²⁰³. Da elite na Alemanha nazi faziam parte a raça dominante (raça ariana), os soldados, as forças militarizadas, os filiados no partido, os homens de uma forma geral. A outra parte inclui o chefe, sendo assim alimentado o seu culto.

²⁰⁰ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 14.

²⁰¹ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 14.

²⁰² CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 22.

²⁰³ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 22.

Em conclusão ao enquadramento das massas, para além do papel da máquina de propaganda e da repressão, existiu a formação e o apoio das elites, às quais coube veicular a linha ideológica dominante, assegurar o cumprimento estrito da ordem e, como consequência, manter a nação submissa.

A veiculação da ideologia nazi foi assegurada por diversos agentes nos primeiros anos de existência do III *Reich*. Embora o presente ponto se debruce sobre a propaganda positiva e as suas leituras, tanto no *BP* como no *BS*, é relevante abordar as linhas ideológicas do nacional-socialismo, nomeadamente as que são afetas ao enaltecimento da Alemanha, para que seja possível traçar a sua relação com as temáticas da propaganda positiva presente nos boletins. Assim sendo, os principais aspetos ideológicos que sustentam o discurso positivo que exalta a Alemanha são: o nacionalismo nas suas principais vertentes (o conceito de *Volksgemeinschaft* e de *Weltanschauung*), o culto do chefe, o espaço vital e a afirmação da supremacia alemã em vários níveis.

O conceito de nacionalismo explicado por Hitler na sua obra *Mein Kampf*, e defendido pelos principais líderes nazis, apresentava um conjunto de medidas que pretendiam aplicar o totalitarismo e a política nazi por toda a Alemanha. Deste modo, o nacionalismo sob a égide da cruz suástica atuou sob variadas temáticas de persuasão que coagiram a sociedade alemã a unir-se para concretizar os princípios do movimento. Desde logo, a ideia da comunidade nacional como um dos princípios basilares deste tipo de nacionalismo é realçada pelo emprego da expressão: *Volksgemeinschaft*. Empenhados em concetualizar a sua ideologia, os nazis conceberam a ideia de que a nação alemã constituía uma comunidade, vinculada numa combinação de fatores raciais, históricos e culturais, que eram de grande importância para a persecução de um ideal de pátria. Sob o pensamento da comunidade nacional, os nazis olharam para o enquadramento das massas como um fator fundamental, pois estas deviam unir-se em prol da nação. Deste modo, foi posto em prática o esforço comum para a realização dos grandes objetivos da Alemanha nazi: nacionalismo, busca do espaço vital e a afirmação da sua supremacia em todos os níveis. Exprimindo-se por um discurso utópico, o *Volksgemeinschaft* era em simultâneo um mecanismo para a divulgação do elitismo e da ordenação da sociedade alemã²⁰⁴.

²⁰⁴ Sobre a concetualização da *Volksgemeinschaft*, ver KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 66.

Assim, o nazismo constituiu na sua essência um Estado que vivia para o povo, ou seja, «é a organização da comunidade, homogênea por natureza e sentimento, unida para a promoção e conservação da sua raça e para a realização do destino que lhe traçou a Providência»²⁰⁵.

Era ainda característico desta comunidade nacional, a liderança das massas por um chefe.

Na Alemanha nazi, o *Führer* era uma parte integrante da elite, simbolizando o Estado totalitário por excelência e afirmando-se como a personagem central que encarnava a nação alemã e guiava o destino do povo. A veneração pelo Chefe de Estado tinha de ser prestada sem hesitação, desenvolvendo um verdadeiro culto que raiava a idolatria²⁰⁶.

Joseph Goebbels foi o grande instigador da imagem messiânica de Hitler, tornando qualquer aparição pública e discurso do *Führer* num *leitmotiv* da propaganda nazi. Corella Torres afirma que a criação do culto a Hitler, tal como o efeito psicológico²⁰⁷ provocado pelo líder alemão nas multidões que o aplaudiam, permitiu conceber o mito de infalibilidade e carisma que fez transcender Hitler para além do Partido Nazi e exaltar o chefe que as massas seguiram cegamente²⁰⁸.

Ainda na exaltação da Alemanha, o nacionalismo germânico proclama outro elemento ideológico, desenvolvendo um discurso exaltador das glórias pátrias com um sentido profundo de revivalismo e superioridade históricas e de pertença a uma identidade nacional, ou melhor, a uma raça. A ideia de orgulho nacional deveria ser fomentada pelo próprio Estado, através da utilização da ciência, na qual o ensino da história era manipulado para a doutrinação das grandezas da nação alemã e remodelava os principais valores desta.

O Estado racista deve ver na ciência um meio de aumentar o orgulho nacional. Tanto a história universal como a história da civilização devem ser ensinadas sob esse aspeto. Um inventor deve ser visto não só porque é inventor, mas também porque é um dos nossos compatriotas. A admiração por todas as grandes ações

²⁰⁵ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, p. 113.

²⁰⁶ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 75.

²⁰⁷ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 102.

²⁰⁸ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 109.

deve ser combinada ao orgulho por ser seu executor um membro da nossa pátria. Devemos seleccionar as maiores figuras da multidão dos grandes nomes da nossa história e pô-las diante da juventude de modo tão impressionante que elas possam servir de pilares de um inabalável sentimento nacional²⁰⁹.

Pelo que podemos depreender das suas palavras, Hitler sugeria que a solução para o fomento do espírito nacionalista na Alemanha residia na educação do indivíduo para o «orgulho nacional»²¹⁰. Este brio pela nação era sustentado pela argumentação manipulada da História que posicionava os alemães como os principais criadores de cultura e de civilização. Assim, educava-se o indivíduo para ter orgulho no passado imperialista da Alemanha, inflamando o ensino de espírito nacionalista em prol da formação de um homem novo que forjasse a Nova Ordem e efetivasse a Revolução Nacional, que seria capaz de devolver a supremacia alemã no continente europeu²¹¹.

O desejo de uma Grande Alemanha consistia numa forte expressão do nacionalismo instigado pelos nazis. Esta ambição era materializada no conceito de *Lebensraum*, cujos objetivos almejavam a submissão dos povos considerados inferiores e a ocupação da zona central e leste da Europa, obtendo assim um espaço vital²¹². O desejado *Lebensraum* tinha como objetivos suprir os alemães a nível de territórios na Europa, recorrendo à força, se necessário, tendo em vista a criação de uma Grande Alemanha:

Diligenciai para que a força do nosso povo não se baseie em colónias, mas sim em território na Europa. Não considereis o Reich em segurança, enquanto ele não estiver em condições de, durante séculos, oferecer a cada rebento do nosso povo, o seu próprio pedaço de terra. Não esqueçais nunca que o direito mais sagrado neste mundo é o direito sobre a terra que queremos cultivar, e que o mais santo dos sacrifícios é o do sangue que vertemos por ela²¹³.

²⁰⁹ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, p. 311.

²¹⁰ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, pp. 310-311.

²¹¹ Sobre a Nova Ordem,, consultar NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, pp. 68-70.

²¹² Sobre a questão da conquista do território vital, ver HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, pp. 475-494.

²¹³ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, p. 492.

Em prol deste princípio do nazismo, Hitler acabou por proceder, em 1938, à anexação da Áustria e deu início à ocupação da Checoslováquia. Em 1939, o III *Reich* avançou para leste com a ocupação da Polónia, facto que desencadeou a Segunda Guerra Mundial.

Estas ideias encontram-se descritas no *Mein Kampf* e tiveram grande receptividade entre os nazis, que delas se serviram para impor o triunfo da sua ideologia.

O conteúdo da propaganda positiva patente no *Boletim Político* e no *Boletim Semanal* repercutia e exaltava os objetivos e valores do movimento nacional-socialista. Além disso, as subcategorias organizadas para a análise da propaganda positiva demonstram que, para além das principais temáticas de promoção ideológica que compõem o discurso de enaltecimento da Alemanha nos boletins, existe paralelamente a apresentação da Alemanha como nação superior a nível cultural, militar, diplomático e defensora da religião, introduzindo, assim, outras temáticas, igualmente, interessantes para esta discussão.

3.1.1. Nacionalismo, culto do chefe e espaço vital

Como veremos de seguida, tanto no *Boletim Político* como no *Boletim Semanal*, os conteúdos da propaganda positiva exprimiam discursos tendentes ao nacionalismo, culto do chefe e ao espaço vital.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, a propaganda alemã internacionalizou-se, procurando um público mais vasto, que não se restringia exclusivamente às fronteiras alemãs. Para tal, a propaganda nazi agia em conformidade com a mundialização do conflito, procurando, de imediato, aplicar táticas que permitissem colher proveitos propagandísticos a nível internacional, nomeadamente nas nações neutras e, simultaneamente, ameaçar o espírito de resistência dos seus inimigos²¹⁴.

No que concerne aos ideais nazis, nos boletins nota-se que os seus autores procuravam o apoio do público além-fronteiras. O aparato de propaganda liderado por Goebbels procurou cativar os seus leitores, nomeadamente os europeus, de forma a legitimar a luta do povo alemão como a luta pela Europa contra os seus principais

²¹⁴ WELCH, David — *The Third Reich: Politics and Propaganda*, p. 117.

inimigos. O foco da propaganda internacional centrava-se essencialmente em países europeus.

Como foi referido anteriormente, um dos tópicos do nacionalismo alemão sob a égide da Alemanha nazi teve como base o conceito de *Volksgemeinschaft*, que essencialmente consistia numa nova sociedade germânica, na qual eram rejeitadas as velhas religiões, ideologias e a divisão de classes, tendo como objetivo a formação de uma identidade alemã unida, baseada numa argumentação da luta de raças e da liderança do Estado.

Sendo a ideia da comunidade nacional um elemento para a fundamentação do nazismo, o *BS* expõe textos de cariz informativo com referências curtas, ao contrário do *BP* que potencia o discurso longo e cuja mensagem visava os meandros político e a propaganda psicológica.

No *Boletim Político* é visível a evolução da representação da comunidade nacional alemã ao longo de 1943. No primeiro semestre, sensivelmente até aos acontecimentos que conduziram à divisão da Itália, a propaganda alemã do *BP* patenteia o discurso universal, no qual louva o espírito de união nacional que assenta no emprego de todas as forças para um único fim, sendo apontado que o «novo espírito que anima e orienta o Reich e o Povo, desde que o nacional-socialismo ascendeu ao poder, em 1933»²¹⁵, em conjugação com o «tradicional sentido de ordem, disciplina e dedicação pelo todo, robusteceu muito mais do que se esperava a energia combativa da nação, a sua vontade de afirmar por si própria»²¹⁶ e de cumprir os objetivos a que se propõe levar a cabo através dessa revolução.

A partir do segundo semestre, à medida que os avanços aliados iam penetrando as linhas do Eixo e as ofensivas alemãs apresentavam desfechos desfavoráveis, ao *BP* agrega-se uma evolução da dimensão psicológica da propaganda. Isto é, a propaganda positiva a nível do tema da comunidade nacional passará a centrar-se nas notícias dos bombardeamentos aéreos aliados que atingiam a Alemanha, pelo que será uma oportunidade para a propaganda nazi se revigorar, ainda mais com uma base psicológica.

²¹⁵ «A missão histórica de Adolfo Hitler: a propósito do dia 20 de abril». *Boletim Político*, SILA, nº 356, 20-4-1943, p. 2. Ver anexo 2.

²¹⁶ «A missão histórica de Adolfo Hitler: a propósito do dia 20 de abril». *Boletim Político*, SILA, nº 356, 20-4-1943, p. 2.

Assim, o *BP* salienta a perseverança da frente interna: «a frente alemã tem à sua retaguarda uma nação digna dela na disciplina, na moral, na persistência e na coragem heroica»²¹⁷. Ainda sob este artifício propagandístico, os textos publicados evidenciam que o terrorismo aéreo fez com que o povo alemão se consciencializasse de que «nesta guerra se trata do ser ou não ser não só da massa anónima do povo, mas da própria pessoa humana e que está em jogo não só a continuação da comunidade nacional mas também o destino de cada indivíduo»²¹⁸. Esta invocação do indivíduo dentro da comunidade nacional, por parte dos autores do boletim, corresponde a uma nova diretriz propagandística que Aristotle Kallis apresenta como um indicador da pulverização da comunidade nacional na propaganda germânica. Segundo o autor, a perda do elemento de uniformidade deteriorou a coerência da propaganda «and undermined the regime's efforts to sustain the homogeneity of its message to the public». Deste modo, a propaganda nazi «had no other means of responding [...] than to resort to a diversification of its own discourse»²¹⁹.

No que toca ao tema da comunidade nacional no *BS*, verifica-se a reprodução de alguns excertos de artigos de publicações estrangeiras, de modo a reforçar a veracidade das suas afirmações, como é o caso do artigo escrito por Paul Gentisson na revista mensal *Le Mois Suisse* referenciada pelo *BS*, pois este pretende enfatizar a força da moral do povo alemão e as suas qualidades: «“o alemão não é apenas disciplinado, é também persistente e indomável nas suas decisões”»²²⁰. De forma a mostrar o esforço da Alemanha, o *BS* também referencia algumas passagens dos discursos das principais personalidades do *Reich*, como por exemplo do Ministro Joseph Goebbels, que valoriza os bons níveis de produção de guerra pelo facto de na Alemanha não existir «“operários com a intenção de fazer greve”» e prossegue justificando que tal se deve à persistência dos operários de armamentos, pois «“só conhecem uma palavra de ordem, armas para a frente”»²²¹. Como

²¹⁷ «O quinto natal de guerra». *Boletim Político*, SILVA, nº 562, 24-12-1943, pp. 1-2.

²¹⁸ «O quinto natal de guerra». *Boletim Político*, SILVA, nº 562, 24-12-1943, p. 2.

²¹⁹ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 162.

²²⁰ «Na hora decisiva a Alemanha entrará em ação». *Boletim Semanal*, SILVA, 30-10-1943, p. 4. Transcrição do periódico *Le Mois Suisse*.

²²¹ «O moral da frente interna». *Boletim Semanal*, SILVA, 12-6-1943, p. 1. Transcrição do discurso proferido por Joseph Goebbels no Palácio dos Desportos em Berlim.

se afirma no *BS*, a união do povo alemão e do governo nazi fazem da Alemanha a «nação civilizada» decidida a alcançar «uma vitória total sobre o inimigo»²²².

«The decision of the NS leadership to launch war in September 1939 constituted a watershed for the regime's propaganda operation and output»²²³. Com a deflagração do conflito, os líderes nazis sentiram a necessidade de fundamentar e justificar o início da guerra, surgindo assim nos boletins uma concepção de política mundial.

Logo em janeiro de 1943, o *Boletim Político*, por meio da transcrição de um texto da revista alemã *Berlim-Roma-Tóquio*, introduz o conceito de «Weltanschauung»²²⁴.

Esta expressão significa a visão internacional e compõe os argumentos político-ideológicos da corrente nacionalista que marca tanto o discurso propagandístico do *BP* como o do *BS* no que toca à preservação do futuro da Europa sob o desígnio do nacional-socialismo.

Esta concepção política (*Weltanschauung*) baseia-se, para de mais, na luta do Partido Nazi pela salvação «dos elementos constitutivos da vida europeia»²²⁵, apresentando os alemães como um povo que empenha os seus esforços em prol da «defesa do futuro da Europa»²²⁶ e cujo esforço é representado pelo «heroísmo imortal» dos soldados alemães. Argumentando que esta guerra é um combate pela política, porque gira sobre a «estrutura política dum continente»²²⁷, os autores do boletim esclarecem que este conflito, bem como o seu programa, se aproximam das «grandes revoluções nacionais»²²⁸. A ideia que o *BP* pretende passar é que o *Weltanschauung* é o planeamento da Nova Europa, que o povo alemão, graças à sua missão histórica, forjará uma nova ordem europeia, uma «unidade»²²⁹ dentro do continente, que será liderada pela Grande Alemanha. Sobre esta

²²² «“O exército alemão é a única muralha contra o assalto da estepe ao velho continente”». *Boletim Semanal*, SILVA, 27-2-1943, p. 2.

²²³ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 93.

²²⁴ «“A vitória do Ocidente”: a missão alemã no Leste». *Boletim Político*, SILVA, nº 280, 20-1-1943, p. 2. Transcrição da revista alemã *Berlim-Roma-Tóquio*.

²²⁵ «“A vitória do Ocidente”: a missão alemã no Leste». *Boletim Político*, SILVA, nº 280, 20-1-1943, p. 2. Transcrição da revista alemã *Berlim-Roma-Tóquio*.

²²⁶ «Estalinegrado: os soldados alemães lutam como os cadetes espanhóis no Alcazar». *Boletim Político*, SILVA, nº 285, 26-1-1943, p. 1.

²²⁷ «O sentido desta guerra: a revolução da Europa para a garantia da liberdade e da vida». *Boletim Político*, SILVA, nº 359, 27-4-1943, p. 1.

²²⁸ «O sentido desta guerra: a revolução da Europa para a garantia da liberdade e da vida». *Boletim Político*, SILVA, nº 359, 27-4-1943, p. 1.

²²⁹ «A missão histórica de Adolfo Hitler: a propósito do dia 20 de abril». *Boletim Político*, SILVA, nº 356, 20-4-1943, p. 2.

Nova Ordem, o *BP* utiliza excertos da revista alemã *Berlim-Roma-Tóquio* que, sem surpresa, opina favoravelmente ao regime nazi, e esclarece que nesta nova organização imperam as forças políticas do nazismo e a ele aliadas, tendo como inimigos figadais «o bolchevismo revolucionário e o imperialismo anglo-saxónico»²³⁰, que deseja combater para vitória do «renascimento do Ocidente»²³¹. No entanto, o discurso nacionalista, tendo como objetivo a constituição geopolítica da Nova Europa, perderá algum espaço no *BP* a partir do fim do verão de 1943, isto é, quando se dá o fracasso dos alemães na ‘Operação Cidadela’ e o fim das grandes ofensivas alemãs na frente leste.

No *Boletim Semanal*, esta questão da nova ordem europeia segue uma linha de discurso similar ao *BP*, porém as intervenções sobre este tipo de assunto são em menor número e o grau de discussão é comparativamente inferior ao verificado no *BP*. Todavia, estes textos nunca apresentam a propaganda positiva de forma isolada, empreendendo, portanto, um duplo sentido de propaganda, como é possível inferir pelos excertos do *BS* que foram analisados. A par desta ideia da organização do continente europeu pela Alemanha, o *BS* pronuncia-se num sentido mais abrangente desta Nova Europa, esclarecendo que «a luta de todos contra todos, tal como o imperialismo insaciável a tem provocado pela segunda vez, deve ser eliminada para sempre por uma nova ordem mundial fundamental e justa»²³².

Na construção desta Nova Ordem, os autores do *BS* defendem que o povo alemão educado pelo nacional-socialismo, integra «uma nova casta de pioneiros europeus» que, através da sua «energia, dinamismo e potencial criador de valores»²³³, lançam as bases de construção de uma Europa resistente, isto é, da Nova Europa. Por outro lado, é recorrente o *BS* fazer a transcrição de palavras de figuras importantes dos países neutrais que simpatizam com o nazismo, tendo como principal objetivo aclamar as razões de fazer guerra por parte dos alemães e cativar o apoio dos países neutrais para o seu lado. Esta argumentação pelo combate da Nova Ordem europeia, forjada pelos nazis, envolve ao

²³⁰ «Os objetivos do “Eixo” na guerra de libertação da Europa: garantia contra o bolchevismo oriental e o imperialismo ocidental». *Boletim Político*, SILA, nº 317, 4-3-1943, p. 2.

²³¹ «“A vitória do Ocidente”: a missão alemã no Leste». *Boletim Político*, SILA, nº 280, 20-1-1943, p. 2. Transcrição da revista alemã *Berlim-Roma-Tóquio*.

²³² «50º aniversário de Von Ribbentrop, Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich». *Boletim Semanal*, SILA, 8-5-1943, p. 2.

²³³ «Domínio e retaliação da guerra de bombardeamento: novos pioneiros». *Boletim Semanal*, SILA, 2-10-1943, folha avulsa, frente.

mesmo tempo o discurso de propaganda negativa contra os Aliados e os seus objetivos para a Europa, no caso da vitória destes. Num dos seus textos mais representativos, o *BS* afirma que a vitória alemã na guerra é essencial para preservar a vida europeia no pós-guerra. Deste modo, transcreve excertos da comunicação do jornalista sueco Helger Moelimen Palugren numa reunião do Partido Socialista da Suécia: «“Como sueco e europeu sente-se uma ignomínia sem igual, que os círculos anglófilos na Suécia se identifiquem com a União Soviética inimiga da Europa, desdenhando o grande povo civilizado alemão, devendo-se aos seus sacrifícios o facto de a Suécia ainda estar em paz e gozar da sua independência”»²³⁴, e continua, afirmando com satisfação que «“o exército alemão ainda está a postos”», na esperança de que «“as suas armas possam livrar a Europa da derrocada”»²³⁵.

A propaganda de enaltecimento à Alemanha à luz dos boletins estrutura-se igualmente noutra categoria, que coincide com o culto do chefe. Segundo a explicação ideológica do nazismo, descrita anteriormente de forma sucinta, o culto do chefe consiste sobretudo na personalização do Estado em torno do indivíduo que o lidera, sendo o corolário disso o culto do líder, do homem do Estado. Trata-se de uma feição dos estados totalitários, dos quais é precursor o fascismo italiano, já que anos antes, Mussolini tinha sido apelidado de ‘Duce’ e na Alemanha Hitler viria a ser denominado ‘Führer’.

Na propaganda analisada nos boletins, o culto da imagem de Adolf Hitler assume diferentes mas, ao mesmo tempo, complementares conotações, sendo de destacar três: a sua figura como líder político, como militar e, ainda, o paralelismo histórico com grandes figuras do passado.

Tratando-se de um artifício recorrente, a propaganda do *Boletim Político* utiliza as datas simbólicas, como é o caso do aniversário de Hitler, para louvar as principais realizações políticas do estadista, que transformou «numa orgulhosa ascensão a derrocada que parecia inevitável». Assim, o *BP* rememora o ressurgimento económico da Alemanha sob o governo nazi e aproveita para exaltar o seu contributo para com o povo alemão:

²³⁴ «Os suecos lutam contra o englobamento na esfera de interesses soviéticos». *Boletim Semanal*, SILVA, 28-8-1943, p. 3. Transcrição do comunicado proferido pelo jornalista Helger Moelimen Palugren na conferência do Partido Socialista sueco.

²³⁵ «Os suecos lutam contra o englobamento na esfera de interesses soviéticos». *Boletim Semanal*, SILVA, 28-8-1943, p. 3. Transcrição do comunicado proferido pelo jornalista Helger Moelimen Palugren na conferência do Partido Socialista sueco.

«homem de sangue rural, socorreu o camponês, que se encontrava em perigo; restituiu ao povo alemão a confiança em si próprio, a satisfação no trabalho e a alegria de viver»²³⁶.

Paralelamente às principais realizações económicas, sociais e políticas efetuadas sob a liderança de Adolf Hitler, que o apresentam como salvador ou homem providencial, o *BP* escrutina também as qualidades do *Führer* como líder militar, apontando a «sua genial chefia»²³⁷, que se verifica quer «em assombrosas obras pacíficas» em tempos de paz, quer como o «generalíssimo e o organizador do potencial combativo dum povo de 80 milhões»²³⁸ em tempos de guerra. O *Führer* é aclamado pelos autores dos boletins como um verdadeiro estratega ao sincronizar a liderança política e militar e ser impulsionador da «colaboração» inovadora de todos os ramos das Forças Armadas na condução de guerra alemã.

No *Boletim Semanal*, a linha de discurso em torno da exaltação da imagem de Hitler avoca outra conotação, referida antes, ou seja, o paralelismo histórico.

Os autores do *BS* referenciam Adolf Hitler nas principais datas simbólicas, comparando-o a outras figuras históricas, notáveis pela sua capacidade de liderança. Citando um caso análogo que representa por excelência esta linha de discurso, o *BS* celebra o aniversário do *Führer* salientando que o povo alemão comemora com «orgulho e amor o seu *Führer* e chefe supremo». Assim sendo, os autores do *Boletim Semanal* prosseguem com uma breve nota biográfica do percurso de Hitler, desde a sua participação na Primeira Guerra Mundial até à sua liderança do Partido Nazi. Considerado pelo *BS* como «personalidade de génio universal», que irá protrair «por todos os tempos uma compreensão biográfica», Hitler é comparado a Napoleão Bonaparte na capacidade de luta obstinada por um ideal, acrescentando que o Chefe de Estado alemão tem «ideias europeias», isto é, «a luta da Europa contra as hordas das estepes [bolchevismo]». O *BS* argumenta que o empreendimento do líder alemão é uma obra que toca as raias do maravilhoso, pois aglomera o continente europeu «espiritualmente em volta do estandarte vitorioso de Adolf Hitler»²³⁹, ficando gravada na história para milhões de pessoas. Aliás,

²³⁶ «A missão histórica de Adolfo Hitler: a propósito do dia 20 de abril». *Boletim Político*, SILA, nº 356, 20-4-1943, p. 1.

²³⁷ «A missão histórica de Adolfo Hitler: a propósito do dia 20 de abril». *Boletim Político*, SILA, nº 356, 20-4-1943, p. 2.

²³⁸ «A missão histórica de Adolfo Hitler: a propósito do dia 20 de abril». *Boletim Político*, SILA, nº 356, 20-4-1943, p. 2.

²³⁹ «20 de abril de 1943». *Boletim Semanal*, SILA, 24-4-1943, p. 1.

o *BS* utiliza as palavras do semanário inglês *The Sphere* que indicavam que nem os adversários da Alemanha menosprezavam a «“gigantesca personalidade do Führer”», para concluir que ele «“figurará na História como o melhor alemão de todas as épocas, seja qual for o resultado da guerra”»²⁴⁰. No *Boletim Semanal*, o paralelismo histórico é evidente, conferindo a Hitler, portanto, uma posição de guardião da civilização e história europeias.

Como é possível constatar, o *BP* e o *BS* contêm formas complementares de abordagem da imagem de Hitler. Isto coincide com uma teoria apresentada por Aristotle Kallis. Segundo este autor, a conotação histórica e a exploração de outros temas associados à figura de Hitler, nomeadamente no ano de 1943, correspondem a uma grande diretiva do Ministério de Propaganda de salvaguardar uma das maiores forças de integração psicológica da propaganda. Esta diretriz tinha como objetivo sustentar por mais tempo o discurso de desvio de atenções da realidade, com a popularidade do Partido Nazi e do próprio regime a começar a dar mostra de níveis baixos de lealdade, como resultado dos grandes desaires e recuos ocorridos na campanha militar alemã nesse ano²⁴¹.

Outra subcategoria de análise da propaganda de enaltecimento à Alemanha que aparece nos boletins consiste no espaço vital.

O conceito de *Lebensraum*, como foi possível verificar anteriormente, consiste essencialmente num fundamento imperialista e nacionalista tendo por objetivo conquistar e dominar uma vasta extensão territorial.

Na propaganda dos boletins, o espaço vital é uma temática que aparece frequentemente relacionada com a conceção nazi da Nova Ordem e da ideia de supremacia económica assumida pela Alemanha e pelo Eixo nos territórios por estes ocupados. Nesta conformidade, o *BP* apresenta dois números, no mês de março, cujos textos são representativos do discurso adotado pela propaganda alemã no que toca à argumentação do espaço vital. Antes de formular a posição hegemónica do Estado nacional-socialista na Nova Ordem, o boletim começa por afirmar, por meio das palavras transcritas do artigo de Willhelm Koppen no *Völkischer Beobachter*, que as potências signatárias da Carta do Atlântico e que saíram vitoriosas na Primeira Guerra Mundial,

²⁴⁰ «20 de abril de 1943». *Boletim Semanal*, SILA, 24-4-1943, p. 1. Transcrição do semanário inglês *The Sphere*.

²⁴¹ Ver KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 162.

«“ficaram com uma imensidade de espaço, que não correspondia nem à sua população nem ao seu poder realizador”», sujeitando as nações derrotadas, entre as quais o *BP* destaca a Alemanha, a «“ficarem apertadas, não podendo desenvolver os seus dons criadores”», e a permanecerem totalmente dependentes daqueles que possuíam os monopólios das matérias-primas, negando a essas nações os «“espaços que lhes pertenciam segundo a ordem natural”»²⁴². Interpretando este tipo de discurso, torna-se explícito que os autores do boletim manifestam um elemento da política expansionista nazi presente no *Mein Kampf*, argumentando que paralelamente ao espaço vital existia o direito natural de um Estado forte de deter esse espaço por questões de subsistência do seu povo. Ao justificar o pretenso direito, este argumento evidenciava que Estados como a Alemanha, o Japão e a Itália tinham-se unido para se oporem ao domínio económico e político que as potências ocidentais exerciam desde o fim da Primeira Guerra Mundial. Segundo o *BP*, o Pacto Tríplice é composto por três nações que têm todo o direito de advogar o saneamento do mundo, exigindo «em primeira linha que os seus membros sejam sãos», assegurando um «novo florescimento de economia mundial e a garantia de uma paz duradoura»²⁴³.

Para concluir a explicação política que os propagandistas do *BP* deferem ao conceito de espaço vital, este seria a base do «“princípio de que, no futuro, a paz e o trabalho dos povos só poderiam ser garantidos desde que as nações dos grandes espaços vitais se unissem aos Estados fortes”» e adiantam que, através da construção do tão desejado *Lebensraum*, a Alemanha só tem um propósito: «“estabelecer a vitória final, uma Nova Ordem, na Europa, que proporcionará a todos os povos europeus uma existência segura, numa atmosfera de justiça e de colaboração”»²⁴⁴.

O *Boletim Semanal* também emprega um discurso que estabelece a relação entre o espaço vital e a supremacia económica, apresentando implicitamente o direito de

²⁴² «Os objetivos do “Eixo” na guerra de libertação da Europa: garantia contra o bolchevismo oriental e o imperialismo ocidental». *Boletim Político*, SILVA, nº 317, 4-3-1943, p. 1. Transcrição do artigo «Nova Ordem», do diário *Völkischer Beobachter*, da autoria de Wilhelm Koppen.

²⁴³ «Os objetivos imperialistas do americanismo e do bolchevismo: utopias yankees acerca da futura economia mundial». *Boletim Político*, SILVA, nº 316, 3-3-1943, p. 2.

²⁴⁴ «Os objetivos do “Eixo” na guerra de libertação da Europa: garantia contra o bolchevismo oriental e o imperialismo ocidental». *Boletim Político*, SILVA, nº 317, 4-3-1943, p. 2. Transcrição do artigo «Nova Ordem», do diário *Völkischer Beobachter*, da autoria de Wilhelm Koppen, citado pelo *BP*.

ocupação do Estado nacional-socialista nos territórios que considera vitais, tendo como base o seu comportamento exemplar nessas regiões.

Para corroborar estas ideias são visíveis algumas representações ao longo do ano de 1943, acerca da supremacia moral dos alemães em territórios anexados pelo *Reich*. Em função da ocupação alemã, o *BS* destaca o caso da Letónia, já que, «com especial solenidade» se havia realizado «em Riga a devolução das propriedades rurais que os bolchevistas tinham roubado aos letões»²⁴⁵, afirmando que os «camponeses letões que se encontravam reintegrados nas suas terras fariam tudo para alcançar a vitória final»²⁴⁶ ao lado da Alemanha. Na mesma linha, encontra-se outra referência às formas de atuação dos alemães nas zonas ocupadas a leste, aludindo que na Letónia, deu-se início a uma nova «ação de entrega de propriedades particulares»²⁴⁷. Por fim, em julho de 1943, o *BS* expõe outro texto que louva os acontecimentos que envolvem os Estados Bálticos, reiterando que «a Alemanha já conseguiu restaurar nestes países propriedades privadas no comércio a retalho, oficinas e pequenas indústrias»²⁴⁸. Deste modo, a restituição de terras aos seus proprietários e a recuperação de alguns setores económicos nos territórios anexados pela Alemanha nazi são abordados pelo *BS* com o objetivo de demonstrar que os alemães promoviam a justiça e a prosperidade, representando-os também como defensores da propriedade privada, da lei, dos direitos e do progresso económico, que contribui para a legitimação do espaço vital nesses territórios.

3.1.2. Supremacia cultural, militar e diplomática

Em reforço deste enaltecimento da Alemanha existe também no *BP* e no *BS* a afirmação da supremacia alemã a vários níveis (cultural, militar e diplomático).

Acerca da supremacia cultural, é necessário conhecer, antes de mais, o funcionamento da vida cultural e artística na Alemanha nazi. A cultura e a arte deviam irradiar os preceitos ideológicos do nacional-socialismo, sendo imperativo aos artistas assumir uma posição de simpatia e de colaboração para com os ideais do novo regime. A arte deveria estar «ao serviço da “Revolução Nacional” e fortemente controlada pelo aparelho de Estado, até porque, para o *Führer*, o artista não deveria criar para si próprio,

²⁴⁵ «Camponeses da Letónia voltam a gozar dos seus direitos». *Boletim Semanal*, SILVA, 3-4-1943, p. 2.

²⁴⁶ «Camponeses da Letónia voltam a gozar dos seus direitos». *Boletim Semanal*, SILVA, 3-4-1943, p. 3.

²⁴⁷ «Volta a haver propriedade particular nos Estados Bálticos». *Boletim Semanal*, SILVA, 22-5-1943, p. 4.

²⁴⁸ «No Báltico torna a haver propriedade privada». *Boletim Semanal*, SILVA, 24-7-1943, p. 4.

mas sim “para o povo”»²⁴⁹. Não restam dúvidas de que a cultura veio a ser alvo de totalização nazi, tal como se verificou noutros setores da vida nacional alemã. Ora, o símbolo máximo desta centralização foi representado na criação da Câmara de Cultura do *Reich*, em 1933, que ficou sob a direção do Ministério de Propaganda e englobou a Câmara da Literatura, da Imprensa, da Rádio, do Teatro, da Música, das Artes Criativas. Por outras palavras, é o início da nazificação da cultura alemã.

Contudo, em que se baseou a afirmação de superioridade cultural nazi?

Apropriando-se da teoria evolucionista de Charles Darwin, Hitler concebeu a História como uma luta pela sobrevivência da cultura, uma luta de raças entre os povos fundadores, transmissores e destruidores de cultura. Para Hitler, os povos fundadores e transmissores de cultura eram os arianos, que tinham nos alemães os seus mais puros representantes. E defendia que o núcleo central do idealismo nazi (a raça) devia ser implementado nas mentes dos mais jovens e propagandeada entre a restante população, para que cada alemão estivesse convencido da superioridade absoluta do seu povo sobre os outros povos. Para tal, a instrumentalização da História foi crucial no sentido de encontrar no passado os fundamentos para essa superioridade cultural e civilizacional da Alemanha. Hitler defendia que «o que hoje se apresenta a nós em matéria de cultura humana, de resultados colhidos no terreno da arte, da ciência e da técnica, é quase que exclusivamente produto da criação dos Arianos»²⁵⁰.

Os povos destruidores de cultura, segundo o nazismo, eram representados pelos judeus e pelos eslavos. Na sua perspetiva, a condição essencial para o desenvolvimento civilizacional consistia na luta contra raças inferiores, que a raça ariana tentou aniquilar para afirmar a sua supremacia.

De acordo com estas ideias, os alemães são retratados de forma recorrente pelos autores do *BP* como protetores «dos elementos constitutivos da vida europeia»²⁵¹, sendo frequentes expressões que corroboravam a ideia de que «só a vitória da Alemanha garantirá a salvação da Cultura e da Civilização dos povos europeus»²⁵². Ao legar este

²⁴⁹ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, p. 21.

²⁵⁰ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, p. 216.

²⁵¹ «“A vitória do Ocidente”: a missão alemã no Leste». *Boletim Político*, SILA, nº 280, 20-1-1943, p. 2. Transcrição da revista alemã *Berlim-Roma-Tóquio*.

²⁵² «A Inglaterra abandona a Europa aos soviets: novas provas dos planos britânicos». *Boletim Político*, SILA, nº 324, 13-3-1943, p. 2.

papel de singularidade à Alemanha como salvadora da vida cultural europeia, o discurso do *Boletim Político* procura posicionar o país como nação superior a nível cultural, servindo-se, para tal, de importantes figuras da história alemã e europeia. No caso especial do *Boletim Político* é de referir um texto emblemático desse artifício propagandístico, que expõe uma nota sobre o percurso biográfico de Nicolau Copérnico, por sinal polaco, mas nascido na cidade de Torun, que, à época, fazia parte da Prússia; a escolha de Copérnico não terá sido inócua, já que evidenciava uma pátria alemã que, em vários momentos da história, se alargara a territórios que, no presente, integravam, se bem que à força, o III *Reich*. Servindo-se da data de comemoração do seu falecimento, o *BP* louvava o contributo científico e cultural de Copérnico, reconhecendo-o como «uma das figuras mais eminentes do espírito europeu», e evidenciando que tal «data histórica foi agora comemorada em toda a Europa e deu ensejo a que mais uma vez fosse reconhecido o contributo dado pela Alemanha para o progresso da Cultura e da Civilização europeias»²⁵³. Perscrutando as suas principais descobertas científicas tanto na matemática como na astronomia, assim como estudos capitais nas áreas do Direito e da Filosofia, os autores do *BP* apresentavam os alemães como guardiões da civilização europeia, conservando-os numa posição de irrefutável hegemonia cultural.

No que diz respeito ao *Boletim Semanal*, a propaganda da supremacia cultural estendia-se a outro país do Eixo, a Itália. Tendo por base excertos retirados do discurso de Joseph Goebbels na inauguração da VII Exposição de Arte alemã, o *BS* punha «em relevo a importância da contribuição alemã e italiana para a cultura ocidental»²⁵⁴. Este boletim aproveitou a argumentação do Ministro de Propaganda alemão acerca dos bombardeamentos aéreos aliados a grandes cidades alemãs e italianas, para enfatizar que a Europa era o expoente da civilização, pois o velho continente «“é mais rico espiritual e intelectualmente”», uma vez que não criou apenas «“arranha-céus, automóveis e frigoríficos”» — numa quase direta crítica à cultura norte-americana — mas «“também criou testemunhos imortais duma profunda força criadora artística”»²⁵⁵, mencionando nomes de figuras da cultura alemã e italiana como Albrecht Dürer e Ticiano.

²⁵³ «Nicolau Copérnico, grande astrónomo alemão: a propósito do 4º centenário do seu falecimento». *Boletim Político*, SILA, nº 383, 25-5-1943, p. 1. Ver Anexo 3.

²⁵⁴ «Inauguração da VII Grande Exposição de Arte alemã». *Boletim Semanal*, SILA, 3-7-1943, p. 2.

²⁵⁵ «Inauguração da VII Grande Exposição de Arte alemã». *Boletim Semanal*, SILA, 3-7-1943, p. 3. Transcrição do discurso proferido por Joseph Goebbels na abertura da VII Exposição de Arte alemã.

A supremacia militar alemã patente nos conteúdos do *BP* e do *BS* constitui uma temática de propaganda positiva que capta alguns detalhes da ideologia nazi, tornando-se fundamental uma breve introdução, antes de se proceder à sua análise.

A supremacia militar sustentava-se em dois fatores que atuavam a nível prático e ideológico — a riqueza industrial alemã e o suporte psicológico da ideologia.

À revelia das disposições impostas pelo tratado de Versalhes à Alemanha, os nazis cumpriram a promessa de transformar o país, novamente, numa potência militar. Com o pretexto de rearmar o país em nome da sua defesa e honra nacionais, os líderes nazis procederam a um vasto programa de rearmamento, sustentado pelo grande capital, fruto da recuperação industrial iniciada pelas políticas de dirigismo económico nazis. Assim, a tecnologia foi encarada pelos nacionais-socialistas como um grande sucesso político, além de um meio para formar «um exército alemão dotado de todos os requisitos modernos da técnica»²⁵⁶, de modo a fornecer as armas mais modernas e eficazes. Deste modo, a indústria alemã elevou a sua produção nos setores de siderurgia, química, eletricidade e mecânica que, posteriormente, puderam ser postas ao serviço da conquista do espaço vital prometido por Hitler.

Aliado à importância da tecnologia como fator de sucesso para o campo militar, Hitler considerava também que a educação/doutrinação detinha outro papel fundamental para a hegemonia militar de um Estado. O restabelecimento do poder militar na Alemanha baseava-se na teoria apresentada por Hitler no *Mein Kampf*, segundo a qual a nação devia estar provida de armas espirituais/psicológicas, capazes de fortalecer o poder da vontade de cada soldado. Conjugando a tecnologia de ponta a uma inculcação da vontade e orgulho nacional como catalisadores da coragem e tenacidade de qualquer soldado na frente de guerra, Hitler apresentava uma fórmula para a criação de uma tropa obstinada para a vitória — a formação militar complementada com uma educação espiritual, nacionalista e patriótica²⁵⁷.

A supremacia militar dos germânicos aparece, portanto, no discurso do *BP* e do *BS*, em paralelo com o contexto da guerra.

²⁵⁶ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, p. 480.

²⁵⁷ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, p. 503.

No caso do *BP*, os autores referenciam por diversas vezes dois subtemas da propaganda positiva relacionados com a condução de guerra levada a cabo pelos germânicos: a firmeza do soldado e da população alemães na continuação da luta, a infalibilidade das suas estruturas de estratégia militar e dos seus equipamentos.

Para atestar estes três fatores imprescindíveis à hegemonia germânica na guerra, foram selecionados alguns excertos exemplificativos no *Boletim Político*.

A determinação do soldado alemão é encarada com extrema importância pelos propagandistas do boletim. Mencionando as complicações que a batalha de Estalinegrado poderia representar, os autores do *BP* lembram que a resistência do exército e do povo alemão não era abalada pelos fatores de ordem militar, sendo outro o objetivo que movia a nação alemã para a luta:

O soldado alemão sabe que é testemunho do espírito que anima a Alemanha nacional-socialista. O soldado alemão combate nesse setor pelos seus camaradas noutros pontos da frente, combate para que a Pátria seja poupada aos terrores da guerra. Combate também por tudo que em sentido mais elevado significa o espírito alemão e o Nacional-socialismo²⁵⁸.

O *BP* salienta que a dimensão psicológica era fundamental para o sucesso militar da Alemanha, pelo que este tópico de propaganda positiva foi apresentado recorrentemente. Um dos seus textos expressava que os jovens soldados alemães que davam a sua vida na guerra, «atravessaram a escola da Nova Alemanha» e passaram «pela “Juventude Hitleriana”», tendo por conseguinte aprendido que «não há nada superior à grandeza da Pátria»²⁵⁹. Deste modo, a propaganda do *BP* realça, por um lado, que o soldado alemão era ímpar, pois estava dotado de armas espirituais, fruto da educação nacionalista que recebeu, a qual o nazismo considerava como essencial à formação de um soldado. Este discurso é representativo de vários textos do *BP*, nos quais se dá relevância ao elevado grau de orgulho patriótico e à educação das tropas na obstinação da vitória, constituindo-se numa componente primordial do poderio militar alemão, pois as tropas

²⁵⁸ «Estalinegrado: os soldados alemães lutam como os cadetes espanhóis no Alcazar». *Boletim Político*, SILA, nº 285, 26-1-1943, pp. 1-2.

²⁵⁹ «Estalinegrado: os soldados alemães lutam como os cadetes espanhóis no Alcazar». *Boletim Político*, SILA, nº 285, 26-1-1943, p. 2.

germânicas só «conhecem uma divisa: “vencer ou morrer”»²⁶⁰. Por conseguinte, o boletim alude ao poder da vontade ou, melhor dizendo, o poder das armas espirituais que são capazes de estimular a determinação e tenacidade de cada soldado no alcance da vitória.

As matérias do *BP* apontam ainda outro fator da hegemonia militar alemã: a infalibilidade das estruturas de estratégia militar, que se destaca no agrupamento de contingentes militares e formação de linhas de defesa. Nesta conformidade, ressalta um texto com a contabilização das forças alemãs na frente italiana, perseverando que aí se encontra uma força «de mais de 80 milhões de alemães» constituída pelos povos alemão e italiano que, em conjunto formam uma «defesa preparada»²⁶¹.

Quanto às linhas de defesa, o *BP* refere que a «norte e ocidente da Europa a “Muralha do Atlântico” protege as costas europeias. Na frente sul da Europa esta muralha continua-se numa “Muralha Mediterrânica”»²⁶², asseverando que qualquer tentativa de desembarque anfíbio aliado seria fracassada.

Sobre a construção de barreiras, a título de exemplo, o *BP* descreve-as como uma continuação da muralha da costa mediterrânica, constituindo uma «amálgama de cimento, obstáculos naturais e centenas de milhares de homens»; estas tropas seriam compostas por italianos mas, encontravam-se também a seu lado «as tropas do Exército alemão» que defenderão «cada polegada do solo italiano como se tratasse da sua própria Pátria»²⁶³.

Outro aspeto da supremacia militar germânica segundo o *Boletim Político*, consistia no aumento da produção e do nível da modernização tecnológica das armas e equipamentos alemães. Num dos seus textos de propaganda positiva é valorizada a participação dos alemães que permitiram um extraordinário crescimento da produção no esforço de guerra, sendo mencionado que «durante os 5 últimos meses se apresentaram 3,5 milhões de operários» para o trabalho, o que evidencia que «a Alemanha e a Europa possuem uma colossal reserva de mão de obra». Assim, o boletim realça a importância

²⁶⁰ «Estalinegrado: os soldados alemães lutam como os cadetes espanhóis no Alcazar». *Boletim Político*, SILVA, nº 285, 26-1-1943, p. 2.

²⁶¹ «O “Eixo” e os seus inimigos: as fortes posições da Alemanha e dos seus Aliados». *Boletim Político*, SILVA, nº 376, 17-5-1943, p. 1.

²⁶² «O “Eixo” e os seus inimigos: as fortes posições da Alemanha e dos seus Aliados». *Boletim Político*, SILVA, nº 376, 17-5-1943, p. 2.

²⁶³ «O “Eixo” e os seus inimigos: as fortes posições da Alemanha e dos seus Aliados». *Boletim Político*, SILVA, nº 376, 17-5-1943, p. 2.

da colaboração da frente interna no esforço de produção de armamento, salientando que «na guerra moderna o trabalho na Pátria representa a base fundamental da luta na frente»²⁶⁴.

Desta forma, «o problema mais importante da guerra moderna, o problema da fabricação de munições, não existe para a Alemanha»²⁶⁵, argumentando o *BP* que a produção alemã «ultrapassa em larga medida o consumo de munições», explicitando que «em face dos resultados obtidos em 1941 a produção de armamentos quintuplicou», já que «a mão de obra empregada na indústria de armamentos alemã sofreu um aumento de 23%». O *BP* conclui, portanto, que os «armamentos alemães dispõem de mais homens do que nunca», em resultado da vontade obstinada alemã de ganhar a guerra, fruto da «consolidação política»²⁶⁶ que o nacional-socialismo alcançou na Europa.

Por outro lado, o *Boletim Político* evidencia ainda, como indício da suposta supremacia militar alemã, a modernização das armas e equipamentos germânicos. Neste contexto, ressalta o poder de destruição e a infalibilidade dos *U-Boat*, que são, em 1943, um poderoso tópico de propaganda positiva²⁶⁷. A propaganda de elogio aos submarinos alemães é representativa no número 380, o qual, por meio de uma crítica ao discurso de Winston Churchill perante o Congresso, tem como objetivo reforçar a ideia de invencibilidade dos submarinos alemães, afirmando que o Primeiro-Ministro britânico vê os submarinos como «o mais perigoso inimigo dos anglo-saxões», e enfatizando que os britânicos «não têm qualquer esperança de poder dominar tal ameaça»²⁶⁸.

Como é possível verificar, as matérias do *BP* focam-se numa argumentação político-ideológica. Sustentam que a supremacia militar da Alemanha deve-se à resistência por parte dos soldados, contando em simultâneo com o sucesso das armas e equipamentos eficazes para a afirmar supremacia germânica na contenda.

A supremacia militar alemã é, igualmente, alvo de destaque no *Boletim Semanal*, repartindo-se em duas leituras: contabilização dos sucessos militares e superioridade

²⁶⁴ «Testemunhos da força da Alemanha: a manifestação no “Palácio dos Desportos” em Berlim». *Boletim Político*, SILA, nº 394, 8-6-1943, p. 1.

²⁶⁵ «Testemunhos da força da Alemanha: a manifestação no “Palácio dos Desportos” em Berlim». *Boletim Político*, SILA, nº 394, 8-6-1943, p. 1.

²⁶⁶ «Testemunhos da força da Alemanha: a manifestação no “Palácio dos Desportos” em Berlim». *Boletim Político*, SILA, nº 394, 8-6-1943, p. 1.

²⁶⁷ Ver KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 155.

²⁶⁸ «O discurso de Churchill perante o Congresso: o fator tempo não está do lado da aliança anglo-saxónica-bolchevista». *Boletim Político*, SILA, nº 380, 21-5-1943, p. 1.

tecnológica. Contudo, tais intervenções são bastante sucintas, limitando-se na sua maioria a breves notas. Logo em janeiro, o *BS* destaca êxitos militares alcançados pelos alemães, através da exposição dos principais acontecimentos, numa lista cronológica:

5.1 – Em redor de Velikie Luki, destruídos 14 carros de combate. Na região do Don, encarniçados combates de defesa.

6.1 – Na região do Don, aniquilados 31 carros blindados. Nas “frentes” central e setentrional, abatidos 20 aviões.

7.1 – Na região do Don, destruídos 20 carros blindados. Nos setores médio e norte da “frente”, abatidos 56 aviões²⁶⁹.

À medida que o ano de 1943 prossegue, é possível encontrar mais textos no *BS* que contabilizam os sucessos militares alemães, igualmente sob a apresentação de breves notas, como é exemplo a seguinte referência: «No mesmo prazo de tempo [22 de junho de 1941 a 10 de maio de 1943] foram apresados ou destruídos: 49.830 “tanks”, 40.029 peças de artilharia, 16.651 canhões anti-“tanks”, 3.934 canhões de DCA, 42.466 aviões»²⁷⁰. Desta forma, os propagandistas pretendiam mostrar um enorme ímpeto de vitórias alemãs por forma a representar os êxitos alemães que, segundo uma das suas expressões exaltadoras, se aproximavam das «raias do maravilhoso»²⁷¹.

No que respeita à superioridade tecnológica, o *Boletim Semanal* também coloca a tónica nos submarinos como o equipamento militar por excelência, tendo já sido referido no ponto 2 que os submersíveis alemães foram exaustivamente alvo de destaque por este boletim, por serem a principal arma de retaliação contra o inimigo. Os *U-Boats*, em 1943, estavam associados ao único palco de guerra capaz de conceder alguns sucessos militares aos germânicos, facto que os tornava matéria de eleição na propaganda nazi, pois funcionavam como tema de escape para desviar as atenções do público do silêncio da propaganda que se verificou em face de vários desaires militares (Estalinegrado, Norte de África, invasão aliada da Itália e o fracasso da ‘Operação Cidadela’, entre outros). Para

²⁶⁹ «Êxitos militares entre 5 e 10 de janeiro». *Boletim Semanal*, SILVA, 16-1-1943, p. 4. Ver Anexo 9.

²⁷⁰ «Dois anos de luta pela liberdade contra o bolchevismo: êxitos obtidos contra o bolchevismo». *Boletim Semanal*, SILVA, 22-6-1943, p. 2.

²⁷¹ «Dois anos de luta pela liberdade contra o bolchevismo: êxitos obtidos contra o bolchevismo». *Boletim Semanal*, SILVA, 22-6-1943, p. 2.

além das referências que foram apresentadas no ponto 2, particularmente recorrentes em maio, os submarinos são também representados nos restantes meses do ano de 1943, embora em menor número. No que diz respeito a essa superioridade tecnológica militar, o *BS* utiliza as palavras do Contra-Almirante norte-americano, Francis Low, para sublinhar que «“os alemães dispõem ainda hoje dum número considerável de submarinos, com uma força combativa de importância”», pois empregam cada vez mais métodos novos como «“ataques em massa”»²⁷² imprevisíveis.

O tópico da supremacia tecnológica é igualmente relevante no *Boletim Ilustrado do Serviço de Informação da Alemanha*, que é inserido a seguir ao *BS* sob a forma de folhas avulsas e onde se publicam algumas ilustrações de submarinos a serem construídos em linhas de montagem. O *Boletim Ilustrado* reproduz a inquietação do Ministro da Marinha norte-americana, Knox, que expressou com espanto a rapidez com que os submarinos alemães eram produzidos, muito «mais depressa do que nós [EUA] os afundamos»²⁷³. O *Boletim Ilustrado* comenta estas palavras do Ministro norte-americano, reiterando que efetivamente «os submarinos são construídos em série»²⁷⁴, enfatizando que a sua construção em massa constituía um magno fator de superioridade numérica no que concerne à produção de equipamentos militares.

Por forma a salientar o poder de destruição dos submersíveis alemães, o *BS* também relata novos êxitos obtidos pelos submarinos que, por exemplo, no dia 24 de setembro, afundaram um «comboio marítimo fortemente escoltado, 12 contratorpedeiros e 9 cargueiros, estes no total de 46.500 toneladas»²⁷⁵.

No tratamento desta temática foi tida em conta a subcategoria de análise da propaganda de enaltecimento da Alemanha relativa à afirmação da supremacia alemã a nível diplomático. Tanto no *BP* como no *BP* é manifestada a liderança política e diplomática da Alemanha nazi no seio da aliança de Estados que a apoiam na guerra.

²⁷² «“A situação na guerra submarina pouco se modificou”». *Boletim Semanal*, SILVA, 27-11-1943, p. 4. Transcrição das palavras do contra-almirante norte-americano Francis Low.

²⁷³ «Boletim Ilustrado do S.I.A. — 15 de Maio de 1943». *Boletim Semanal*, SILVA, 15-5-1943, folha avulsa, frente.

²⁷⁴ «Boletim Ilustrado do S.I.A. — 15 de Maio de 1943». *Boletim Semanal*, SILVA, 15-5-1943, folha avulsa, frente.

²⁷⁵ «Novos êxitos na guerra submarina». *Boletim Semanal*, SILVA, 2-10-1943, p. 4.

Neste tipo de discurso, o *BP* dá relevância à aliança do Eixo, na qual a Alemanha nazi liderada por Hitler exercia o papel de «diretriz da futura vida dos Povos europeus»²⁷⁶. O discurso reitera que a História encarregou o povo alemão e o *Führer* de fixar a Nova Ordem europeia como princípio regulador da «harmonia dos povos»²⁷⁷, exaltando a Alemanha como nação pioneira na luta. Assim, antes de ser firmada uma frente comum a vários países, que vieram a integrar posteriormente o Pacto Tríplice, Hitler já tinha feito «ressurgir o Reich da impotência em que se encontrava, mobilizando as suas forças e conduzindo o Povo alemão por um processo de saneamento material e espiritual», que transformou a Alemanha «no porta-estandarte da luta pelo Ocidente»²⁷⁸. O *Boletim Político* salienta que o novo espírito que nasceu na Alemanha com a fundação do nacional-socialismo internacionalizou-se através da ação política de várias personalidades, além de Hitler, elogiando analogamente o papel do «seu delegado e homem de confiança, Joachim von Ribbentrop»²⁷⁹. O trabalho levado a cabo pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros alemão é louvado através de uma nota biográfica que enaltece a sua atividade diplomática, nomeadamente a assinatura do Pacto Tríplice com a Itália e com o Japão, que constituíra um «feito político» pelo qual a Alemanha unira forças para a firmeza da «corrente revolucionária»²⁸⁰ que primava pelo estabelecimento da Nova Ordem. Ao enumerar as realizações diplomáticas de Ribbentrop, o boletim atesta a superioridade da diplomacia alemã, a par dos «feitos de ordem militar», pois «em muitos casos o trabalho da diplomacia criou as premissas do êxito da decisão militar»²⁸¹.

Ainda no *Boletim Político*, são correntemente pronunciadas as relações externas que a Alemanha mantinha em 1943, nomeadamente com a Itália, o Japão e outros países simpatizantes da causa do Eixo, que acabaram igualmente por aderir à aliança, como por exemplo a Hungria, Roménia e Bulgária. Com base nas opiniões emitidas no *Frankfurter Zeitung*, um destes textos focaliza a ajuda que os governos dos povos do sudeste da

²⁷⁶ «“A vitória do Ocidente”: a missão alemã no Leste». *Boletim Político*, SILVA, nº 280, 20-1-1943, p. 2.

²⁷⁷ «O Pacto Tripartido: fundamento da Nova Ordem na Europa e na Ásia». *Boletim Político*, nº 488, 27-9-1943, p. 2.

²⁷⁸ «“A vitória do Ocidente”: a missão alemã no Leste». *Boletim Político*, SILVA, nº 280, 20-1-1943, p. 1.

²⁷⁹ «O 50º aniversário de Joachim von Ribbentrop: a vida do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich». *Boletim Político*, SILVA, nº 361, 29-4-1943, p. 1. Transcrição da revista alemã *Berlim-Roma-Tóquio*.

²⁸⁰ «O 50º aniversário de Joachim von Ribbentrop: a vida do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich». *Boletim Político*, SILVA, nº 361, 29-4-1943, p. 3.

²⁸¹ «O 50º aniversário de Joachim von Ribbentrop: a vida do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich». *Boletim Político*, SILVA, nº 361, 29-4-1943, p. 2. Transcrição da revista alemã *Berlim-Roma-Tóquio*.

Europa (Hungria, Roménia e Bulgária) haviam já prestado na luta ao lado da Alemanha. Especificando a ação governativa de cada um desses países aliados ao Eixo, o *BP* enfatiza o clima de amizade e união da aliança, reiterando que estes Estados seguiram «sempre todas as fases da guerra com grande interesse»²⁸² por forma a cumprir os objetivos «que influem no futuro de todos os países»²⁸³, isto é, da ajuda à Alemanha na concretização da Nova Ordem. Ainda sobre as relações de amizade da Alemanha, vários textos do *BP* exploram individualmente o contributo de cada um desses países na luta contra o bolchevismo, que é retratado como o «perigo de Leste»²⁸⁴, sendo a ação desses países louvada de maneira uniforme, sem destaque para qualquer um deles:

Aquilo que se disse no comunicado acerca das relações entre a Alemanha e a Roménia tem validade para todos os membros do Pacto Tríplice: palavra e ação formam uma unidade, que se exprime na luta comum contra todos os inimigos da Europa até se alcançar uma vitória total²⁸⁵.

Com esta conclusão breve e clara, o *Boletim Político* pretendia pôr a tónica na amizade, harmonia e colaboração que unia os membros do Pacto Tríplice.

No *Boletim Semanal* a supremacia diplomática surge na mesma linha de discurso presente no *Boletim Político*, contudo ocupa textos mais curtos e alguns apontamentos fotográficos. Citando um desses textos, o de 8 de maio celebra a data de aniversário do Ministro dos Negócios Estrangeiros alemão, elogiando as principais realizações de Joachim von Ribbentrop. Os autores descrevem-no como um «colaborador incansável e companheiro fiel do Führer»²⁸⁶ na solução do problema «do imperialismo insaciável» de Londres, Washington e Moscovo, ao qual pretende responder com a implantação de «uma

²⁸² «O sudeste europeu na fase atual da guerra: vigilantes e prontos à primeira vez». *Boletim Político*, SILA, nº 435, 27-7-1943, p. 1.

²⁸³ «O sudeste europeu na fase atual da guerra: vigilantes e prontos à primeira vez». *Boletim Político*, SILA, nº 435, 27-7-1943, p. 1.

²⁸⁴ «O encontro do Führer com o marechal Antonescu: a participação da Roménia na salvação do Ocidente». *Boletim Político*, SILA, nº 353, 16-4-1943, p. 1.

²⁸⁵ «O encontro do Führer com o marechal Antonescu: a participação da Roménia na salvação do Ocidente». *Boletim Político*, SILA, nº 353, 16-4-1943, p. 1.

²⁸⁶ «50º aniversário de Von Ribbentrop, Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich». *Boletim Semanal*, SILA, 8-5-1943, p. 2.

nova ordem mundial fundamental e justa»²⁸⁷, tendo as suas funções diplomáticas sido cruciais para expandir por todo o mundo a política externa alemã. A representação do grandioso aparato diplomático alemão é alvo de menção no *Boletim Ilustrado do Serviço de Informação da Alemanha*, que publica diversas fotografias cujas legendas atestam as várias frentes diplomáticas do III *Reich*, como por exemplo o «novo Ministro dos Negócios Estrangeiros do Japão, Schigemitsu»²⁸⁸, que cumprimenta Ribbentrop. Igualmente, são ilustrados alguns encontros diplomáticos entre Chefes de Estado, como por exemplo: «O rei Boris da Bulgária é recebido pelo *Führer* na presença de Von Ribbentrop». Como seria de esperar, os detentores das pastas dos Estrangeiros são também alvo de fotografias devidamente legendadas: «O Ministro de Portugal na Alemanha, sr. conde de Tovar, inscreve-se na Chancelaria do Reich por ocasião do 1º de maio», ou ainda, «o Ministro da Croácia na Alemanha, Dr. Mile Budak, novo Ministro dos Negócios Estrangeiros do seu país despede-se em Berlim do Embaixador italiano»²⁸⁹.

3.1.3. Liberdade religiosa

A última subcategoria de estudo considerada, relativamente à propaganda de enaltecimento da Alemanha, é a liberdade religiosa. Trata-se de um subtema da propaganda positiva que se articula com a condução de guerra dos germânicos nos territórios ocupados.

Impõe-se desde já dizer que, no *BP*, a religião é um assunto de somenos relevância na propaganda positiva, registando-se poucas intervenções ao longo de 1943. No entanto, existem casos exemplificativos do artifício propagandístico para representar a Alemanha nazi como um país tolerante. O artigo de 2 de abril inicia-se sob uma crítica às notícias emitidas pelo serviço de imprensa da legação britânica em Berne, na Suíça, as quais, segundo o *BP*, superiorizam a conduta dos bolchevistas como mais complacente do que a dos alemães no que toca à liberdade de religião. Os autores contrariam a notícia dada pelos serviços de informação britânicos, que expressamente declarava que o «nacional-

²⁸⁷ «50º aniversário de Von Ribbentrop, Ministro dos Negócios Estrangeiros do *Reich*». *Boletim Semanal*, SILVA, 8-5-1943, p. 2.

²⁸⁸ «Boletim Ilustrado do S.I.A. — 8 de Maio de 1943». *Boletim Semanal*, SILVA, 8-5-1943, folha avulsa, frente.

²⁸⁹ «Boletim Ilustrado do S.I.A. — 5 de Junho de 1943». *Boletim Semanal*, SILVA, 5-6-1943, folha avulsa, frente.

socialismo acusa o sistema soviético de intolerante, embora este sistema não apresente nada que se assemelhe à intolerância alemã para com toda a raça e a religião judaicas»²⁹⁰.

A réplica irônica do *BP* acusava o serviço de imprensa da legação britânica em Berne de agir similarmente às «funções duma agência da “Intourist”», por se dedicar à «propaganda bolchevista», ou seja, o tipo de notícias que os ingleses dão a conhecer aos suíços são semelhantes aos conhecidos prospetos com que a agência de viagens soviética (Intourist) convidava, antes da guerra, «os burgueses endinheirados de todo o Mundo a efetuaram uma viagem ao paraíso soviético»²⁹¹. O *BP* lembra que o «governo exilado polaco verificou recentemente terem sido mortos 1,6 milhões de polacos na União Soviética» e que «nas regiões dominadas pelos bolchevistas os cristãos russos vivem como nas catacumbas»²⁹². Este tipo de descrições fornecidas pelos propagandistas nazis sobre a conduta soviética na Polónia serve como fundamento para demonstrar a tolerância religiosa alemã, que é justificada da seguinte forma: «na Alemanha nacional-socialista, os cristãos de todas as confissões têm completa liberdade religiosa, ao ponto da rádio inglesa citar muitas vezes frases de pastorais de bispos alemães»²⁹³.

Contrariamente ao que se passa no *Boletim Político*, no *Boletim Semanal* a liberdade religiosa é um subtema da propaganda de enaltecimento à Alemanha referenciado com mais frequência. Tendo como objetivo elogiar a tolerância religiosa praticada pelos alemães, a propaganda do boletim foca-se na linha de discurso que perscruta a condução de guerra dos germânicos que, segundo o *BS*, é dedicada no fomento da religiosidade dentro do *Reich*.

A tolerância religiosa dos germânicos é destacada em números do *BS* que pretendem aduzir que a religiosidade é impulsionada nos territórios onde se verifica a ocupação germânica. Deste modo, encontram-se algumas referências sucintas: no número de 21 de agosto de 1943, o boletim informa que as resoluções tomadas no Congresso da Igreja Ortodoxa, em Smolensk (URSS), decidiram a reintrodução do ensino da religião após a interrupção de 25 anos; assim, em virtude da libertação alemã desses territórios ocupados anteriormente pelos bolchevistas, «milhares de laicos são instruídos nestes

²⁹⁰ «Propaganda inglesa pró-soviética». *Boletim Político*, SILVA, nº 341, 2-4-1943, p. 2.

²⁹¹ «Propaganda inglesa pró-soviética». *Boletim Político*, SILVA, nº 341, 2-4-1943, p. 2.

²⁹² «Propaganda inglesa pró-soviética». *Boletim Político*, SILVA, nº 341, 2-4-1943, pp. 2-3.

²⁹³ «Propaganda inglesa pró-soviética». *Boletim Político*, SILVA, nº 341, 2-4-1943, p. 3.

cursos, com o auxílio das autoridades alemãs»²⁹⁴. Ainda a título de exemplo, a conduta germânica de garantia das condições favoráveis à tolerância religiosa é citada pelo *BS*, de forma breve mas taxativa: «o problema dos serviços religiosos em línguas estrangeiras» para os operários estrangeiros que viviam no Reich, ficara resolvido pelo facto de os alemães concentrarem esforços para «elevar o grande número já existente de ofícios em línguas estrangeiras»²⁹⁵.

Num texto que alude a uma notícia transcrita do jornal espanhol *Alcazar* (apoiada no *Anuário Eclesiástico Católico* do ano de 1942) apresenta dados estatísticos sobre a «vida eclesiástica no Reich». Segundo o *BS*, a notícia indica que o número de «conventos e edifícios religiosos» atinge «10.000 não incluindo os da antiga Áustria»; existiam ainda «116.892 religiosas em 9.170 instituições conventuais, 8.185 padres e 8.026 leigos em 922 conventos»²⁹⁶. Deste modo, com a ajuda de um jornal da Espanha franquista, o *Boletim Semanal* divulga dados do fomento da vida eclesiástica na Grande Alemanha, tendo como objetivo representar os germânicos como uma nação propícia à religiosidade. Como testemunho dessa liberdade, o *BS* referencia que a religião colabora também com os alemães na contenda, pois «a maior parte dos leigos ocupam-se atualmente no serviço de ambulâncias do exército»²⁹⁷.

Ao longo desta análise à propaganda de enaltecimento à Alemanha, foi possível verificar que os dois boletins em apreço recorrem com frequência à transcrição de textos jornalísticos internacionais. Por outras palavras, trata-se de um artifício recorrente da propaganda que seleciona minuciosamente nas publicações estrangeiras os excertos que convém contestar ou corroborar, necessariamente manietados em prol dos objetivos de persuasão da propaganda alemã.

3.2. Os parceiros do Eixo — Itália e Japão

Como foi mencionado anteriormente, a afirmação da supremacia diplomática alemã é visível nos boletins através da exaltação das relações de amizade e auxílio entre a

²⁹⁴ «Volta a haver ensino religioso nos territórios libertos do bolchevismo». *Boletim Semanal*, SILVA, 21-8-1943, p. 4.

²⁹⁵ «Serviço religioso para operários estrangeiros no Reich». *Boletim Semanal*, SILVA, 11-9-1943, p. 4.

²⁹⁶ «Há na Grande Alemanha 10.000 conventos». *Boletim Semanal*, SILVA, 9 -10-1943, p. 4. Transcrição do jornal *Alcazar*.

²⁹⁷ «Há na Grande Alemanha 10.000 conventos». *Boletim Semanal*, SILVA, 9 -10-1943, p. 4. Transcrição do jornal *Alcazar*.

Alemanha e alguns aliados do Pacto do Eixo. Como é de constatar pela análise aos boletins, a supremacia diplomática alemã baseia-se essencialmente numa Alemanha que é considerada a pioneira e o porta-estandarte na luta contra o bolchevismo e o imperialismo anglo-americano. Deste modo, os boletins retratam os alemães como orientadores das principais decisões sobre as formas de conduta na guerra e, por outro lado, também é o país líder no grupo de aliados que envolve essa luta, ou seja, o Eixo.

Neste subponto, a discussão prende-se essencialmente com a propaganda positiva em torno dos principais parceiros da Alemanha: a Itália e o Japão.

Estes aliados, além de prestarem apoio aos germânicos, tal como se verifica com outros países do Eixo, patenteiam similitudes espirituais com a Alemanha nazi, sobretudo no que diz respeito à afinidade política entre esses três regimes. Essa união política e também ideológica acabou por ser firmada entre a Alemanha, Itália e Japão, através da assinatura do Pacto Eixo Roma-Berlim-Tóquio.

Tanto no *BP* como no *BS*, o Eixo é ampla e nitidamente representado ao longo de 1943. Como já foi referido antes, a aliança com a Alemanha serve algumas vezes como assunto para afirmar a supremacia diplomática dos germânicos, porém, outras vezes é utilizada para alegar a convergência de valores e objetivos no seio do Eixo.

Tendo como objetivo empurrar as tropas germano-italianas para o continente europeu, os Aliados prosseguiram na conquista das ilhas mediterrânicas, por forma a estabelecer importantes bases militares, capazes de possibilitar o desembarque aliado no continente, que veio a verificar-se em meados de julho, na ilha italiana da Sicília.

A retirada do Eixo do Norte de África contribuiu para a cadeia de acontecimentos que se desenrolaram no verão de 1943 e transformaram o território italiano em palco de guerra. Com efeito, tanto no *BP* como no *BS* o discurso dedica-se à avaliação dos eventos na Itália que são também considerados de relevância para o desempenho militar do Eixo. Acerca do parceiro italiano, os boletins aproveitam para fazer o elogio de certas personalidades, com expectável destaque para Mussolini, louvando paralelamente a resistência do povo italiano em face de alguns reveses políticos que marcaram a Itália no segundo semestre desse ano.

Entre janeiro e finais de agosto, sensivelmente até ao anúncio da rendição italiana assinada entre Pietro Badoglio e as forças anglo-americanas, a propaganda alemã do *BP* patenteia um discurso universal que enaltece o espírito que baseia as relações do Eixo,

assentes na convergência das forças do Pacto Tripartido, pelo que dá destaque à Itália como nação obstinada à vitória final. O *BP* reforça a ideia de cooperação entre as potências do Eixo evidenciando a assinatura, em 20 de janeiro, de dois tratados em que se destaca a «colaboração económica»²⁹⁸ entre a Alemanha, a Itália e o Japão. Sobre os dois acordos que representam «a vontade da Alemanha, da Itália e do Japão de concluírem, para além da presente guerra, uma aliança económica formal», o *BP* persevera que se incluem as condições para a reunião, num único bloco, de «todo o poder económico e de produção das três Nações», capaz de fornecer as bases «dum futuro feliz e pacífico», que não seria exclusivo destas três potências. Assim, o *BP* convida: «todos aqueles povos que estejam prontos a colaborar com elas na reconstrução duma paz duradoura e dum bem-estar crescente»²⁹⁹.

No mês de março, destacam-se alguns textos que utilizam como objeto de propaganda as visitas diplomáticas que decorreram entre os líderes políticos da Itália e da Alemanha. Nesta lógica, as «conversações do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Duce e outros estadistas italianos [...] mostram de novo o significado da palavra “Eixo”»³⁰⁰. Tal como o *BP* explica, o Eixo significava «a férrea decisão de lutar, a certeza duma vitória sem compromissos e uma natural solidariedade na condução política e militar da guerra pelas Potências do Pacto Tríplice e seus Aliados»³⁰¹. No que respeita a essa camaradagem, o *Boletim Político*, por meio de transcrições da revista *Roma-Berlim-Tóquio*, referia que as viagens do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich a Itália eram eventos políticos que simbolizavam «a base firme das relações entre a Alemanha e a Itália», exprimindo também a «colaboração dos nossos dois povos, a tudo decididos, até se alcançar a vitória final para as nossas armas»³⁰².

²⁹⁸ «A aliança económica entre a Alemanha, a Itália e o Japão assegura a colaboração após a vitória final: consequências fundamentais do novo tratado». *Boletim Político*, SILVA, nº 281, 21-1-1943, p. 1.

²⁹⁹ «A aliança económica entre a Alemanha, a Itália e o Japão assegura a colaboração após a vitória final: consequências fundamentais do novo tratado». *Boletim Político*, SILVA, nº 281, 21-1-1943, p. 1.

³⁰⁰ «A visita de Ribbentrop a Rola: a unidade do “Eixo” novamente demonstrada». *Boletim Político*, SILVA, nº 315, 2-3-1943, p. 1.

³⁰¹ «A visita de Ribbentrop a Rola: a unidade do “Eixo” novamente demonstrada». *Boletim Político*, SILVA, nº 315, 2-3-1943, p. 1.

³⁰² «O golpe de morte na “Carta do Atlântico”: se vencerem os inimigos do “Eixo”, o bolchevismo dominará». *Boletim Político*, SILVA, nº 334, 25-3-1943, p. 1.

Também é salientada a resistência inquebrantável dos italianos na continuidade da luta ao lado da Alemanha: «“os nossos inimigos iludem-se, se não pensam que o povo italiano é tão firme, tão forte e tão fiel à sua missão como o povo alemão”»³⁰³.

No início de setembro, os termos da capitulação italiana assinada entre Pietro Badoglio e as forças anglo-americanas são anunciados na rádio. Esta reviravolta na política italiana deve-se ao desembarque das tropas aliadas no país, que contribuiu para a divisão da Itália em duas zonas: a norte de Salerno concentrava-se a zona anexa à Alemanha, com tropas germânicas que continuavam a reconhecer o Partido Fascista de Mussolini; já a sul de Salerno encontrava-se a Monarquia defendida por Badoglio e o rei Vítor Manuel III, a qual tinha ao seu lado as tropas anglo-americanas. A invasão aliada da Itália e a deposição de Mussolini constituem-se como assuntos principais do *BP* entre junho e agosto, aproveitando para justificar que a amizade e a convergência de ideias entre a Itália e a Alemanha em nada tinha sido abalada, com recurso às palavras do rei e de Badoglio dirigidas ao povo italiano numa «linguagem máscula», que encerravam uma frase decisiva: «“A guerra continua e a Itália mantém-se fiel à palavra dada”»³⁰⁴.

Deste modo, o *BP* elogia a lealdade da Itália à Alemanha, ainda que existam grandes mudanças no panorama político do país, as quais menoriza: «a mudança de governo em Itália não é a primeira verificada durante esta guerra num Estado beligerante. Os homens de Estado encontram-se durante a guerra sob a mesma lei que os soldados», pois não são «invulneráveis nem insubstituíveis», pelo que o *BP* remata: «A afirmação [...] de que a Itália cai com Mussolini é uma sugestão de propaganda inimiga»³⁰⁵, que é espalhada pela «guerra de nervos» dos Aliados.

No início de setembro são conhecidos os termos da capitulação italiana, assinados por Badoglio e anunciados pelo general norte-americano Dwight Eisenhower na rádio. O *BP* refere-se a tal sucessão de eventos na política italiana, incrementando com maior peso o discurso de propaganda negativa. No entanto, a 12 de setembro de 1943 ocorre a ‘Operação Carvalho’. Esta teve como objetivo a libertação de Mussolini, que se

³⁰³ «O golpe de morte na “Carta do Atlântico”: se vencerem os inimigos do “Eixo”, o bolchevismo dominará». *Boletim Político*, SILVA, nº 334, 25-3-1943, p. 1. Transcrição da revista *Roma-Berlim-Tóquio*.

³⁰⁴ «A mudança de governo em Roma: a Itália não combate por um regime, nem por um aliado, mas sim por si própria». *Boletim Político*, SILVA, nº 436, 28-7-1943, p. 2. Transcrição do comunicado do rei Vítor Manuel III ao povo italiano.

³⁰⁵ «A mudança de governo em Roma: a Itália não combate por um regime, nem por um aliado, mas sim por si própria». *Boletim Político*, SILVA, nº 436, 28-7-1943, p. 2.

encontrava preso desde a sua deposição no dia 24 de julho. O líder fascista portanto, foi libertado por um raide aéreo alemão, liderado pelo comandante das SS, Otto Skorzeny, e posteriormente, foi encaminhado para o norte de Itália onde formaria a República Social Italiana que veio a ser um Estado colaboracionista da Alemanha nazi.

No *Boletim Político*, a libertação de Mussolini é um dos assuntos de eleição da propaganda positiva, sendo destacado entre setembro e sensivelmente inícios de novembro. Segundo um dos textos, esta libertação trouxe esperança e «veio estimular muito a resistência do povo italiano», o qual «retomou a consciência de si próprio», além de que «a evolução política apresenta fatores muito vantajosos para as operações militares alemãs na Itália». Complementarmente, «os sentimentos de vergonha pela traição generalizam-se cada vez mais, da mesma maneira que se começa a reconhecer que a capitulação foi politicamente um erro de primeira ordem»³⁰⁶. Através destes excertos retirados do *BP*, verifica-se um reforço da propaganda positiva que pretende valorizar a libertação do *Duce* como motivo para essa mudança de comportamento no povo italiano.

Ao mesmo tempo, a capacidade militar alemã no resgate bem-sucedido de Mussolini, que à luz do boletim constitui uma «prova de que continua intacto o poder de decisão e iniciativa dos alemães»³⁰⁷, é também alvo de destaque. Por conseguinte, a resistência do exército alemão no território italiano é uma temática central da propaganda positiva que o *BP* explora para poder glorificar a supremacia militar alemã na Itália. Para tal, os autores do *BP* utilizam excertos da revista britânica *New Statesmen and Nation*, para afirmar que o exército alemão está em melhor posição estratégica de defender o seu aliado: «“Os alemães possuem linhas de comunicação à retaguarda relativamente curtas e boas, e está nas suas mãos a possibilidade de transformar este incidente italiano num campo de batalha primacial. Poderia mesmo assumir a amplidão de uma “segunda frente”. Qual era o nosso plano?”»³⁰⁸. O boletim remata que este tipo de comentários fornecidos pela imprensa britânica transmitem «a amarga decepção suscitada pela impossibilidade de

³⁰⁶ «A libertação de Mussolini: profunda impressão em todo o Mundo — estímulo para a resistência italiana». *Boletim Político*, SILVA, nº 478, 15-9-1943, p. 1.

³⁰⁷ «A libertação de Mussolini: profunda impressão em todo o Mundo — estímulo para a resistência italiana». *Boletim Político*, SILVA, nº 478, 15-9-1943, p. 1.

³⁰⁸ «Descontentamento em Londres por causa dos acontecimentos na Itália». *Boletim Político*, SILVA, nº 492, 1-10-1943, p. 1. Transcrição da revista *New Statesmen and Nation*.

uma vitória fácil sobre a Itália»³⁰⁹, expressando assim que os acontecimentos na Itália são assegurados pela hegemonia militar da Alemanha.

No *Boletim Semanal*, as representações acerca da Itália variam de acordo com os principais acontecimentos de 1943. Por esse motivo, é possível observar que existe uma evolução no discurso de propaganda positiva relativamente ao parceiro italiano.

Entre janeiro e fins de fevereiro, o *BS* não faz qualquer alusão ao aliado italiano, centrando-se no discurso que elogia o «heroísmo imortal» dos soldados alemães em frentes de combate a leste, como por exemplo Estalinegrado, a par de alguns êxitos militares de pouca importância para o equilíbrio de forças em contenda.

Em março aparecem as primeiras referências à Itália no *Boletim Semanal*. Incidindo o seu discurso na exaltação de convergência de ideias, que, segundo o *BS*, existem no seio da aliança do Eixo, o boletim salienta a decisão da Alemanha e da Itália serem interdependentes na luta, cujos objetivos visam desde «a derrota total das forças inimigas» ao «aniquilamento do perigo bolchevista», com o fim de estabelecer uma «nova ordem»³¹⁰. Além do elogio da solidariedade entre as potências do Pacto Tripartido, o boletim tece alguns encômios à Itália: patenteia alguns êxitos italianos na defesa dos ares, realçando numa breve intervenção que a arma aérea italiana tem afundado, «desde o início da guerra, um total de um milhão de toneladas de navios inimigos», o que era uma prova de que «todos os aviões italianos têm sido sempre construídos e melhorados, de forma a hoje em dia tornarem-se o adversário mais terrível da navegação inimiga»³¹¹.

Desde finais de março o boletim manteve-se em silêncio no que respeita ao parceiro italiano mas, pela altura do desembarque e ocupação aliadas na Sicília os autores do *BS* integram a Itália novamente no discurso de propaganda positiva.

Sobre os acontecimentos do verão de 1943 na frente mediterrânica, Aristotle Kallis menciona que, durante o combate pela Sicília, a propaganda nazi tentou reforçar algum discurso de simpatia para com os italianos³¹². De facto, este investimento propagandístico é evidente em julho no *Boletim Semanal*. Nesta altura, emerge um discurso em torno do

³⁰⁹ «Descontentamento em Londres por causa dos acontecimentos na Itália». *Boletim Político*, SILVA, nº 492, 1-10-1943, p. 1.

³¹⁰ «Acerca da viagem de Ribbentrop». *Boletim Semanal*, SILVA, 6-3-1943, p. 1.

³¹¹ «A arma aérea italiana afundou um milhão de toneladas de navegação inimiga». *Boletim Semanal*, SILVA, 27-3-1943, p. 4

³¹² Ver KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 158.

prestígio do aliado italiano, realçando que a sua decisão de luta não estava abalada por «centenas de milhar de panfletos» lançados dos aviões aliados sobre o país, «nos quais Churchill e Roosevelt convidavam o povo italiano a render-se». Os autores do *BS* asseveram que a resposta dos italianos é uma «recusa formal». Por forma a certificar esta resposta dos italianos, o *BS* recorre a um excerto de um comunicado oficial romano enfatizando que «“se a Grã-Bretanha e os Estados Unidos da América pretendem vencer a Itália, terão que fazê-lo com as armas na mão”»³¹³. Por conseguinte, o *Boletim Semanal* pretende destacar que a «guerra dos nervos» não demove a resistência do povo italiano, pois esta é inquebrantável.

Nos fins de julho e durante o mês de agosto, as referências à Itália no *BS* são quase nulas. Segundo Kallis, o silenciamento sobre a Itália desde finais de julho até meados de setembro reflete o estado de desordem que a deposição de Mussolini provocou no seio do governo nazi e que veio a desorientar os propagandistas na seleção da linha de propaganda a seguir³¹⁴.

A partir de meados de setembro de 1943, o *Boletim Semanal* divulga alguns pormenores da situação italiana, como por exemplo a assinatura do armistício com os Aliados por Badoglio e Vítor Manuel III, bem como a divisão política da Itália. No que respeita à propaganda positiva, alguns números exaltam o episódio da libertação do líder fascista, vista como resultado de um «golpe de mão»³¹⁵ que, segundo o boletim, impediu a «entrega de Mussolini aos anglo-americanos, prevista pelo Governo de Badoglio»³¹⁶. Este texto enfatiza ainda que a população de algumas cidades italianas (nomeadamente do norte de Itália) reagiram de forma festiva à notícia da libertação do *Duce*. A título de exemplo, na cidade de Milão, a reação dos italianos é descrita da seguinte forma: «a população correu em massa às praças públicas onde já se encontravam inúmeros membros dos fascistas combatentes» a que se lhes juntaram «grupos de antigas guarnições italianas». O boletim, por forma a atestar a lealdade da população italiana ao

³¹³ «Má psicologia». *Boletim Semanal*, SILA, 24-7-1943, p. 4.

³¹⁴ Ver KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 158.

³¹⁵ «A libertação de Mussolini». *Boletim Semanal*, SILA, 18-9-1943, p. 3.

³¹⁶ «A libertação de Mussolini». *Boletim Semanal*, SILA, 18-9-1943, p. 3.

fascismo, destaca que se entoou «a Giovinezza [hino oficial do Partido Fascista Nacional Italiano] e velhas canções fascistas»³¹⁷.

Por outro lado, o BS também recorre ao episódio da libertação do Chefe de Estado fascista para enaltecer a interação positiva «entre soldados alemães e a população civil»³¹⁸ italiana. Desta forma, os propagandistas procuram desvalorizar a assinatura do armistício da Itália e, ao mesmo tempo, apelar à união e à associação dos italianos ao fascismo, bem como o seu alinhamento com a Alemanha na continuação da guerra. Para tal, os autores utilizam palavras da mensagem de Mussolini ao marechal Graziani:

“A História terá que reconhecer que o nosso povo tem a capacidade de se reerguer mesmo das situações mais duras e mais dramáticas, logo que um novo lema e espírito anime os corações e as vontades de todos. Atualmente esse novo espírito pode ser reunido no duplo nome república-fascismo, e sob esta bandeira revolucionária os soldados italianos retomarão os seus lugares na luta”³¹⁹.

Relativamente ao Japão, as referências presentes nos boletins estão relacionadas com uma tática adotada pelos propagandistas nazis e que Aristotle Kallis sintetizou da seguinte forma: «Japanese successes had come at a time when the NS regime had no comparable achievements of its own to display»³²⁰. Efetivamente, tanto o *Boletim Político* como o *Boletim Semanal* correspondem a essa estratégia, pelo que ambos dedicam o seu foco de discussão ao aliado japonês, por forma a silenciar outros contextos em que se verificam algumas vicissitudes para a Alemanha, bem como fragilidade nas relações no interior do Eixo, especialmente da Itália.

O *Boletim Político* pronuncia-se sobre o Japão expondo alguns textos de cariz político-militar. Um deles, com data de 2 de fevereiro, diz respeito a uma abordagem de nível político, pois coincide com a data da grande retirada alemã da União Soviética — o fim da batalha de Estalinegrado. Deste modo, o boletim produz um discurso de exaltação

³¹⁷ «Milão, Turim, Roma e Bolonha regozijam-se com a libertação do Duce». *Boletim Semanal*, SILVA, 18-9-1943, p. 3.

³¹⁸ «Milão, Turim, Roma e Bolonha regozijam-se com a libertação do Duce». *Boletim Semanal*, SILVA, 18-9-1943, p. 3.

³¹⁹ «Mussolini ao marechal Graziani». *Boletim Semanal*, SILVA, 9-10-1943, p. 3. Transcrição da carta de Mussolini ao marechal Graziani, citada pelo BS.

³²⁰ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 120.

à conduta de guerra levada a cabo pelos japoneses, enfatizando que as suas conquistas são consolidadas sob uma «esfera de bem-estar asiático-oriental»³²¹. Por forma a atestar que a «força da espada nipónica é completada de forma feliz por uma sábia política de projeção futura», o *BP* cita o caso da Birmânia; para apresentar a conduta de guerra do Japão como impoluta, o *BP* argumenta que a luta nipónica na Birmânia tem em vista «a constituição duma Birmânia independente». Assim, o boletim informa que os birmaneses combatem pela libertação do domínio britânico, cooperando com os japoneses para esse desiderato. Com efeito, esta propaganda reforça que o Japão realiza as suas conquistas à base de uma colaboração política e militar que consiste na construção de uma relação benéfica com os povos desses territórios, através de uma «organização metódica», na qual avulta a capacidade do Japão conferir a independência ao povo birmanês, pois a sua liberdade seria um «prémio digno e justo pela contribuição extraordinária» que os birmanenses haviam prestado à «libertação do seu país da dominação britânica»³²². Torna-se, portanto, visível que o *BP* atribui um papel singular ao Japão na luta pelas liberdades dos povos da Ásia.

Ainda no *Boletim Político*, o discurso de enaltecimento ao Japão a nível militar é ponto de introdução para alguns números que destacam, sobretudo, o desempenho militar nipónico. Através de informações fornecidas pelo *Berliner Börsen-Zeitung*, um dos textos deste boletim evidencia que o «princípio anglo-americano de dar guerra na Europa» tem contribuído para que o Japão «aproveite mais este ganho de tempo para se armar, em todos os sentidos, contra qualquer ofensiva»³²³. É de sublinhar que este texto do *BP* foi publicado no dia 26 de julho, portanto concomitante ao acontecimento da deposição de Mussolini, o que justifica o desvio de atenção da Itália para o foco japonês. Os autores do boletim pretendem minorizar a importância estratégica da luta na Sicília, afirmando que enquanto o desembarque aliado na Sicília deixava reconhecer que a América lançava na «balança todo o seu potencial de guerra», por outro lado, «mais afanosamente os japoneses desenvolviam todos os meios necessários para aumentarem a sua produção

³²¹ «O Japão consolida as suas conquistas na Ásia Oriental: a Birmânia tornar-se-á um Estado independente». *Boletim Político*, SILVA, nº 291, 2-2-1943, p. 2.

³²² «O Japão consolida as suas conquistas na Ásia Oriental: a Birmânia tornar-se-á um Estado independente». *Boletim Político*, SILVA, nº 291, 2-2-1943, p. 2.

³²³ «O Japão aproveita o tempo: aumento da produção em todos os domínios». *Boletim Político*, SILVA, nº 434, 26-7-1943, p. 1.

industrial e agrária». Acerca dos meios empregados pelos japoneses para o aumento de produção, o *BP* enumera algumas medidas adotadas pelo Império do Sol Nascente: «intensifica-se uma decisiva reforma agrária» com vista à transformação de pequenos agricultores em proprietários, que poderão potenciar o desenvolvimento da produção agrícola. Ainda neste texto, dá-se importância ao setor industrial japonês como outro meio necessário à produção, argumentando que o «conhecido estado-maior económico [...] convocado por Tojo, desenvolve uma intensa atividade», que o *BP* esclarece que é baseada na decisão de medidas legislativas concertadas; posteriormente, nos «centros mais importantes da indústria», os responsáveis «examinam pessoalmente todos os trabalhos em curso», de forma a controlar toda a atividade industrial japonesa com «sentido prático da vida económica»³²⁴.

Nesta matéria, o *Boletim Semanal* segue a estratégia do *BP*, desviando a atenção dos desaires militares da Alemanha e da Itália; neste contexto, o enfoque recai sobre o aliado japonês que, pela sua distância geográfica, representava ainda um assunto que podia ser utilizado estrategicamente para a propaganda positiva. Num momento posterior à derrota em Estalinegrado, o *Boletim Semanal* apresenta alguns sucessos militares japoneses por forma a colmatar a ausência de êxitos militares por parte da Alemanha. Em fevereiro, surgem informações sucintas para evidenciar que entre 29 de janeiro e 1 de fevereiro, «aviões japoneses afundaram junto das ilhas Rennel, dois couraçados e quatro cruzadores inimigos e avariaram um couraçado e dois cruzadores»³²⁵.

Mas o *BS* também recorre a outras representações de conteúdo informativo mais alargado. Nesta conformidade, o número de 12 de junho é paradigmático, pois ordena num texto organizado por tópicos os principais resultados militares do Japão, desde «o início da guerra na Ásia oriental até 27 de maio findo» de que é exemplo o seguinte excerto:

Navios de guerra anglo-americanos — afundados: 13 navios de linha; 11 porta-aviões; 24 cruzadores; 52 contra-torpedeiros; 3 de abastecimento; 128

³²⁴ O Japão aproveita o tempo: aumento da produção em todos os domínios». *Boletim Político*, SILVA, nº 434, 26-7-1943, p. 1.

³²⁵ «Novos êxitos japoneses junto das ilhas Rennel». *Boletim Semanal*, SILVA, 13-2-1943, p. 3.

submarinos; 8 canhoneiras; 5 lança-minas; 7 caça-minas; 22 vedetas-torpedeiras; 3 auxiliares; 19 de pequenas toneladas; 1 de tipo ignorado³²⁶.

Este tipo de dados quantitativos e sintéticos são referências típicas do *BS*, que na mesma edição apresenta números relativos a equipamentos inimigos «danificados ou avariados», assim como «apresados»³²⁷.

Através da análise aos textos do *Boletim Político* e do *Boletim Semanal* é possível inferir que a propaganda positiva apresenta múltiplas facetas que estão representadas nos subtemas seguintes: nacionalismo; culto do chefe; espaço vital; supremacia cultural alemã; supremacia militar da Alemanha; supremacia diplomática dos germânicos; liberdade religiosa e o elogio dos aliados do Eixo (Itália e Japão). Em conjunto, estas temáticas formam um denominador comum que gira em torno da exaltação dos objetivos e política do regime nazi, pretendendo legitimar a missão histórica e civilizacional da Alemanha na liderança de uma Nova Ordem no continente europeu.

Contudo, no quarto ano de guerra a propaganda nazi encontra-se perante a perda do «monopólio da verdade»³²⁸, tendo de recorrer a medidas com resultado prático para a eficácia do seu discurso, das quais se destaca a aplicação do duplo sentido de propaganda. As referências de propaganda positiva presentes nos referidos boletins seguem este subterfúgio, aliando-se frequentemente ao discurso da propaganda negativa, por forma a potenciar o poder de persuasão e tornar indefetível a coerção da sua mensagem. Surge assim a necessidade de sustentar a todo o custo a moral e lealdade do público leitor, reconhecendo-se no duplo sentido da propaganda uma forma de exercer um poderoso controlo psicológico sobre o destinatário.

³²⁶ «O Japão em ano e meio de guerra». *Boletim Semanal*, SILA, 12-6-1943, p. 4.

³²⁷ «O Japão em ano e meio de guerra». *Boletim Semanal*, SILA, 12-6-1943, p. 4.

³²⁸ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 137.

4. Propaganda negativa no *Boletim Político* e no *Boletim Semanal*

Neste capítulo pretende-se fazer uma análise dos textos de propaganda negativa presentes no conteúdo do *Boletim Político* e do *Boletim Semanal*.

Para conhecermos a natureza da propaganda negativa é necessário, antes de mais, expor as razões da seleção desta categoria para a análise dos dois periódicos. Para tal, impõe-se reservar duas reflexões com o objetivo de compreender os parâmetros que configuraram a propaganda negativa nazi, tanto a nível do processo psicológico/emocional como do conteúdo ideológico que carrega.

Como foi referido no ponto 3, o autor do livro *Nazi Propaganda and the Second World War* afirma que existe na propaganda nazi um denominador comum com vista à integração psicológica. Segundo Aristotle Kallis, esta processa-se através do controlo sobre a mente do destinatário do discurso que tem como objetivo integrar e coagir. Para isso, os temas de propaganda positiva e negativa eram ajustados consoante as circunstâncias e o efeito psicológico que se desejava alcançar no público leitor³²⁹.

No que concerne à propaganda negativa, Aristotle Kallis aponta dois conceitos que a definem: «negative integration» e «negative themes»³³⁰. Segundo este autor, a partir de 1943 a propaganda nazi dependeu progressivamente da coerção do leitor para uma força centrípeta que estimulava emoções negativas no foro psicológico.

Como resultado dos grandes desaires ocorridos na campanha militar alemã depois de 1942, a integração negativa do destinatário surge com mais intensidade à medida que a propaganda positiva com teor apoteótico definha, sendo impossível manter grande capacidade de persuasão e arriscar a moral do povo e a sua lealdade ao regime. Face a este quadro, os propagandistas procuraram assegurar o vínculo do povo ao Estado nazi, manipulando a mente das massas para instigar o medo das consequências de uma derrota. Ao passo que a ameaça da derrota se começava a desenhar, a propaganda nazi recorreu à mensagem de integração negativa associada a um conjunto de emoções negativas que eram propositadamente instigadas no seio das massas. Assim, o governo alemão

³²⁹ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 14.

³³⁰ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 70.

determinou que a guerra passasse a ser retratada como a luta fundamentalista pela sobrevivência da nação germânica.

Kallis afirma que tal como a propaganda positiva, o discurso de propaganda negativa depende de um denominador comum para que possa manipular a mente do recetor e, assim, integrá-lo numa determinada crença. Dependendo de um denominador comum para o efeito de coerção psicológica, os propagandistas alemães recorreram à divulgação de «negative themes».

Os líderes nazis promoveram um conjunto de princípios que exortavam à fundação de uma ordem capaz de garantir a segurança da hegemonia alemã na Europa e a sua ascensão a superpotência mundial. Neste sentido, Cláudia Ninhos aponta que a ideia de nascimento de uma Nova Alemanha rapidamente foi identificada com o movimento nazi, que prometia findar a desordem da velha ordem e o prosseguimento para uma «“revolução nacionalista”»³³¹, capaz de impor uma ordem totalitária e extremamente nacionalista. A crença nessa Nova Ordem era igualmente anticomunista, antiliberal e antidemocrata, sendo profundamente assimilada pelo nacional-socialismo. No caso particular dos boletins publicados pelo SILA, surgem duas leituras que são disseminadas: por um lado, a rejeição de sistemas ideológicos modernos que eram na altura dominantes (liberalismo e socialismo); por outro lado, a afirmação da Alemanha na imposição de uma redistribuição mundial, na ruína dessas forças ideológicas da velha ordem. Em conjunto, estas ideias criaram um poderoso denominador comum que sustentou a propaganda negativa, divulgando, portanto, a ideia de uma conspiração plutocrata-bolchevista, supostamente levada a cabo pelos Três Grandes. Deste modo, tanto a linguagem do *BP* como do *BS* difunde fervorosas críticas apoiadas nestas ideias contra os principais responsáveis dos alegados *complots* internacionais, que evidenciavam a crescente hegemonia capitalista-comunista e o consequente domínio do mundo pelos ditames de Washington, Londres e Moscovo.

Após esta explicação do conceito de propaganda negativa, é de relembrar que este serviu como categoria para organizar a análise dos dois boletins. Dentro da categoria de propaganda negativa, foram criadas subcategorias que correspondem aos principais alvos

³³¹ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, p. 68.

do discurso da propaganda negativa: Grã-Bretanha; EUA; URSS e a crítica a outros países que apoiavam os Aliados, designadamente a China e o Brasil. Assim, a propaganda negativa do *BP* e do *BS* pode organizar-se em dois grupos: o escárnio dirigido aos inimigos da Alemanha, cujas temáticas serão de seguida exploradas, e a linha de discurso que reproduz a crítica aos países que apoiavam a aliança da Carta do Atlântico.

4.1. Grã-Bretanha

Antes de analisar a mensagem antibritânica contida nos dois periódicos, será importante traçar a evolução ideológica que o nazismo foi assimilando acerca da Inglaterra. Para tal, é necessário identificar dentro da propaganda nazi o *modus operandi* que foi praticado em duas fases distintas: nos anos que antecederam ao início do conflito e no início da guerra. Para tal, procuraremos de seguida expor algumas ideias que pretendem clarificar o posicionamento da propaganda nazi em relação à Inglaterra.

Segundo Corella Torres, podemos invocar um princípio que acompanha a política seguida pela propaganda alemã relativamente à Grã-Bretanha. Segundo este autor, Joseph Goebbels apontou que a «“propaganda debe ser oportuna”»³³², referindo que a orientação da propaganda devia atuar agilmente para que os efeitos psicológicos sobre as massas fossem alcançados. Como tal, a campanha de propaganda devia agir no momento «más favorable para la causa»³³³.

É neste sentido de causa por forma a alcançar um determinado fim, que nos anos anteriores ao conflito, o governo nazi procedeu conforme os interesses da sua política externa. Dentro desses objetivos, a atividade diplomática alemã focou-se em estreitar uma política de apaziguamento iniciada pela Inglaterra. Esta começou a ser adotada ativamente durante o governo de Neville Chamberlain, centrando-se no «diálogo concertado com o Governo de Hitler» e também no «reconhecimento das suas exigências»³³⁴. Pelo que urge acrescentar que havia «uma grande simpatia por parte do povo britânico para com as queixas alemãs derivadas do Tratado de Versalhes, que o consideravam iníquo e até existia um determinado sentimento de culpa que a sua

³³² CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 35.

³³³ CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*, p. 35.

³³⁴ GONÇALVES, Francisco Jorge — “Chamberlain e a tentativa de apaziguar Hitler para alcançar a paz em nosso tempo: análise de um apaziguamento impossível”. *Revista Militar*. 2009, nº 2485/2486, p. 292.

imposição representava»³³⁵. Deste modo, existiam algumas reservas de opinião sobre a Inglaterra dentro dos círculos políticos alemães, pois seria importante manter uma relação conciliatória que satisfizesse os seus interesses territoriais.

Assim antes da guerra, a Alemanha não tinha qualquer pretexto para criar hostilidades com os ingleses. Inclusive, Hitler não exclui a hipótese de uma relação profícua com a Grã-Bretanha, afirmando na sua obra que o «exame das possibilidades da aliança da Alemanha deve chegar à convicção de que só nos resta um entendimento possível e esse é com a Inglaterra»³³⁶, reiterando que essa é «a potência que poderia proteger a nossa retaguarda, supondo que déssemos início a uma nova cruzada de germanos»³³⁷. Pretendendo conquistar a simpatia da Inglaterra, Hitler defende que bastava «renunciar às colónias e ao poderio naval e evitar concorrência à indústria britânica»³³⁸.

A política de *appeasement* seguida pelo governo do Primeiro-Ministro Neville Chamberlain significava a obtenção de uma Alemanha pacífica. Para isso, a política britânica tentou combinar conciliação e coerção, de modo a alcançar uma solução pacífica para as queixas, tidas como legítimas, da Alemanha. Contudo, após as várias tentativas de apaziguamento inglesas face à Alemanha — rearmamento da Alemanha (1935); reocupação da Renânia (1936); união com a Áustria (1938); anexação dos Sudetas (1938) e do Protetorado da Boémia e Morávia (1939) — o seguinte grande objetivo de Hitler consistia em romper com o corredor de Dantzig e anexar essa cidade ao *Reich* alemão. No verão de 1939, as relações germano-polacas agudizaram-se e, em setembro, a Alemanha invade a Polónia, acontecimento que desencadeou o conflito mundial.

Perante a invasão alemã à Polónia, a França e a Inglaterra dão por findas as suas contemporizações, vendo-se obrigadas a defender a independência do território polaco por diversas razões:

Em primeiro lugar, qualquer movimento da Alemanha contra a Polónia afetaria diretamente a Rússia, o que colocaria também as potências ocidentais em jogo.

³³⁵ GONÇALVES, Francisco Jorge — “Chamberlain e a tentativa de apaziguar Hitler para alcançar a paz em nosso tempo: análise de um apaziguamento impossível”, p. 292.

³³⁶ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, p. 458.

³³⁷ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, p. 106.

³³⁸ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, p. 106.

Em segundo lugar, os polacos, ao contrário dos checos e dos austríacos, não estavam dispostos a ceder a ameaças. Em terceiro lugar, as potências ocidentais começavam a perder a paciência. O acordo firmado em Munique serviria para testar as intenções de paz da Alemanha. Se Hitler encetasse uma nova aventura, Londres e Paris não voltariam a acreditar na sua palavra³³⁹.

Após o início do conflito, as relações diplomáticas entre a Inglaterra e a Alemanha sofrem uma mudança drástica. Analisando em retrospectiva, o período anterior à guerra ficou marcado pelas políticas encetadas pela Grã-Bretanha por forma a apaziguar a política expansionista de Hitler, porém, após o início do conflito, houve uma alteração completa na qual o consenso para a paz tornou-se impossível de alcançar entre os dois países. Dessa forma, a propaganda nazi procurou ajustar o seu discurso conforme essa alteração verificada nas relações diplomáticas, recorrendo afincadamente à utilização das temáticas de propaganda exaltadoras dos objetivos do nacional-socialismo.

Além disso, a declaração de guerra à Alemanha fez com que a propaganda nazi definisse os termos do tom de discurso dirigido à nação inglesa. Segundo Aristotle Kallis, «the need to justify psychologically the decision to risk (and cause) war necessitated a resort to a negative ‘anti-western’ theme»³⁴⁰. Como resultado, o autor aponta que a Grã-Bretanha passou a fazer parte do grupo hostil à Alemanha em que já fazia parte a França. Assim, integrava-se a Grã-Bretanha na propaganda negativa frequentemente associada à temática antiocidental, na qual os propagandistas nazis desejavam alcançar dois propósitos. Por um lado, «to supply a positive moral dimension to the German war by presenting it as a struggle of a ‘have not’ (*Habenicht*) against a ‘plutocratic’ establishment intent upon stifling any change in Europe»; e, por outro lado: «displace responsibility for the war by presenting the German *Blitz* as a ‘defensive’ move, pre-empting the allegedly planned suffocation of the German Volk by the western powers»³⁴¹.

Após esta genérica apresentação da evolução ideológica que o nazismo foi assimilando acerca da Inglaterra, é possível avançar para a análise da mensagem antibritânica contida no *Boletim Político* e no *Boletim Semanal*.

³³⁹ DAVIES, Norman — *A Europa em guerra 1939-1945*. Lisboa: Edições 70, 2008, p. 167.

³⁴⁰ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 72.

³⁴¹ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 72.

Como veremos, o ataque à Grã-Bretanha difundiu-se amplamente no *Boletim Político* e no *Boletim Semanal*, corporizando uma crítica com várias abordagens. Esta desdobra-se em diversas temáticas que em seguida se analisam no âmbito da propaganda negativa contra a Grã-Bretanha. A saber: anti-imperialismo; antiliberalismo; crítica aos valores e código de conduta britânicos e, por fim, a suposta participação da Inglaterra na conspiração plutocrata-bolchevista.

O ataque propagandístico acometido contra a Inglaterra, tendo por base as críticas replicadas ao imperialismo britânico, mantém-se moderadamente ao longo de 1943 no *Boletim Político*. No que diz respeito a esse discurso anti-imperialista, o *BP* sustenta que o Império Britânico representa uma velha ordem egocêntrica cujo futuro aponta para a sua ruína. Deste modo, apresenta um texto emblemático no qual justifica que a possibilidade da vitória aliada contribuirá para o colapso do Império Britânico, tendo como suporte um telegrama do correspondente do *Daily Mail*, Don Iddon, o qual informou que o jornal *PM* publicara uma série de declarações de personalidades norte-americanas, as quais são manietadas pelo *BP* por forma a denunciar que os norte-americanos alegadamente traçaram um plano de destruição do *Empire*, pois segundo um conhecido escritor e comentador de rádio norte-americano, William Shirer, «a época dos impérios coloniais acabou»³⁴² e a liquidação do império inglês «se realizará, na medida do possível, pacificamente e sem dores», uma vez que a Inglaterra não pode «subjugar um país como a Índia». O *BP* apresenta outra opinião, emitida pelo senador Nye e descrita como a mais franca pelos autores do SILA: «declara que viu sempre na amplitude do império britânico uma ameaça para a paz mundial», sendo por conseguinte afirmado que «qualquer futuro tratado de paz [...] levará os britânicos a abandonarem uma série de possessões» que o boletim conclui que serão «“internacionalizadas”»³⁴³, isto é, transformadas em proveito dos planos de domínio mundial por parte dos EUA, tornando-se inevitável acabar com o *Empire* e substituí-lo por um império norte-americano. Nesta linha de discurso, os autores do SILA fazem uma clara descredibilização da aliança ocidental, colocando os norte-americanos como ameaça aos próprios aliados ingleses,

³⁴² «A dissolução do Império Britânico foi discutida abertamente nos EU». *Boletim Político*, SILA, nº 308, 22-2-1943, p. 2.

³⁴³ «A dissolução do Império Britânico foi discutida abertamente nos EU». *Boletim Político*, SILA, nº 308, 22-2-1943, p. 2.

cujos impérios declinam por radicar numa velha ordem com uma percepção materialística e egocêntrica da política mundial.

Ao contrário do *BP*, no *Boletim Semanal* as intervenções são mais sucintas e de cariz informativo. Nesta análise ao semanário publicado pelo SILA, as matérias anti-imperialistas registam os mesmos objetos de propaganda utilizados no *BP*.

Ao longo de 1943 é representada recorrentemente a decadência da hegemonia mundial britânica, surgindo referências em maior número nos últimos meses do ano. Citando um desses textos, o de 6 de novembro ridiculariza a posição de domínio mundial ocupada pelos britânicos. Tendo por base informações da revista *New Leader*, o *BS* denuncia a situação de inferioridade e perda de supremacia que os britânicos estão a atravessar nessa altura. Para tal, o boletim recorre à História para explicar a evolução da hegemonia inglesa no mundo, aproveitando simultaneamente para reiterar o discurso anti-imperialista: «sob o ponto de vista histórico, não há coisa mais certa do que a revolução industrial ser a base indispensável mundial do domínio inglês, sem a qual não teria sido possível “a espoliação da Índia pelos invasores britânicos”»³⁴⁴. O boletim recorre à história da Grã-Bretanha mencionando que «o mercado livre para o capitalismo britânico nos tempos da sua soberania mundial económica» consistiu na liderança mundial do «“comércio”, enquanto o resto do mundo tinha a “liberdade de comerciar”»³⁴⁵. O *BS* salienta que este quadro hegemónico começou a dar sinais de ruína em virtude da «revolução social» que se instalou no império, isto é, o desejo de emancipação da Índia face à Grã-Bretanha. Como resultado das tensões sociais vividas no *Empire*, o boletim adianta que caiu o «pano sobre a posição da soberania mundial do Império Britânico», sendo que a procura de mercado livre passou a ser disputada pelo «capitalismo imperialista» dos EUA. Face a este quadro de «declínio irrevogável», o boletim indica que a Inglaterra se transforma, assim, num «museu histórico para turistas americanos»³⁴⁶, o que quer dizer que a sua imagem como potência mundial e imperialista perduraria meramente na memória histórica, cedendo a liderança da economia mundial aos EUA.

³⁴⁴ «A Inglaterra — museu histórico para turistas americanos?». *Boletim Semanal*, SILA, 6-11-1943, p. 1. Transcrição da revista norte-americana *New Leader*.

³⁴⁵ «A Inglaterra — museu histórico para turistas americanos?». *Boletim Semanal*, SILA, 6-11-1943, p. 1. Transcrição da revista norte-americana *New Leader*.

³⁴⁶ «A Inglaterra — museu histórico para turistas americanos?». *Boletim Semanal*, SILA, 6-11-1943, p. 1.

Outro aspeto anti-imperialista que os autores do SILA salientam é a crítica à conduta inglesa encetada nos territórios dominados pela coroa britânica. A par desse discurso antibritânico, o *Boletim Político* explora acuradamente os indícios do imperialismo totalitário praticado pelos ingleses. Num dos textos, a Irlanda é apontada como alvo da pressão inglesa, vítima de «um verdadeiro bloqueio da fome e que visa arrastar o país à guerra, a fim de poderem ser utilizados em proveito dos anglo-yankees os portos irlandeses e as reservas humanas»³⁴⁷. Através da transcrição das palavras proferidas por J. Beattie, líder do Partido Trabalhista da Irlanda do Norte ao jornal *Irish Independent*, o boletim expõe que os irlandeses reconhecem que o «verdadeiro caráter da Inglaterra», fundamenta-se na adoção de «medidas terroristas contra a oposição política». O *BP* salienta que a pressão inglesa exercida contra a nação irlandesa por forma a esta prestar apoio na guerra é feita através de manobras políticas não justificadas «nem pela lei nem pelo povo»³⁴⁸, isto é, ilegais. Para além destas alegações, o boletim denuncia que a Inglaterra atuou segundo os seus interesses, colocando «500 irlandeses da Irlanda do Norte»³⁴⁹ nas prisões, enquanto «as respetivas famílias se acham em grande miséria». Tendo por base o relato de Beattie, o *BP* explica que a Inglaterra tem «procurado sempre governar à sombra do princípio “divide et impera”» nos seus domínios, não se coibindo de empregar métodos violentos para a manutenção dos seus interesses. Contudo, lembra que desta vez foram «mal sucedidos, visto que os irlandeses, sejam católicos ou protestantes, estão decididamente fartos do domínio da Inglaterra». Em conclusão, o boletim pretende comprovar o caráter agressivo da dependência irlandesa face à Grã-Bretanha e evidenciar o declínio do Império Britânico, acrescentando que o imperialismo inglês começava a ser contestado: tanto na Irlanda, «como na Índia, a Inglaterra colhe as tempestades que semeou com a sua política de violência»³⁵⁰.

Também no *Boletim Semanal*, é evidente a crítica à governação inglesa nos territórios do Império Britânico. Num dos seus textos mais representativos, no semanário

³⁴⁷ «Crepúsculo dos britânicos na Irlanda: o desejo de unificação e de afastamento de Londres é cada vez mais forte». *Boletim Político*, SILA, nº 325, 15-3-1943, p. 1.

³⁴⁸ «Crepúsculo dos britânicos na Irlanda: o desejo de unificação e de afastamento de Londres é cada vez mais forte». *Boletim Político*, SILA, nº 325, 15-3-1943, p. 1.

³⁴⁹ «Crepúsculo dos britânicos na Irlanda: o desejo de unificação e de afastamento de Londres é cada vez mais forte». *Boletim Político*, SILA, nº 325, 15-3-1943, p. 2.

³⁵⁰ «Crepúsculo dos britânicos na Irlanda: o desejo de unificação e de afastamento de Londres é cada vez mais forte». *Boletim Político*, SILA, nº 325, 15-3-1943, p. 2.

afirma-se que os britânicos aplicam medidas funestas nas possessões ultramarinas que administram, sublinhando a reação de vários órgãos da imprensa indiana que levantaram críticas ao número de vítimas da fome na Índia, reportado pelo Ministro da Índia, Leo Amery; assim, o *BS* cita o *Hindustan Times* cujo correspondente fora enviado aos distritos produtores de juta na Bengala oriental, e que verificou que essa era a zona mais vitimizada pela fome. Por tal, o *BS* responsabiliza a administração central, cujas «medidas de defesa ali instituídas pelos ingleses, principalmente a proibição de navegar no rio» prejudicaram «os transportes de abastecimento» e também a pesca, «que é quase nula», concluindo que os alimentos primordiais, «a par do arroz»³⁵¹, desapareceram, como consequência dessa decisão.

Pelo que é possível depreender da mensagem anti-imperialista acima explanada, ambos os boletins utilizam o mesmo objeto de propaganda: o contexto político, económico e social que se testemunhava nos domínios da coroa inglesa, na década de 1940, para criticar o imperialismo britânico, apresentado como responsável pelo agravamento da situação nas colónias. O principal objetivo desta propaganda é difundir que a política imperialista britânica é extremamente perniciosa para os seus domínios coloniais, os quais explorava economicamente para beneficiar os seus próprios interesses.

Ainda na propaganda negativa dirigida exclusivamente contra a Grã-Bretanha, o *BP* e o *BS* criticam consensualmente o liberalismo inglês, lançando uma campanha de descredibilização ao governo liderado por Winston Churchill.

A crítica antiliberal no *Boletim Político* verifica-se moderadamente ao longo de 1943: incidindo, por um lado, no fracasso do Estado inglês na promoção da proteção social e, por outro, nas más condições de trabalho dos operários ingleses.

No que toca ao insucesso da aplicação de medidas governamentais de proteção social na Inglaterra, a campanha de descredibilização em torno do Estado britânico levada a cabo pelo *Boletim Político*, tem por fito divulgar a publicação do programa governamental: o Plano Beveridge. Desde logo, sobressaem três vetores de reação ao discurso de John Anderson na Câmara dos Comuns. Por um lado, o *Boletim Político* menoriza a singularidade desse plano governamental, afirmando que na Europa já se

³⁵¹ «Os números de Amery não correspondem aos factos». *Boletim Semanal*, SILA, 6-11-1943, p. 3.

decidiram medidas sociais da mesma natureza que «há muito se puseram em prática»³⁵² e se verificaram «muito superiores às do referido plano». Por outro lado, o *BP* descredibiliza o plano, afirmando que os impasses políticos surgidos na sua aprovação devem-se «aos círculos capitalistas em que o mesmo governo se apoia»³⁵³, acusando, assim, a influência da plutocracia no sistema político britânico. Por fim, o boletim prossegue em denunciar a inexecutabilidade do programa, tendo em conta outro fator: «todos se consagram o mais ardentemente que podem ao mote lançado pelos conservadores, segundo o qual o plano Beveridge não compadeceria com o espírito que criou o Império Britânico»³⁵⁴. O boletim evidencia a incongruência política que o plano assume, vaticinando que será esquecido no futuro, e apenas «uma ou outra das suas ideias será talvez aproveitada, a fim de o governo poder afirmar que já realizou parcialmente o projeto», numa clara crítica ao governo liberal liderado por Winston Churchill, tido como o culpado de «lançar o plano ao esquecimento»³⁵⁵ e enganar o povo, «negando-lhe o direito a essa obra social»³⁵⁶. Em suma, o *BP* defende que a Grã-Bretanha, quer pelo seu regime político, quer pelo conservadorismo, não reúne condições para implementação de um programa de proteção social acessível a todos os cidadãos.

Acerca das más condições de trabalho representadas no *Boletim Político*, com base nos dados publicados no *Times* acerca da saúde pública e das condições de alimentação do operariado inglês, é evidenciado que «a produção, sobretudo a de armamento, diminuiu extraordinariamente em consequência da má situação alimentar dos trabalhadores britânicos»³⁵⁷. O *BP* destaca que os operários atingiram um «estado de esgotamento» devido às «más condições caseiras e nas fábricas, ao dormir pouco, à insuficiente higiene e à subalimentação», o que contribui para o seu «ar de cansaço» como

³⁵² «A tragicomédia do plano Beveridge: uma manobra de diversão para o povo britânico e para o mundo». *Boletim Político*, SILVA, nº 305, 18-2-1943, p. 1.

³⁵³ «A tragicomédia do plano Beveridge: uma manobra de diversão para o povo britânico e para o mundo». *Boletim Político*, SILVA, nº 305, 18-2-1943, p. 1.

³⁵⁴ «A tragicomédia do plano Beveridge: uma manobra de diversão para o povo britânico e para o mundo». *Boletim Político*, SILVA, nº 305, 18-2-1943, p. 2.

³⁵⁵ «A tragicomédia do plano Beveridge: uma manobra de diversão para o povo britânico e para o mundo». *Boletim Político*, SILVA, nº 305, 18-2-1943, p. 2.

³⁵⁶ «A tragicomédia do plano Beveridge: uma manobra de diversão para o povo britânico e para o mundo». *Boletim Político*, SILVA, nº 305, 18-2-1943, p. 1.

³⁵⁷ «Os trabalhadores da indústria pesada inglesa em regime de subalimentação: perderam-se por doença, durante 12 meses, 40 milhões de semanas de trabalho». *Boletim Político*, SILVA, nº 310, 24-2-1943, p. 2.

consequência de sofrerem «dos nervos, de anemia e de doenças do estômago»³⁵⁸. O boletim tece ainda críticas à resposta clínica do tratamento aos trabalhadores, concluindo que não chega a ser eficaz, pelo que a única solução seria «estabelecer sanatórios para os trabalhadores»³⁵⁹. Assim, o *BP* explora as vicissitudes vividas pelo operariado britânico por forma a culpabilizar o governo inglês de se limitar «a reclamar medidas de auxílio de carácter particular, o que não basta para resolver um problema de tal envergadura»³⁶⁰. Por outras palavras, os propagandistas pretendem denunciar a incapacidade do governo liberal inglês face aos problemas de saúde que assolam a classe de operários. Em suma, o *BP* visa implicitamente afirmar que o Estado inglês não tem meios para cuidar da saúde dos seus trabalhadores e de criar soluções abrangentes, ou seja, a população trabalhadora ficava limitada aos seus próprios meios.

No que toca à análise no *Boletim Semanal*, este tece críticas às condições de trabalho do operariado britânico. Porém, no caso particular do *BS*, as intervenções desenvolvem menor grau de discussão, fornecendo informações sucintas. Um desses textos informa que a produção de carvão tem diminuído face às péssimas condições de trabalho da classe mineira, fazendo uma síntese sobre as declarações dos deputados da Câmara dos Comuns relativas à situação da produção do carvão na Inglaterra. Neste sentido, o boletim acusa que a produção das minas está condicionada em virtude das condições impostas à classe mineira: «se não se melhorassem as condições nas minas e não se tratasse melhor os mineiros, eles próprios tratariam do assunto»; assim são transcritas algumas passagens do discurso de Greenwood (deputado do Partido Trabalhista) que culpabiliza o governo de Churchill de não avaliar bem a «importância da situação» e de tratar da situação mineira com «promessas de retórica». O boletim defende que a intervenção do Estado é primordial para dar aos mineiros «o sentimento de que não são cães que podem ser maltratados a bel-prazer». Ou seja, se o Estado britânico tivesse tomado «garantias definitivas para o futuro» da classe mineira, que colmatassem os problemas relativos à sua «idade avançada», «redução do seu número» e a falta de «um

³⁵⁸ «Os trabalhadores da indústria pesada inglesa em regime de subalimentação: perderam-se por doença, durante 12 meses, 40 milhões de semanas de trabalho». *Boletim Político*, SILVA, nº 310, 24-2-1943, p. 2.

³⁵⁹ «Os trabalhadores da indústria pesada inglesa em regime de subalimentação: perderam-se por doença, durante 12 meses, 40 milhões de semanas de trabalho». *Boletim Político*, SILVA, nº 310, 24-2-1943, p. 3.

³⁶⁰ «Os trabalhadores da indústria pesada inglesa em regime de subalimentação: perderam-se por doença, durante 12 meses, 40 milhões de semanas de trabalho». *Boletim Político*, SILVA, nº 310, 24-2-1943, p. 3.

índice de vida decente e de garantia social»³⁶¹, a produção mineira não estaria sob tão elevado risco.

A mensagem antiliberal assim destacada nos números do *Boletim Político* e do *Boletim Semanal* denuncia que os trabalhadores ingleses passam por péssimas condições de trabalho. O principal objetivo da propaganda antiliberal é atestar que o liberalismo inglês posterga as medidas que garantam o bem-estar dos trabalhadores, em prol dos interesses da plutocracia capitalista.

A propaganda negativa dirigida contra a Grã-Bretanha estrutura-se também sob outra categoria, que corporiza a crítica aos valores e códigos de conduta britânicos, ao longo do conflito, distribuindo-se em dois objetos de propaganda: as formas de conduta seguidas pela Grã-Bretanha relativamente às nações neutras e os bombardeamentos aéreos ingleses às cidades europeias.

No que toca às formas de conduta que a Inglaterra adotou face aos países neutros no conflito, o *Boletim Político* condena tal postura, como se vê pela reprovação do governo nazi em relação ao acordo estabelecido entre Portugal e a Grã-Bretanha que determinava o estabelecimento de uma base aérea militar na ilha dos Açores. O *BP* parte das declarações de Schmidt (porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão), na conferência de imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros do *Reich*, em que o acordo luso-britânico é visto como resultado de «exigências ultimativas»³⁶² apresentadas pelo governo de Londres ao governo português. Assim, o *BP* explora duas vertentes na crítica contra os ingleses. Por um lado, acusa os britânicos de, ao longo da história da aliança luso-britânica, «terem seguido com Portugal uma política constante de quebra de palavra», e o caso dos Açores configurava-se como um «novo ato britânico contra Portugal» que podia ser colocado «ao lado dos seus antecedentes históricos»; o objetivo da Grã-Bretanha não era outro senão «atingir a política de neutralidade portuguesa» e «torpedear, dum modo geral, a atitude de neutralidade de outros países»³⁶³. Por outro lado, o boletim atribui à Inglaterra a condução de uma série de «manejos de política

³⁶¹ «A situação da produção inglesa de carvão». *Boletim Semanal*, SILA, 23-10-1943, p. 2.

³⁶² «O acontecimento dos Açores: a Inglaterra agiu segundo as suas tradições». *Boletim Político*, SILA, nº 502, 14-10-1943, p. 1.

³⁶³ «O acontecimento dos Açores: a Inglaterra agiu segundo as suas tradições». *Boletim Político*, SILA, nº 502, 14-10-1943, p. 1.

interna»³⁶⁴, dos quais destaca a «tentativa de minar o governo de Salazar, a fim de o fazerem abandonar a política de neutralidade por meio da agitação interna». Ao culpar a Grã-Bretanha de violar «nitidamente a neutralidade de Portugal»³⁶⁵, os autores do *BP* pretendem expor a sua ingerência nos assuntos políticos dos países neutros.

O *Boletim Semanal* não difere muito nesta matéria. Num texto que alude a uma notícia publicada no *Deutsche Allgemeine Zeitung*, o *BS* informa que a cidade de Lund, na Suécia, foi alvo de um ataque aéreo inglês; tendo em conta que se trata de uma nação neutral, o boletim pretende destacar que o bombardeamento aéreo a Lund perpetrado pelos pilotos ingleses configura «um novo exemplo da sua absoluta falta de escrúpulos perante países neutros», tal «ataque terrorista» inglês «esclarece mais evidentemente os seus métodos de condução de guerra do que a fraseologia mentirosa»³⁶⁶ de Churchill. Desta forma, o boletim denuncia que a conduta britânica é visível por meio da realidade dos factos e não através de garantias de retórica do líder britânico; assim, o semanário divulga que o código de conduta seguido pelos ingleses consiste na pressão exercida sobre países neutros para estes entrarem na guerra, servindo-se para esse fim de ataques premeditados contra as nações neutras.

Para além da conduta britânica face aos neutrais, os métodos de condução de guerra ingleses são alvo de depreciação noutros contextos, designadamente os bombardeamentos aéreos (como atrás já se viu, com o de Lund). Este discurso sobre os bombardeamentos aliados constituiu uma forte temática negativa tecida pela propaganda nazi que, de forma exhaustiva, explorou por todos os meios de comunicação. Na verdade, tanto o *BP* como o *BS* integraram o “terrorismo aéreo” no seu repertório propagandístico, obedecendo às diretivas gerais que fundamentaram a linha de propaganda negativa contra os Aliados e a Grã-Bretanha, em 1943³⁶⁷.

Tratando-se, portanto, de um assunto arquetípico da propaganda nacional-socialista, as referências aos ataques aéreos ingleses começam a fazer parte dos dois periódicos sensivelmente a partir de junho de 1943, sendo particularmente em maior

³⁶⁴ «O acontecimento dos Açores: a Inglaterra agiu segundo as suas tradições». *Boletim Político*, SILVA, nº 502, 14-10-1943, p. 2.

³⁶⁵ «O acontecimento dos Açores: a Inglaterra agiu segundo as suas tradições». *Boletim Político*, SILVA, nº 502, 14-10-1943, p. 2.

³⁶⁶ «Novo exemplo da falta de escrúpulos ingleses perante neutrais». *Boletim Semanal*, SILVA, 27-11-1943, p. 2.

³⁶⁷ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 87.

número no último trimestre do ano. Ambos os boletins focam-se no discurso antiocidental e antibritânico associado aos bombardeamentos aéreos. Por um lado, indicam que os ataques aéreos, por exemplo a cidades de elevado património histórico e cultural europeias, constituem provas da imoralidade da conduta militar dos ingleses. Por outro lado, são evidenciadas as condições adversas de que a população civil é alvo, em virtude dos bombardeamentos da aviação britânica.

De acordo com estas ideias, o *Boletim Político* fornece representações de elevado sentido ideológico e moral sobre os bombardeamentos aéreos. Tratando-se de um artifício recorrente, a propaganda do *BP* utiliza como base das suas intervenções artigos provenientes de publicações que, sem surpresa, opinam favoravelmente ao regime nazi. Deste modo, um dos seus textos notórios segue esse artifício propagandístico, mencionando como introdução o jornal *Deutsche Allgemeine Zeitung*, que publicou uma notícia sobre o lançamento de bombas no Vaticano. A Grã-Bretanha é representada como instigadora da destruição de Roma e alvo de crítica por difundir a «fábula mentirosa duma presumível destruição» da cidade pelos alemães, que o *BP* explica que consiste «numa prova acusatória contra aqueles que espalham tais notícias e contra os que realizaram o ataque ao Vaticano», ou seja, que os verdadeiros culpados do ataque são os ingleses. Por forma a atestar que a Grã-Bretanha é a principal responsável desse bombardeamento que coloca de «lado todo o respeito tributado a coisas que parte considerável da humanidade considera como valores sagrados», o *BP* referencia um «escrito odioso contra o Papa Pio XII e a comunidade católica» da autoria de um político e escritor inglês — H. G. Welles. Nesse sentido, o *BP* retira alguns excertos do livro por forma a demonstrar que os ingleses abominam o grande símbolo da Cristandade e da civilização europeia: «“Porque não bombardeamos nós Roma? Roma não é só a fonte e o centro do fascismo, mas também a sede de um Papa, aliado declarado do Eixo nazi-xinto-fascista”»³⁶⁸; tais críticas do autor inglês pretendem caracterizar a Igreja Católica como o «“cancro social”» que destrói a «“saúde e a esperança do nosso mundo moderno”»³⁶⁹. Através destas transcrições, o *BP*

³⁶⁸ «O bombardeamento do Vaticano: o escritor inglês H.G. Welles, num livro contra o Papa Pio XII e a Igreja Católica, reclama o bombardeamento do Vaticano». *Boletim Político*, SILVA, nº 523, 8-11-1943, p. 1. Transcrição do livro *Crux Ansata — An edictment of the Roman Catholic Church*, da autoria de H. G. Welles. Ver Anexo 4.

³⁶⁹ «O bombardeamento do Vaticano: o escritor inglês H.G. Welles, num livro contra o Papa Pio XII e a Igreja Católica, reclama o bombardeamento do Vaticano». *Boletim Político*, SILVA, nº 523, 8-11-1943, p. 2.

pretende generalizar que os ingleses são responsáveis pelos bombardeamentos aéreos ao Vaticano, através da manietação de citações do livro de Welles que os propagandistas do SILA utilizam para comprovar que a obra consiste num estímulo ideológico dos ingleses contra a cúpula da Igreja Católica, de que é exemplo a seguinte transcrição: «“Os Papas representam impedimento destituído do sentido, um foco de resistência a uma melhor ordem do mundo”»³⁷⁰. Deste modo, à luz do boletim, os ingleses são representados como violadores da autoridade papal e dos valores ocidentais da Cristandade, em função de terem «tolerado essas ofensas» de H. G. Welles, que o *BP* descreve como «únicas na história moderna»³⁷¹.

Os autores do SILA usam critérios alegadamente éticos e racionais para caraterizar a conduta de guerra britânica. Evidentemente o contexto desses ataques não é explicado, isto é, que os seus alvos eram locais estratégicos da Alemanha ou de que os nazis se haviam apoderado. Como foi possível depreender, a linha de discurso seguida pelo *BP* centra-se na representação da Grã-Bretanha como uma força afrontadora dos símbolos e valores da civilização europeia, nomeadamente da religião católica. Sendo assim, o *Boletim Político* pretende transmitir a ideia de que os ingleses procedem de forma poluta e atroz, não respeitando os pilares da cultura em que assenta a civilização europeia.

No que toca ao tema dos bombardeamentos aéreos no *Boletim Semanal*, verifica-se um conjunto de representações negativas sobre a Grã-Bretanha, cujo discurso denuncia as difíceis condições de que a população civil se torna alvo em virtude dos bombardeamentos. Nesta conformidade, o *Boletim Semanal* apresenta um texto que ressalta «os métodos criminosos» dos ingleses. Assim, o *BS* destaca que os meios de combate que a Inglaterra emprega não são «para a destruição de objetivos militares, mas sim para o aniquilamento de mulheres e crianças», enfatizando que os bombardeamentos aéreos dirigidos à cidade de Hamburgo representam o barbarismo do comportamento britânico. Tendo em vista corroborar que os métodos de conduta inglesa são impiedosos,

Transcrição do livro *Crux Ansata — An edicement of the Roman Catholic Church*, da autoria de H. G. Welles.

³⁷⁰ «O bombardeamento do Vaticano: o escritor inglês H.G. Welles, num livro contra o Papa Pio XII e a Igreja Católica, reclama o bombardeamento do Vaticano». *Boletim Político*, SILA, nº 523, 8-11-1943, p. 3. Transcrição do livro *Crux Ansata — An edicement of the Roman Catholic Church*, da autoria de H. G. Welles.

³⁷¹ «O bombardeamento do Vaticano: o escritor inglês H.G. Welles, num livro contra o Papa Pio XII e a Igreja Católica, reclama o bombardeamento do Vaticano». *Boletim Político*, SILA, nº 523, 8-11-1943, p. 3.

o *BP* encerra com transcrições de uma notícia publicada no *Globereuter* de Zurique onde descreve cenários bárbaros resultantes dos ataques de «bombas de fósforo lançadas indistintamente pelos ingleses»³⁷²:

“Veem-se por toda a parte cadáveres carbonizados e feridos abandonados. Durante toda a nossa vida havemos de nos lembrar daquilo que vimos nas ruas de Hamburgo: corpos de adultos queimados e que ficaram reduzidos ao tamanho de crianças; mulheres que percorrem as ruas parecendo loucas”³⁷³.

Por fim, a última subcategoria relativamente à propaganda negativa contra a Grã-Bretanha consiste na disseminação da existência de alegados *complots* que evidenciavam a participação inglesa em prol da hegemonia soviética sobre o mundo. Trata-se de um subtema da propaganda negativa contra a Grã-Bretanha em que se articula a suposta participação dos ingleses na conspiração judaico plutocrata-bolchevista.

Impõe-se desde já dizer que, no caso do *Boletim Político*, as representações acerca da suposta coadjuvação dos ingleses no conluio internacional regista numerosas intervenções ao longo de 1943. Desta forma, as intervenções do *BP* difundem o avanço do bolchevismo, aliado aos ocidentais, alegando a submissão e apoio da Grã-Bretanha aos caprichos de Moscovo, com vista à tomada da Europa. Um desses textos fundamenta-se em supostos comentários divulgados nos círculos diplomáticos de Berlim e denuncia que existem planos de conspiração anglo-soviéticos que pretendem enfraquecer o continente europeu. De modo a atestar essa realidade, o boletim serve-se de um artigo publicado no jornal *Times*, considerado órgão da política externa britânica, apontando que a diretriz política em que o «Foreign Office se esforça por impor corresponde a uma entrega da Europa à União Soviética»³⁷⁴. Pois, segundo o *Times*, «“o presente e o futuro [...] dependem, para as potências anglo-saxónicas, de um entendimento com a União Soviética”»³⁷⁵. Sobre esse entendimento, o *BP* indica que a Europa seria dividida em duas

³⁷² «Os ingleses aplicam produtos químicos nos ataques terroristas: guerra metódica de destruição contra a população civil». *Boletim Semanal*, SILA, 21-8-1943, p. 1. Ver Anexo 10.

³⁷³ «Os ingleses aplicam produtos químicos nos ataques terroristas: guerra metódica de destruição contra a população civil». *Boletim Semanal*, SILA, 21-8-1943, pp. 1-2. Transcrição da agência de notícias *Globereuter*.

³⁷⁴ «A Inglaterra abandona a Europa Oriental aos soviéticos». *Boletim Político*, SILA, nº 466, 1-9-1943, p. 1.

³⁷⁵ «A Inglaterra abandona a Europa Oriental aos soviéticos». *Boletim Político*, SILA, nº 466, 1-9-1943, p. 1. Transcrição de um artigo no jornal *Times*.

esferas de interesses, uma ocidental que ficaria a cargo da Inglaterra e dos EUA, e a parte oriental entregue à URSS. Comentando estes planos, o *BP* acusa a Inglaterra de, nas últimas semanas, ter feito propostas aos bolchevistas sobre a divisão da Europa, adiantando que tais projetos teriam sido já o assunto da Conferência de Quebeque. Apesar da negação de tais projeções para o pós-guerra por parte dos ingleses, o artigo tenta provar que o jornal *Times* confirma que existe um conluio entre os Aliados para entrega da Europa à URSS, concretamente a parte ocidental europeia aos soviéticos, já que «mesmo no atual estado de enfraquecimento em que a União Soviética se encontra, esta exige, todavia, a sua interferência nas questões da Europa Ocidental»³⁷⁶. Para atestar a veracidade dessa afirmação, o boletim tenta comprovar que o reconhecimento da comissão francesa de Argel por parte da URSS constitui um exemplo da intervenção soviética na zona ocidental, alegando que o predomínio concedido à URSS pelos ingleses é simples ilusão, visto que o principal objetivo dos bolchevistas consiste em intervir em todas as deliberações relativas à Europa.

Relativamente ao *Boletim Semanal*, este sugere que as relações anglo-soviéticas destinam-se a cumprir um pacto em que os ingleses servem os interesses de Moscovo. No semanário destaca-se uma linha argumentativa na qual essa amizade posiciona a Grã-Bretanha na «esteira do bolchevismo», em função da política externa inglesa seguida por Anthony Eden, que em conjunto com os soviéticos traçara o plano de futura organização europeia através da imposição do «sistema de relações de confiança anglo-soviética»³⁷⁷. Segundo o *BS*, «os compromissos que a Inglaterra tomou para com os soviéticos» contribuem para uma forte dependência da Inglaterra em relação à URSS e, concomitantemente, uma intenção anglo-bolchevista da divisão da Europa. Sobre esta, o *BS* serve-se de um artigo publicado no *Washington Herald* para corroborar que a «Grã-Bretanha está decidida a manter-se fiel ao pacto firmado para 20 anos com os soviéticos», ou seja, que a Inglaterra garante apoio a todas as exigências territoriais da URSS dentro do continente europeu, designadamente no leste europeu: «países do Báltico e a Polónia oriental»³⁷⁸. Desta forma, as relações entre a Grã-Bretanha e a URSS são apontadas como

³⁷⁶ «A Inglaterra abandona a Europa Oriental aos soviéticos». *Boletim Político*, SILVA, nº 466, 1-9-1943, p. 2.

³⁷⁷ «Caos político no campo aliado: Inglaterra na esteira do bolchevismo». *Boletim Semanal*, SILVA, 27-3-1943, p. 1.

³⁷⁸ «Caos político no campo aliado: o que se diz na América sobre a intenção anglo-bolchevista de dividir a Europa?». *Boletim Semanal*, SILVA, 27-3-1943, p. 2.

uma prova da «traição e indignidade» dos ingleses à «cultura e civilização cristãs»³⁷⁹. Nesta linha de acusação dirigida à Grã-Bretanha, o *BS* defende que os bombardeamentos aéreos realizados pelos ingleses às cidades europeias evidenciam a subserviência dos britânicos ao plano de dominação bolchevista na Europa. Assim, o semanário denuncia que as destruições causadas pelos bombardeamentos aéreos a algumas catedrais, como por exemplo de Santa Hedvigés, em Berlim, são «bárbaros atos de pirataria aérea», que não são «de estranhar dado o parentesco espiritual existente hoje em dia entre Churchill e Estaline». Destarte, a Inglaterra e a URSS planeiam «liquidar os templos do mundo europeu civilizado», pelo que os propagandistas replicam ironicamente que «o sr. Estaline pode condecorar o sr. Churchill com a ordem dos ateus», já que as duas nações, em conluio, inscrevem «nos seus estandartes a destruição do mundo católico»³⁸⁰.

Como já foi referido, as *nuances* do discurso de propaganda adotado pelos nazis na crítica contra a Grã-Bretanha são conhecidas no decurso do conflito. O fio condutor da propaganda contra a Grã-Bretanha, segundo a análise feita ao *BP* e ao *BS*, organiza-se em duas vertentes. Por um lado, são dirigidas críticas isoladas à Inglaterra, nomeadamente contra o seu imperialismo, liberalismo, valores e código de conduta; por outro lado, os ingleses são representados como cúmplices no alegado *complot* plutocrata-bolchevista ao lado dos seus aliados (URSS e EUA), cujas críticas também a eles se estendem.

4.2. EUA

Assim como a Grã-Bretanha, os EUA são também alvo de crítica tanto no *Boletim Político* como *Boletim Semanal*. Para conhecermos esta realidade torna-se essencial, antes de mais, expor uma breve introdução sobre a orientação ideológica que o nazismo foi formulando em relação aos EUA e que se manifestou em duas fases distintas: os anos que antecederam o início do conflito e no decurso do conflito.

No que toca aos anos anteriores ao conflito, as grandes referências aos Estados Unidos estão consagradas na ideologia que o *Mein Kampf* de Adolf Hitler suporta, sendo abordadas no sentido da questão do apuramento racial dos norte-americanos, designadamente sob o prisma antissemita. Hitler exorta o ódio aos judeus, descrevendo-

³⁷⁹ «O Vaticano desmente a agitação inglesa». *Boletim Semanal*, SILVA, 15-5-1943, p. 3.

³⁸⁰ «Verdadeiros aliados de Moscovo». *Boletim Semanal*, SILVA, 20-3-1943, folha avulsa, verso.

os como parasitas que se incorporavam no «organismo dos outros povos»³⁸¹, arruinando as suas virtudes ráticas, «exterminando mais ou menos rapidamente»³⁸² o povo que os hospeda até lhes dar a escravidão perpétua. Esta mensagem antissemita que é paradigmática ao longo do livro veio a estabelecer uma das temáticas antiamericanas principais da propaganda alemã. Como resultado, o antissemitismo constituiu pretexto para criar hostilidades com os norte-americanos, tendo por base a linha de argumentação que se centra na denúncia do suposto ataque dos judeus para «conquistar a Terra»³⁸³, que transformaria esses países em «instrumentos passivos nas suas mãos»³⁸⁴. Com base no *Mein Kampf*, os EUA consistem numa dessas nações que vivem sob o domínio da suposta “judiaria internacional”, lembrando Hitler que «não é só o velho mundo que se está enredando nessa trama», a América está também ameaçada: «os judeus são os reis da bolsa dos EUA. Eles controlam cada vez mais as forças de trabalho de um povo de cento e vinte milhões; muitos poucos são os que se mantêm completamente independentes»³⁸⁵.

À medida que o conflito inicia, os EUA detêm limitado destaque nos círculos de opinião nazis. Esta constatação é avançada por Aristotle Kallis que fornece uma fundamentação, baseando-se em fatores que condicionaram a tardia referência aos Estados Unidos na propaganda de guerra. O autor argumenta que o regime nazi seguiu uma política delicada em relação a qualquer abordagem propagandística dos EUA. Segundo Kallis, essa restrição da propaganda alemã está subjacente a um conjunto de considerações conflituantes, que o regime de Hitler procurou seguir com cautela, sobretudo entre o início do conflito e a data da entrada dos EUA na guerra (dezembro de 1941). Desde logo, uma das considerações relaciona-se com a discrepância que existia entre a postura pró-intervencionista do Presidente Franklin Roosevelt e a posição antiguerra assumida por grande parte da opinião pública norte-americana. Sobre esta dualidade, Kallis indica que acarretou «a very delicate balancing act on part of Berlin, in the direction of diminishing the stature of the former and encouraging the misgivings of the latter»³⁸⁶. Com efeito, durante o conflito, os círculos políticos alemães mostraram-se

³⁸¹ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, p. 228.

³⁸² HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, p. 245.

³⁸³ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, p. 245

³⁸⁴ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, p. 473.

³⁸⁵ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, p. 473.

³⁸⁶ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 75.

apreensivos em seguir um esquema propagandístico uniforme e definido relativamente aos EUA, pois temiam a situação desfavorável que um ataque aos Estados Unidos poderia significar: «the head of the German Press Department of the RMVP, Hans Fritzsche, insisted that the costs (in human and material terms) involved in an operation against the USA clearly outweighed any potential benefits»³⁸⁷.

Todavia, nos meses anteriores à sua participação no conflito, os EUA começam a ser referenciados pela propaganda alemã em virtude da divulgação de alguns dados acerca da ajuda norte-americana à Grã-Bretanha, a nível material e moral. Kallis aponta que o amplo conhecimento do apoio norte-americano contribuiu para o início de uma campanha de descredibilização do Presidente Roosevelt, tendo como objetivo denunciar as alegadas intenções de longa data do líder norte-americano na conspiração da plutocracia internacional, em conjunto com os britânicos³⁸⁸.

Com a entrada dos EUA na guerra, a propaganda alemã definiu os termos da sua linha de discurso tendo por base críticas emitidas contra o governo norte-americano, cuja declaração da participação no conflito veio consolidar com maior afínco a temática da amálgama de ameaças antibritânica e antiamericana na narrativa antiplutocrática. Aristotle Kallis afirma «the tirade did not stop there»; a propaganda nazi apoiou-se, também, nessa altura, noutra temática negativa dirigida contra os EUA: a questão racial. Recuperando a linha de pensamento exortada no *Mein Kampf* anos antes, a América do Norte passou a ser retratada pela propaganda nazi sob a perspetiva da hierarquia das raças e dos efeitos adversos da sua miscigenação como um povo inferior, em consequência da influência judaica. Aos judeus era, assim, atribuída a culpa pela decadência racial iminente na sociedade norte-americana. Em resultado, a propaganda alemã perseverou na sua campanha de descredibilização do Presidente Roosevelt, atribuindo-lhe um carácter análogo: «‘pawn’ of a barely visible international Jewish stratagem to turn the world’s youngest great power into an agent of global chaos»³⁸⁹. Esta caracterização de Franklin Roosevelt é fruto de uma abordagem na qual foi esquematizado um denominador comum que definiu o tom da mensagem antiamericana. Ou seja, a propaganda negativa dirigida

³⁸⁷ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 75.

³⁸⁸ Sobre a integração dos EUA no plano da plutocracia internacional, ver KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, pp. 75-76.

³⁸⁹ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 76.

aos EUA passou a constituir-se várias abordagens que se fundiam essencialmente no tema da alegada conspiração judaica dos EUA em prol dos interesses plutocratas e judaicos.

Tanto o *BP* como o *BS* expressam um discurso contrário aos norte-americanos, cujas temáticas em seguida se analisam: antissemitismo; crítica ao imperialismo político e capitalismo norte-americano e, por fim, a suposta participação dos EUA na conspiração judaica plutocrata-bolchevista (sem surpresa, há alguma similitude com as já apresentadas na propaganda negativa da Grã-Bretanha).

No que toca ao ataque propagandístico contra os Estados Unidos tendo por base a crítica racial, alguns artigos de publicações periódicas são utilizados, de modo a conferir veracidade às afirmações, como é o caso do artigo escrito por Eitel Kaper no jornal *Berliner Börsen-Zeitung* que pretende enfatizar os alegados motivos do declínio no «caminho biológico dos anglo-saxões»³⁹⁰. O texto do *BP* prossegue na sua linha de discurso apontando que nos Estados Unidos existe um «número maior de habitantes não anglo-saxónicos»³⁹¹, salientando que numa «nação com mais de 130 milhões de habitantes», «cerca de 13 a 14 milhões» são negros e também existem «6 milhões de judeus», mas acrescenta que estes números aumentam «de dia para dia e mesmo de hora para hora» de modo a evidenciar que esse incremento de raças não-saxónicas ameaça o prestígio do «célebre “cadinho de raças”», como resultado das pretensões de núcleos estrangeiros, nomeadamente judaicos, que à luz do boletim são cada vez mais proeminentes nos espaços importantes da sociedade norte-americana: «O “Tiddisch” dialeto judaico e o inglês encontram-se em pé de igualdade na cidade de Nova-Iorque como língua oficial, e quem visitar universidades yankees, não deve admirar-se de poder ouvir preleções em arménio, polaco, sírio e chinês»³⁹².

Este tipo de intervenções presentes no *BP* são paradigmáticas da linha de propaganda do boletim, que insiste noutros textos na questão racial e na influência crescente dos judeus nos EUA.

³⁹⁰ «A força do povo em declínio: o caminho biológico dos anglo-saxões». *Boletim Político*, SILVA, nº 375, 15-5-1943, p. 1.

³⁹¹ «A força do povo em declínio: o caminho biológico dos anglo-saxões». *Boletim Político*, SILVA, nº 375, 15-5-1943, p. 2.

³⁹² «A força do povo em declínio: o caminho biológico dos anglo-saxões». *Boletim Político*, SILVA, nº 375, 15-5-1943, p. 2.

No *Boletim Semanal*, esta questão racial dentro da sociedade norte-americana segue uma linha de discurso similar ao *BP*, porém as intervenções sobre este tipo de assunto são residuais e o grau de discussão é comparativamente inferior aos textos do *Boletim Político*. A título de exemplo, o semanário pronuncia-se num sentido mais abrangente acerca da influência judaica nos EUA, ordenando num texto dados estatísticos retirados do jornal *Publicist Economist* por forma a corroborar o domínio judaico nas esferas mais importantes da vida norte-americana, como é possível verificar no seguinte excerto:

97% dos editores dos jornais americanos são judeus; 90% das sociedades emissoras estão nas mãos de capitalistas judeus; 100 %, aproximadamente, das empresas de filmes e teatros são judias; 76% dos advogados, jornalistas, médicos e representantes de outras profissões liberais são judeus³⁹³.

Este tipo de dados e listas são mais vezes fornecidos pelo semanário, a pretender corroborar que a dominação judaica nas principais esferas da vida norte-americana é quase absoluta, constituindo, assim, o principal motivo pelo qual os EUA «fazem guerra»³⁹⁴, pois os interesses dos judeus têm fator decisivo na sociedade.

A propaganda negativa dirigida aos EUA estrutura-se também noutra categoria: a crítica ao imperialismo norte-americano. Essa linha de argumentação é evidente nos boletins, distribuindo-se em dois objetos de propaganda: a condenação da ingerência norte-americana na política mundial e a crítica ao imperialismo económico dos Estados Unidos.

Relativamente ao primeiro objeto de propaganda, no *Boletim Político* a mensagem antiamericana é amplamente divulgada ao longo de 1943, dando destaque a quatro aceções por forma a sustentar a tese anti-imperialista da hegemonia política mundial dos EUA: a guerra como meio para a hegemonia norte-americana no mundo; os interesses belicistas do governo de Roosevelt como base da política externa norte-americana; exemplos do imperialismo norte-americano no mundo e, por fim, o “policiamento” como garantia da consolidação do governo mundial liderado pelos EUA.

³⁹³ «Porque é que os Estados Unidos fazem guerra à Alemanha?». *Boletim Semanal*, SILVA, 27-2-1943, p. 3. Ver Anexo 11.

³⁹⁴ «Porque é que os Estados Unidos fazem guerra à Alemanha?». *Boletim Semanal*, SILVA, 27-2-1943, p. 3.

Ao longo do ano são publicados vários textos que criticam a política externa do governo liderado por Roosevelt. Desta forma, em janeiro, o *BP* apresenta um escrito que culpabiliza o governo democrata de dirigir uma política de intromissão na política internacional, tendo em vista a supremacia política do sistema plutocrata no mundo. Destarte, o boletim publica na íntegra o comentário da Correspondência Diplomática Alemã acerca do *Livro Branco sobre a guerra e a paz* de Roosevelt, tecendo duras críticas às formas de atuação da política externa do executivo dos democratas. Na enumeração dos motivos da apresentação desse documento, afirma-se que Roosevelt «não tem a consciência tranquila perante o povo dos Estados Unidos e sabe que este povo, que o elegeu fiado nas suas promessas de que o não levaria à guerra e de que nenhum mancebo dos EU seria coberto por terra estrangeira, já não acredita nele»³⁹⁵.

Por outro lado, manietando relatos de um antigo Embaixador dos EUA em Tóquio, Grew, o *BP* reitera que Roosevelt não só é responsável da guerra, como «havia ludibriado o povo americano no que se referia à política» entre o Japão e os EUA, causando consequentemente guerra com as Potências do Eixo. Por forma a reiterar a responsabilidade de Roosevelt no conflito, o boletim dá também a conhecer afirmações do Embaixador polaco, Potocki, acerca da conversa que tivera com o Embaixador Bullitt. Segundo o texto, este recebera instruções de Roosevelt que planeavam a entrada dos EUA na guerra, no período anterior ao conflito. Desta forma, é inferido que tais informações expressam que as promessas de não intervenção feitas ao povo norte-americano foram violadas e Roosevelt defendera que os Estados Unidos estão dispostos a «abandonar a sua política de isolamento e de que estarão prontos a intervir de maneira ativa, ao lado da Inglaterra e da França, em caso de guerra»³⁹⁶. Por conseguinte, o *BP* emprega uma estratégia de descredibilização do governo democrata, cuja política externa, em 10 anos, «não fez uma política de boa vizinhança ou de apaziguamento, mas sim uma política de imiscuição, de guerra e de agressão»³⁹⁷.

³⁹⁵ «Atentado de Roosevelt contra o Congresso dos Estados Unidos: o “Livro Branco sobre a Guerra e a Paz” — um documento de quem não tem a consciência tranquila». *Boletim Político*, SILA, nº 267, 5-1-1943, p. 2.

³⁹⁶ «Atentado de Roosevelt contra o Congresso dos Estados Unidos: o “Livro Branco sobre a Guerra e a Paz” — um documento de quem não tem a consciência tranquila». *Boletim Político*, SILA, nº 267, 5-1-1943, p. 4.

³⁹⁷ «Atentado de Roosevelt contra o Congresso dos Estados Unidos: o “Livro Branco sobre a Guerra e a Paz” — um documento de quem não tem a consciência tranquila». *Boletim Político*, SILA, nº 267, 5-1-1943, p. 4.

Os propagandistas nazis apontam ainda que os interesses imperialistas a nível político traduzem-se no facto de os EUA terem a intenção de «se imiscuir nos assuntos europeus e de atacar a Europa»³⁹⁸, favorecendo a «propaganda belicista judaica» e os interesses de domínio mundial dos judeus, assim como transformando a opinião pública num «objetivo passivo da sua política de guerra e de agressão»³⁹⁹.

Tendo em conta as ideias referidas anteriormente, o *BP* defende ao longo de 1943 que a política externa levada a cabo pelo governo democrata é uma forma de imperialismo político. Para tal, é reproduzido na íntegra um artigo publicado na revista *Roma-Berlim-Tóquio*, da autoria do conselheiro da Legação Alemã, Von Stempel, o qual objetiva explorar os fatores geopolíticos que baseiam a instabilidade da política externa norte-americana, entre os quais, segundo o texto, estão relacionados diretamente com a «amalgama rácica do povo americano»⁴⁰⁰ cuja «política de fusão não está ainda suficientemente amadurecida para com estes brutos de povos formar uma nação americana unida», capaz de reconhecer «claramente quais os seus interesses no domínio da política estrangeira». Face a estes fatores, o *BP* pretende transmitir a ideia de que o Presidente Franklin Roosevelt segue, na verdade, «uma estratégia diplomática»⁴⁰¹ baseada numa política egocêntrica e imperialista que levou à participação norte-americana no conflito, ainda que o povo desse país se tenha manifestado contra esse propósito. O *BP* assevera que a beligerância dos EUA consiste essencialmente numa política imperialista e ambiciosa, através da qual Roosevelt pretende «encobrir o fracasso da sua política social e financeira do New Deal»⁴⁰², através do investimento num programa de rearmamento de enormes proporções que só seria possível com a guerra. Assim, a política estrangeira conduzida por Roosevelt está em linha com a sua «carreira

³⁹⁸ «Atentado de Roosevelt contra o Congresso dos Estados Unidos: o “Livro Branco sobre a Guerra e a Paz” — um documento de quem não tem a consciência tranquila». *Boletim Político*, SILVA, nº 267, 5-1-1943, p. 5.

³⁹⁹ «Atentado de Roosevelt contra o Congresso dos Estados Unidos: o “Livro Branco sobre a Guerra e a Paz” — um documento de quem não tem a consciência tranquila». *Boletim Político*, SILVA, nº 267, 5-1-1943, p. 5.

⁴⁰⁰ «A política externa dos Estados Unidos: a estratégia diplomática de Roosevelt». *Boletim Político*, SILVA, nº 442, 4-8-1943, pp. 1-2.

⁴⁰¹ «A política externa dos Estados Unidos: a estratégia diplomática de Roosevelt». *Boletim Político*, SILVA, nº 442, 4-8-1943, p. 1.

⁴⁰² «A política externa dos Estados Unidos: a estratégia diplomática de Roosevelt». *Boletim Político*, SILVA, nº 442, 4-8-1943, p. 2.

política [que] está ligada aos colossos da finança»⁴⁰³ de Nova Iorque que «dominam, direta ou indiretamente, os órgãos de formação da opinião pública». Em suma, o boletim pretende evidenciar que os motivos pelos quais levaram os EUA à guerra estão em «em contradição com os verdadeiros interesses históricos do povo americano», sendo que a beligerância dos EUA é representada como a política de imiscuição nos assuntos europeus na qual Roosevelt é um peão do estratagema de interesses dos grandes núcleos imperialistas judaicos que apoiam o seu mandato na presidência dos Estados Unidos e que alegadamente visam «entregar a Europa aos soviets»⁴⁰⁴ como moeda de troca pela transformação da Rússia soviética num aliado norte-americano contra o Japão.

Como é possível depreender, a propaganda do *Boletim Político* dirige uma ampla campanha de descredibilização do governo norte-americano e do seu Presidente, pretendendo denunciar o alegado imperialismo político norte-americano como fator instigador da participação norte-americana no conflito.

Porém, este tipo de intervenções não é o único no ataque propagandístico ao imperialismo político norte-americano dentro do *Boletim Político*. Na base da sua argumentação, o *BP* debruça-se em evidenciar ocorrências, necessariamente manietadas pela propaganda alemã, passíveis de indicar que o governo de Roosevelt dirige uma política de ingerência na vida nacional de outros países, advogando que os EUA almejam a hegemonia mundial. Assim, ainda no mês de janeiro, o *Boletim Político*, por meio da transcrição de um artigo da autoria de J. von Kempfski, publicado na revista *Auswärtige Politik* (órgão do Instituto Alemão para estudos de política estrangeira), aponta que a ideia pan-americana «corresponde aos interesses imperialistas dos Estados Unidos, mas não às necessidades das nações ibero-americanas». A partir da Conferência Extraordinária Pan-americana de Buenos Aires, em 1936, Kempfski esclarece que se iniciou «a política rooseveltiana de ingerência nos negócios europeus e asiático-orientais»⁴⁰⁵, a qual só pode ser sustentada pelo apoio a nível de recursos por parte da América Latina. Deste modo, o artigo adianta que a política externa dos EUA no continente americano segue dois

⁴⁰³ «A política externa dos Estados Unidos: a estratégia diplomática de Roosevelt». *Boletim Político*, SILVA, nº 442, 4-8-1943, p. 3.

⁴⁰⁴ «A política externa dos Estados Unidos: a estratégia diplomática de Roosevelt». *Boletim Político*, SILVA, nº 442, 4-8-1943, p. 3.

⁴⁰⁵ «Pan-América — o fim duma ilusão: Bolívar e o imperialismo prepotente de Roosevelt». *Boletim Político*, SILVA, nº 283, 23-1-1943, p. 1.

princípios que a caracterizam. Por um lado, pela doutrina de Simon Bolívar, através da premissa do «“equilíbrio mundial”»⁴⁰⁶ em que a ideia da Pan-América é baseada na igualdade e na identidade de direitos nas duas Américas; por outro lado, pelo princípio de Monroe cujo fundamento ideológico subsiste na existência de um equilíbrio que os Estados Unidos contrariam: «por todos os meios, servindo-se da doutrina de Monroe: na América do Sul não deve existir nenhuma concorrência de qualquer outra potência não-americana, tanto no domínio económico como político»⁴⁰⁷. A América do Sul encontra-se, portanto, «entregue ao poder do “Leviathan” do Norte, sem poder pensar opor qualquer resistência apreciável», já que os Estados Unidos significam para a América Latina a «impotência política, vassalagem económica e “estandardização” cultural»⁴⁰⁸. Assim sendo, a política de ingerência e dependência económica dos países da América do Sul são a garantia que sustentam o caminho para o domínio dos Estados Unidos não só no continente americano, como também na luta imperialista de Washington pela liderança mundial.

A par desta mensagem anti-imperialista, existe também no *Boletim Político* alguns textos acerca dos meios empregues para a satisfação das alegadas ambições de Roosevelt, entre os quais comentam a criação de uma «polícia yankee para controle do Mundo», que será regulamentada da mesma forma que «Roosevelt procedeu na América do Sul». Aproveitando declarações de um artigo de Paul Mallon, onde este jornalista do *Philadelphia Inquirer* afirmava que Roosevelt «obteve pontos de apoio nos sítios estratégicos mais importantes para uso do exército, da aviação e da esquadra dos Estados Unidos», os quais garantiam «um policiamento efetivo, que se apresenta dentro de formas diplomáticas» para realizar os planos de domínio a nível do globo, o *BP* acrescenta que algumas personalidades norte-americanas, como por exemplo Ely Culbertson, jogador de *bridge*, também transparecem as ambições que moldam a política dos Estados Unidos, apresentando um plano de partilha do mundo, no qual este «retalha sem mais nem menos a Europa Latina, a Europa Central e o Norte da Europa». A desejada partilha do mundo é

⁴⁰⁶ «Pan-América — o fim duma ilusão: Bolívar e o imperialismo prepotente de Roosevelt». *Boletim Político*, SILA, nº 283, 23-1-1943, p. 2.

⁴⁰⁷ «Pan-América — o fim duma ilusão: Bolívar e o imperialismo prepotente de Roosevelt». *Boletim Político*, SILA, nº 283, 23-1-1943, p. 3.

⁴⁰⁸ «Pan-América — o fim duma ilusão: Bolívar e o imperialismo prepotente de Roosevelt». *Boletim Político*, SILA, nº 283, 23-1-1943, p. 1.

assim apresentada como um dos planos mundiais que os «yankees» almejam levar a cabo com a participação na guerra; em caso de triunfo americano, a sua hegemonia mundial fica consolidada através da criação de um «governo mundial com poder legislativo e executivo»⁴⁰⁹ liderado pelos Estados Unidos.

No *Boletim Semanal*, a crítica ao imperialismo dos EUA, foca-se em expor os desígnios de anexação de Roosevelt. Destarte, num dos textos exemplares dessa linha de discurso, o *BS* serve-se de uma notícia publicada no *Daily Telegraph* que apresenta algumas declarações do antigo Ministro canadiano em Washington, Herridge, em relação aos EUA. Por forma a realçar o desejo imperialista de Roosevelt, o semanário argumenta de forma sucinta que, segundo o discurso de Herridge em Ottawa, «o Canadá será engolido pelos Estados Unidos da América, se estes prosseguirem a sua política imperialista e o Canadá continuar a manter a sua atitude tão passiva»⁴¹⁰. O *BS* afirma que se tal acontecer, tal como noutros territórios da América em que os EUA supostamente praticaram uma política de ingerência, os planos rooseveltianos de domínio do mundo pretendem estabelecer zonas para o seu policiamento, mas igualmente conduzir esta guerra «para manter o Velho Mundo», ou seja, o mundo onde os países vivem subjugados às potências internacionais e carentes da sua liberdade.

Tanto no *BP* como no *BS* a mensagem antiamericana foca-se, genericamente, em denegrir o governo democrata, acusando-o de submeter outros países, numa política imperialista que pretende estabelecer uma dominação à escala mundial.

Relativamente ao outro objeto de propaganda, o ataque propagandístico anticapitalista é lançado sob duas conotações diferentes mas ao tempo complementares: as falhas da economia capitalista tanto a nível da política interna norte-americana, como a nível internacional e os desígnios norte-americanos da imposição hegemónica do capitalismo no mundo.

O *Boletim Político* pronuncia-se sobre as falhas a nível interno provocadas pelo imperialismo capitalista. Num dos seus textos faz críticas severas de natureza política e económico-social aos EUA, responsabilizando Roosevelt por desencadear a guerra e acusando o seu governo de se cercar de consultores que são os grandes fabricantes de

⁴⁰⁹ «Os planos de Roosevelt de domínio do mundo: pontos de apoio yankees garantem o policiamento do Mundo pelos Estados Unidos». *Boletim Político*, SILA, nº 371, 11-5-1943, p. 2. Ver Anexo 5.

⁴¹⁰ «Roosevelt quer engolir o Canadá». *Boletim Semanal*, SILA, 11-12-1943, p. 4.

armamento e aproveitaram a guerra para «chamarem a si a parte principal da produção americana e anular quase por completo as pequenas e médias empresas»⁴¹¹. Segundo o *BP*, a concentração de indústrias de guerra levou à formação de grandes grupos económicos e consórcios, fazendo desaparecer as indústrias de «província», isto é, das regiões mais periféricas e menos desenvolvidas dos EUA. Assim, a indústria americana está dominada por meia dúzia de homens cujo poder é tão grande que ditam a política económica dos EUA: o «controle da produção civil e militar, hoje exercido por intermédio dos órgãos governamentais, pôs de parte radicalmente as empresas médias e pequenas», levando a «uma morte em massa que conduz fatalmente a uma destruição da classe média americana e a uma proletarização em massa»⁴¹². Este texto do *BP* traz também à colação a revista *Life* para destacar que a miséria dos trabalhadores se agravou após essas medidas e que muitos que outrora eram artífices e pequenos proprietários tiveram de emigrar para os grandes centros industriais, onde tinham de se submeter às condições de trabalho impostas pelos magnatas da indústria: «hoje vivem 700.000 pessoas, que foram atraídas para Detroit, empilhadas em miseráveis barracas de madeira, sem quaisquer instalações higiénicas, tendo-se dissipado há muito a lenda dos elevados salários»⁴¹³. Servindo-se do caso de Detroit que recebera esse afluxo de trabalhadores para a indústria de guerra, o *BP* tece outros comentários de propaganda psicológica/emocional, denunciando que a proletarização massiva, além das más condições de trabalho e habitação, tem consequências degradantes para as famílias: mães que trabalham na indústria de armamentos deixam «dezenas de milhar de crianças completamente abandonadas, [...] chegam a deixá-las amarradas aos pilares das casas, como se fossem cães, para que elas não fujam». Este tom alegadamente humanista dos autores do boletim depressa passa à ironia: «grande negócio que Roosevelt prometeu ao povo americano para o entusiasmar a colaborar na sua política de guerra»⁴¹⁴.

⁴¹¹ «Proletarização em massa nos E.U.: o que Roosevelt prometeu aos americanos e como se realizaram as suas esperanças». *Boletim Político*, SILA, nº 336, 27-3-1943, p. 1.

⁴¹² «Proletarização em massa nos E.U.: o que Roosevelt prometeu aos americanos e como se realizaram as suas esperanças». *Boletim Político*, SILA, nº 336, 27-3-1943, pp. 1-2.

⁴¹³ «Proletarização em massa nos E.U.: o que Roosevelt prometeu aos americanos e como se realizaram as suas esperanças». *Boletim Político*, SILA, nº 336, 27-3-1943, p. 2.

⁴¹⁴ «Proletarização em massa nos E.U.: o que Roosevelt prometeu aos americanos e como se realizaram as suas esperanças». *Boletim Político*, SILA, nº 336, 27-3-1943, p. 3.

Nesta matéria, o *Boletim Semanal* segue a estratégia do *BP*, porém, salienta as falhas da economia a nível interno, recorrendo, por vezes, ao discurso irónico. Para consolidar estas ideias são visíveis breves representações, ao longo do ano de 1943, acerca da situação económica em função do impacto do racionamento alimentar na sociedade norte-americana. Para abordar o tema da subnutrição da população norte-americana, o *BS* recorre a uma notícia do *Daily Express* que referia que a Casa Branca anunciou que os hóspedes das donas de casa americanas «já não podem contar com rações de carne» e Hollywood «foi convidada a não apresentar nos seus filmes de “cow-boys”, as costumadas manadas de gado bovino» a que os autores do *SILA* replicam sarcasticamente que poderia resultar numa «impressão errónea ao público esfomeado dos cinemas»⁴¹⁵.

Relativamente às falhas do capitalismo a nível externo, o *Boletim Político* dá pouca relevância. Citando um desses textos em que o *BP* aponta críticas aos fins imperialistas dos EUA na América do Sul, através da referência ao artigo «A segurança da Ibero-América», publicado no jornal *Deutsche Allgemeine Zeitung*, da autoria de Walter Stubbe, é comentada a relação entre os EUA e a América Latina, nomeadamente depois do início do conflito. Deste modo, é argumentado que a «América do Norte é uma das poucas regiões da Terra favorecidas pela natureza a ponto de poder isolar-se»⁴¹⁶. Como resultado, o governo norte-americano deu início aos seus objetivos capitalistas na América Latina para apoiar a sua produção de guerra. Com efeito, a economia dos países ibero-americanos agravou-se tendo por base fatores como por exemplo: «todas as mercadorias que não tinham para os Estados Unidos importância de guerra não puderam mais ser colocadas»⁴¹⁷ e os norte-americanos «não enviaram certas mercadorias manufaturadas, tão necessárias para os países da América do Sul». Deste modo, pretende-se atestar que o sistema capitalista representado pelos EUA não cumpre os acordos estabelecidos entre os países, sendo «o intercâmbio comercial» unilateral, pelo que a América Latina é prejudicada financeiramente. O *BP* pretende divulgar que o capitalismo “yankee”, sob a capa da política de boa vizinhança penetra financeiramente nesses países através da «concessão de grandes empréstimos», tendo como moeda de troca «o

⁴¹⁵ «Poupai o público esfomeado dos cinemas». *Boletim Semanal*, *SILA*, 7-8-1943, p. 3.

⁴¹⁶ «A independência da Ibero-América: o problema das relações com os EUA». *Boletim Político*, *SILA*, nº 432, 23-7-1943, p. 1.

⁴¹⁷ «A independência da Ibero-América: o problema das relações com os EUA». *Boletim Político*, *SILA*, nº 432, 23-7-1943, p. 2.

estabelecimento de bases navais no Brasil, no Peru e no Equador» e o domínio da exploração dos «campos de petróleo da Venezuela». Assim, o capitalismo imperialista dos EUA trouxe consequências económicas que se tornaram «num grande fiasco para os países ibero-americanos», sendo que as objeções sul-americanas registadas na Conferência da Alimentação em Hotsprings, pugnam por «uma justa tabela de preços para a troca de produtos agrícolas e artigos da indústria» de modo a alcançar o desejado «equilíbrio do comércio mundial», para pôr fim «a todas as tendências imperialistas» norte-americanas através de uma «colaboração económica numa base amigável»⁴¹⁸.

No que toca ao *BS* também se evidencia esse discurso, sendo referidas as consequências negativas do capitalismo dos EUA noutros países. Assim, aponta que a participação brasileira na guerra ao lado dos Estados Unidos trouxe aspetos negativos. Em virtude do recrutamento militar existe falta de mão-de-obra nos campos. Como resultado, o *BS* salienta que os lavradores brasileiros «se vêm obrigados a cultivar as suas próprias terras», o que provocou uma redução de víveres e inflação dos preços. Assim, o nível de vida no Brasil subiu «cinco vezes mais do que antes da guerra, em que a carne «agora custa 3,6 cruzeiros»⁴¹⁹, o que veio a provocar descontentamento nas principais cidades do Brasil.

O *Boletim Político* salienta que a economia capitalista norte-americana ambiciona a sua hegemonia no mundo, através da defesa dos seus interesses capitalistas, sendo portanto indicadas essas ideias em vários números. Um dos seus textos pronuncia-se sobre a criação da UNRRA⁴²⁰, a 9 de novembro de 1943, em Atlantic City, pretendendo comprovar que o capitalismo norte-americano iniciou o conflito por motivos «de necessidade económica»⁴²¹. A UNRRA, segundo o *BP*, constitui um organismo que vem prolongar a posição hegemónica que os EUA já mantêm durante o conflito pela vigência

⁴¹⁸ «A independência da Ibero-América: o problema das relações com os EUA». *Boletim Político*, SILA, nº 432, 23-7-1943, p. 2.

⁴¹⁹ «Bênçãos da ocupação americana». *Boletim Semanal*, SILA, 30-10-1943, p. 3.

⁴²⁰ Numa conferência que representou 44 nações, na Casa Branca, em 9 de novembro de 1943, a UNRRA (United Nations Relief and Rehabilitation Administration) foi criada com a principal missão de garantir assistência económica às nações europeias após a Segunda Guerra Mundial e também repatriar e auxiliar todos os refugiados que estavam sob o controlo aliado. Ver USHMM — “United Nations Relief and Rehabilitation Administration”. Washington: Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/united-nations-relief-and-rehabilitation-administration>> [Acesso em: 09.06.2020].

⁴²¹ «Novo plano de Washington para explorar o mundo: a criação da “UNRRA” e os seus reais objetivos». *Boletim Político*, SILA, nº 532, 18-11-1943, p. 2.

da Lei de Empréstimo e Aluguer no seio da economia mundial e, no final da guerra, a necessidade norte-americana de material de guerra «cessará automaticamente, e com isso, a necessidade, de compensar politicamente tais fornecimentos, o comércio externo americano encontrar-se-á perante [...] uma derrocada do sistema económico». Deste modo, o texto conclui que o objetivo principal da UNRRA será, uma atuação no pós-guerra que permita «assegurar ao comércio norte-americano a posição que a Lei de Empréstimo e Aluguer» criou, ou seja, «a consolidação definitiva e, se possível, ampliar ainda mais, após a guerra, a larga dianteira que a hegemonia mundial americana tomou no decurso desta guerra». Nesta conformidade, a atuação do recém-criado organismo pretende impor nos «“países libertados”» pelos Aliados a inundação «de produtos americanos» e «impossibilitar para sempre os esforços autárquicos e anular de vez a autonomia económica da Europa, tal como foi alcançada nesta guerra». Na ótica do *BP*, os países abastecidos pela UNRRA «colocar-se-iam, pois, numa permanente dependência económica, e também política dos Estados Unidos»⁴²², sendo a UNRRA «a mais desavergonhada e mais manhosa tentativa do capitalismo americano» no sentido de, «por meio duma nova edição da intrujice do ‘New Deal’, impor ao mundo aquele “século americano”»⁴²³ que dominará a economia mundial.

O *Boletim Semanal* também explora esta tipologia de propaganda negativa. Através de um artigo acedido pelo *BS* no *Berliner Lokal-Anzeiger*, os autores baseiam o seu discurso afirmando que a UNRRA é um instrumento para o «seguimento do sistema de empréstimo e arrendamento, «com a única finalidade de alargar e consolidar tanto quanto possível, depois da guerra, as posições avançadas do domínio mundial americano obtidas durante a guerra». O *BS* reitera que os EUA desejam submeter os restantes países à produção anglo-americana e à proliferação de produtos norte-americanos, impedindo, assim, as indústrias nacionais de se desenvolverem: «o país que deixasse os fornecimentos da UNRRA passar as suas fronteiras, realizaria com isso a ruína da sua própria indústria e lavoura. Entregar-se-ia a uma perpétua dependência aos Estados Unidos da América, tanto política como economicamente»⁴²⁴.

⁴²² «Novo plano de Washington para explorar o mundo: a criação da “UNRRA” e os seus reais objetivos». *Boletim Político*, SILVA, nº 532, 18-11-1943, p. 2.

⁴²³ «Novo plano de Washington para explorar o mundo: a criação da “UNRRA” e os seus reais objetivos». *Boletim Político*, SILVA, nº 532, 18-11-1943, p. 3.

⁴²⁴ «UNRRA — arma do imperialismo americano». *Boletim Semanal*, SILVA, 25-12-1943, p. 2.

Por fim, o discurso antiamericano assenta na disseminação de alegados *complots* internacionais que evidenciam a participação dos EUA na imposição da sua hegemonia e da soviética no mundo, por contraditório que tal possa parecer. Trata-se de um subtema da propaganda negativa contra os EUA em que se articula a suposta participação dos norte-americanos na «conspiração judaico plutocrata-bolchevista».

No caso do *Boletim Político*, as representações acerca da suposta colaboração dos norte-americanos no conluio internacional regista algumas intervenções ao longo de 1943. As intervenções do *BP* criticam o avanço do bolchevismo auxiliado pelas democracias ocidentais, alegando o apoio dos EUA nas pretensões imperialistas da URSS, nomeadamente na tomada da Europa. Um texto parte de um artigo de Raymond Clapper na revista *Look*, em que o jornalista norte-americano considerado «o porta-voz de Roosevelt»⁴²⁵ expressa que a política «yankee» tem como primeiro princípio que a União Soviética «obterá todos os territórios que reivindica». Assim, o *BP* salienta que no caso da vitória aliada, a chefia do mundo fica entregue às quatro potências aliadas, sendo que só as grandes nações ligadas à ordem anglo-yankee-bolchevista «poderão fabricar armas», ou seja, as pequenas nações, como os Estados Bálticos, serão atropeladas pelos grandes. A par desta conjuntura, as necessidades de defesa nacional dos EUA serão «muito maiores após esta guerra», tendo em vista «proteger e dominar todas as vias de acesso no continente americano», isto é, os Oceanos Pacífico e Atlântico, nos quais o governo de Roosevelt pretende «garantir os caminhos para a América»⁴²⁶, ou seja, regulamentar o domínio norte-americano nesses espaços (países peninsulares da Europa e sudeste asiático) através de «bases na costa ocidental europeia» autorizadas pelos soviéticos. Deste modo, o *BP* quer enfatizar que os EUA como moeda de troca «estão dispostos a abandonar a Europa ao bolchevismo» e nos outros territórios em que poderá existir interesses soviéticos, tal «facto não será impedido» por Roosevelt, aliás será «antes de aconselhar uma colaboração»⁴²⁷ da União Soviética e dos EUA, a fim de impor a divisão do mundo entre territórios dos Estados Unidos e da URSS.

⁴²⁵ «O Estados Unidos dividem o mundo: para a América pontos de apoio e para Moscovo mão livre, na Europa». *Boletim Político*, SILA, nº 357, 21-4-1943, p. 1.

⁴²⁶ «O Estados Unidos dividem o mundo: para a América pontos de apoio e para Moscovo mão livre, na Europa». *Boletim Político*, SILA, nº 357, 21-4-1943, pp. 1-2.

⁴²⁷ «O Estados Unidos dividem o mundo: para a América pontos de apoio e para Moscovo mão livre, na Europa». *Boletim Político*, SILA, nº 357, 21-4-1943, p. 2.

No *Boletim Semanal* a colaboração entre Washington e Moscovo é evidenciada de forma mais enfática, dado o sentido coercivo e psicológico da propaganda aí desenvolvida, contrariamente ao *BP* que, ao invés, foca-se na abordagem geopolítica da colaboração entre os EUA e a URSS. Um desses textos do *BS* transcreve excertos duma proclamação de Adolf Hitler na celebração da fundação do Partido Nazi, em que os EUA são representados pelos «banquetes judaicos de Nova-Iorque», aliados «à camada judo-plutocrata dirigente em Londres e os judeus do Kremlin» para atingirem «o objetivo a que se propõem desde há milhares de anos»⁴²⁸, isto é, a instrumentalização da guerra e do suborno na política de cada país para instalar um governo mundial sob o controlo judaico.

Como já foi referido, as tonalidades que a mensagem antiamericana assumiu, multiplicaram-se com a participação dos EUA no conflito. O fio condutor da propaganda contra os EUA, segundo a análise feita ao *Boletim Político* e *Boletim Semanal*, enfatiza o antiamericanismo por meio de críticas exclusivamente dirigidas aos EUA, nomeadamente à sua miscigenação/corrupção racial com proeminência semita, bem como o seu imperialismo político e económico; e, complementarmente, os norte-americanos também são representados como cúmplices no alegado *complot* internacional judaico plutocrata-bolchevista, com ênfase no ativismo conspirativo do seu núcleo capitalista judaico apostado na hegemonia político-económica do judaísmo no mundo.

4.3. URSS

Como foi possível constatar até agora, a Grã-Bretanha e os EUA constituem alvos importantes da propaganda negativa alemã, porém, o leque não se restringe a essas duas nações, integrando, igualmente, a URSS. Para controlar tudo e todos, o nazismo instigava e exacerbava o nacionalismo, argumentando a existência de rivalidades com outros países como a URSS. A ideia de um inimigo externo extremamente poderoso foi manietada pela propaganda alemã e concetualizada no *Mein Kampf* de Adolf Hitler.

Veja-se, desde já, a posição ideológica que o nazismo foi assumindo acerca da URSS. É necessário ressaltar que ao contrário da Grã-Bretanha e dos EUA, cuja posição ideológica da propaganda só se tornou conhecida com a deflagração do conflito, a

⁴²⁸ «Da proclamação do Führer». *Boletim Semanal*, SILVA, 6-3-1943, p. 1.

mensagem anticomunista estabelece-se mais cedo, integrando-se como grande tema nas raízes ideológicas do nazismo.

O ódio da doutrina nazi ao comunismo é sustentado na tese que a derrota alemã na Primeira Guerra Mundial foi um acontecimento ao qual Adolf Hitler atribuiu responsabilidade a alegadas maquinações do judaísmo, do bolchevismo e do capitalismo, que, segundo afirma no seu livro *Mein Kampf*, tiraram partido de elementos covardes do povo alemão, deixando desamparados os soldados que combateram no conflito, bem como a população civil alemã que sofreu as consequências económicas e sociais da guerra. Deste modo, o caminho até à ascensão do Partido Nazi ao poder foi sustentado na construção de um ideário profundamente anticomunista, sobre o qual a propaganda ideológica nazi foi erguendo as suas bases.

Considerada por Hitler uma «doutrina de destruição»⁴²⁹, segundo este sistema político, o indivíduo é a expressão da classe social em que está inserido; com ela se identifica e por ela luta. Ora, acontece que, para o nazismo, a luta de classes é inconcebível porque divide a nação e enfraquece o Estado. Além disso, a hostilidade nazi relativamente ao comunismo deriva do seu nacionalismo fervoroso, exaltador das glórias pátrias, sendo este nacionalismo absolutamente incompatível com os apelos socialistas ao internacionalismo proletário. De facto, de acordo com o marxismo, o proletário não lutava pela pátria, mas pelo derrube do capitalismo mundial.

Por outro lado, a propaganda nazi dividiu-se num conteúdo de dimensão psicológica na qual o marxismo internacional foi associado à retórica antisemita. Isto é, tanto as democracias liberais como o comunismo, apesar de serem dois sistemas políticos opostos ideologicamente, Hitler vê-os como uma criação do judaísmo internacional para ludibriar os povos à consecução dos fins do governo mundial da conspiração judaica: «o judeu [...] organiza por um lado, os métodos capitalistas de exploração humana até os últimos extremos, e do outro acerca-se das vítimas dos seus atos, dirigindo, dentro em pouco tempo, a luta deles “contra si próprios”»⁴³⁰. Sobre estas vítimas, Hitler aponta que uma das bases da doutrina marxista operária peleja pelo futuro do povo judeu de forma disfarçada, já que, este «aproxima-se do trabalhador, finge compaixão pela sua sorte ou

⁴²⁹ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, p. 116.

⁴³⁰ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, pp. 238-239.

mesmo revolta contra o seu destino de miséria e indignação, para inspirar confiança»⁴³¹, apesar de supostamente se gritar «constantemente contra o capital internacional, quando em verdade o que se visa é a economia nacional»; pois segundo Hitler, é esta «que importa demolir a fim de sobre o seu cadáver se poder edificar triunfalmente a bolsa internacional» e o domínio judaico do mundo. Desta forma, afirma que o comunismo representa uma «mistura inextricável de razão e de loucura, mas de tal forma que só a loucura e nunca o lado razoável se consegue converter em realidade»⁴³². Estas ideias tornaram-se matriciais nas campanhas anticomunistas do nacional-socialismo entre finais dos anos 1920 e os anos 1930.

Em 23 de agosto de 1939, os Ministros dos Negócios Estrangeiros soviético e alemão, Molotov e Ribbentrop, assinaram um tratado que essencialmente estabelecia que tanto a URSS como a Alemanha ficariam afastadas uma da outra, em termos bélicos, ou seja, um pacto de não agressão. Com a assinatura do Pacto Germano-Soviético dias antes do início do conflito, a propaganda anticomunista nazi cessou abruptamente⁴³³.

Após a invasão alemã à URSS em junho de 1941, a propaganda de antagonismo entre o nazismo e o bolchevismo voltou rapidamente a ser integrada na propaganda negativa, sendo exaustivamente divulgados o repúdio pela doutrina comunista, bem como a sua internacionalização para o alcance dos objetivos do alegado *complot* internacional.

Em seguida, tentar-se-á demonstrar como o discurso dirigido contra a URSS acabou por ser uma crítica com diferentes abordagens no *Boletim Político* e no *Boletim Semanal*. Ambos os boletins expressam um discurso antagónico face à Rússia soviética, que coincide com as questões anteriormente abordadas na fundamentação ideológica, apresentada por Hitler no *Mein Kampf* e que o nazismo seguiu religiosamente. A saber: o anticomunismo, anti-internacionalismo e, por fim, o alegado conluio internacional orquestrado por Moscovo.

O ataque propagandístico à URSS, tendo por base as críticas dirigidas ao comunismo é um assunto constante nos textos dos boletins, ao longo de 1943, organizando-se em três subcategorias de análise: a condenação da situação interna na

⁴³¹ HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, p. 239.

⁴³² HITLER, Adolf — *A Minha Luta*, pp. 239-240.

⁴³³ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, pp. 77-78.

Rússia soviética; crítica aos princípios e código de conduta bolchevistas e descredibilização do governo comunista.

Por conseguinte, em 1943 existem vários textos sobre as condições que marcam a situação interna soviética. Deste modo, logo em janeiro, o *Boletim Político* expõe uma crítica ao comunismo, acusando esse sistema político de causar péssimas condições de vida à população soviética; o *BP* utiliza um comentário do jornal inglês *Daily Mail*, da autoria de Walter Gräbener, antigo correspondente em Inglaterra da revista norte-americana *Time*, que viajou até à União Soviética, manietando algumas descrições do jornalista para frisar a miséria dos russos sob o domínio bolchevista. O boletim aponta que «o abastecimento da maior parte da população em géneros alimentícios encontra-se muito abaixo do mínimo necessário à vida», o que contribui para um panorama de «fome inimaginável»: «o preço mínimo dum ovo é 12 xelins, ou sejam 60 escudos. Quem consegue apanhar um tal tesouro, engole-o, esfomeado»⁴³⁴. Dessas privações da vida quotidiana russa, segundo o *BP*, o governo bolchevista alheia-se, «fecha os olhos ao que acontece e deixa correr as coisas»⁴³⁵, a um ponto tal que mulheres que trabalham nas fábricas levam as «suas crianças de peito embrulhadas como múmias, pálidas e magras da má alimentação e sem já terem força para gritar». Por um lado, esta descrição é paradigmática da mensagem emotiva e de hostilidade que o boletim procura mobilizar face ao comunismo e, por outro lado, relaciona os males vividos pela população civil como uma consequência da burocracia do Estado bolchevista, pois os membros do Partido Comunista, do Exército Vermelho e trabalhadores da indústria de guerra beneficiam de um tratamento privilegiado: «uns poucos de milhões de homens [...] constituem uma classe especial e gozam de especiais regalias, recebem moradias melhores, possuem livretes de racionamento especiais», tornando-se assim os «senhores do país»⁴³⁶.

No *Boletim Semanal* surgem similarmente alguns textos taxativos sobre a miséria que assola a população soviética, com destaque para o flagelo da fome. Um texto

⁴³⁴ «Um jornalista yankee descreve o paraíso soviético: 400 gramas de carne — 400 escudos; 1 chávena de leite — 100 escudos». *Boletim Político*, SILVA, nº 277, 16-1-1943, p. 1. Ver Anexo 6.

⁴³⁵ «Um jornalista yankee descreve o paraíso soviético: 400 gramas de carne — 400 escudos; 1 chávena de leite — 100 escudos». *Boletim Político*, SILVA, nº 277, 16-1-1943, p. 2.

⁴³⁶ «Um jornalista yankee descreve o paraíso soviético: 400 gramas de carne — 400 escudos; 1 chávena de leite — 100 escudos». *Boletim Político*, SILVA, nº 277, 16-1-1943, p. 2.

persevera que a escassez de gêneros alimentícios são uma realidade presente na União Soviética, sendo que «se paga já o correspondente a 1000 escudos por um gato!». Breves representações como esta são parcas no *BS* ao longo do ano, porém servem os objetivos da propaganda negativa, não sem dispensar a ironia, passando a mensagem de fome extrema como resultado de se viver no «paraíso soviético»⁴³⁷.

Mas a miséria social da URSS não é o único assunto para censurar o comunismo, igualmente se distingue outra aceção com o mesmo objetivo propagandístico: a reprovação dos princípios e código de conduta bolchevistas. Sob este desígnio, o *Boletim Político* redobra a propaganda anticomunista nos meses de abril e maio, em virtude da descoberta das valas de cadáveres do massacre de Katyn, expondo amplas representações no *BP* de abril até ao fim do ano⁴³⁸. A tomada de conhecimento do assassinato em massa perpetrado pelos soviéticos constituiu uma excelente oportunidade para sustentar o burburinho da propaganda anticomunista e também permitiu à propaganda negativa nazi revigorar-se através da capitalização desse episódio como prova da violência bolchevista. Os autores do *BP* lembram que Katyn representa «uma impressão de horror sem exemplo»⁴³⁹ para os que não se encontram «sob a censura da aliança anglo-bolchevista». A descoberta em abril de 1943 das valas comuns do massacre perpetrado pelos alemães três anos antes levou ao apuramento da responsabilidade da polícia soviética, que imediatamente a URSS negou. Por forma a contrariar algumas das declarações emitidas pelos soviéticos, entre as quais asseveraram que as valas comuns tinham «“caráter histórico”»⁴⁴⁰, o *BP* retruca que a «tentativa de transformar os cadáveres de oficiais polacos, [...] em múmias arqueológicas, é tão estúpida que é supérflua qualquer observação a esse respeito»⁴⁴¹. De modo a realçar a crueldade de tal acontecimento, o *BP* publica os resultados dos interrogatórios a empregados ferroviários e camponeses russos que expuseram a identidade dos membros da GPU (NKVD). Segundo o boletim, esses

⁴³⁷ «Novidades do paraíso soviético». *Boletim Semanal*, SILA, 22-6-1943, p. 4.

⁴³⁸ Assassinato de cerca de 12.000 oficiais do Exército polaco pela polícia secreta soviética NKVD, na floresta de Katyn, na Bielorrússia, na primavera de 1940. Ver MARGRY, Karel (ed.) — “The massacre at Katyn”. *After the Battle*. Londres: Battle of Britain Prints International, nº 92, 1996, pp. 2-34.

⁴³⁹ «O crime bolchevista de Katyn: novas e horrorosas confissões — repulsa profunda ante os horríveis crimes». *Boletim Político*, SILA, nº 354, 17-4-1943, p. 2.

⁴⁴⁰ «O crime bolchevista de Katyn: novas e horrorosas confissões — repulsa profunda ante os horríveis crimes». *Boletim Político*, SILA, nº 354, 17-4-1943, p. 1.

⁴⁴¹ «O crime bolchevista de Katyn: novas e horrorosas confissões — repulsa profunda ante os horríveis crimes». *Boletim Político*, SILA, nº 354, 17-4-1943, p. 1.

polícias vangloriaram-se barbaramente «de que alguns alferes polacos com 17 anos de idade teriam começado a soluçar ao serem fuzilados e lhes teriam oferecido, em troca de liberdade, grandes somas de dinheiro e objetos de valor que tinham escondidos nas botas»⁴⁴².

O *Boletim Especial* de 6 de maio expõe os pormenores do massacre de Katyn, reconhecidos por uma comissão internacional de médicos legistas e criminologistas, a convite do Diretor Geral de Saúde alemão, Dr. Conti. De facto, o relatório transcrito nessa edição é verdadeiro, sendo que os nomes dos médicos que são referenciados ao longo do texto, tal como os resultados das suas investigações realizadas aos corpos, condizem com o protocolo cedido pela comissão internacional, composta por doze delegados estrangeiros. Segundo a revista *After the Battle*, editada pelo académico holandês Karel Margry, a comissão internacional reuniu-se para decidirem unanimemente que a investigação seguiria por motivos científicos, excluindo qualquer aspeto e influência político-ideológica⁴⁴³. O boletim transcreve o laudo dos médicos que fizeram parte da comissão clínica, apresentando como conclusões que a causa das mortes foram tiros feitos à «queima-roupa, tanto mais que a trajetória das balas é quase sempre a mesma», ou seja, na nuca, tendo sido disparados por «mão exercitada»⁴⁴⁴.

Alguns autores, como David Welch, apontam que o morticínio de Katyn teve repercussões a nível político-diplomático, tendo havido um corte nas relações entre a URSS e o governo polaco exilado em Londres. Welch afirma que tanto a notícia do massacre como dos resultados apurados pela comissão internacional aumentaram o material propagandístico, tendo em vista abalar o prestígio do regime bolchevista a nível internacional e também aos olhos dos seus aliados na contenda⁴⁴⁵.

O discurso do *Boletim Semanal* condenatório do código de conduta bolchevista é menos extenso do que o do *Boletim Político*, porém, ainda não deixa de conter menções a Katyn, bem como a outras atrocidades perpetradas igualmente pelos comunistas em 1943. As referências ao massacre de Katyn no *BS* são particularmente abundantes a partir

⁴⁴² «O crime bolchevista de Katyn: novas e horrorosas confissões — repulsa profunda ante os horríveis crimes». *Boletim Político*, SILA, nº 354, 17-4-1943, p. 2.

⁴⁴³ MARGRY, Karel (ed.) — “The massacre at Katyn”, p. 23.

⁴⁴⁴ «A chacina em massa de Katyn investigada por uma comissão internacional de médicos e criminologistas: o crime soviético em todos os seus pormenores — os resultados das investigações foram reduzidas a um protocolo». *Boletim Especial*, SILA, 6-5-1943, p. 3.

⁴⁴⁵ WELCH, David — *The Third Reich: Politics and Propaganda*, p. 143.

de meados de abril; essa chacina segundo o discurso do boletim, prova «mais uma vez que o bolchevismo, apesar de todas as tentativas de propaganda anglo-americanas, não se modificou»⁴⁴⁶. Assim, o boletim sintetiza que os massacres representam «os métodos terroristas com que os soviéticos, se conseguissem alcançar o poder, poriam em prática o seu regime policial na Europa». E, numa estratégia recorrente, o semanário usa declarações emitidas pela Correspondência Diplomática Alemã para reforçar o objeto de propaganda, neste caso, sobre a ameaça do comunismo como um regime político sanguinário e transgressor dos direitos humanos: «“as sepulturas em massa, de Katyn, mostram mais uma vez aos povos da Europa e do mundo [...] que a paz prometida pelas sereias da Carta do Atlântico seria na realidade uma paz de cemitério”»⁴⁴⁷. Com o mesmo objetivo propagandístico, também o *Boletim Ilustrado* anexado ao *Boletim Semanal* publicitou o massacre, contendo fotografias de cadáveres dos oficiais polacos, que «mostram mais um novo e abominável crime dos bolchevistas»⁴⁴⁸.

O código de conduta da União Soviética é também abordado no *Boletim Semanal* meses antes da notícia do massacre de Katyn, condenando o comportamento sanguinário do regime comunista, assim como o seu ateísmo. Segundo o BS, soldados romenos chegados de licença a Kichinev deram a conhecer acontecimentos presenciados por testemunhas oculares na comunidade de religiosa de Kuban: «uma mulher bolchevista fardada de oficial mandava buscar todas as crianças da aldeia para as reunir numa mata das proximidades, mandando depois os soldados fazer exercícios de tiro de metralhadora sobre essa mata». Face ao exposto, o BS conclui que tais episódios comprovam o ódio do comunismo contra aqueles que não renunciavam às suas crenças e que o comunismo pratica de forma odiosa «execuções em massa»⁴⁴⁹ nessas comunidades religiosas.

Para encerrar o escrutínio da crítica anticomunista no *Boletim Político*, refira-se o tópico da descredibilização da cúpula bolchevista, que serve igualmente de objeto de propaganda em vários números do boletim, ao longo de 1943. Através de relatórios supostamente encontrados no arquivo do Quai d'Orsay, no Ministério dos Negócios

⁴⁴⁶ «12.000 (doze mil) oficiais polacos assassinados pela G.P.U.». *Boletim Semanal*, SILA, 20-4-1943, p. 2. Ver Anexo 12.

⁴⁴⁷ «12.000 (doze mil) oficiais polacos assassinados pela G.P.U.». *Boletim Semanal*, SILA, 20-4-1943, p.2. Transcrição da Correspondência Diplomática Alemã.

⁴⁴⁸ «Boletim Ilustrado do S.I.A. 1 de Maio de 1943». *Boletim Semanal*, SILA, 1-5-1943, folha avulsa, frente.

⁴⁴⁹ «Ateus — como sempre». *Boletim Semanal*, SILA, 27-2-1943, p. 2.

Estrangeiros francês, o *BP* insiste na tónica do incumprimento dos tratados por parte da União Soviética. Para tal, serve-se de informações apresentadas nos relatórios do antigo Embaixador francês, Gaussen, em Estocolmo, que incluem afirmações da diplomata soviética na Suécia, Alexandra Kollontay, para evidenciar que a URSS nunca reconheceu como realmente «válidos os documentos que encerram obrigações internacionais, visto que tais compromissos vêm a cair em oposição com os interesses permanentes das duas partes contratantes». Assim, dá a entender que a URSS serve-se dos entendimentos internacionais para sua exclusiva conveniência e manobras políticas. A posição dos soviéticos é clara nas supostas palavras da diplomata: «há países com os quais nós já negociamos uma, duas, três e até quatro vezes, porém, quebramos sempre as nossas obrigações quando a denúncia ou infração ao tratado nos era favorável e desfavorável para o Estado com quem negociáramos». Posto este exemplo, o boletim manietta alguns trechos retirados dos relatórios do representante diplomático francês em Estocolmo, por forma a ressaltar que o Kremlin segue uma política externa de duplicidade, em função da conquista de interesses que «só tem um fim: a expansão da esfera de influência bolchevista»⁴⁵⁰. O discurso de descredibilização adotado pela propaganda do SILA contra a União Soviética tem o fito de desacreditar a imagem política do bolchevismo, imputar práticas de hipocrisia e egocentrismo à sua política internacional, enfim, minar a confiança dos países e dos indivíduos relativamente a qualquer vínculo à causa bolchevista.

À semelhança do *BP*, o discurso propagandístico do *Boletim Semanal* participa do afã descredibilizador do regime comunista. Tendo por base uma sessão da Escola Superior Técnica de Reval, o boletim destaca que, a propósito de uma possível libertação da Estónia pelo bolchevismo, o reitor afirmou que a «grande diferença existente entre as palavras e as ações do governo bolchevista» é real, ao que o *BS* acrescenta que o povo estoniano não esquece o sofrimento durante o terror soviético, nomeadamente o facto do anterior reitor ter sido «deportado com mais três professores e muitos estudantes». Em suma, na União Soviética «só existe a violência da N.K.W.D.»⁴⁵¹.

⁴⁵⁰ «Como os soviets encaram os tratados: duas interessantes descobertas de documentos no “Quai d’Orsay”». *Boletim Político*, SILA, nº 389, 1-6-1943, p. 1.

⁴⁵¹ «A Estónia não deseja uma “libertação” soviética». *Boletim Semanal*, SILA, 27-11-1943, p. 3.

A propaganda de crítica à URSS à luz dos boletins estrutura-se, também, noutra categoria, o anti-internacionalismo. Estas críticas corporizam um assunto que, ao longo de 1943, assume a conotação de internacionalismo proletário como meio de alcançar os objetivos imperialistas do bolchevismo. Nesta conformidade, o *Boletim Político* exibe um texto que é prototípico desse tipo de discurso adotado pela propaganda do SILA. Após a transcrição na íntegra do artigo de Hermann Poerzgen no *Das Reich*, que defendia que antes da guerra os bolchevistas traçaram um plano de preparativos para o conflito, o *BP* afirma que tais planos consistiam numa campanha de propaganda soviética de hiperbolização da vitória russa contra Napoleão Bonaparte, em 1812. Deste modo, é referenciada a exposição “1812”, exibida no museu da Praça Vermelha que, segundo as palavras do autor, centra-se no «poderio natural da Rússia»⁴⁵², e evidencia a força da máquina de propaganda soviética sobre «o “grande exemplo de 1812”» que era um indicador de que «numa época em que reinava a paz, já se pregava a fé numa estratégia de destruição, dirigida contra toda a Europa». Tendo por base estas ideias, o artigo transcrito pelo *Boletim Político* pretende divulgar que as intenções soviéticas de fazer guerra coincidem com a realização do internacionalismo bolchevista, já que, tal como «a Grande Guerra auxiliou a subida do bolchevismo ao poder, Lenine, já há 25 anos, considerava necessária uma segunda guerra mundial para completar a vitória do bolchevismo na Europa». Sendo assim, o corrente conflito, segundo o *BP*, serve para implantar a «revolução mundial» desejada pelo comunismo; assim, o internacionalismo bolchevista é uma expressão do imperialismo soviético para a dominação mundial. O artigo apoia-se ainda na publicação de um livro acerca da «fórmula de Lenine sobre a “segunda guerra imperialista”», ou seja, o conflito que deve terminar com «o levantamento do proletariado internacional». O título do livro não é referido e o texto adianta somente que a sua publicação foi impulsionada com grande interesse por Estaline, constituindo uma preparação das massas para a completa «vitória do bolchevismo», sendo distribuído por todos os povos da URSS e divulgado em alemão, inglês e francês, tendo como objetivo propagar a doutrina comunista a nível internacional. O *BP* aponta que a

⁴⁵² «O fim da guerra de Estaline: o império mundial dos soviets». *Boletim Político*, SILA, nº 351, 14-4-1943, p. 1.

sua publicação é uma prova dos interesses imperialistas de Moscovo, visto que o Kremlin pretende «a construção progressiva de um império continental e mundial»⁴⁵³.

A fundamentação da propaganda alemã em torno do internacionalismo comunista como fim imperialista da URSS é igualmente alvo de destaque no *Boletim Semanal*. Contudo, tais intervenções são mais concisas, debruçando-se concretamente sobre as reivindicações territoriais soviéticas como uma forma disfarçada para a implantação da ditadura do proletariado a nível internacional. Assim, o *BS* apresenta um texto no qual faz a transcrição selecionada de alguns excertos de um artigo publicado na revista inglesa *Nineteenth Century*, com o fito de reiterar que as intenções da Rússia soviética são «“bem conhecidas na Europa através da política que professa”»⁴⁵⁴, referindo-se ao seu apoio a «diferentes movimentos de partidos armados e de partidos políticos» existentes na Europa Central e de Leste. O *BS* afirma que o espírito do *Komintern* difunde-se nessas zonas através dos «movimentos comunistas e russófilos» que sub-repticiamente disseminam os instintos internacionalistas, quer através da imiscuição política e social nesses países, contribuindo para a preparação da bolchevização desses territórios. A União Soviética representa a cobiça do bolchevismo internacionalista, anexando «mais territórios do que aqueles que ambicionou ao longo das suas fronteiras ocidentais e do sudoeste, no decorrer de toda a sua História»⁴⁵⁵.

A última subcategoria de análise relativamente ao discurso de propaganda negativa contra a URSS denuncia a suposta conspiração internacional plutocrata-bolchevista, na qual os boletins reservam para a União Soviética uma representação antieuropeísta que, mercê da aliança com os ingleses e norte-americanos, tem como objetivo aniquilar as bases da civilização europeia e bolchevizar o continente europeu.

Tendo por base o comentário emitido pela Correspondência Política e Diplomática acerca das declarações do Ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, Anthony Eden, após a sua estadia nos EUA, o *Boletim Político* censura veementemente os planos de paz que os Aliados pretendem implementar após o «desarmamento total da Alemanha, da

⁴⁵³ «O fim da guerra de Estaline: o império mundial dos soviéticos». *Boletim Político*, SILVA, nº 351, 14-4-1943, p. 2.

⁴⁵⁴ «Reivindicações soviéticas ilimitadas». *Boletim Semanal*, SILVA, 22-10-1943, p. 3. Transcrição da revista *Nineteenth Century*.

⁴⁵⁵ «Reivindicações soviéticas ilimitadas». *Boletim Semanal*, SILVA, 22-10-1943, p. 3.

Itália, e do Japão»⁴⁵⁶. No que toca às intenções de prevenir qualquer conflito no futuro, o *BP* acusa os britânicos de defenderem as «“exigências de segurança”»⁴⁵⁷ de Moscovo. A seu ver, a União Soviética não tem quaisquer intenções de estabelecer a paz na Europa: «caberia, pois, à União Soviética a missão de garantir, na sua qualidade de única potência continental, a paz da Europa, isto é, uma paz como a que reina nos cemitérios». Segundo o *BP*, esses projetos de paz delineados entre os EUA e Grã-Bretanha com a colaboração da URSS, consistem em «assegurar ou reconquistar os seus impérios e as suas zonas de exploração» no mundo. Para tal, os interesses dos aliados anglo-americanos dependem do «auxílio da máquina de guerra soviética» para sustentarem os seus desígnios capitalistas e plutocratas e derrotarem a Europa, entendendo o *BP* por Europa as potências do Eixo. Assim, os propagandistas do SILA consideram que a aliança atlântica consiste num conluio no qual a Europa e a civilização ocidental são atraídas e consequentemente aniquiladas, em prol de uma máxima dissimulada pelos Aliados: «“segurança contra futuras guerras”»⁴⁵⁸ que almeja entregar o continente europeu à regência do “urso vermelho”.

O *Boletim Semanal* emprega a mesma linha de discurso exarada no *BP*, concentrando-se em enfatizar que o bolchevismo, auxiliado pelos seus aliados, constitui uma ameaça crescente para a sobrevivência da Europa. Utiliza como objeto de propaganda os bombardeamentos aéreos para justificar que os anglo-americanos estão a coadjuvar a URSS para a bolchevização da Europa. Baseando-se numa notícia emitida pelo jornal *Uj Magyarság*, de Budapeste, o *Boletim Semanal* comenta que Estaline pretende destruir a civilização europeia e que nesse objetivo alegadamente conspiratório contra a Europa, os «anglo-americanos atraíram a Europa, por conta de Estaline». Assim, tal como o jornal húngaro, o boletim considera que «não há dúvida sobre a comunidade dos fins de guerra anglo-americanos e bolchevistas. Ambos pretendem a entrega total da Europa ao bolchevismo»⁴⁵⁹.

⁴⁵⁶ «O que Eden calou: os objetivos da aliança anglo-yankee com os soviéticos». *Boletim Político*, SILA, nº 344, 6-4-1943, p. 1.

⁴⁵⁷ «O que Eden calou: os objetivos da aliança anglo-yankee com os soviéticos». *Boletim Político*, SILA, nº 344, 6-4-1943, p. 2. Transcrição da Correspondência Política e Diplomática.

⁴⁵⁸ «O que Eden calou: os objetivos da aliança anglo-yankee com os soviéticos». *Boletim Político*, SILA, nº 344, 6-4-1943, p. 2.

⁴⁵⁹ «O terror anglo-saxónico serve os planos bolchevistas». *Boletim Semanal*, SILA, 3-7-1943, p. 1.

Desta forma, o *BS* desmonta qualquer possibilidade de confiança no regime comunista, mas também nas democracias ocidentais que, segundo o semanário, «logo que Estaline o exigisse, estariam prontos a destruir Paris, Berlim e Roma», já que se tratam das principais cidades da civilização europeia. O ódio à colaboração entre os anglo-americanos e soviéticos é de tal forma proeminente no discurso do *BS*, que este exorta que «deveriam ser apedrejados e expulsos da comunidade europeia todos aqueles que ainda hoje se inclinam»⁴⁶⁰ aos Aliados.

Após esta exposição do discurso negativo assumido pela propaganda do *SILA* contra a URSS, é possível inferir que tanto no *Boletim Político* como no *Boletim Semanal* repercute-se o princípio da cruzada anticomunista, onde se expõe uma imagem estereotipada do bolchevismo, destacando as perversões ético-políticas do governo comunista, o seu internacionalismo proletário e as posições antieuropeístas.

4.4. Outros países aliados

As representações do *BP* e do *BS* que compõe a propaganda negativa dão corpo a uma veemente campanha de hostilidade e desacreditização contra os principais países aliados (Grã-Bretanha, EUA e União Soviética). Porém, em menor escala, os boletins debruçam-se sobre outros países que integraram a aliança atlântica: a China e o Brasil que, além de prestarem apoio à Carta do Atlântico, são alvo de destaque nos boletins, tendo em conta a sua colaboração no esforço de guerra aliado.

Tanto no *BP* como no *BS*, a China e o Brasil são limitadamente representados. As referências a estes países servem para enfatizar a oposição e o discurso de crítica aos inimigos da Alemanha.

Com efeito, a propaganda do *SILA* no *Boletim Político* aborda o contexto em que a China se encontra devido à quebra de abastecimentos por parte dos seus aliados, pois «nem sequer atingem já 3% dos transportes que se efetuavam pela estrada da Birmânia»⁴⁶¹. A incapacidade dos ingleses manterem as suas posições de defesa na Birmânia levou ao cerco da China de Chiang Kai-shek. Seguindo a revista *Time* que informava que o custo de vida nos territórios da província de Xunquim «subiu de 100

⁴⁶⁰ «O terror anglo-saxónico serve os planos bolchevistas». *Boletim Semanal*, *SILA*, 3-7-1943, p. 2.

⁴⁶¹ «A China de Xunquim em grande crise: um jornalista yankee contra a política inglesa na Birmânia». *Boletim Político*, *SILA*, nº 295, 6-2-1943, p. 1.

para 3.400 %? num prazo de 5 anos, e de que esse aumento prossegue», o *BP* evidencia que a inflação tem sido galopante desde que a China se uniu aos Aliados, nomeadamente aos ingleses, culminando numa situação económica que se encaminha «para uma crise como o mundo nunca ainda viu»⁴⁶². Em suma, o *BP* pretende demonstrar que aquela região da China está em risco de colapso e os seus aliados nada fazem para melhorar a degradação da economia chinesa; complementarmente, os propagandistas afirmam que os Aliados só se lembram da China quando necessitam do seu território para a prossecução de campanhas militares no Pacífico, com vista a derrotar o Japão.

No que toca ao *BS*, as representações sobre estes países são expostas com menor ênfase, cingindo-se a breves textos informativos. Um deles critica a imprensa brasileira, denunciando que o diário *Globo* é «extraordinário pelas suas informações falhadas e falsas», as quais espalha pela sua população; assim, o jornal brasileiro é censurado por ter divulgado a 6 de fevereiro informações sobre uma reunião entre Salazar, Churchill e Franco. Noutros momentos teria divulgado notícias falsas, que obviamente se prendiam com a força da Alemanha nazi: «o jornal acima citado anunciou em letra grande, no seu número de 7 de setembro de 1939: já caiu a Linha Siegfried»⁴⁶³.

Em suma, os boletins publicados pelo SILA não poupam esforços para descredibilizar a firmeza das relações entre os aliados da Carta do Atlântico, utilizando variados contextos que eram necessariamente manipulados em função da mensagem propagandística que a propaganda germânica pretendia difundir.

Concluindo, as principais temáticas negativas da propaganda do *Boletim Político* e do *Boletim Semanal* focalizavam-se em descredibilizar a nível político, militar, social e económico os inimigos da Alemanha. Este tipo de discurso divulgava, na sua maioria, representações estereotipadas sobre os Aliados, emitindo também críticas à conduta de cada um dos países hostis à Alemanha na Segunda Guerra Mundial. De modo a tornar eficiente e coerciva a sua mensagem, a propaganda germânica passou a aliar os dois tipos de propaganda: a positiva e a negativa, tendo por objetivo avilantar os Aliados para que o Eixo e especialmente a Alemanha passassem a ser representados como vítimas da guerra.

⁴⁶² «A China de Xunquim em grande crise: um jornalista yankee contra a política inglesa na Birmânia». *Boletim Político*, SILA, nº 295, 6-2-1943, p. 2.

⁴⁶³ «O “Globo” mentiroso». *Boletim Semanal*, SILA, 22-5-1943, p. 4.

5. Entre a propaganda positiva e a propaganda negativa — a Alemanha como “vítima da guerra”

Como é possível inferir na mensagem da propaganda positiva e propaganda negativa analisadas respetivamente no ponto 3 e no ponto 4, o discurso adotado pela propaganda germânica procurou conciliar os dois tons de propaganda como meio para atingir a integração psicológica do público.

Sobre esse sentido duplo da propaganda, Aristotle Kallis afirma que nenhuma identidade é produto da integração numa base de valores puramente positivos, ou seja, a propaganda alemã edificou-se sob um processo de inclusão-exclusão, cujas linhas de contradição e rejeição serviram para potenciar a manipulação psicológica do destinatário⁴⁶⁴. Assim sendo, o sucesso da propaganda nacional-socialista sustentou-se na utilização da propaganda de inclusão (positiva) e da propaganda de exclusão (negativa) em simultâneo para exercer um forte controlo psicológico da mente do seu recetor.

Visto que o duplo sentido da propaganda nazi se caracteriza em utilizar os dois tipos de discurso por forma a tornar a sua mensagem indefetível, o presente ponto abordará as suas principais representações dentro das duas publicações editadas pelo SILA que consubstanciam o corpo documental deste trabalho: o *Boletim Político* e o *Boletim Semanal*.

Deste modo, existem três assuntos que os boletins representam para fundamentar a sua propaganda de inclusão-exclusão: a desculpabilização da Alemanha na instigação do conflito; os bombardeamentos aéreos aliados; e a luta pela sobrevivência da Europa, bem como a salvaguarda dos seus valores civilizacionais.

Posicionando a Alemanha como nação vítima do presente conflito, os propagandistas do SILA afirmam que a Nova Ordem que a Alemanha nacional-socialista procura impor na Europa «garante aos povos a sua possibilidade de vida», comprometendo-se a criar «sossego político, e com ele as condições de um desenvolvimento económico»⁴⁶⁵. Para a consecução deste desiderato, os propagandistas baseiam-se no princípio nazi da existência de espaços vitais que são defendidos como

⁴⁶⁴ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 70.

⁴⁶⁵ «Finalidades da guerra». *Boletim Semanal*, SILA, 2-10-1943, p. 2.

intrínsecos para a sobrevivência de um país. Constituindo, portanto, um dos objetivos da doutrina nazi, os boletins do SILA utilizam o duplo sentido de propaganda para tornar enfáticos os benefícios do mundo sob a Nova Ordem nacional-socialista e, por outro lado, a injustiça no mundo sob a ordem estabelecida pelos inimigos da Alemanha, comumente associada ao ditame de Versalhes no pós-Primeira Guerra Mundial: «o povo alemão nunca se conformou com a injustiça de Versalhes, que os inimigos impuseram ao Reich, depois de este, enfraquecido pelas traições e pela revolução, ter deposto as armas»⁴⁶⁶. O discurso dos propagandistas alemães distingue nitidamente as preocupações sociais dos Aliados, de um lado, e da Alemanha nazi, do outro. Assim, os membros da aliança do Atlântico não se preocupam «seriamente com as necessidades dos povos que vivem nos espaços por elas dominados», limitando-se a explorar estes povos tanto coloniais como outros, «acorrentando-os politicamente por contratos de violência e promessas de garantia, para os abandonar e sacrificar logo que o seu interesse egoísta assim o exigiu»; já a Alemanha e os seus aliados pretendem erigir uma ordem que seja o «mais possível favorável às condições de vida de todos os interessados, no campo político, económico e cultural»⁴⁶⁷.

Empenhados em fundar a Nova Ordem, os nazis propor-se-iam lutar contra a destruição «do direito de vida das nações unidas pelo Pacto Tripartido» e da sua escravização, alegadamente planeada pelas potências anglo-saxónicas. Por conseguinte, o *Boletim Político* frisa que o motivo instigador do conflito foi o impedimento por parte dos aliados da Carta do Atlântico de permitir a consolidação da ordem nacional-socialista e, sobretudo, a formação de uma Alemanha forte no território europeu. O *BP* apresenta num dos seus textos as declarações de Voigt, editor da revista *Nineteenth Century and After*, para provar o interesse da Grã-Bretanha em fazer a guerra porque, segundo aquele jornalista britânico, o ataque da Alemanha à Polónia destruíra o equilíbrio de forças dentro do continente europeu e «ameaçou por isso a nossa segurança»⁴⁶⁸. Neste sentido, a preocupação dos «imperialistas londrinos» em declarar guerra à Alemanha residira no facto de que tal invasão germânica constituíra «um perigo para a hegemonia britânica, na

⁴⁶⁶ «Anulação da injustiça de Versalhes: o Nacional-Socialismo libertou a Alemanha». *Boletim Político*, SILA, nº 288, 29-1-1943, p. 1.

⁴⁶⁷ «Finalidades da guerra». *Boletim Semanal*, SILA, 2-10-1943, p. 2.

⁴⁶⁸ «As razões por que a Inglaterra está em guerra: confissões dum político britânico». *Boletim Político*, SILA, nº 273, 12-1-1943, p. 1.

Europa»⁴⁶⁹ e uma entrave para os alegados planos de domínio anglo-saxões e bolchevistas. Por sinal, planos que o *BP* caracteriza como provas da servidão e dominação que os Aliados têm levado a cabo desde o final da Primeira Grande Guerra. Porém, a narrativa de vitimização da Alemanha prossegue através de outras temáticas, igualmente destinadas a inocentar os germânicos da eclosão da guerra e sua continuação com respetivos horrores.

De modo a demonstrar que os alemães são vítimas do conflito, os bombardeamentos aéreos aliados constituem uma temática particularmente explorada pelos textos do SILA. Assim, segundo o tom de discurso da propaganda alemã, os Aliados colaboram nos ataques aéreos «em perfeita unidade de vistas» com o fito de «atuação imediata na guerra para a destruição da Alemanha, Japão e Itália», destacando que «o bloqueio da fome e o terrorismo aéreo pertencem a esses meios»⁴⁷⁰.

Os alegados meios de aniquilamento levados a cabo pelos Aliados contra o povo alemão fundamentaram uma série de reflexões de teor revanchista sobre a retaliação alemã a ter lugar num futuro próximo, contra a «pirataria aérea» dos Aliados. Fiel seguidor das instruções do Ministério de Propaganda alemão, o SILA não descarta a importância psicológica e ideológica que o tema dos bombardeamentos aéreos, levados a cabo contra as cidades alemães e também de outros países europeus, representava no sentido de alcançar a consternação do público.

Desta forma, é de notar em ambos os boletins um discurso recorrente sobre as crueldades infligidas à população civil pela destruição provocada pela aviação aliada. O *Boletim Semanal* apresenta um conjunto de representações que se demarcam pelo seu teor impactante, com recurso a fotografias, por forma a evidenciar a barbárie dos bombardeamentos aliados e mobilizar a repulsa contra a «fúria da guerra dos amigos do bolchevismo»⁴⁷¹. A reprovação desses atos está ainda patente nas legendas das principais fotografias: «Como ficaram as igrejas de Antuérpia bombardeadas pela aviação anglo-americana»⁴⁷², ou ainda, relativamente a um ataque: «o resultado deste bárbaro ataque foi

⁴⁶⁹ «As razões por que a Inglaterra está em guerra: confissões dum político britânico». *Boletim Político*, SILA, nº 273, 12-1-1943, p. 1.

⁴⁷⁰ «O Pacto Tripartido: fundamento da Nova Ordem na Europa e na Ásia». *Boletim Político*, SILA, nº 488, 27-9-1943, p. 2.

⁴⁷¹ «Ataque terrorista a Antuérpia». *Boletim Semanal*, SILA, 20-4-1943, folha avulsa, frente. Ver Anexo 15.

⁴⁷² «Ataque terrorista a Antuérpia». *Boletim Semanal*, SILA, 20-4-1943, folha avulsa, frente.

411 feridos e centenas de mortos»⁴⁷³; «o pânico no Campo de Longchamps. As bombas anglo-americanas explodem no meio do público»⁴⁷⁴.

No *Boletim Político*, os bombardeamentos aéreos também são considerados um ato abominável, nomeadamente por se dirigirem contra a população civil. Enquanto veicula que a conduta de guerra alemã é impoluta, critica os ataques aéreos empreendidos pela Inglaterra contra a Alemanha, na medida em que são terroristas porque sempre se dirigiram contra alvos civis e não contra posições estratégicas. Assim, esta propaganda tenta “barbarizar” a conduta bélica dos Aliados e “humanizar” a da Alemanha nazi, não obstante o dislate da sua argumentação. Segundo o *BP*, «ouve-se com frequência»⁴⁷⁵ afirmar que os ataques aéreos dos Aliados «se justificam inteiramente no aspeto estratégico, sendo afinal nada mais nada menos do que uma resposta a anteriores ataques alemães». Inferência que logo contraria, afirmando que foi o *Reich* «quem logo imediatamente após Versalhes e depois por repetidas vezes, procurou conseguir estabelecer compromissos entre os diversos Estados, no sentido de se assentar numa condução de guerra humanitária e cavalheiresca»; mais, o boletim reitera que em nenhum ataque aéreo alemão contra os seus inimigos se fez o «emprego de certas armas contra as populações civis»⁴⁷⁶ e prossegue que mesmo após ataques aéreos ingleses dirigidos contra o povo germânico, «do lado alemão esperou-se largo tempo antes de se empreender uma contra-ação visando objetivos militares na Inglaterra». Complementarmente, argumenta que, pese embora os «esforços alemães no sentido de conseguir uma humanização da guerra», os alertas dados pelo governo nacional-socialista e transmitidos pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão não conseguiram «demover o governo britânico do emprego metódico do terrorismo aéreo como arma de guerra contra a população civil alemã»⁴⁷⁷. Deste modo, ao mesmo tempo que elogia a ética de guerra germânica, a propaganda do SILA vilipendia a britânica, concluindo que os ataques aéreos dos ingleses

⁴⁷³ «As primeiras fotografias do ataque terrorista da aviação anglo-americana a Paris». *Boletim Semanal*, SILA, 20-4-1943, folha avulsa, verso. Ver Anexo 16.

⁴⁷⁴ «O pânico no Campo de Longchamps. As bombas anglo-americanas explodem no meio do público». *Boletim Semanal*, SILA, 20-4-1943, folha avulsa, frente. Ver Anexo 17.

⁴⁷⁵ «O terrorismo aéreo britânico: provas documentais da culpa exclusiva da Inglaterra». *Boletim Político*, SILA, nº 544, 3-12-1943, p. 1. Ver Anexo 7.

⁴⁷⁶ «O terrorismo aéreo britânico: provas documentais da culpa exclusiva da Inglaterra». *Boletim Político*, SILA, nº 544, 3-12-1943, p. 2.

⁴⁷⁷ «O terrorismo aéreo britânico: provas documentais da culpa exclusiva da Inglaterra». *Boletim Político*, SILA, nº 544, 3-12-1943, p. 2.

observam uma conduta que desrespeita a humanidade, visto que executaram bombardeamentos aéreos contra alvos sensíveis e não estratégicos, ou seja, contra a sociedade civil.

Por outro lado, os bombardeamentos aéreos são um assunto instrumentalizado pela propaganda germânica para enaltecer a resistência inquebrantável do povo alemão. O apelo à «vitória final» é sistematicamente reiterado pelos propagandistas; fazem equivaler a vitória final à sobrevivência da Alemanha e esta, por sua vez, à conservação dos valores civilizacionais da Europa.

O duplo sentido de propaganda no *Boletim Político* é notório: a mensagem de exclusão consiste nas críticas à brutalidade dos ataques indiscriminados dos Aliados contra o povo alemão e contra os símbolos da cultura europeia, enquanto na mensagem de inclusão é estimulada a confiança na vitória, apelando a um último grande esforço para ganhar a guerra contra os inimigos da civilização milenar. Da vilificação do inimigo nasce a heroificação da Alemanha, afirmando-se que a «inultrapassável intensificação do terrorismo aéreo dos nossos inimigos» fez com que o povo alemão se transformasse «numa nação digna dela na disciplina, no moral, na persistência e na coragem heroica»⁴⁷⁸. A culpabilização do inimigo é de tal forma plena que a propaganda inverte sentidos e tempos: o nacional-socialismo educou o povo alemão para a guerra total que «o terrorismo aéreo transformou»⁴⁷⁹.

Quanto aos monumentos, símbolos máximos da civilização europeia, destruídos nos raids aéreos, o *BP* confere-lhes alto significado histórico e cultural, e especula, de forma a abalar os crentes: «o próprio Vaticano não está livre de ser atacado». A ameaça dos «bombardeiros inimigos», na ótica do boletim, veio «pôr em evidência a união de todos os povos do continente europeu», uma união das nações europeias para a qual é necessária a existência de uma potência na Europa central, para afastar o perigo do cerco dos inimigos de leste e do ocidente. Assim, os ataques aéreos são acusados de intentar contra a «liberdade europeia» e só a Alemanha, como potência mais forte e consciente «da missão histórica que lhe incumbe», pode proteger a Europa para que esta continue «a sua tradição milenária»⁴⁸⁰. Ao delegar este papel de singularidade à Alemanha como

⁴⁷⁸ «O quinto natal de guerra». *Boletim Político*, SILVA, nº 562, 24-12-1943, pp. 1-2.

⁴⁷⁹ «O quinto natal de guerra». *Boletim Político*, SILVA, nº 562, 24-12-1943, p. 2.

⁴⁸⁰ «O quinto natal de guerra». *Boletim Político*, SILVA, nº 562, 24-12-1943, p. 2.

nação guardiã dos costumes e tradições da civilização europeia, os boletins do SILA evidenciam uma mensagem na qual o duplo sentido da propaganda realça a legitimidade da Alemanha como Estado tampão, que defende «a civilização de um conluio diabólico de destruição»⁴⁸¹, em oposição aos Aliados, conotados com o «mundo bárbaro e ameaçador do leste»⁴⁸², e onde reina a «mania de destruição, não menos satânica, dos aliados do bolchevismo no Ocidente»⁴⁸³.

Neste contexto, o *Boletim Semanal* exibe um texto extraído da revista espanhola *Información Social*, em que se afirma a existência de um dilema. Aí cristalizam-se os dois sentidos da propaganda, referindo que o mundo vive sob duas escolhas: de um lado, «“a existência de uma ordem humana e digna”», garantida pelo *Reich* alemão e, do outro, nada mais há do que o «“caminho da ruína, caindo definitivamente nas trevas da invasão barbárica”» dos Aliados. Este tipo de discurso maniqueísta exalta uma Alemanha inocente que não desencadeou o mal da guerra, pois «a fera foi aguilhoada por eles [Aliados], excitada e munida de cartas de livre-trânsito, para espalhar o terror e introduzir a barbárie»⁴⁸⁴.

Assim, «se desaparecesse o dique alemão, seria como se um rio caudaloso inundasse tudo». A Alemanha é representada como a única nação que entrega os seus soldados à luta pela liberdade e sobrevivência da Europa, caso contrário seria a destruição «pelo espírito de ódio e vingança» que vitimaria o continente europeu, mercê de «uma desmoralização total provocada pela vitória da escória da sociedade». O futuro da civilização, das tradições e valores da Europa encontrava-se pois face a um dilema, dependente de uma escolha ultimatista que o tornaria «bolchevista ou cadáver»⁴⁸⁵.

Como foi referido anteriormente, o ano de 1943 representa na propaganda nazi a perda do «monopólio da verdade», conceito que Aristotle Kallis estudou com

⁴⁸¹ «Do Discurso do Führer, pronunciado em 21 de março de 1943, dia consagrado aos mortos de guerra alemães: o nacional-socialismo vencerá os seus inimigos externos». *Boletim Semanal*, SILA, 27-3-1943, folha avulsa, frente.

⁴⁸² «Do Discurso do Führer, pronunciado em 21 de março de 1943, dia consagrado aos mortos de guerra alemães: só as nações de atitudes claras é que poderão subsistir». *Boletim Semanal*, SILA, 27-3-1943, folha avulsa, verso.

⁴⁸³ «Do Discurso do Führer, pronunciado em 21 de março de 1943, dia consagrado aos mortos de guerra alemães: só as nações de atitudes claras é que poderão subsistir». *Boletim Semanal*, SILA, 27-3-1943, folha avulsa, verso.

⁴⁸⁴ «“O dilema da Cristandade”». *Boletim Semanal*, SILA, 27-3-1943, p. 3. Ver Anexo 13.

⁴⁸⁵ «“O dilema da Cristandade”». *Boletim Semanal*, SILA, 27-3-1943, p. 3.

profundidade na sua obra *Nazi Propaganda and the Second World War*; logo, o problema de garantir, a todo o custo, a moral e lealdade do público fez perceber aos propagandistas alemães a necessidade de recurso ao duplo sentido da propaganda como forma de exercer um poderoso controlo psicológico sobre o destinatário e, consequentemente, a transmissão da mensagem desejada para causar o efeito pretendido.

Assim, o conteúdo da propaganda de duplo sentido patente no *Boletim Político* e no *Boletim Semanal* assenta na linha de argumentação que posiciona a Alemanha como nação vítima do conflito. Para tal, os boletins combinam, por um lado, a narrativa exaltadora dos objetivos nazis, nomeadamente da cruzada germânica contra os inimigos da Europa, e, por outro lado, são visíveis as representações cuja mensagem tem por objetivo absolver os alemães de toda a culpa na eclosão do conflito.

6. Propaganda geoestratégica no contexto português

Chegando ao último capítulo deste trabalho, é possível afirmar que a propaganda nazi processa-se com base em diversos interesses e propósitos. Nos casos da propaganda positiva, propaganda negativa e no duplo sentido de propaganda, através do emprego dos dois tipos de discurso em simultâneo, a máquina de propaganda alemã procurou corresponder a conveniências de natureza política e ideológica. O barão Von Hoyningen-Huene, chefe da Legação Alemã «terá sido um dos principais mentores da propaganda e a Legação assumiu um papel importantíssimo neste processo»⁴⁸⁶ de divulgação, dentro do território português.

No que concerne à propaganda geoestratégica, esta funciona como um instrumento em que a mensagem visa corresponder aos interesses geoestratégicos de cada país e aos efeitos que tem nos seus cidadãos, afetando, assim, a opinião pública a que se destina. Cláudia Ninhos afirma que a máquina de propaganda nazi executou as diretivas do Ministro alemão, Joseph Goebbels, em «aplicar uma determinada forma de propaganda», isto é, segundo a autora, a propaganda geoestratégica nacional-socialista no estrangeiro deveria ser «tratada como um “objetivo individual”, em que “uma frase, que se presta especialmente boa para o povo A”, mostrar-se-ia errada para outro povo ou com o efeito contrário»⁴⁸⁷. Neste sentido, a linha de argumentação presente na propaganda nazi nos países estrangeiros, designadamente neutrais, obedece às diretivas do Ministério de Propaganda alemão, na qual se devia «“provar o comportamento imoral do lado inimigo”»⁴⁸⁸.

Sendo Portugal um país neutral no conflito, a forma de propaganda que os alemães aqui seguiram, tendo por objetivo granjear simpatias no seio da opinião pública portuguesa, edificou-se conforme os fins geoestratégicos da divulgação da doutrina nazi em Portugal. Acerca da difusão deste regime político, o financiamento e a divulgação de publicações de propaganda foi um método bastante utilizado pela Legação Alemã em

⁴⁸⁶ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, p. 56.

⁴⁸⁷ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, p. 25.

⁴⁸⁸ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, p. 25.

Portugal, em que se destacam os dois boletins em estudo, que são apenas algumas das publicações financiadas e/ou publicadas pela propaganda alemã.

Analisando o *Boletim Político* e o *Boletim Semanal* na perspectiva das principais temáticas que se alinham com os interesses da propaganda nazi, sobressaem três espaços que representam os objetivos geoestratégicos da propaganda germânica: Vaticano; América do Sul e o Norte de África.

6.1. Vaticano

Os responsáveis pela propaganda do SILA esforçaram-se, pois, por provar o comportamento imoral do inimigo nos seus escritos, como atrás referido, sendo que o Vaticano, símbolo máximo da Cristandade, constitui uma temática particularmente sensível, na qual a Igreja Católica é constantemente apontada como o berço da civilização europeia e dos valores que orientam a Europa.

Assim, a matriz cristã é alvo de destaque por parte dos boletins do SILA, correspondendo à cautela dos propagandistas da Legação Alemã em sintonizar, habilmente, a mensagem transmitida ao público português, tendo em conta que Portugal era um país fortemente católico e conservador. Adequando o discurso à feição tradicionalista da sociedade portuguesa, os boletins do SILA não descuram as instruções do Ministério de Propaganda alemão e, desse modo, em linha com a argumentação sobre o papel do Vaticano, desenvolvem o tema da ameaça do comunismo à sobrevivência da cultura cristã.

Em vista disso, pretende-se chamar a atenção para a interpretação do propósito propagandístico que está subjacente nas temáticas dos boletins sobre o Vaticano. Deste modo, destacam-se duas faces na propaganda associada ao Vaticano e à Cristandade, tanto no *BP* como no *BS*.

A retórica acerca da imoralidade dos inimigos da Alemanha aparece com moderação no *Boletim Político*, evidenciando a conduta odiosa da União Soviética contra o Vaticano. Os autores do SILA expõem dados que pretendem comprovar o comportamento escandaloso do bolchevismo da URSS, simultaneamente adversário do Vaticano e da Alemanha. Num desses textos, em alusão a uma declaração emitida pelo

Kremlin, o *BP* denomina os comunistas de «“associação ateísta bolchevista”»⁴⁸⁹ na qual o «Papa é considerado abertamente o inimigo nº 1 do povo russo, que deve ser aniquilado com toda a energia». À luz do boletim, esse ataque ideológico dirigido pelos comunistas à Santa Sé «revela as verdadeiras intenções do bolchevismo para com o Cristianismo», provocando «uma grande indignação em todo o mundo católico», semelhante à estupefação do massacre de Katyn. O *BP*, para além de considerar a conduta dos comunistas antirreligiosa e terrorista, como já constatado em vários passos deste trabalho, assevera que a declaração de ódio dos comunistas, seja da Moscovo de Estaline como da Moscovo de Lenine, almeja a «destruição de toda a religião cristã» como se prevê na doutrina marxista. Tecendo críticas à declaração do governo liderado por Estaline, este boletim considera a declaração do Kremlin uma «abominável investida do bolchevismo contra o Cristianismo e contra o chefe da Igreja Católica», que só vem «reforçar nos povos europeus a decisão de resistir à potência destruidora que é o bolchevismo». Assim, a hostilidade ao comunismo constitui-se como uma cruzada, não havendo margem para dúvidas quanto ao futuro da religião cristã: «se os povos da Europa quiserem preservar a Cristandade, só destruindo o bolchevismo o poderão fazer»⁴⁹⁰.

Este apelo à união dos povos europeus na cruzada anticomunista reflete a personalização da mensagem nos boletins, como resultado da adaptação do discurso propagandístico conforme a especificidade da opinião pública portuguesa. O tema da luta pela civilização europeia e pelos valores da Cristandade é divulgada nos boletins, onde também Portugal passa a integrar o conjunto de povos com «consciência europeia», ou seja, o Estado Novo e o regime nazi enfrentavam uma luta comum, que constituía um tema constante de propaganda de ambos os lados: o anticomunismo.

Como lembra Cláudia Ninhos, a atmosfera anticomunista era já visível na sociedade portuguesa, tendo a elite político-cultural sido um dos veículos de exploração de simpatias ideológicas com o bloco fascista, colocando-se ao lado da Alemanha na construção da Nova Ordem, anticomunista sobretudo. A posição de Portugal nesta cruzada era, segundo a autora, a consequência de uma «“colaboração neutral”» por parte

⁴⁸⁹ «Moscovo instiga contra o Vaticano: novas ofensas dos ateus bolchevistas ao Papa e à Igreja Católica». *Boletim Político*, SILVA, nº 371, 11-5-1943, p. 1.

⁴⁹⁰ «Moscovo instiga contra o Vaticano: novas ofensas dos ateus bolchevistas ao Papa e à Igreja Católica». *Boletim Político*, SILVA, nº 371, 11-5-1943, p. 1.

de alguns nomes da elite político-cultural que «estavam dispostos a colaborar de forma a garantir para a sua nação uma “posição importante”» na Nova Ordem aspirada pelo bloco nazi-fascista.

A exploração deste alinhamento português com a Alemanha nazi é resultado do interesse geoestratégico por parte dos propagandistas, de modo a potenciar a atração da opinião pública portuguesa para a causa alemã.

Desta forma, um panfleto anexado a uma das edições do *Boletim Semanal* é muito sugestivo e relevante pela sua mensagem de apelo à simpatia ideológica dos portugueses pelas ideias nazis de defesa do continente europeu e do mundo cristão, sob o lema da «consciência europeia»⁴⁹¹. Servindo-se desta suposta consciência que une todos os povos europeus, o panfleto apela de forma direta aos portugueses que, como «europeus, só lhes interessa a defesa dos interesses do continente a que pertencem por laços do espírito e por vínculos de ordem histórica aos quais todos se subordinam». Segundo os propagandistas, a consciência europeia assenta num «património comum a defender por todos os povos da Europa: o património da civilização cristã sobre que repousam os caboucos morais e materiais do continente», aos quais Portugal está intimamente ligado não só por uma pertença geográfica mas também cultural e ideológica. Este texto sintoniza o seu discurso com a ideologia estadonovista, promotora do Catolicismo e do anticomunismo, selecionando habilmente um discurso de António de Oliveira Salazar que afirma: «“O comunismo é a maior heresia da nossa Idade”». Este panfleto adverte que a nação portuguesa só garantirá a sua independência se cumprir a «obrigação moral de apoiar sem reservas aqueles que estão dando o seu sangue e as suas vidas pela nossa Causa — pela causa de todas as nações da Europa»⁴⁹².

No fundo, a propaganda alemã coloca este antagonismo como uma luta pelos fundamentos da civilização europeia que, assentes na religião cristã, são ameaçados pelo bolchevismo, pois já Lenine e Bukharine «não se cansaram de apregoar a irreligiosidade do bolchevismo» e alerta para os «processos miseráveis preconizados para o triunfo total da revolução vermelha em todo o Mundo». Muito claramente, este panfleto insiste no interesse de Portugal em apoiar a Alemanha nesta cruzada em que se combate pela

⁴⁹¹ «Consciência europeia». *Boletim Semanal*, SILA, 24-7-1943, folha avulsa, frente.

⁴⁹² «Consciência europeia». *Boletim Semanal*, SILA, 24-7-1943, folha avulsa, frente.

«vitória do Bem contra o Mal», adindo que só assim se garantirá «a nossa existência como povo livre e independente» e sublinhando que a colaboração de Portugal é necessária na subsistência dos «pilares que hoje sustentam a defesa do continente a Leste»⁴⁹³.

Assim, podemos verificar que o método utilizado pelos propagandistas alemães, tendo em vista atrair o apoio de Portugal para a sua causa, assenta em três ideias centrais: a defesa da Cristandade, a garantia da soberania portuguesa e a luta contra o comunismo, aliás, todas elas perfiladas com os pressupostos ideológicos do regime do Estado Novo.

Em suma, a propaganda geoestratégica acerca do Vaticano gira em torno de dois eixos principais. Por um lado, procura atestar a conduta imoral do inimigo ateu e, por outro lado, tem o objetivo de atrair os povos europeus, entre os quais Portugal, em torno de uma causa comum: a defesa dos valores da Cristandade.

6.2. América do Sul

A propaganda geoestratégica nacional-socialista passou, igualmente, por constituir uma rede externa em que, graças à atividade de organizações do Partido Nazi no estrangeiro, preparava as comunidades alemãs existentes noutros países. Para além de Portugal, que como se tem vindo a constatar é integrado nesse interesse geoestratégico da política nazi, também assim se procedeu para a América Latina, em que a «Revolução Nacional» que se preparava na Alemanha e a aspiração à *Volksgemeinschaft* internacional motivaram igualmente as referências à América Latina dentro da propaganda germânica.

Cláudia Ninhos aponta a América do Sul como o espaço das «mais precoces relações estabelecidas por membros» do Partido Nazi no estrangeiro, já que só «na América do Sul existiam cerca de 1,5 milhões de descendentes de alemães e cerca de 180 mil cidadãos alemães» no início dos anos 1930. Atuando segundo a estratégia da sua propaganda externa, os nacionais-socialistas disseminavam também na América Latina a sua mensagem, servindo-se nas comunidades alemãs das «suas escolas próprias, grupos de desporto, organizações de juventude e câmaras de comércio»⁴⁹⁴, que facilitavam, sem dúvida, a penetração da propaganda nazi a nível externo.

⁴⁹³ «Consciência europeia». *Boletim Semanal*, SILA, 24-7-1943, folha avulsa, frente.

⁴⁹⁴ NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*, p. 23.

O tipo de discurso adotado pelos propagandistas relativamente à América do Sul é revelador no *Boletim Político*. Aí se revela que os principais eixos em que assenta o discurso sobre a América Latina dependem da apresentação de factos históricos e ideológicos que visam projetar uma identidade europeísta nos territórios em que a propaganda alemã reivindica pretensões político-ideológicas.

A América Latina é representada sob a perspectiva de legitimidade histórica nos textos publicados pelo SILA. Nesta conformidade, num dos artigos, pretende-se obscurecer as relações entre os EUA e a América do Sul, atribuindo responsabilidade aos norte-americanos pela situação de precariedade que vivem os Estados ibero-americanos. Assim, são dirigidas queixas contra o domínio do dólar na economia desses países e, simultaneamente, contra a presidência dos EUA que, na ótica dos propagandistas, exerceu uma política de usurpação segundo a qual «Roosevelt conseguiu comprar nesses estados, todos os elementos do poder», e assim retirar aos países sul-americanos «os últimos pilares em que assentava a sua independência»⁴⁹⁵.

Ao mesmo tempo que culpabiliza os EUA de imporem a sua hegemonia política e económica aos países da América Latina, o *BP* indica os principais fundamentos que justificam a independência dos países latinos, evocando a sua herança histórica que pretende estabelecer ligações político-ideológicas com a Europa e, ao mesmo tempo, subtraí-los da órbita norte-americana. Por conseguinte, o boletim defende que tanto os motivos de índole económica, através do estabelecimento de relações comerciais com os países europeus, como os motivos de cariz cultural, constituem o «fundamento da liberdade nacional da América do Sul»⁴⁹⁶. Assim, recorrendo a uma ferramenta habitual da propaganda nacional-socialista, o *BP* parte do princípio de que a Europa constituiu no passado unidades sociais e culturais uniformes que estão na formação dos países ibero-americanos. Assim, os sustentáculos da constituição dos países da América Latina são atribuídas a Portugal, Espanha e França, nações que os propagandistas afirmam que «deram à América do Sul os elementos essenciais da sua cultura e civilização». Todavia, nesta particular interpretação histórica dos fundamentos da independência sul-americana, o *BP* também reivindica para a Alemanha um papel em tal processo, designadamente

⁴⁹⁵ «E.U.A. e América do Sul: “Pax americana”». *Boletim Político*, SILA, nº 564, 28-4-1943, p. 1.

⁴⁹⁶ «E.U.A. e América do Sul: “Pax americana”». *Boletim Político*, SILA, nº 564, 28-4-1943, pp. 1-2.

como colaboradora no comércio externo desses países e transmissora do «espírito de disciplina» para o «desenvolvimento e elevação dos Estados sul-americanos». Este discurso de recuperação do passado alude aos laços civilizacionais e históricos que se identificam com o postulado «de que os quatro séculos de obra civilizadora europeia» transmitiram na América do Sul e, assim, permitiram assegurar a sua independência e autonomia até ao momento que os Estados Unidos impuseram a sua «lógica da “Pax Americana”»⁴⁹⁷.

Em suma, a mensagem torna-se uma via de entrada para a propaganda nazi nos países que haviam colonizado a América Latina, entre os quais o *BP* destaca Portugal, cujo papel civilizacional enfatiza. Papel colonizador e civilizacional à época estrenuamente defendido pela política imperialista do Estado Novo, pelo que este tipo de discurso pode ser entendido como mais uma forma de granjear simpatias em Portugal.

6.3. Norte de África

A propaganda nazi esforçou-se, pois, por adaptar o seu discurso à especificidade nacional a que se dirigia. Desta forma, a temática relacionada com o Norte de África constitui outro tópico de que a propaganda germânica se serviu para espalhar a sua ideologia e angariar simpatizantes em Portugal. A estratégia por trás da referência a esse palco de guerra alerta para a proximidade geográfica com Portugal, mas pretende, sobretudo, estimular o discurso antiocidental, nomeadamente contra os EUA, posteriormente ao desencadear da ‘Operação Tocha’⁴⁹⁸. Segundo Aristotle Kallis, o discurso seguido pela propaganda alemã após o desembarque norte-americano no Norte de África fez despertar as representações da propaganda contra os EUA, tendo por base a seguinte linha de argumentação:

NS propaganda proceeded to depict US policy as a deliberate ploy against the continent’s geopolitical, cultural and economic interests. In the shadow of the successful execution of Operation ‘Torch’ (Allied landing in North Africa) in

⁴⁹⁷ «E.U.A. e América do Sul: “Pax americana”». *Boletim Político*, SILA, nº 564, 28-4-1943, p. 2.

⁴⁹⁸ Operação militar desencadeada a 8 de novembro de 1942 com o objetivo de desembarcar tropas norte-americanas em Marrocos e na Argélia francesa, tendo em vista ameaçar a retaguarda das forças do Eixo que lutavam contra os britânicos no Egito e na Líbia. Ver MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H. P. — *II Guerra Mundial*, p. 164.

early November 1942, Goebbels reacted with an ungainly tirade against American ‘world-imperialist’ intentions and Roosevelt’s ‘gangster-like’ seizure of European colonies⁴⁹⁹.

Este tipo de discurso relativamente ao Norte de África tem especial destaque no *Boletim Político* ao longo de 1943. Os propagandistas do SILA dão a conhecer que as linhas de orientação do discurso sobre o contexto africano articulam-se com fatores políticos que comprovam a existência de um estratagema por parte dos norte-americanos para ameaçar os impérios europeus no espaço colonial africano, encontrando-se Portugal entre esses impérios.

No que toca ao *Boletim Político*, este discurso da ameaça norte-americana aos interesses coloniais europeus em África é suscitado por um artigo publicado no *Berliner Boersen Zeitung*, da autoria de Hans Achim von Dewitz, que denuncia os «incontidos apetites yankees pelas matérias-primas mundiais». Defendendo os interesses coloniais europeus, o *BP* começa por apontar que a entrada de norte-americanos no Norte de África é orientada por «determinantes de ordem comercial dos planos americanos», que desejando colmatar as «perdas de matérias-primas sofridas pelos EUA no Pacífico e na Ásia Oriental», agrupam-se numa ordem de intenções que «deviam ser de molde a preocupar a Europa, que só pode formar um grande espaço económico ideal com o continente negro»⁵⁰⁰. Complementarmente, os propagandistas do SILA indicam que os «interesses mais vitais» da Europa se encontram ameaçados sob o pretexto de pontos de apoio estratégicos que os norte-americanos reivindicam no mundo e, posteriormente, servem de meios de penetração para os interesses dos EUA em África:

Entretanto os norte-americanos continuaram a apossar-se, mais para sul e sudoeste, de todos os territórios e riquezas da África, de que a Europa nunca pode prescindir. Também neste caso todos os passos obedeceram às leis de avidez de matérias-primas. A criação do “mundo americano” poderia começar com estas palavras: no princípio era o ponto de apoio... Pontos de apoio em toda a parte⁵⁰¹.

⁴⁹⁹ KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*, p. 87.

⁵⁰⁰ «A política de conquista praticada pelos Estados-Unidos em África: o continente negro deve compensar as perdas da América do Norte na Ásia Oriental». *Boletim Político*, SILA, nº 306, 19-2-1943, p. 1.

⁵⁰¹ «A política de conquista praticada pelos Estados-Unidos em África: o continente negro deve compensar as perdas da América do Norte na Ásia Oriental». *Boletim Político*, SILA, nº 306, 19-2-1943, p. 2.

Nesta conformidade, é muito clara a argumentação da propaganda do SILA relativamente a África: alerta para o perigo que a invasão americana do continente africano representa para os impérios coloniais, ao mesmo tempo que visa atrair os países europeus, detentores de possessões nesse continente, à causa alemã nazi.

Conclusão

O presente estudo analisou a propaganda nacional-socialista em Portugal partindo da análise de dois periódicos editados pelo Serviço de Informação da Legação da Alemanha, em 1943: o *Boletim Político* e o *Boletim Semanal*. No decurso do trabalho procurou-se conhecer as estratégias seguidas pela propaganda germânica em Portugal, escrutinando os temas e a mensagem divulgadas nessas publicações de mobilização pró-nazi.

Começou-se por estabelecer uma contextualização sobre a propaganda nazi em Portugal, fruto do sistema montado pelo Ministério de Propaganda dirigido por Josef Goebbels, a qual teve como base algumas reflexões com o objetivo de concetualizar a propaganda como um fenómeno da contemporaneidade.

No que diz respeito à estratégia de propaganda nazi disseminada em Portugal, é possível verificar que o fenómeno da germanofilia foi habilmente utilizado pelos nacionais-socialistas, nomeadamente nas esferas do ensino superior e da cultura que serviram de veículos da propaganda nazi e promoveram uma relação de reforço de afinidades culturais e ideológicas que, no fundo, procuravam corresponder aos interesses germânicos que germinavam nesses setores das elites políticas e intelectuais portuguesas durante a II Guerra Mundial. A propaganda divulgada pela Legação Alemã procedia do meio diplomático, visando alcançar uma hegemonia política e ideológica. Por intermédio dessas instituições alemãs existentes em Portugal, os germânicos tinham como objetivo tornar compreensível a mensagem do nacional-socialismo, os seus valores e as suas ideias dentro do território português. Pese embora o Ministério de Propaganda alemão definisse as estratégias de propaganda nomeadamente no que diz respeito ao seu conteúdo ideológico, cabia à Legação Alemã em Portugal, subordinada ao Ministérios dos Negócios Estrangeiros alemão, estabelecer as ligações que permitissem a difusão propagandística no espaço português.

O Serviço de Informação da Legação da Alemanha — SILA — foi um organismo com serviços de propaganda tutelado pela embaixada alemã em Lisboa. Esta foi um centro que atuou intensamente em Portugal, organizando e difundindo a maior parte da propaganda alemã no país.

No que concerne à relação entre os boletins, é possível verificar que seguem idêntica linha ideológica, recorrendo às mesmas temáticas. Podemos verificar também quanto às estratégias propagandísticas que existe uma convergência nos métodos utilizados: a transcrição de excertos de artigos ou notícias publicados em jornais e revistas alemães e estrangeiros, sempre que estas sustentassem o objetivo do discurso, manietando o seu conteúdo em função do efeito pretendido.

Sendo o *Boletim Político* uma publicação diária verifica-se que as suas representações concentram uma argumentação político-ideológica, tendo como pano de fundo os principais acontecimentos do conflito, em 1943. Assim, são aproveitadas as mudanças e acontecimentos no panorama político, tanto das nações aliadas como do Eixo, ou ainda, dos países neutros, para tecer encômios ou críticas, dependendo do objetivo propagandístico inerente aos textos.

Já o *Boletim Semanal* segue uma orientação editorial diversa: os seus artigos são na maioria breves representações que aparecem sob a forma informativa, nas quais é perceptível a dimensão psicológica que o semanário pretende atingir, inculcando nos destinatários certezas e dúvidas que servem os interesses alemães. Recorre à apresentação de ilustrações, particularmente violentas, tendo em vista a desmoralização dos seus inimigos. Por outro lado, essas ilustrações, a par dos textos, visam destacar a força combatente da Alemanha/Eixo e ainda apresentar a sua conduta de guerra como impoluta.

No tocante ao estudo dos artigos nas duas publicações do SILA, evidencia-se que as temáticas aí exploradas concentram-se em duas formas principais de discurso: a propaganda positiva e a propaganda negativa.

A propaganda positiva centra-se, sobretudo, na integração psicológica do seu recetor. Assim, este discurso define-se no apoio ativo à política e aos objetivos do regime nazi. Nesse registo de enaltecimento da Alemanha, os temas eleitos pelos propagandistas alemães prendem-se com o nacionalismo, a fé no chefe e o direito a um espaço vital no seio da Nova Ordem, que os nazis desejam implementar em larga escala.

A exaltação da Alemanha nazi passava pela coesão identitária alemã, baseada na argumentação da hierarquia racial e da liderança do Estado (*Volksgemeinschaft*). Recorrendo ao conceito filosófico germânico de *Weltanschauung*, os propagandistas sublinham o papel da Alemanha como centro congregador e defensor da civilização

européia contra os seus inimigos (democracias e bolchevismo), numa luta para a qual pretendem mobilizar a opinião pública portuguesa.

Se o culto do chefe, concretamente de Hitler, é um dado expectável nos artigos dos boletins, verifica-se que a cadeia de comando é observada com notas de elogio a várias personalidades da cúpula nazi-fascista (os Ministros Joachim von Ribbentrop e Josef Goebbels, diversos embaixadores alemães, etc.). Mais, o culto do chefe internacionaliza-se, louvando-se figuras cimeiras da esfera política dos países do Eixo — destaque para o líder fascista italiano Benito Mussolini — que os boletins retratavam como representantes do novo espírito e cuja ação política era convergente ao pensamento que nasceu com a fundação do nacional-socialismo alemão. A par do nacionalismo, prevalece nos boletins a supremacia do povo alemão a diversos níveis (cultural, diplomático, militar). Ao atribuir à Alemanha a singularidade de única guardiã dos valores da Europa, os boletins posicionam-na como nação superior, sem mácula e incomparável a todos os níveis.

O outro tipo de discurso corresponde à propaganda negativa. Neste caso, os boletins focam-se em lançar fortes verrinas aos inimigos da Alemanha, tratando-se de um discurso que apela às emoções negativas do destinatário, tendo por base a utilização de temáticas que intensificassem o receio da vitória aliada e o temor do consequente domínio do mundo pelos ditames dos “Três Grandes”.

Por forma a atingir os seus objetivos de coerção e manipulação psicológica, os artigos dos boletins, para além dirigir críticas contundentes aos Aliados, recorrem nitidamente ao domínio emocional. Desta maneira, a sua mensagem dissemina o medo da derrota alemã, à qual faz corresponder o fim da autonomia e liberdade do continente europeu, repetindo sucessivas representações estereotipadas sobre os Aliados mais fortes — Grã-Bretanha, EUA e URSS — que fomentam uma campanha de descredibilização a nível político, militar, social, económico e moral. A iminência de perigo articula-se com o medo de destruição da civilização ocidental pela ameaça comunista, auxiliada pelas democracias ocidentais.

É igualmente interessante observar que os esforços dos propagandistas da Legação Alemã concentraram-se em divulgar uma mensagem infalível na procura de sensibilização do povo português. Para tal, surgem duas estratégias a nível de discurso, tendo por base a manipulação emocional.

Relativamente ao emprego do duplo sentido de propaganda em que os Aliados eram diabolizados enquanto a Alemanha é retratada como vítima da guerra, tal subterfúgio foi inserido habilmente pelos autores do SILA para que o povo português se juntasse à causa alemã, representada como a única capaz da defesa dos costumes e tradições morais.

No que toca ao tema da questão religiosa, ela é determinante para cativar a afinidade dos portugueses, sendo consabida a sua religiosidade fervorosa. Os Aliados são sistematicamente representados como uma feroz ameaça à religião, uma seta apontada ao coração da Cristandade, situação justificada pela sua conduta durante a guerra, apontando como exemplos o ataque aliado ao Vaticano a perseguição movida pelos soviéticos às comunidades religiosas.

Por outro lado, os germânicos detinham diversos interesses em Portugal. Com o objetivo de defender a sua facção na guerra, os autores da Legação Alemã permeiam um discurso que cauciona a satisfação das suas conveniências. Assim, publicavam notas de elogio dirigidas ao povo português, enaltecendo o seu contributo civilizacional na História.

O outro elemento da propaganda geoestratégica difundida em Portugal prende-se com o perigo que, na ótica dos propagandistas, os norte-americanos representam para o império colonial português. Os EUA são representados como uma ameaça aos interesses coloniais europeus e acusados de pretender apossar-se das suas colónias. Como é fácil compreender, dada a ideologia do Estado Novo, fortemente colonialista, este discurso tinha ampla aceitação em Portugal.

Em jeito de balanço final, é possível afirmar-se que os objetivos de investigação inicialmente propostos foram alcançados. Numa lógica de análise de constante dialética entre a interpretação das duas fontes hemerográficas e a leitura da bibliografia, a investigação orientou-se, como explicado na introdução, no sentido de responder às questões iniciais deste trabalho. É possível concluir que as fontes possuem vasto material propagandístico. Este fornece uma perspetiva das técnicas e temáticas utilizadas pelos propagandistas nazis, tendo em vista a defesa das suas posições e interesses em Portugal.

Não é propósito deste trabalho esgotar o tema, mas antes revelar algumas pistas de investigação, particularmente sobre o papel importante que as publicações da Legação Alemã assume na difusão da propaganda nazi em Portugal. Mesmo não conhecendo a autoria dos textos do *BP* e do *BS*, seria de todo o interesse estudar também outras

publicações de carácter propagandístico do SILVA, no sentido de perceber a sua política editorial e procurar identificar os autores que estão por detrás das publicações de propaganda e traçar o seu perfil. Ou seja, impõe-se uma pesquisa exaustiva em torno do SILVA e do funcionamento da Legação Alemã neste período. Embora de grande e inegável interesse, tal empreendimento não cabe no foco principal deste trabalho.

Por outro lado, é também em virtude desta amostra de estudo sobre a ação do SILVA que a investigação poderá trazer um novo olhar para o tema da propaganda nazi em Portugal. Mas o mais importante parece ser a análise do conteúdo dos dois periódicos, esperando que o mesmo possa incentivar outros rumos e perspetivas de investigação, tendo em vista levantar novas discussões sobre a propaganda nacional-socialista nos países neutrais. Existem muitos trabalhos sobre os países ocupados pelo III *Reich* e países adversos a este tipo de propaganda, mas ao longo da investigação foi sentida a ausência deste tipo de estudos sobre a propaganda publicada e praticada nos países neutrais.

Fontes

Fontes hemerográficas

Boletim Político (4/1/1943-30/12/1943). Lisboa: Serviço de Informação da Legação da Alemanha. Disponível para consulta presencial na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Boletim Semanal (16/1/1943-25/12/1943). Lisboa: Serviço de Informação da Legação da Alemanha. Disponível para consulta presencial na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Bibliografia

BARROS, Júlia Leitão de — *Anglofilia e germanofilia em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial*. In CARRILHO, Maria; ROSAS Fernando *et al.* — *Portugal na Segunda Guerra Mundial: contributos para uma reavaliação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989, pp. 91-136.

BLOCH, Michael — *Ribbentrop*. Londres: Hachette Digital, 2003.

BOWLES, Brett — “German Newsreel Propaganda in France, 1940–1944”. *Historical Journal of Film, Radio and Television*. 2004, vol. 24, nº 1, pp. 45-67.

CORELLA TORRES, Norberto — *Propaganda nazi*. México: Universidad Autónoma de Baja California, 2005.

DAVIES, Norman — *A Europa em guerra 1939-1945*. Lisboa: Edições 70, 2008.

GILBERT, Martin — *A Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Dom Quixote, 2009.

GONÇALVES, Francisco Jorge — “Chamberlain e a tentativa de apaziguar Hitler para alcançar a paz em nosso tempo: análise de um apaziguamento impossível”. *Revista Militar*. 2009, nº 2485/2486, pp. 291-309.

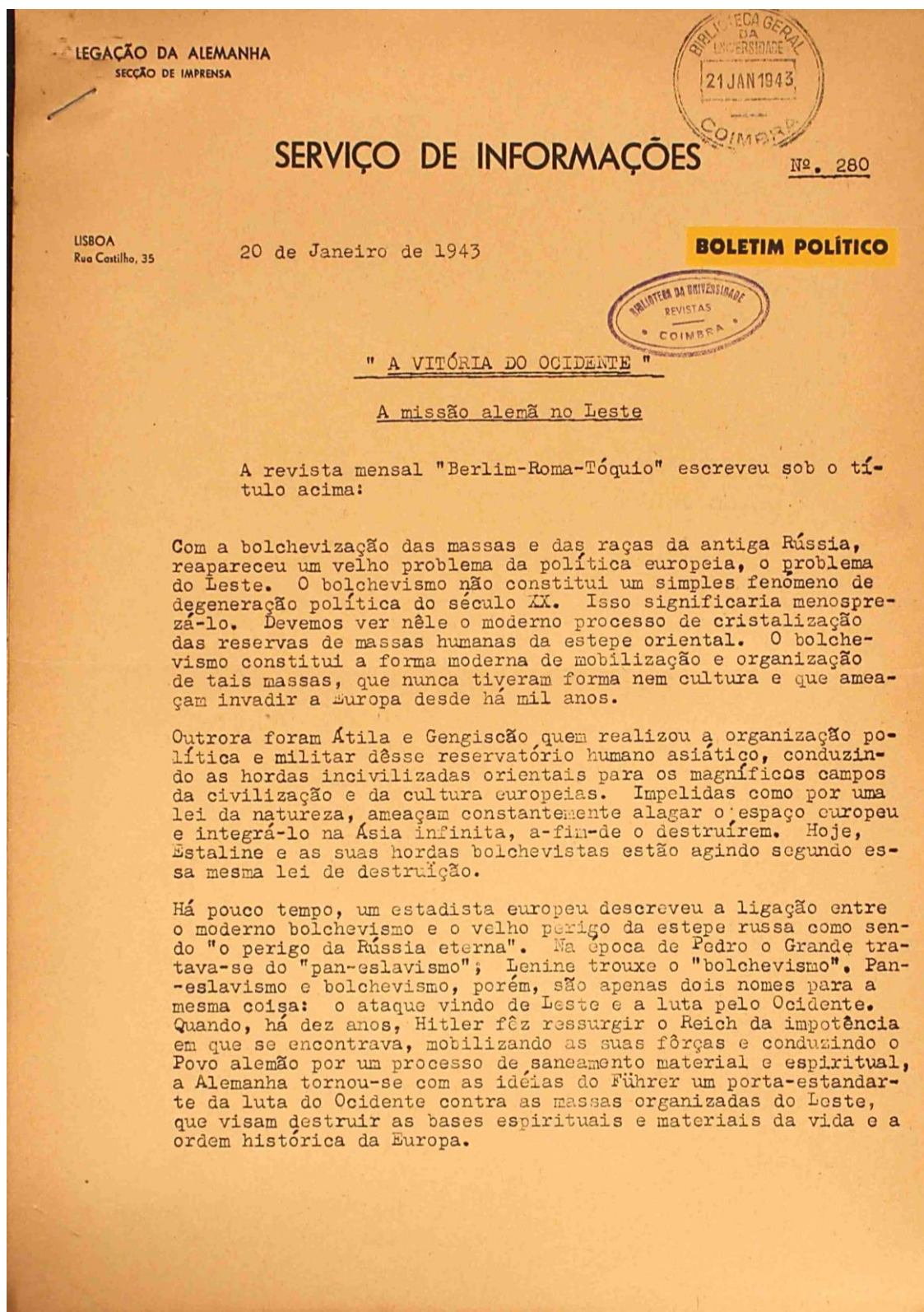
HITLER, Adolf — *A Minha Luta*. Lisboa: Fernando Ribeiro de Mello/Edições Afrodite, 1976.

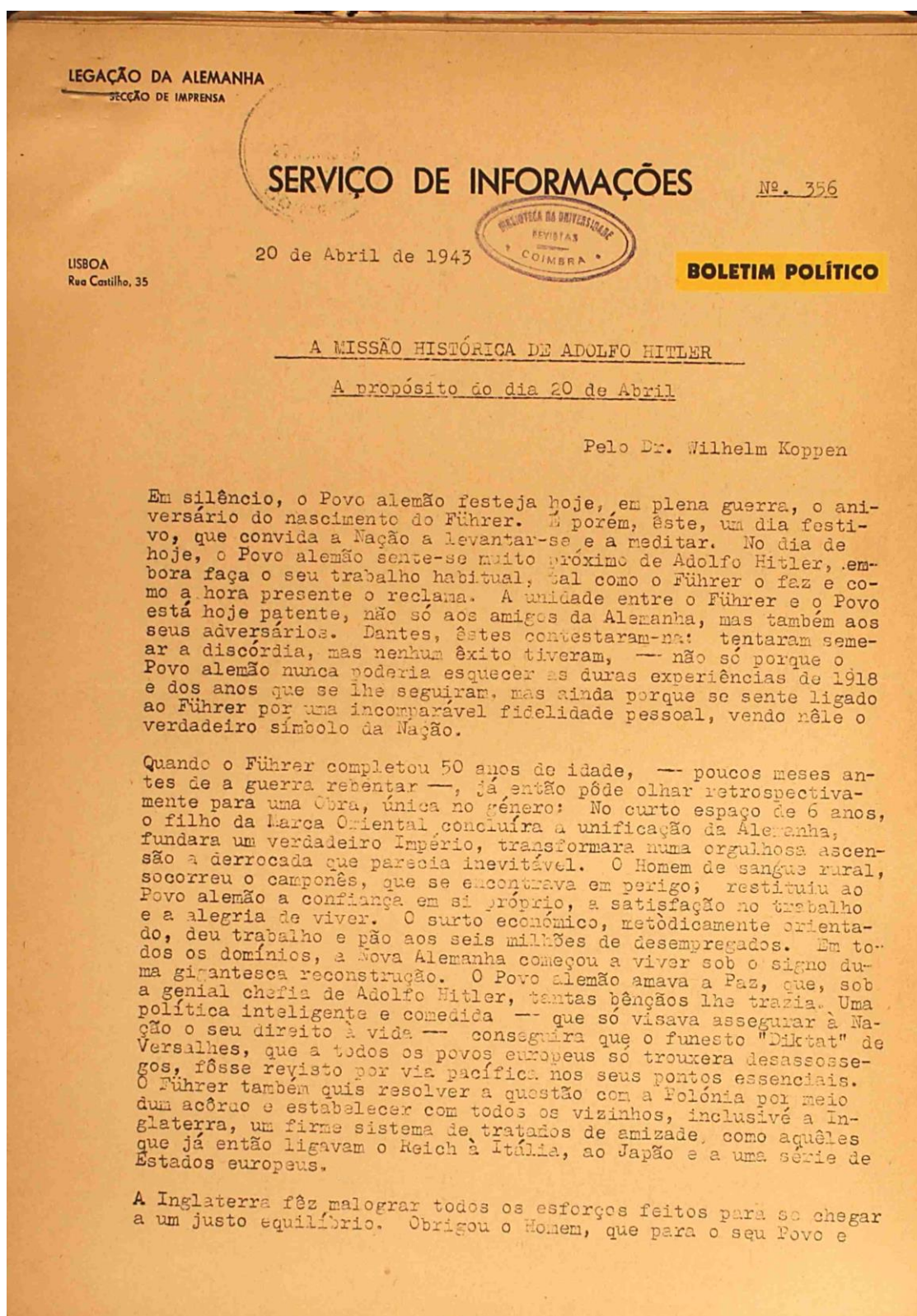
KALLIS, Aristotle A. — *Nazi Propaganda and the Second World War*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2005.

- LOUÇÃ, António — *Hitler e Salazar. Comércio em tempos de guerra, 1940-1944*. Lisboa: Terramar, 2000.
- LOUÇÃ, António — *Negócios com os Nazis. Ouro e outras pilhagens 1933-1945*. Lisboa: Fim de Século, 1997.
- LOUÇÃ, António — *Portugal visto pelos nazis: documentos 1933-1945*. Lisboa: Fim de Século, 2005.
- MARGRY, Karel (ed.) — “The massacre at Katyn”. *After the Battle*. Londres: Battle of Britain Prints International, 1996, nº 92, pp. 2-34.
- MESSENGER, Charles; CROSS, Robin; WILLMOTT, H. P. — *II Guerra Mundial*, Porto: Livraria Civilização Editores, 2009.
- NINHOS, Cláudia — “Com luvas de veludo: A estratégia cultural alemã em Portugal (1933-1945)”. *Relações Internacionais*. Lisboa, 2012, nº 35, pp. 103-118.
- NINHOS, Cláudia — *Em torno da Revista Junges Europa: a propaganda, a cultura e a ideologia ao serviço das relações luso-alemãs (1933-1945)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2010. (Dissertação de Mestrado em História Contemporânea).
- NINHOS, Cláudia — *Portugal e os Nazis. Histórias e segredos de uma aliança*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2017.
- NUNES, João Paulo Avelãs — *O Estado Novo e o volfrâmio (1933-1947). Projetos de sociedade e opções geoestratégicas em contextos de recessão e de guerra económica*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2005. (Dissertação de doutoramento)
- PIMENTEL, Irene Flunser — *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial. Em fuga de Hitler e do Holocausto*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2006.
- PINEDA CACHERO, Antonio — “Orígenes histórico-conceptuales de la teoría de la propaganda nazi”. *Historia y Comunicación Social*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2007, nº 12, pp. 151-176.
- PIZARROSO QUINTERO, Alejandro — *História da Propaganda: notas para um estudo da propaganda política e de guerra*. Lisboa: Planeta Editora, s.d.
- PIZARROSO QUINTERO, Alejandro — “La historia de la propaganda: una aproximación metodológica”. *Historia y Comunicación Social*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1999, nº 4, pp. 141-171.

- RIBEIRO, Nelson — “A new medium at war: The importance of foreign radio reports in Portugal during World War II”. *Journal of War & Culture Studies*. 2012, vol. 5, nº 2, pp. 219-231.
- SCHNEIDER, Ingrid Schulze — “Éxitos y fracasos de la propaganda alemana en España: 1939-1944”. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. 1995, vol. 31, nº 3, pp. 197-217.
- SCHNEIDER, Ingrid Schulze — “La propaganda alemana en la Segunda República Española”. *Historia y Comunicación Social*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1999, nº 4, pp. 183-197.
- TELO, António José — *A neutralidade portuguesa e o ouro nazi*. Lisboa: Quetzal, 2000.
- TELO, António José — *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal (1939-1945)*. Lisboa: Perspectivas & Realidades, 1990.
- TORGAL, Luís Reis — *Estado Novo, Europa e Atlântico*. In *Estados Novos. Estado Novo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, vol. 1, pp. 499-564.
- USHMM — “United Nations Relief and Rehabilitation Administration”. Washington: Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/united-nations-relief-and-rehabilitation-administration>>.
- WELCH, David — *The Third Reich: Politics and Propaganda*. Taylor & Francis e-Library, 2007.

Anexos





LEGAÇÃO DA ALEMANHA
SECÇÃO DE IMPRENSA

Serviço de Informações

25 de Maio de 1943

LISBOA
Rua Castilho, 35

27 MAIO 1943

Nº. 383

BOLETIM POLÍTICO

NICOLAU COPÉRNICO, GRANDE ASTRÓNOMO ALEMÃO
A propósito do 4º. centenário do seu falecimento

Há 400 anos, em 24 de Maio de 1543, faleceu em Frauenburgo o primeiro entre todos os astrónomos alemães, uma das figuras mais eminentes do espírito europeu. Esta data histórica foi agora comemorada em toda a Europa e deu ensejo a que mais uma vez fôsse reconhecido o contributo dado pela Alemanha para o progresso da Cultura e da Civilização europeias.

Fez-se entretanto, e nomeadamente de lado norte-americano, a tentativa de apresentar Copérnico como sendo polaco, só porque na altura em que nasceu a sua cidade natal, Thorn, caíra em mãos polacas. Contra tais falsas afirmações opõem-se os seguintes factos:

Nicolau Copérnico nasceu em 19 de Fevereiro de 1473, na Rua da Ana, em Thorn. Seu pai, Niclas Copérnico, era um grande comerciante alemão e jurado do tribunal de Thorn e residiu em Cracóvia a partir de 1458. A família dos Copérnicos tirou esse nome da sua aldeia natal autenticamente alemã de Koppernick à beira do Neisse, na Silésia, da qual em 1370 emigrou para Cracóvia um dos antepassados do célebre astrónomo, segundo parece o seu avô-João. Sua mãe, Bárbara Watzenrode, descendia, conforme se provou, duma família nobre alemã, que desde meados do século XIV vivia em Thorn e que à cidade deu diversos edis e jurados. O pai de Bárbara era comerciante e presidente de jurados. Quanto à origem da família Watzenrode, não se sabe ao certo se a sua terra natal se deverá procurar na Baixa Silésia ou na Vestfália. Um irmão da mãe de Copérnico foi o bispo da Ermlândia, Lucas Watzenrode, forte personalidade e que por volta de 1500 era o homem mais poderoso da Prússia. Depois da morte prematura do pai, Niclas Copernico, o tio bispo assumiu a tutela do pequeno Nicolau, que então contava só 10 anos, e proporcionou-lhe uma excelente educação no país e no estrangeiro.

Até 1491 Nicolau Copérnico frequentou a escola da cidade de Thorn, então 96 % alemã, e que só 6 anos antes d'ele ter nascido é que passara para a posse da Polónia.

De 1491 a 1494 estudou matemática e astronomia na Faculdade de Filosofia da Universidade alemã de Cracóvia, fundada em 1364, a qual depois de Praga (1348) é a mais antiga Universidade alemã.

De 1496 a 1500, Copérnico estudou, na Universidade de Bolonha, direito, filosofia, matemática e astronomia, medicina e, junta-

Anexo 4 — «O bombardeamento do Vaticano: o escritor inglês H.G. Welles, num livro contra o Papa Pio XII e a Igreja Católica, reclama o bombardeamento do Vaticano». *Boletim Político*, SILA, nº 523, 8-11-1943, p. 1.

LEGACÃO DA ALEMANHA
SECÇÃO DE IMPRENSA

SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

USBOA
Rua Castilho, 35

8 de Novembro de 1943

BIBLIOTECA GERAL
DA UNIVERSIDADE
-9 NOV 1943
COIMBRA

Nº. 523

BOLETIM POLÍTICO

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
REVISTAS
COIMBRA

O BOMBARDEAMENTO DO VATICANO

O escritor inglês H. G. Welles,
num livro contra o Papa Pio XII e a Igreja Católica,
reclama o bombardeamento do Vaticano

O lançamento de bombas na cidade do Vaticano suscitou em todo o mundo civilizado uma tempestade de irritação. Toda a imprensa matutina alemã estigmatiza este acto terrorista absolutamente inacreditável. O "Deutsche Allgemeine Zeitung" qualifica este atentado como uma tentativa política de provocação dum género ignorado, para cuja realização os aliados do bolchevismo e inimigos do Ocidente puseram de lado todo o respeito tributado a coisas que parte considerável da humanidade considera como valores sagrados. O "Deutsche Allgemeine Zeitung" nota sobretudo que no dia 5 de Novembro cêrca das 16,30 ou seja umas escassas 4 horas antes do ataque, o serviço de informações de Londres declarou em italiano que se sabia de Roma que os principais edifícios da cidade estavam minados e que por essa razão era de prever que os alemães quisessem destruir Roma. O "Deutsche Allgemeine Zeitung" sublinha que esta tentativa para apagar os rastros dum ataque que ainda não havia sido realizado e para espalhar a fábula mentirosa duma presumível destruição de Roma pelos alemães representam uma prova acusatória contra aqueles que espalham tais notícias e contra os que realizaram o ataque ao Vaticano.

A propósito deste ataque à bomba é extremamente interessante verificar que um marcante político e escritor inglês, o conhecido H. G. Welles, exigiu há pouco tempo, abertamente, o bombardeamento de Roma. Num escrito odioso contra o Papa Pio XII e a comunidade católica, publicado recentemente na colecção "Penguin", sob o título "Crux Ansata — An edictment of the Roman Catholic Church", Welles escreve textualmente logo na primeira página o seguinte: "Porque não bombardeamos nós Roma? Roma não é só a fonte e o centro do fascismo, mas também a sede de um Papa, aliado declarado do Eixo nazi-shinto-fascista. Nenhuma outra capital escapou à guerra, então porque não bombardeamos Roma? Porque permitimos nós que os inimigos declarados da liberdade democrática se encontrem em ligação com os seus aliados nipónicos, para organizarem

OS PLANOS DE ROOSEVELT DE DOMÍNIO DO MUNDO
Pontos de apoio yankees garantem o policiamento do Mundo
pelos Estados-Unidos

Os planos rooseveltianos de criar uma polícia yankee para contróle do Mundo foram novamente confirmados por um artigo de fundo do jornal "Philadelphia Inquirer" da autoria do conhecido comentador político e jornalista Paul Mallon, do qual a Casa Branca costuma servir-se como porta-voz da sua política. Mallon declarou no seu artigo que o problema do policiamento do Mundo só se deixará regulamentar "conforme Roosevelt procedeu na América do Sul". O presidente obteve pontos de apoio nos sítios estratégicos mais importantes, para uso do exército, da aviação e da esquadra dos Estados-Unidos. O estabelecimento de tais pontos de apoio — diz o jornalista — corresponde à instalação dum policiamento efectivo, que se apresenta dentro de formas diplomáticas. Um tal regulamento seria mais vantajoso, do ponto de vista yankee, do que a criação duma polícia internacional, composta de súbditos dos diferentes países, pois constituiria sobretudo poderosa garantia dum domínio mundial dos Estados-Unidos.

Sem dúvida em conexão com estes planos de Roosevelt — que são cada vez mais intensamente divulgados pela imprensa yankee, a-fim-de captar a simpatia dos norte-americanos em favor dos insensatos planos do presidente e da sua política de guerra, tão funesta para a América — até o perito yankee de "bridge" Ely Culbertson, ídolo dos amadores yankees de "bridge", apresentou agora um plano de partilha do Mundo. Este plano Culbertson apareceu numa brochura com 64 páginas e é divulgado por todos os meios na América inteira, onde Culbertson, por causa dos seus problemas de "bridge", é muito querido, precisamente nos círculos da burguesia. A própria revista "Time" dedica a esta nova "partilha do Mundo" artigos com várias colunas e considera as propostas de Culbertson como uma boa base para transformar o Mundo no caso de se verificar um triunfo americano. Culbertson projecta dividir o Mundo em 11 federações regionais, em cujo quadro os Estados-Unidos figurarão em primeiro lugar e naturalmente como potência mundial dominante, incorporando os países da América Latina.

O jogador de "bridge" retalha sem mais nem menos a Europa Latina, a Europa Central e o Norte da Europa. Acima de todas as federações, cujos governos devem naturalmente ser da confiança dos Estados-Unidos, deverá ser criado um governo mundial com poder legislativo e executivo. A-fim-de garantir a este governo o seu poder, Culbertson preconiza que lhe seja posto à disposição um exército de 2 milhões de homens e elevada perfeição técnica, exército este sempre pronto a entrar em acção. Pelo contrário, preconiza o desarmamento integral de todos os outros povos, com excepção da União Soviética. É significativo o facto do conhecido jornalista americano F. Davis, íntimo confidente de Roosevelt, reconhecer abertamente no "Saturday Evening Post" que a organização mundial depois da guerra dependerá de Estaline mais do que de qualquer outra pessoa, visto que os soviéticos poderão, caso vençam, organizar o Mundo como Estaline quizer.

Anexo 6 — «Um jornalista yankee descreve o paraíso soviético: 400 gramas de carne — 400 escudos; 1 chávena de leite — 100 escudos». *Boletim Político*, SILA, nº 277, 16-1-1943, p. 1.

LEGAÇÃO DA ALEMANHA
SECÇÃO DE IMPRENSA

12 JAN 1943

SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

Nº. 277

LISBOA
Rua Castilho, 35

16 de Janeiro de 1943

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
REVISTAS
BOLETIM POLÍTICO

UM JORNALISTA YANKEE DESCREVE O PARAÍSO SOVIÉTICO

400 gramas de carne — 400 escudos
1 chavena de leite — 100 escudos

O jornalista norte-americano, Walter Graebner, antigo correspondente em Inglaterra da conhecida revista yankee "Time", descreve, no "Daily Mail" de Londres, a grande miséria da população civil russa sob o domínio bolchevista. Graebner, que regressou à Inglaterra duma viagem através da União Soviética, não deixa dúvidas de que a situação da população russa é desesperada e deve piorar ainda mais na próxima primavera.

O abastecimento da maior parte da população em géneros alimentícios encontra-se muito abaixo do mínimo necessário à vida. A vida dos russos, que não trabalham na indústria de guerra, tornou-se um problema muito grave, segundo confessa o referido jornalista. É completamente proibido viajar na União Soviética. As hospedarias só podem alugar quartos a membros do exército vermelho e a funcionários. Todos os restaurantes, à excepção de alguns "bars" de luxo, destinados aos estrangeiros, encontram-se fechados, e um cidadão soviético vulgar, mesmo que tivesse dinheiro para isso, nunca poderia frequentar um desses restaurantes. Não há possibilidade de comprar quaisquer utensílios, visto os armazéns pertencentes ao governo se encontrarem vazios. Todos os russos, homens, mulheres e crianças — declara ainda o jornalista — andam com calçado que na Inglaterra teria ido parar para o caixote do lixo há muito tempo. Nas ruas, vêem-se russos a arranjar-lhes próprios os seus sapatos, a fim de poderem chegar a casa ainda com eles. Durante o inverno, vêem-se ainda muitas raparigas e mulheres calçadas com sandálias em mísero estado.

Segundo o que Graebner descreve, a fome na União Soviética é inimaginável. Milhares de mulheres estão horas e horas em longas bichas para apanharem um pouco de pão negro. Hortalça não há. Bocado de carne, cortados de nojentas reses abatidas, custam à razão de 4 libras, ou sejam 400 escudos, cada 400 gramas. O preço mínimo dum ovo é 12 xelins, ou sejam 60 escudos. Quem consegue apanhar um tal tesouro, engole-o, esfomeado. Uma chávena de leite custa 100 escudos e 400 gramas de mel não se apa-

LEGACÃO DA ALEMANHA
SECÇÃO DE IMPRENSA

UNIVERSIDADE
-6 DEZ 1943
COIMBRA

SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

Nº. 544

3 de Dezembro de 1943

LISBOA
Rua Castilho, 35

UNIVERSIDADE
FACULDADE DE LETRAS
COIMBRA

BOLETIM POLÍTICO

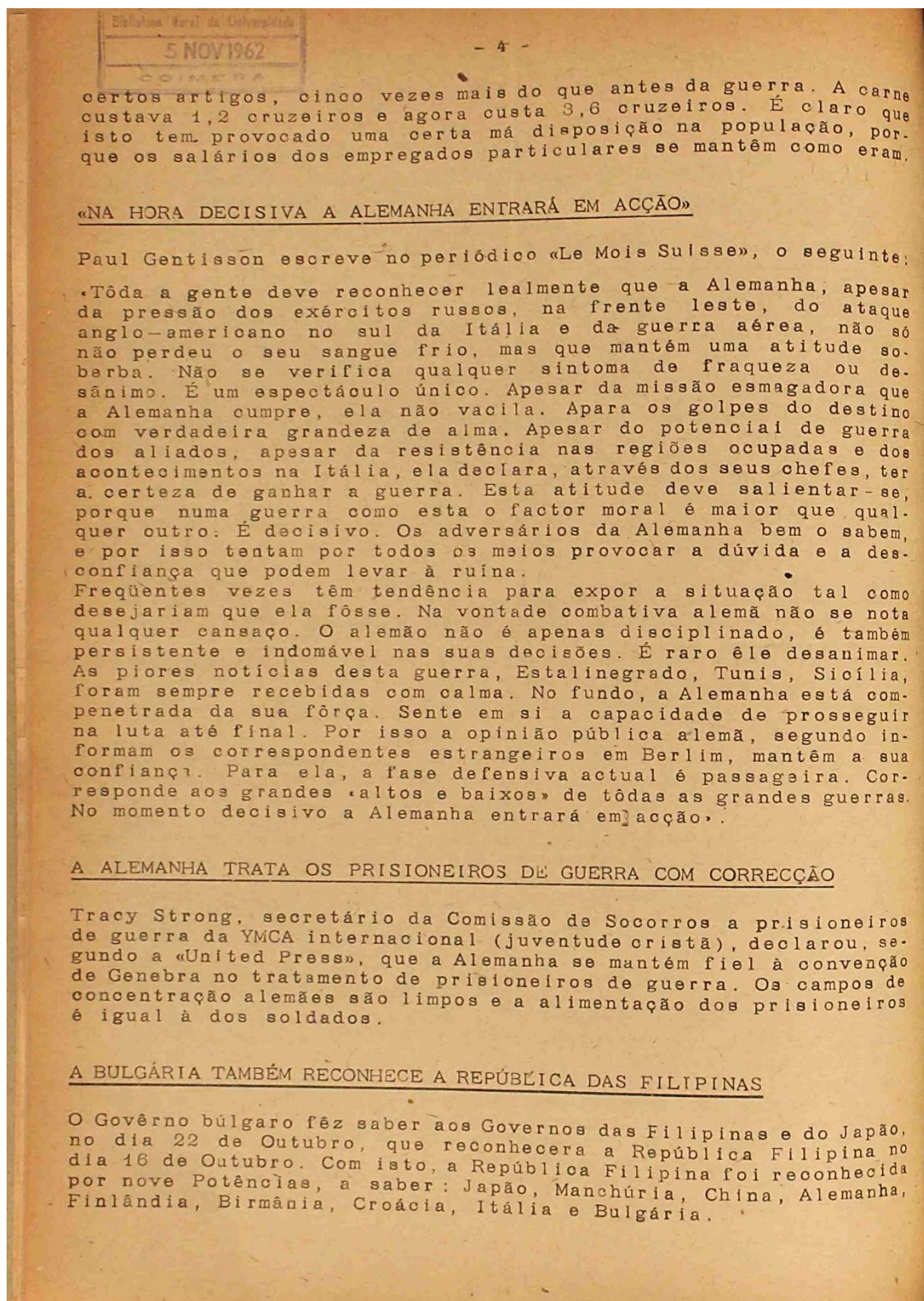
O TERRORISMO AÉREO BRITÂNICO

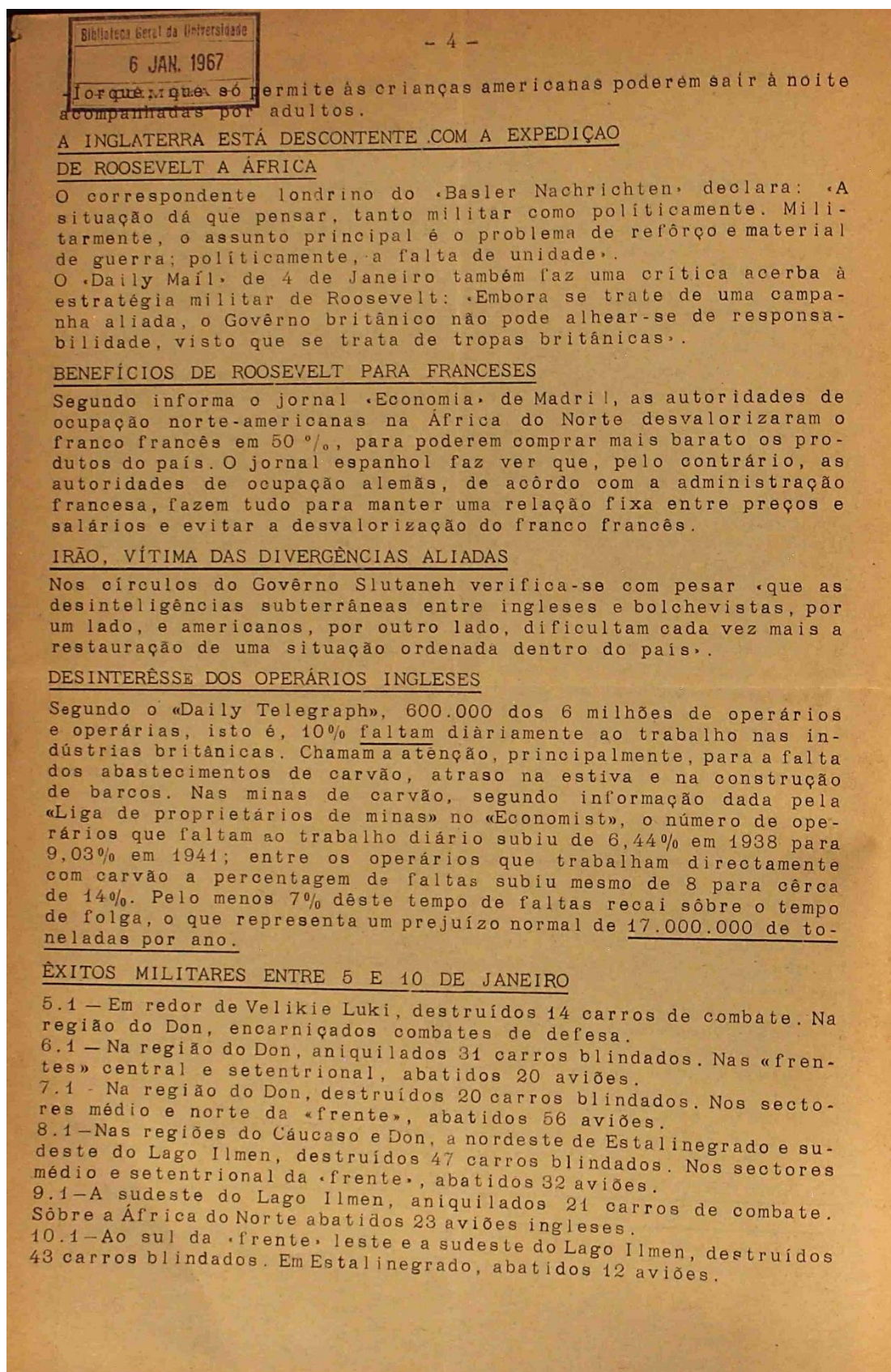
Provas documentais da culpa exclusiva da Inglaterra

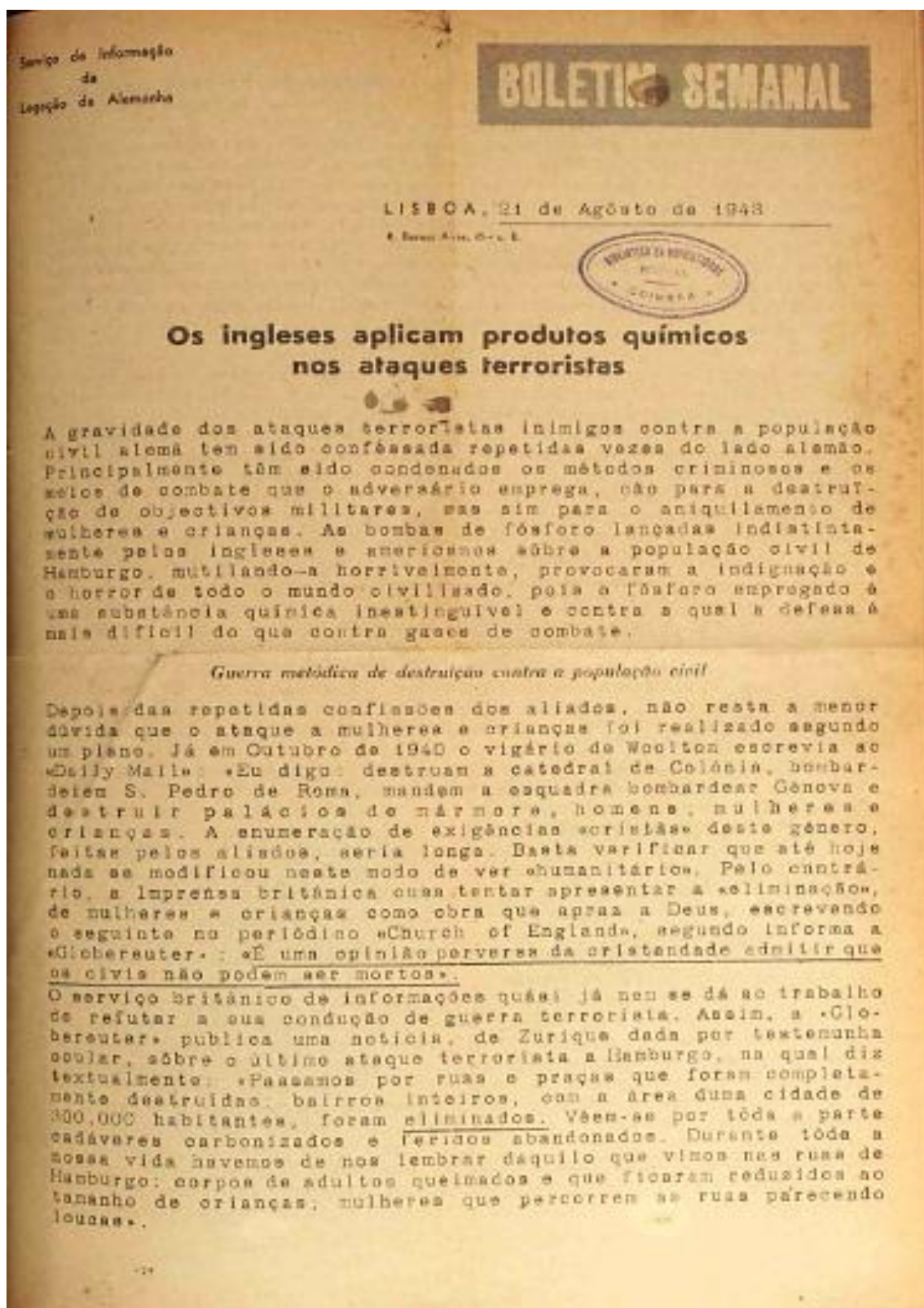
Nestes últimos tempos em que a capital da Alemanha tanto tem sofrido com os bombardeamentos terroristas dos aliados, ouve-se com frequência — embora os ataques sejam condenados e sentidos sob o ponto de vista humanitário — afirmar que se justificam inteiramente no aspecto estratégico, sendo afinal nada mais nada menos do que uma resposta a anteriores ataques alemães. A este propósito são constantemente recordados os bombardeamentos de Varsóvia, Roterdão, Belgrado e a chamada batalha de Inglaterra, e faz-se também referência a declarações de individualidades influentes alemãs, segundo as quais, no quadro da guerra total, não haveria o conceito de população civil, e a frente interna estaria tão directamente ligada ao esforço de guerra como as verdadeiras frentes de operações. Ao recordarem-se tais declarações, pretende-se salientar que na origem do mal se encontra a concepção positiva germânica acerca da condução da guerra aérea.

Ora, a verdade é que, desde o início, foi sempre o Reich quem, logo imediatamente após Versalhes e depois por repetidas vezes, procurou conseguir o estabelecimento de compromissos entre os diversos Estados, no sentido de se assentar numa condução de guerra humanitária e cavalheiresca, como está exuberantemente demonstrado no 8º. Livro Branco que o Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich acaba agora de publicar com o título "Documentos sobre a culpa exclusiva da Inglaterra nos bombardeamentos contra a população civil", no qual estão reunidos argumentos convincentes de que os referidos esforços da Alemanha fracassaram apenas devido à oposição das potências que hoje lutam contra o Reich.

Logo de princípio foi sempre a Inglaterra quem acentuou a necessidade do lançamento de bombas sobre regiões mais afastadas, para fins de policiamento. O ponto de vista inglês foi universalmente reconhecido como sabotagem do desejo, por todos manifestado, de se evitarem os bombardeamentos aéreos às populações civis. Não só os representantes da Espanha, Noruega, e Suíça, junto da Comissão de Desarmamento, como também os delegados dos actuais aliados da Grã-Bretanha — os Estados-Unidos e a União Soviética, pronunciaram-se, em parte de maneira bastante enérgica, contra a sugestão britânica, e declararam-se por uma proibição total dos bombardeamentos aéreos, conforme o exigira a Alemanha. Após o fracasso da conferência de desarmamento e a saída da Alemanha da Sociedade das Nações, o governo do Reich, fiel ao seu objectivo, fez tudo para chegar a um acôrdo que excluísse o







PORQUE É QUE OS ESTADOS-UNIDOS FAZEM GUERRA À ALEMANHA?

O conhecido jornal americano «Publicist Economist» dá a seguinte resposta:

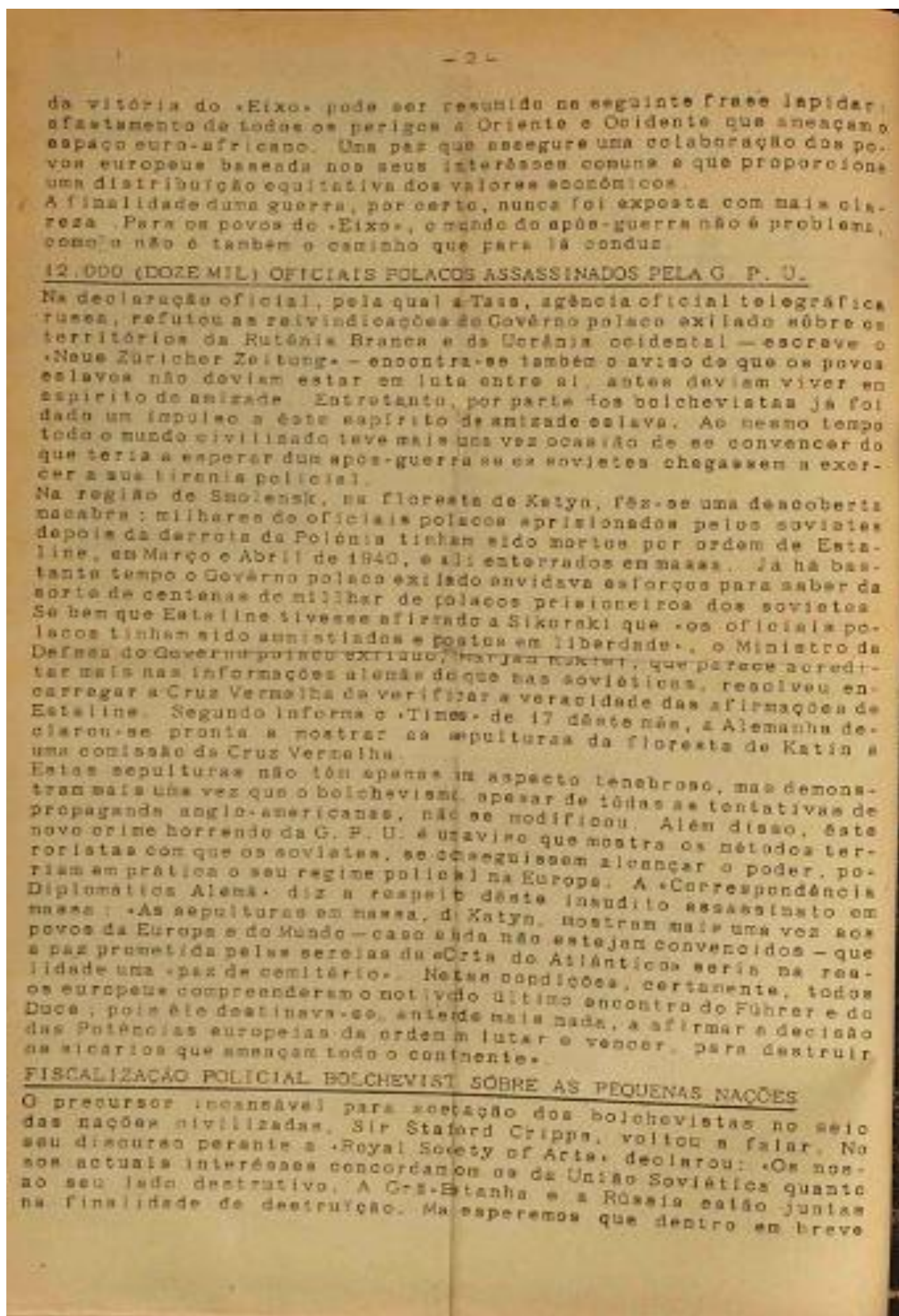
97% dos editores dos jornais americanos são judeus.
90% das sociedades emissoras estão nas mãos de capitalistas judeus.
100%, aproximadamente, das empresas de filmes e teatros são judias.
76% dos advogados, jornalistas, médicos e representantes de outras profissões liberais são judeus.
98% da finança americana está sob o «contrôle» judeu.
90% da exportação americana é judia.
62% das propriedades rústicas e urbanas americanas pertencem directa ou indirectamente a judeus.
87% da industria pesada tem participação de judeus.
83% da totalidade dos artigos americanos de grande consumo são produzidos por judeus.

A AMEAÇA DO NATAL

Ainda não há muito tempo que os americanos se gabavam da publicação de inúmeros artigos na imprensa brasileira, divagando acerca duma ameaça ao Brasil, e mesmo a todo o continente sul-americano, vinda de Dacar. É claro que nenhuma pessoa sensata da América deu crédito a tal tolice. O Governo brasileiro, segundo agora desvenda a «Time», estava informado dessa campanha de mentiras «long before her formal entry into the war. Brasil had entered into plans with the U. S.» (porque muito antes da sua entrada formal na guerra, o Brasil tinha entrado em combinações com os Estados-Unidos). Porém, esta campanha de mentiras, talvez a maior do seu género em todos os tempos, era necessária para instigar a guerra e inflamar o povo brasileiro. A nova colónia americana, 8ª ao sul do Equador, que acabara de ser inspecionada, por ordem de Roosevelt, pelo marachal de campo Sir John Dill e pelo tenente-general Arnold, era e é o ponto de partida para os restantes planos de conquista mundial rooseveltianos. Com o auxilio do Natal e de navios brasileiros, o presidente norte-americano tenciona ocupar a costa da África Ocidental. Assim como os ingleses tinham um ponto de apoio em Singapura, Roosevelt empenha-se principalmente em ter um baluarte permanente em Dacar. Se com Dacar e Natal na mão lhe é possível realizar o seu sonho de «Our Sea» (Nosso Mar). Se tomarmos em consideração as últimas declarações de Getúlio Vargas, de que tropas brasileiras vão aparecer fora do continente americano, e se relacionarmos isto com as insinuações constantes sobre a ocupação das ilhas situadas a leste do Atlântico, verificamos que o Natal representa um grave perigo para a Europa.

REI FRANKLIN ?

Parte da imprensa dos Estados-Unidos iniciou uma campanha de propaganda contra o quarto período de presidência de Roosevelt. O «New York Daily News», de 15 de Fevereiro, dedica a este tema o seu artigo de fundo. Apresentou a possibilidade de Roosevelt ser presidente pela quarta vez como uma coisa tremenda, e notou: Os Estados-Unidos correm perigo de passar a ter um rei: o rei Franklin. Se este perigo se realizar, os Estados Unidos da América deixarão de existir como República.



- 3 -

za, e claramente, os seus planos de domínio mundial. O desejo de fazer avançar as fronteiras soviéticas até às costas do Atlântico já não é novidade. Já há alguns anos, Potemkin, então embaixador soviético em França, declarou: «Da última guerra surgiu a Rússia dos soviéticos; da próxima guerra resultará a Europa dos soviéticos».

«O DILEMA DA CRISTANDADE».

Sob este título, a revista espanhola «Información Social» publicou um artigo de fundo, do qual extraímos o seguinte: «Ao mundo só resta hoje a alternativa de criar uma ordem humana e digna, ou perecer: dar a última passo no caminho da ruína, caindo definitivamente nas trevas da invasão barbárica, ou opor-se enérgicamente, libertando-se com vontade de ferro de todos os gérmenes de disseminação».

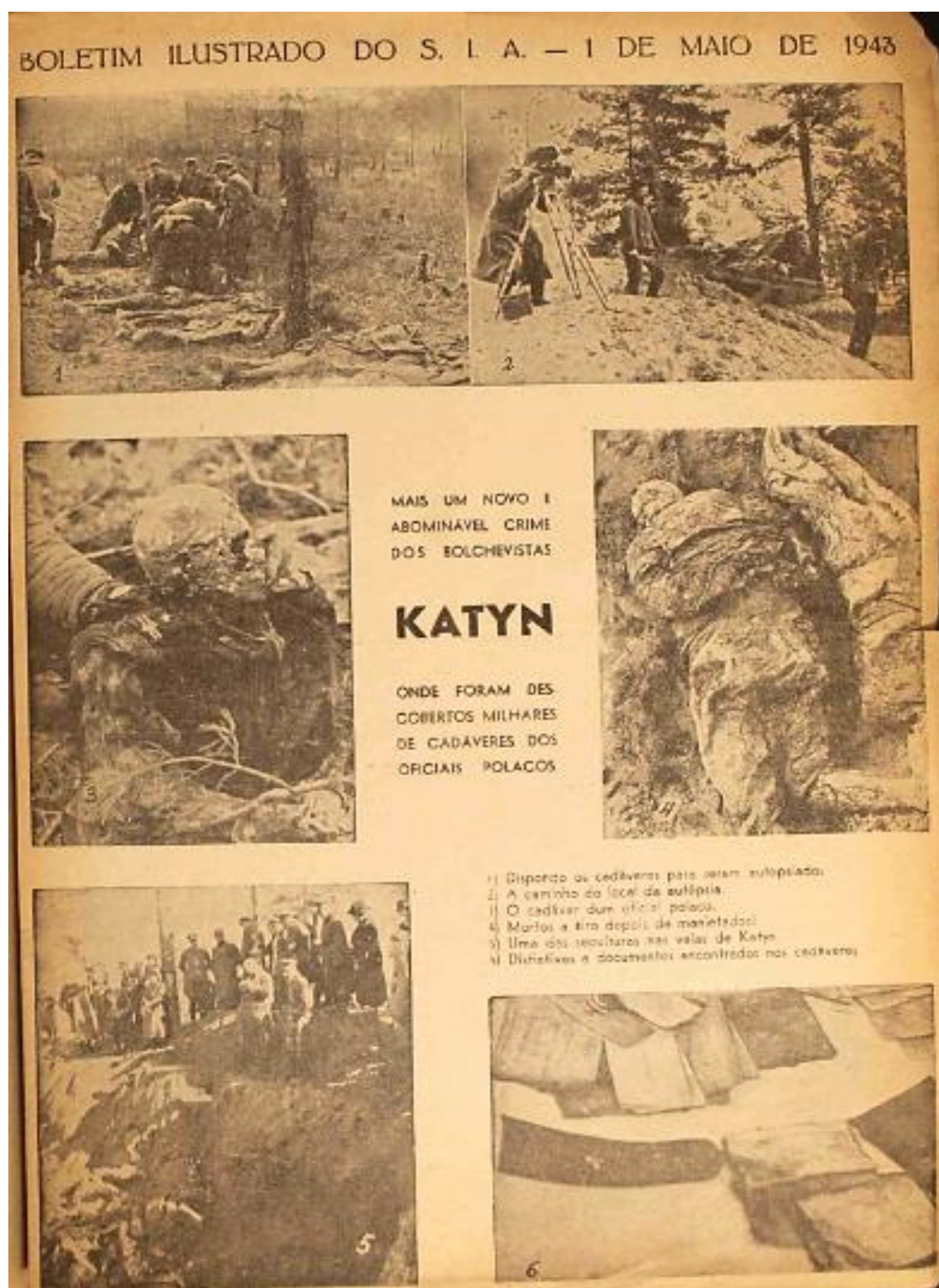
«Nestas alternativas não há meio termo, nem reticências, nem delongas. Para os aliados — prossegue a revista espanhola — o exército vermelho é hoje em dia o factor principal da luta. A fera foi aguilhada por eles, excitada e munida de cartas de livre trânsito, para espalhar o terror e introduzir a barbárie. Os seus amigos e protectores receiam mais a reacção profiláctica do povo alemão do que a destruição do continente pela União Soviética. Se desaparecesse o dique alemão, seria como se um rio caudaloso inundasse tudo. Seria a destruição da Europa pelo espírito do ódio e vingança, a discórdia que a propaganda aliada espalhou por todo o continente. A Europa seria a vítima duma desmoralização total provocada pela vitória da escória da sociedade, que tem o apoio moral e material daqueles que, com ironia, se intitulam os defensores da ordem e da justiça. Se aquêle vergonhoso plano se realizasse, a vitória bolchevista colocaria-nos perante o dilema: «bolchevista ou cadáver».

OS HUNGAROS PROTESTAM CONTRA A DESTRUIÇÃO DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ

Sob o título «Barbárie», o «Fueggeltenseg» queixa-se das loucas destruições feitas na Alemanha e Itália pela arma aérea anglo-saxónica. Toda a cristandade segue com horror os ataques terroristas da arma aérea britânica, que não visam objectivos de guerra, mas sim tesouros de cultura humana e da civilização cristã. Actualmente tem-se a impressão de que já não se trata duma condução de guerra contra os Estados nacionalistas, mas sim duma campanha de destruição de toda a civilização cristã. Reconhecem-se as mãos tenebrosas dos Judas que atrás de Estaline e das democracias dirigem sistematicamente as bombas para as igrejas cristãs, altares e imagens santas, destruindo as catedrais de Munique, Génova e Palermo.

A IMPRENSA AMERICANA PEDE AUTORIZAÇÃO PARA DIZER 85%, A 90%, DAS VERDADES

O jornal nova-iorquino «New Republic» queixa-se de que os Ministros da Marinha em Washington e Londres encobrem ainda as perdas de navios mercantes. O segredo em torno das cifras de afundamentos em 1942 foi o maior erro feito pela censura. Nesta conjuntura, o periódico fez uma interessante confissão. «É verdade, diz ele, que os alemães nem sempre sabem os êxitos exactos resultantes dos ataques dos seus torpedos, mas podem calculá-los com uma certeza de 85%, a 90%. Não há, por isso, motivo justificado para esconder ao público norte-americano estes 85 a



COMO SE ABASTECEM DE TORPEDOS OS SUBMARINOS ALEMAES



- 1) O torpedo é lançado à água lentamente
- 2) Protegendo o torpedo para a sua entrega ao submarino
- 3) O submarino emerge lentamente e recebe o torpedo.

Ataque terrorista a Antuérpia

Assim como Paris, também a cidade de Antuérpia e seus habitantes tiveram que sofrer a fúria da guerra das aviações do bolchevismo.



Como ficaram igrejas de Antuérpia bombardeadas pela aviação anglo-americana



Dos 17.000 habitantes de um dos bairros da cidade de Antuérpia, 10.000 sofreram os horrores do bombardeamento anglo-americano.



As primeiras fotografias do ataque terrorista da aviação anglo-americana a Paris

No dia 4 de Abril de 1943, uma formação de bombardeiros anglo-americanos atacou de surpresa, em plena tarde, a cidade de Paris. Os objectivos foram bairros de habitação, um campo desportivo onde se efectuava uma festa favor de prisioneiros franceses, o mundialmente conhecido campo de Longchamps, onde se estava realizando uma corrida de cavalos. O resultado deste bárbaro ataque foi 411 mortos e centenas de feridos.



A população de Paris vendo os estragos causados no Campo de Longchamps.



O que resta desta casa bombardeada pelos anglo-americanos.



bárbaro ataque da aviação anglo-americana sobre Paris.



Anexo 17 — «O pânico no Campo de Longchamps. As bombas anglo-americanas explodem no meio do público». *Boletim Semanal*, SILVA, 20-4-1943, folha avulsa, frente.

